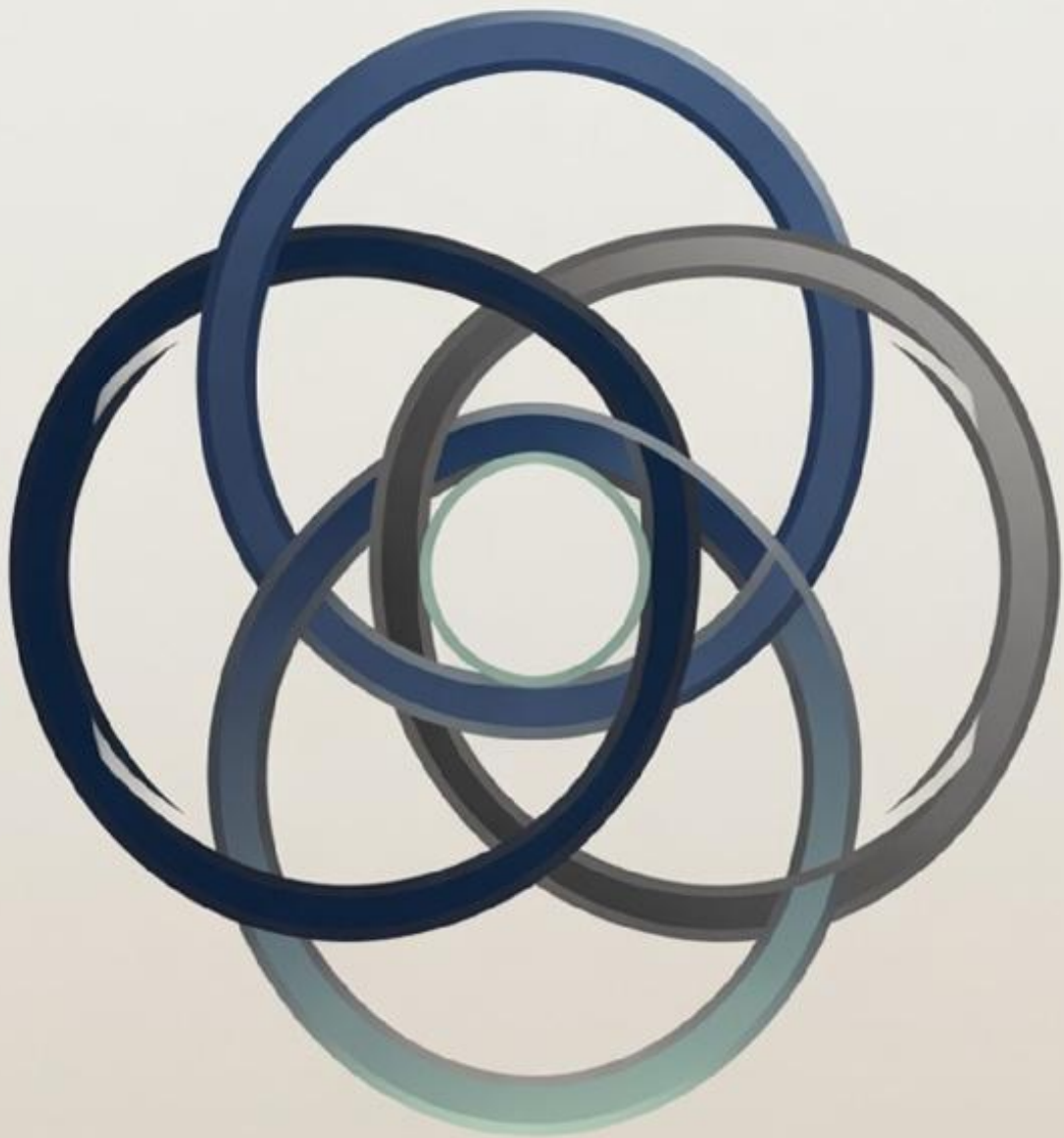


LIANÇAS₅

Revista da Associação Piauiense de Psicanálise



ISSN – 3086-688X

Vol. 1 | N° 1 | 2026

Teresina - Piauí



EXPEDIENTE

LIANÇAS

Revista da Associação Piauiense de Psicanálise
Vol. 1 | Nº 1 | 2026 | Teresina - Piauí

Editor-Chefe:

Lázaro Santos Tavares (Psicanalista e Analista Didata)

Conselho Editorial:

Aurenice Pinheiro Tavares

Lizanete Caedoso Santos

Maria Helena Barbosa Chiappetta

Nathecio Nathanael dos Santos

Quizânior de Oliveira Andrade

Foto da Capa:

Evoca a topologia borromeana.

Idealização da Capa:

Lázaro Tavares

Sede Social:

Rua Lisandro Nogueira, 1625, Edifício Susana Center,
Sala 18, Centro, Teresina, PI. CEP: 64.000-200

Periodicidade: Semestral

Contato:

escolafreudianadeteresina@gmail.com

APP
Associação
Piauiense de
Psicanálise

ESCOLA
FREUDIANA
DE PSICANÁLISE
DE TERESINA

LIANÇAS
Revista da Associação Piauiense de Psicanálise
| Vol. 1 | Nº 1 | 2026 | Teresina - Piauí

DIRETRIZES TÉCNICAS (REFERÊNCIA: IPA, EBP, EBP-PI)

LIANÇAS adota critérios de excelência inspirados nas maiores escolas de transmissão (IPA, AMP):

1. **PROCESSO DE AVALIAÇÃO:** Sistema de revisão cega por pares, garantindo a imparcialidade e o rigor científico.
2. **ÉTICA CLÍNICA:** Seguindo a Proposição de 1967 de Lacan e as diretrizes éticas nacionais, o sigilo sobre relatos clínicos é absoluto.
3. **CRITÉRIOS DE INDEXAÇÃO:** Trabalhamos com normas ABNT atualizadas para futura indexação em bases como PePSIC e Scielo.

Os artigos são de total responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

LIANÇAS
Revista da Associação Piauiense de Psicanálise. Teresina, Volume 1, N. 01, jan/jun. 2026. 188 p.

Semestral. ISSN: 3086-688X

1. Psicanálise – periódico

SUMÁRIO

Editorial | 5

Carta-Convite: Chamada de Trabalhos | 7

Temáticos I

Formação em Psicanálise no Brasil: O Labirinto da Autorização | 8
Lázaro Santos Tavares

Explorando a Histeria Através da Perspectiva Psicanalítica de Freud | 24
Maria Helena Barbosa Chiappetta

Resenha Crítica

Psicanálise no Buteko | 37
Lázaro Tavares

Temáticos II

“Flutua, não afunda”: Freud e Psicanálise no Brasil nos periódicos O Cruzeiro e Revista da Semana nas décadas de 1920 e 1930 | 55
Leslye Bombonato Ursini

A Loucura e a Lei: Interloquções entre o Direito Penal e a Psicanálise na Constituição do Sujeito | 88
José Itamar Soares Júnior

Expressões do Ser Sexual na Puberdade: uma Visão Psicanalítica | 109
Larisse Mendes de Lemos

O Inconsciente Freudiano: Tópicos, Fenômenos Lacunares e Mecanismos de Defesas | 118
Lázaro Tavares

Desafios contemporâneos na clínica psicanalítica: uma revisão bibliográfica sobre inovações e práticas na área da saúde | 124
Quizânior de Oliveira Andrade

A Clínica Psicanalítica Contemporânea do Autismo: Fundamentos Teóricos, Abordagens do Corpo e a Construção do Sujeito | 138
Lázaro Tavares

Escrita do Sintoma na Hiperconectividade: do Mal-estar Coletivo à Letra do Sujeito | 158
Antonia Cristiana Soares Apolônio Andrade

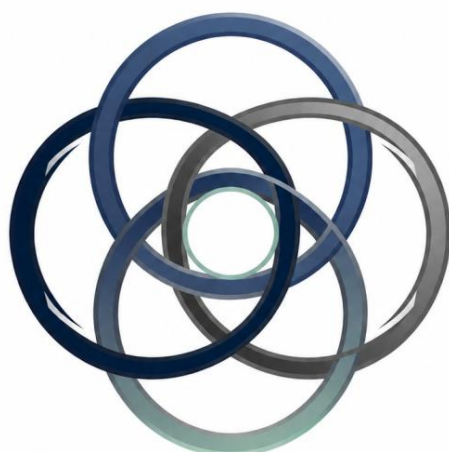
O arquétipo da mãe na série televisiva the big bang theory a partir de uma visão psicanalítica | 167
Wesley William Alves de Oliveira

Os feminismos na Psicanálise: uma Aliança Necessariamente Tensa Contra a Lógica Patriarcal | 181
Lázaro Tavares

Aos colaboradores

Normas para apresentação de trabalhos | 186

Nota Editorial | 189



LIANÇAS
Revista de Psicanálise

ESCOLA
FREUDIANA
DE PSICANÁLISE
DE TERESINA

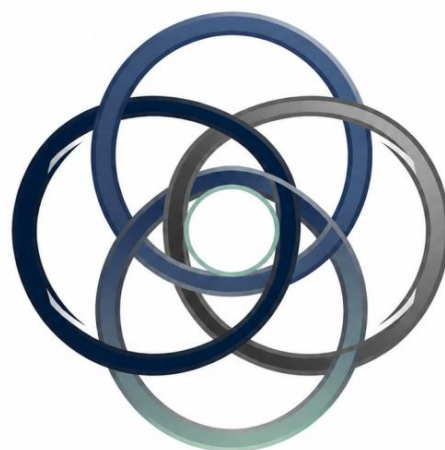
EDITORIAL

LIANÇAS surge não apenas como um registro, mas como um ato político e clínico no coração do Piauí. Em um cenário onde a psicanálise enfrenta os desafios da pluralidade sem instâncias unificadas, este periódico se firma como um baluarte do rigor freudiano e da subversão lacaniana.

A psicanálise, desde Freud, nunca se pretendeu um saber isolado. Ela se produz no entre-lugar, na transferência e, fundamentalmente, na escrita. A revista Lianças, órgão oficial de difusão científica da nossa instituição, nasce sob a égide do rigor e da necessidade de formalizar a experiência clínica e teórica produzida não apenas em solo piauiense, mas expandindo suas fronteiras para todo o Brasil e para as comunidades internacionais, articulando o saber clínico com os desafios do nosso tempo. É nesse lugar, como resultado de um esforço coletivo para formalizar o saber produzido pela Associação Piauiense de Psicanálise (APP) que o o inconsciente é tratado em sua dignidade de saber não-sabido, percorrendo a trilha dos fenômenos lacunares, até as patologias contemporâneas do corpo-falante.

Esta edição da *Lianças* propõe um mapeamento desse desejo em suas mais

diversas vertentes. Nossas páginas percorrem o labirinto da formação e da autorização em um campo plural, revisitam a recepção histórica de Freud no Brasil — como nas páginas do *Cruzeiro* e da *Revista da Semana* nas décadas de 1920 e 1930 — e interrogam a histeria e a clínica do autismo com o rigor que a contemporaneidade exige. Das trilhas dos fenômenos lacunares à escrita do sintoma na era da hiperconectividade, nossos autores lançam luz sobre as tensões entre o feminino e a lógica patriarcal, as expressões sexuais na puberdade e as interlocuções necessárias entre a loucura, a lei e o direito penal. Até mesmo os arquétipos da cultura pop, como o da mãe em *The Big Bang Theory*, servem aqui como espelhos para nossas reflexões psicanalíticas.



LIANÇAS
Revista de Psicanálise

Todo esse saber, contudo, ganha vida e pulsação no movimento da *Psicanálise no Buteko*, onde a teoria desce do pedestal acadêmico para encontrar o sujeito na mesa do bar, na esquina, na cidade. É esse encontro que nos recorda que a psicanálise é, antes de tudo, um exercício de vida e de cidade.

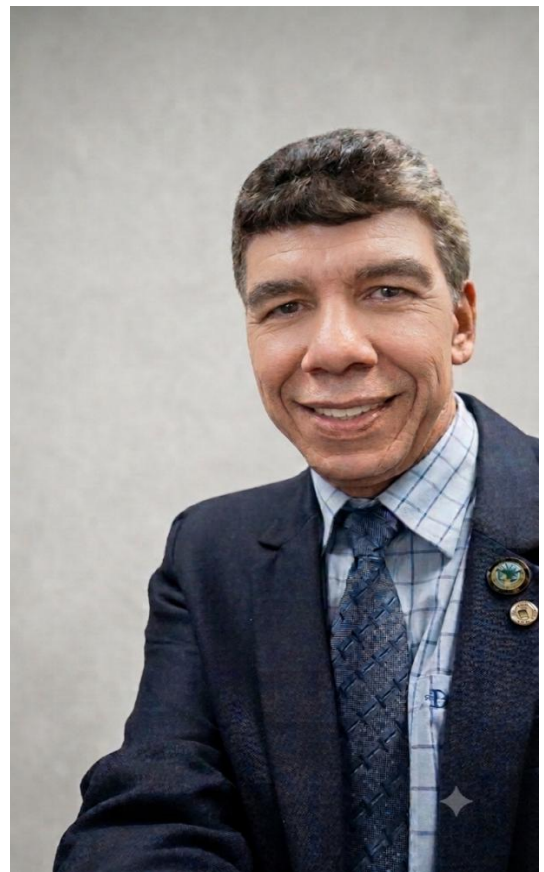
Ao longo destas páginas, revisitamos a transição do modelo topográfico para o estrutural, reconhecendo que o inconsciente não é um lugar remoto, mas um campo de manifestações constantes que exigem do analista uma posição técnica rigorosa. Compreender as defesas do Ego não é apenas um exercício de classificação; é, fundamentalmente, reconhecer as trilhas que o sujeito traça para tentar preservar sua subjetividade diante da angústia.

O nome "Lianças" não é casual. Ele evoca a topologia borromeana — o enlace necessário entre o Real, o Simbólico e o Imaginário — que sustenta não apenas o sujeito e os nós que o constituem, mas também o compromisso ético de enlazar a teoria com as questões prementes da contemporaneidade e a ética do nosso fazer.

Que as reflexões contidas nesta edição sejam, portanto, um convite ao rigor da prática clínica e ao exercício permanente da leitura dos impasses da contemporaneidade. O trabalho com o inconsciente é um processo que se renova a cada sessão, a cada estudo e a cada escrita. Seguimos, assim, sustentando a ética da psicanálise em sua potência de transformar o sintoma em invenção. Convidamos o leitor a percorrer as marcas desse entalhe inicial, onde cada texto aqui presente reflete o esforço de formalizar o saber e o diálogo constante com a sociedade.



Editor-chefe: Lázaro Tavares



Carta-Convite: Chamada de Trabalhos Revista Lianças (Edição nº 2)

Prezados colegas e pesquisadores,

A Revista *Lianças*, publicação oficial da Associação Piauiense de Psicanálise (APP), tem a satisfação de anunciar a abertura do período de submissão de trabalhos para a sua segunda edição, programada para o segundo semestre de 2026.

Neste segundo número, propomos um espaço de interlocução aberto e plural. A psicanálise, enquanto campo de saber e prática, exige uma constante renovação de seu olhar sobre os fenômenos do mundo. Seja a partir da escuta clínica no consultório, da investigação teórica ou das incidências da psicanálise nas instituições e nos laços sociais, o nosso compromisso é com o rigor científico e com a sustentação da ética que nos norteia.

Para esta edição, não delimitamos um tema restrito. Entendemos que a vitalidade de uma revista de psicanálise reside justamente na diversidade das perguntas e das trilhas de pesquisa que seus colaboradores decidem percorrer. Convidamos psicanalistas, estudantes e pesquisadores a submeterem suas reflexões, relatos de experiência, revisões teóricas e críticas a este espaço de difusão de conhecimento.

A Revista *Lianças* deseja ser um ponto de encontro, um convite ao debate necessário para o amadurecimento da nossa profissão em nosso estado e para a sustentação de um pensamento psicanalítico vivo frente aos desafios contemporâneos. Agradecemos antecipadamente a todos que, ao submeterem seus textos, tornam possível a construção deste projeto coletivo.

Orientações para submissão:

- ✓ **Prazo final para envio:** 16 de outubro de 2026.
- ✓ **Envio de propostas:** As submissões e dúvidas devem ser encaminhadas para o e-mail: escolafreudianadeteresina@gmail.com.
- ✓ **Normas de publicação:** Conforme publicado nesta Edição – páginas: 185.

Contamos com a sua colaboração para tornar este segundo número uma referência fundamental em nossa produção acadêmica e clínica.

Atenciosamente,

Editor-Chefe: Lázaro Santos Tavares

Conselho Editorial: Aurenice Pinheiro, Lizanete Cardoso, Maria Helena B. Chiappetta, Nathecio Nathanael dos Santos e Quizânior de Oliveira Andrade

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE NO BRASIL: *o labirinto da autorização em um campo plural e sem instâncias unificadas de validação*



FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE NO BRASIL: o labirinto da autorização em um campo plural e sem instâncias unificadas de validação

PSYCHOANALYTIC TRAINING IN BRAZIL: the labyrinth of authorization in a plural field without unified validation bodies

Lázaro Santos Tavares

Psicanalista.

Membro da Escola Freudiana – Seção Teresina (EFPT) e da Associação Brasileira de Bacharéis em Psicanálise – ABBP (em processo de alteração estatutária para Associação Brasileira de Bacharéis em Estudos Teóricos Psicanalíticos e Sociais – ABBETPS, em resposta à Portaria SERES/MEC nº 3/2026).

Além do trabalho clínico e de analista didata e supervisão, dedica-se à transmissão da psicanálise no seu consultório, na formação em psicanálise e na EFPT, Associação Piauiense de Psicanálise (APP), coordenando Seminários, Cartéis, Formações e Eventos diversos.

E-mail: lazarotavares.es@gmail.com | escolafreudianadeteresina@gmail.com

"O que exijo é que não possa exercer a psicanálise alguém que não tenha conquistado, por meio de uma determinada preparação, o direito a uma tal atividade."

Sigmund Freud

"Façam como eu, não me imitem."

Jacques Lacan

RESUMO

Este artigo investiga o complexo problema da formação do psicanalista no Brasil, situado em um campo plural e desprovido de uma instância central de validação. Partindo da provocação lacaniana de que "o psicanalista se autoriza de si mesmo", analisamos a tensão constitutiva entre esta assunção subjetiva e a necessária inserção em comunidades discursivas e instituições que reconhecem o ato analítico. Cartografamos o mosaico institucional brasileiro – que inclui a tradição da International

Psychoanalytical Association (IPA), as escolas lacanianas filiadas à Associação Mundial de Psicanálise (AMP), sociedades independentes e outras linhagens teóricas –, destacando os riscos de dogmatização e as disputas pelo capital simbólico. Examinamos ainda o recente fenômeno dos bacharelados em Psicanálise e sua reconfiguração pelo Ministério da Educação (Portaria SERES/MEC nº 3/2026), analisando sua interface e tensão com os fundamentos éticos da formação clínica. Concluímos que a formação psicanalítica autêntica deve sustentar-se em princípios que equilibrem a transmissão de um saber constituído com a abertura à singularidade e à responsabilidade subjetiva, aceitando a pluralidade como condição permanente e produtiva do campo.

Palavras-chave: Formação em Psicanálise; Autorização; Instituições Psicanalíticas; Lacan; Brasil; Bacharelado em Psicanálise.

ABSTRACT

This article investigates the complex problem of psychoanalyst training in Brazil, situated within a plural field lacking a central validation body. Starting from the Lacanian provocation that "the psychoanalyst authorizes himself," we analyze the constitutive tension between this subjective assumption and the necessary insertion into discursive communities and institutions that recognize the analytical act. We map the Brazilian institutional mosaic—which includes the tradition of the International Psychoanalytical Association (IPA), Lacanian schools affiliated with the World Association of Psychoanalysis (WAP), independent societies, and other theoretical lineages—highlighting the risks of dogmatization and disputes over symbolic capital. Furthermore, we examine the recent phenomenon of Bachelor's degrees in Psychoanalysis and their reconfiguration by the Ministry of Education (Ordinance SERES/MEC No. 3/2026), analyzing their interface and tension with the ethical foundations of clinical training. We conclude that authentic psychoanalytic training must be sustained by principles that balance the transmission of established knowledge with an openness to singularity and subjective responsibility, accepting plurality as a permanent and productive condition of the field.

Keywords: Psychoanalytic Training; Authorization; Psychoanalytic Institutions; Lacan; Brazil; Bachelor's Degree in Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO: UMA PERGUNTA QUE ECOA COMO SINTOMA

A psicanálise, desde seu nascimento nas mãos de Sigmund Freud, carrega consigo uma interrogação que ecoa como um sintoma estrutural: como se transmite? Como se forma um psicanalista? Em *A questão da análise leiga* (1926), Freud já debatia os critérios para a prática, defendendo a análise pessoal como eixo central, porém inserindo-a em um contexto de formação que privilegiava, em sua época, o campo médico. Diferente de disciplinas com paradigmas unificados e protocolos de certificação universalmente reconhecidos, a psicanálise se constituiu, a partir de suas próprias cisões e desenvolvimentos teóricos, como um campo plural, marcado por divergências técnicas e uma proliferação de modelos institucionais.

No Brasil, este panorama se complexifica ainda mais pela assimilação criativa e, por vezes, sincrética, de diferentes linhagens – freudiana clássica, kleiniana, winnicottiana, lacaniana, junguiana –, cada uma trazendo seus próprios critérios de formação e validação. O que temos é menos um campo unificado e mais um arquipélago de ilhas teóricas, cada uma com sua língua, seus ritos de iniciação e suas formas de reconhecimento.

Este artigo se propõe a investigar o intrincado problema da formação psicanalítica no contexto brasileiro contemporâneo, tomando como fio

condutor a célebre e paradoxal afirmação de Jacques Lacan (1967) de que "o psicanalista se autoriza de si mesmo". Partimos do pressuposto de que essa "autorização de si" não opera no vazio, mas em um campo denso e conflictivo, desprovido de uma instância soberana ou de um padrão-ouro de validação.

Nosso objetivo é mapear este labirinto, analisando a tensão constitutiva entre a assunção subjetiva e solitária do ato analítico e a necessária inserção do analista em uma comunidade discursiva e institucional que o reconheça. Questionamos: em um cenário onde coexistimos com a tradição regulatória da International Psychoanalytical Association (IPA), com o rigoroso dispositivo do passe das escolas lacanianas filiadas à Associação Mundial de Psicanálise (AMP), com institutos independentes de diversas orientações e com a influência de grandes intérpretes que ocupam o lugar de referência quase canônica, como pensar uma formação que seja, ao mesmo tempo, ética, rigorosa e aberta à singularidade?

A investigação percorrerá as dimensões ética, epistemológica e político-institucional deste desafio, argumentando que a própria vitalidade da psicanálise depende de sua capacidade de sustentar essa pluralidade sem recair no dogmatismo sectário ou na anomia relativista. Meu percurso por esse labirinto – como analista em formação, depois como praticante, e hoje como alguém implicado na transmissão – me fez testemunhar de perto essas tensões, que tentarei articular

aqui não apenas como problemas teóricos, mas como experiências vivas do campo.

1. A AUTORIZAÇÃO ENTRE O SUJEITO E O OUTRO: O ENIGMA LACANIANO E SUAS CONTRADIÇÕES VIVAS

O ponto de partida inevitável para qualquer discussão contemporânea sobre autorização é a provocação lacaniana. Ao declarar que "o psicanalista se autoriza de si mesmo", Lacan (1967) realizava um gesto ético e político radical contra o que via como a burocratização e o "didatismo" do modelo formativo da IPA. Para ele, a autorização última não poderia vir de um diploma, de uma comissão de ensino ou da análise com um didata credenciado. Sua fonte teria de ser a própria experiência transformadora da psicanálise, o encontro com o real do inconsciente que convoca o sujeito a uma posição nova – a de analista.

Entretanto, como bem elucidam Roudinesco (1994) e Quinet (2002), essa fórmula é apenas uma metade da equação. Lacan imediatamente a complementa com a necessidade dos outros. O psicanalista "se autoriza de si mesmo... e são vários os outros que o certificam". Este "certificar" dos outros não é uma validação administrativa, mas um reconhecimento que se dá no próprio campo da psicanálise, através da escuta dos pares, da transmissão em ato e da inserção em uma escola. A escola, para Lacan, não seria uma instância de poder, mas um "instrumento" de trabalho, um lugar onde o saber psicanalítico – que é um saber não-todo, em errância – pode

circular e ser confrontado (LACAN, 1967).

O paradoxo, portanto, está montado: a autorização é um ato intransferível e solitário, mas que só faz sentido no interior de um laço social específico, o da comunidade analítica. Essa tensão é a pedra angular da formação. Ela impede tanto a ilusão do autodidatismo absoluto, que ignora a necessária transmissão de um saber constituído, quanto a submissão passiva a uma instituição que pretenda conceder, ela mesma, a autorização.

Um exemplo clínico me marcou profundamente: atendi um homem que havia passado por três "análises" anteriores com profissionais de diferentes instituições. Ele me disse: "Todos tinham títulos, currículos impressionantes... mas escutavam mais a teoria do que a mim". Este caso condensa o risco: quando a filiação institucional ou a acumulação de títulos substitui a escuta singular, perdemos o núcleo ético da psicanálise. A autorização real se dá na capacidade de sustentar a falta, não na exibição de um saber pleno. No cenário brasileiro, esta concepção foi assimilada de formas diversas pelas instituições lacanianas, gerando uma rica e por vezes acirrada discussão interna sobre a fidelidade ao dispositivo e seus desvios. A figura de Jacques-Alain Miller, principal sistematizador do ensino de Lacan e líder da AMP, tornou-se central

nesse processo, levantando a questão, como apontado no debate interno, de se a leitura milleriana não teria se tornado, para muitos, uma nova ortodoxia a ser "imitada", na contramão do próprio alerta de Lacan: "podem me seguir, mas

não me imitem" (LACAN, 1967).

Este alerta era um veto explícito à identificação imaginária e uma defesa da criação singular a partir do encontro com o inconsciente – problema que permanece vivo e desafiador para a formação lacaniana hoje. Vejo isso em supervisões: candidatos que repetem fórmulas lacanianas como mantras, mas tremem diante do real de um caso que não se dobra à teoria. Um analista em silêncio persistente, por exemplo, pode desmontar anos de leitura teórica se o analista não tiver encontrado, em sua própria análise, um modo singular de habitar o não-saber.

2. O MAPA DAS INSTITUIÇÕES: IPA, AMP, INDEPENDENTES E A PLURALIDADE QUE NOS CONSTITUI

Se a autorização envolve, necessariamente, a relação com os "outros" do campo psicanalítico, é imprescindível cartografar quem são e como se organizam esses outros no Brasil. Longe de um panorama monolítico, o que se observa é um ecossistema complexo e estratificado, onde diferentes tradições e modelos institucionais coexistem, competem e, por vezes, dialogam. A escolha por uma dessas vias não é meramente técnica; é uma opção ético-clínica que define uma trajetória formativa e uma inserção no debate psicanalítico.

O modelo histórico e de maior capilaridade internacional é o da International Psychoanalytical Association (IPA). Fundada pelo próprio Freud,

a IPA estabeleceu um padrão de formação estruturado e regulado, buscando ser a herdeira institucional do legado freudiano. Seu tripé clássico – análise pessoal com um analista didata, supervisão de casos (controle) e cursos teóricos sistemáticos – pode ser visto como uma formalização e expansão das indicações esboçadas por Freud sobre a formação. No Brasil, este modelo se consolidou através das diversas sociedades componentes da IPA, como as seções da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP), que por décadas representaram o padrão de excelência e legitimidade no campo (COSTA, 1994). Sua força reside na padronização internacional, que garante um reconhecimento mútuo entre sociedades, e em uma tradição clínica sólida, fortemente ancorada nas contribuições pós-freudianas.

Contudo, foi justamente contra o que considerava os excessos burocráticos e a "hipernormalização" desse modelo, visto por muitos como um desvio do espírito inicial freudiano, que Lacan se insurgiu, criticando a transformação do analista em um produto de um "currículo" (LACAN, 1967).

Em oposição direta a este paradigma, o lacanismo institucionalizado, principalmente através da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), propôs uma alternativa radical. Suas escolas, como a Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), deslocam o eixo da formação da acumulação de créditos para a experiência subjetiva da análise e sua transmissão via dispositivo do passe. A formação é concebida como um processo contínuo e

menos programático, centrado no estudo direto da obra de Freud e Lacan, nos cartéis (grupos de trabalho) e na apresentação de casos clínicos. A autorização, como visto, tem seu momento de cristalização no passe, que visa atestar diante da comunidade a passagem de analisante a analista (MILLER, 1998).

Contudo, como apontado por críticos internos e externos, este modelo não está imune a riscos. A centralidade da figura de Lacan e a leitura canônica de Miller podem, em certos contextos, gerar uma ortodoxia tão rígida quanto a que se pretendia combater, transformando a adesão a certos significantes-mestres em novo critério de validação informal.

Para além deste binômio, um terceiro eixo, vasto e heterogêneo, é formado pelas instituições independentes e por outras tradições teóricas.

Aqui se incluem:

- Sociedades psicanalíticas independentes, muitas com décadas de tradição e prestígio local (como o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro), que desenvolveram seus próprios currículos e critérios de formação, sem filiação internacional. Elas representam uma resposta autóctone e adaptada ao contexto brasileiro (FIGUEIREDO, 2004).
- A tradição da psicanálise relacional e winnicottiana, que, embora tenha raízes na IPA, muitas vezes se organiza em núcleos e institutos específicos, enfatizando a teoria do amadurecimento

pessoal, a situação analítica como campo bipessoal e a importância do ambiente. Sua formação tende a integrar, com peso considerável, a supervisão vivencial e o estudo da contratransferência.

- A influência da Psicologia Analítica de C.G. Jung, que constitui um campo paralelo ao freudiano, com institutos de formação próprios e critérios específicos, mantendo um diálogo complexo, por vezes de aproximação e por vezes de demarcação, com a psicanálise.
- Correntes minoritárias ou regionais, como a influência do modelo uruguaio (de orientação mais social e comunitária), que encontrou ressonância em alguns grupos do sul do Brasil.

Diante deste mapa multifacetado, a pergunta "qual modelo seguir?" se impõe ao candidato. A resposta, conforme argumentamos, não pode ser prescritiva. A escolha é, em si, um ato que já envolve uma leitura do campo e uma identificação preliminar com uma certa ética e uma certa concepção de cura e de sujeito. Não há um modelo "verdadeiro" ou "mais sério" a priori.

A seriedade reside na coerência interna do projeto formativo, no rigor de seus dispositivos (sejam eles formais ou não), na transparência de seu funcionamento e, sobretudo, em sua capacidade de produzir analistas que pensem e não apenas reproduzam dogmas. A pluralidade, portanto, não é um acidente ou uma degeneração do campo, mas sua condição de existência e

fonte permanente de vitalidade e questionamento.

3. A LUTA PELO SIGNIFICANTE-MESTRE: QUANDO OS INTÉRPRETES SE TORNAM ÍDOLOS

Em um campo desprovido de uma instância central de validação e pulverizado em múltiplas tradições, a questão do poder e da autoridade intelectual não se dissolve; antes, migra e serefrata em micro-esferas de influência. Surge, assim, uma figura paradoxal e crucial: a do grande intérprete ou teórico-referência. No Brasil, nomes como Antônio Quinet, Christian Dunker, Maria Rita Kehl, Contardo Calligaris, Jurandir Freire Costa, entre outros, cumprem uma função ambígua.

Eles são, por um lado, porta-vozes essenciais – responsáveis pela tradução, sistematização e atualização criativa de teorias complexas (seja de Freud, Lacan, Winnicott ou da interface com as ciências humanas). Suas obras são pilares de formação, e seus seminários, eventos de transmissão viva do pensamento psicanalítico.

Por outro lado, é precisamente neste lugar de transmissão privilegiada que se instala um risco sutil, porém real: o da cristalização de uma nova ortodoxia. Quando a leitura particular de um autor – por mais brilhante que seja – é tomada não como uma interpretação, mas como *a* interpretação definitiva de Freud ou Lacan, fecham-se as vias da invenção. O pensamento do mestre-fundador é substituído pelo

corpus do mestre-intérprete. Dunker (2015), ao analisar a cultura do espetáculo, poderia nos ajudar a pensar neste fenômeno como uma "espetacularização do saber", onde a autoridade carismática do teórico pode ofuscar o laborioso e menos glamoroso trabalho de leitura direta e elaboração clínica singular.

Este processo gera o que podemos chamar, com Birman (1991), de "micro-dogmatismos". Dentro de uma mesma escola ou tradição, formam-se subgrupos definidos pela adesão a este ou aquele intérprete. A fidelidade deixa de ser ao texto freudiano ou ao real da experiência clínica para ser a um discurso consolidado. A consequência para a formação é grave: em vez de se formar para pensar a partir da psicanálise, forma-se para pensar como determinado autor.

Vejo isso na clínica: um analista que atende uma mulher com graves inibições profissionais. Em vez de escutar a singularidade de seu sofrimento, ele aplica literalmente uma leitura de determinado autor sobre "a mulher e o gozo suplementar". O resultado? A paciente se sente mais incompreendida do que acolhida. A teoria, quando dogmatizada, pode se tornar uma violência epistêmica.

A famosa advertência de Lacan – "podem me seguir, mas não me imitem" – é, assim, duplamente traída: imita-se Lacan através da imitação de seu principal comentador. A autorização, que deveria brotar de um ato singular, corre o risco de se tornar uma outorga discursiva, uma concessão simbólica do grupo que compartilha a mesma leitura canônica.

Este fenômeno não é exclusivo do campo lacaniano. Na tradição da IPA ou nas linhas independentes, figuras fundadoras locais ou teóricos internacionais de grande influência (um Winnicott, um Kohut, um Bion) podem ocupar um lugar similar de referência quase sacralizada. A luta, portanto, não é contra os intérpretes – eles são indispensáveis –, mas contra a preguiça do pensamento que eles, involuntariamente, podem fomentar.

A verdadeira formação psicanalítica, nesse sentido, deve incluir uma crítica da transmissão. Ela precisa ensinar o candidato a servir-se dos intérpretes como bengalas provisórias para, em seguida, caminhar com seus próprios pés, arriscando suas próprias leituras e construindo suas próprias teorizações a partir do enigma da clínica. O desafio é institucionalizar a dúvida e a heterodoxia como valores formativos, em vez da mera reprodução de um saber estabelecido.

4. A ILUSÃO DA REGULAMENTAÇÃO: QUANDO A BUSCA POR GARANTIAS TRAI A ÉTICA ANALÍTICA

Diante da pluralidade e dos conflitos inerentes ao campo, surge uma demanda por ordem, por critérios claros que possam distinguir o "legítimo" do "ilegítimo", o "sério" do "charlatão". Esta demanda se expressa em dois movimentos aparentemente opostos, mas que compartilham a mesma raiz: o desconforto com a falta de um fundamento último de validação. De um lado, está o apelo por uma regulamentação profissio-

nal externa, que tenta transplantar para a psicanálise lógicas de outras profissões da saúde. De outro, está a tentação interna de fechamento sectário, onde uma instituição ou corrente se autoproclama guardiã da "verdadeira" psicanálise.

A primeira via, a da regulamentação oficial por conselhos profissionais, esbarra no núcleo ético da psicanálise. Como bem argumenta Dunker (2015), a psicanálise não é uma *techné* aplicável por protocolos, mas uma prática que se redefine a cada caso, cujo instrumento é a subjetividade do próprio analista. Sua transmissão é inextricavelmente ligada à experiência pessoal da análise, algo que escapa à lógica da certificação de competências técnicas. Qualquer tentativa de regulamentação estatal ou conselhal tende, portanto, a engessar a formação em currículos padronizados, esvaziando sua dimensão ética e transformacional.

Movimentos como a "Articulação da Psicanálise" no Brasil muitas vezes surgem como respostas políticas a ameaças de regulamentação externa, buscando preservar a especificidade do campo, mas sem o poder (nem a intenção, em sua maioria) de se tornar uma instância reguladora unificada. São espaços de diálogo e defesa política, não de outorga de diplomas válidos.

A segunda via, mais sutil e talvez mais perigosa, é a auto-regulação dogmática. É aqui que retornamos à pergunta central: "Então, qual é a verdade?" No vácuo de uma resposta universal, algumas instituições ou correntes respondem: "A nossa". É quando uma escola, seja da IPA,

da AMP ou independente, passa a operar com a lógica do "fora daqui não há salvação".

Nesse regime, a autorização deixa de ser um processo dialético (de si mesmo *e* dos outros) para tornar-se uma concessão grupal, condicionada à adesão incondicional a um corpo doutrinário, a uma leitura canônica ou a uma figura de autoridade. Os Fóruns do Campo Lacaniano, por exemplo, são um dispositivo típico dessa tensão. Eles cumprem a importante função de criar coesão discursiva e política em torno de certos princípios, articulando uma presença no mundo. No entanto, como apontam críticos, podem também funcionar como máquinas de uniformização do pensamento, onde a divergência é lida como desfiliação, e a "certificação" simbólica passa pela fala conforme os significantes-mestres do grupo (ROSA, 2003).

A verdade psicanalítica, nesse contexto, precisa ser radicalmente distinguida de qualquer verdade doutrinária. A verdade que interessa à psicanálise é a verdade do sujeito do inconsciente, uma verdade que é sempre singular, parcial, e que se revela no ato da fala em transferência. Ela não pode ser possuída por uma instituição.

Uma formação que se pretenda ética, portanto, deve renunciar à ânsia de ser a "detentora da verdade". Seu papel é muito mais humilde e, ao mesmo tempo, mais complexo: fornecer as ferramentas (teóricas, clínicas, éticas) para que cada futuro analista possa, em sua prática singular, construir a verdade de seus pacientes e sustentar

a responsabilidade por seu próprio ato. A "regulação" desejável não é a do dogma, mas a de uma comunidade de trabalho que, justamente por saber que não detém a verdade, se mantém aberta ao debate, à crítica e à invenção contínua de seus próprios fundamentos.

5. POR UMA ÉTICA DA TRANSMISSÃO NA PLURALIDADE: PRINCÍPIOS PARA UMA FORMAÇÃO ABERTA

Diante do labirinto cartografado – a tensão entre autorização solitária e reconhecimento coletivo, a pluralidade de modelos institucionais, o risco da dogmatização em torno de intérpretes e a ilusão de uma regulação unificadora –, resta a questão prática: como operar? Como formar psicanalistas neste cenário?

Propomos que a resposta não está na busca por um novo modelo único e salvador, mas na adoção de uma ética da transmissão que possa orientar práticas formativas dentro de qualquer tradição séria. Esta ética se sustentaria em alguns pilares fundamentais, que funcionam como antidotos aos riscos identificados.

1. O Primado da Experiência da Análise Pessoal: Este é o núcleo irreduzível. Qualquer formação que relegue a análise pessoal a um mero requisito formal trai seu fundamento. A análise deve ser o eixo a partir do qual todo o resto – teoria, supervisão, transmissão – ganha sentido. É nela que se experimenta, na carne, o que é o

inconsciente, a transferência e a posição do analista. Ela é o único "lugar" de onde pode surgir a autorização "de si mesmo". Uma formação ética, portanto, deve protegê-la de qualquer contaminação didática ou avaliativa, preservando seu caráter estritamente confidencial e não instrumentalizável.

2. A Leitura Direta como Desafio à Doxa: Para combater a dependência de intérpretes e a formação de dogmas locais, a formação deve insistir, obstinadamente, na leitura direta e renovada dos textos fundadores (Freud, e dentro de cada tradição, seus autores canônicos, como Lacan, Klein, Winnicott). O estudo em cartéis, grupos ou seminários deve estimular a leitura crítica e pessoal, e não a simples assimilação de um comentário. A pergunta "o que você leu no texto?" deve preceder e fundamentar a pergunta "o que fulano disse sobre o texto?".

3. A Clínica como Campo de Invenção e Verificação: A teoria deve estar a serviço da compreensão da clínica, e não o contrário. A formação precisa criar espaços protegidos, porém desafiadores, para a apresentação e discussão de casos clínicos, onde a incerteza, o impasse e o ato analítico singular possam ser pensados. É na confrontação com o real da prática que as teorias são postas à prova e reinventadas. A supervisão, nesse sentido, não pode ser um espaço de mera aplicação de técnicas, mas de reflexão ética sobre a direção do tratamento.

4. A Inserção em uma Comunidade Crítica, não Idolatrada: O futuro analista precisa ser inserido em uma comunidade de pares. No entanto, essa comunidade deve se configurar menos como um "nós" identitário contra um "eles", e mais como uma rede de trabalho onde o debate e a divergência são valorizados. Uma escola ou sociedade séria é aquela que tolera e fomenta perguntas inconvenientes, que não sacraliza seus líderes e que se reconhece como parte de um campo mais amplo e plural. Dispositivos que visam apenas a coesão e a replicação de um discurso são estéreis.

5. A Assunção da Responsabilidade como Horizonte: Por fim, toda a formação deve convergir para este ponto: habilitar o sujeito a assumir a responsabilidade por seu próprio ato como analista. Isso significa sair da posição confortável (ou angustiante) do "estudante" ou "filiado" para ocupar, com os recursos que construiu, o lugar vacilante e solitário da escuta. A formação não outorga essa responsabilidade; ela, no máximo, prepara o terreno para que o sujeito possa, um dia, tomá-la para si.

Em síntese, formar psicanalistas em um campo plural não é um problema a ser superado, mas a condição mesma da formação psicanalítica autêntica. Aceitar essa condição significa abrir mão da fantasia de um saber total e de uma garantia institucional infalível. Significa apostar em uma transmissão que, ao invés de reproduzir

certezas, produza a capacidade de suportar a incerteza, interrogar as tradições e inventar, a cada vez, uma resposta clínica que seja digna do nome de psicanálise.

O verdadeiro critério de validação, no fim das contas, não está em um selo na parede, mas na qualidade do trabalho analítico que se sustenta no tempo e na capacidade de transmitir – não um dogma –, mas a paixão pelo inconsciente e o respeito pela singularidade do sujeito.

6. UM NOVO DESAFIO INSTITUCIONAL: O MEC, OS BACHARELADOS E A POLÍTICA DO CAMPO

A reflexão sobre a formação em psicanálise no Brasil deve incorporar um fenômeno recente e de impacto direto no cenário cartografado: a criação, autorização e posterior reconfiguração de cursos de graduação (bacharelado) em Psicanálise por instituições de ensino superior, sob a égide do Ministério da Educação (MEC). Este desenvolvimento introduz um ator com um tipo de autoridade distinta – o Estado, via regulamentação educacional – no já complexo jogo de forças do campo psicanalítico.

Conforme amplamente noticiado, a partir de 2021, com o pioneiro lançamento do Bacharelado em Psicanálise na modalidade EaD pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) (UNINTER, 2022), diversas Instituições de Ensino Superior (IES) passaram a ofertar tal graduação, atraindo tanto profissionais já atuantes quanto iniciantes. O objetivo declarado era

"formar profissionais capacitados para atuar no mercado, contribuir e atender às necessidades de saúde mental da população" (UNINTER, 2022, p. 1).

Em janeiro de 2026, uma alteração normativa do MEC redefiniu radicalmente este cenário. A Portaria SERES/MEC nº 3, de 23 de janeiro de 2026, fundamentada na Nota Técnica nº 6/2025/DIREG/SERES, reclassificou a nomenclatura e, sobretudo, os objetivos e aplicações desses cursos (BRASIL, 2026). Em vez de formar "psicanalistas" em sentido estrito, a nova diretriz os orienta para a formação em áreas como "Estudos Teóricos Psicanalíticos e Sociais", com ênfase em pesquisa, extensão e atuação em contextos interdisciplinares, explicitamente distanciando o título da prática clínica privativa da análise.

Independentemente desta mudança de nomenclatura, o que se observa é o nascimento da primeira graduação no Brasil voltada a uma área psicanalítica. Este fato deve ser lido como um ganho histórico para a psicanálise, e não como uma ameaça. A academia passa a oferecer um solo de transmissão que não possui "senhor" ou "dono", democratizando o saber e fortalecendo o espírito psicanalítico no país através de um rigor acadêmico que oxigena o campo.

Este movimento estatal, pressionado por setores do próprio campo psicanalítico, coloca questões prementes que reverberam nos temas centrais deste artigo.

Em primeiro lugar, a questão da autorização. Um diploma de bacharel, mesmo na antiga modalidade, não pode e não pretende substituir o processo de autorização ética descrito por Lacan (1967). Ele confere uma qualificação acadêmica, um conhecimento teórico extenso sobre a história e os conceitos da psicanálise. No entanto, a autorização para a prática clínica psicanalítica – o ato de dirigir uma cura pelo manejo da transferência – continua a residir no trinômio indissociável: análise pessoal, supervisão e estudo teórico-clínico aprofundado, processos que transcendem em muito a grade curricular de uma graduação.

Aqui, o bacharelado em área psicanalítica atua como um potente suporte para um dos pilares do tripé: a teoria. O egresso que busca a clínica não o faz pelo poder do diploma, mas por um desejo de saber que foi despertado e fundamentado na graduação, inserindo-se no tripé com uma base já amadurecida.

O risco, aqui, seria a confusão entre dois registros: o da formação acadêmica (transmissão de um saber sobre) e o da formação profissional analítica (constituição de uma posição subjetiva a partir de). Um exemplo: atendi um egresso de um desses bacharelados que, apesar de um conhecimento enciclopédico sobre Freud e Lacan, não conseguia escutar o silêncio de um paciente. Ele queria "aplicar" conceitos, não se permitir ser afetado pela transferência. Sua formação acadêmica era valiosa, mas insuficiente para a posição de analista.

Em segundo lugar, a mudança evidencia uma luta política pela definição das fronteiras do campo. A pressão de grupos de psicanalistas junto ao MEC, conforme atestado nos debates públicos que antecederam a portaria, pode ser lida como uma estratégia de monopólio simbólico (BOURDIEU, 1989), um esforço para controlar quem pode ingressar no mercado e sob quais critérios.

Muitas dessas reações, marcadas por um "levantar de pedras" e indignação institucional, revelam um sintoma de resistência: o medo da perda de regalias e o temor de uma concorrência de mercado sob o disfarce de zelo ético. A psicanálise ganha ao ser levada à universidade, e a perseguição a esse movimento parece ignorar que a formação clínica séria sempre exigirá o tripé, independentemente do diploma inicial.

Finalmente, o fenômeno dos bacharelados e sua regulação levantam a pergunta: como ficam os egressos? Aqueles que concluíram o curso sob a antiga denominação possuem um ferramental teórico específico. Sua inserção no "universo da psicanálise" não é vedada, mas é mediada. Eles não saem autorizados como analistas, mas saem como portadores de um saber universitário sobre a psicanálise. Seu caminho para a prática clínica analítica permanece o mesmo de qualquer outro candidato: a via íngreme e singular da análise pessoal e da inserção em uma escola ou sociedade séria, onde seu saber acadêmico será um valioso, porém insuficiente, ponto de partida.

A mudança do MEC, nesse sentido, atua como um corretivo que tenta recolocar a formação clínica em seu lugar próprio: fora da lógica da escolarização universal e da captura por uma racionalidade puramente mercantil. Contudo, essa regulação não apaga o fato de que esses novos bacharéis estão aptos a se inserir na transmissão e na pesquisa, sentindo-se autorizados pelo conhecimento, mas conscientes de que a clínica exige o percurso artesanal do tripé.

Este episódio recente confirma a tese central de que o campo é um campo de forças em constante disputa. A tentativa de regulação via MEC é mais uma jogada nesse tabuleiro, que não resolve, mas desloca as questões fundamentais. Ela não cria uma instância unificada de validação clínica; apenas regula um tipo específico de título acadêmico. A verdadeira formação do analista, seu *habitus* e sua autorização, continua a ser negociada no interior do próprio campo psicanalítico, no embate entre suas tradições, suas instituições e a ética irreduzível do ato analítico. O diploma de bacharel, portanto, torna-se mais um elemento a ser interpretado e posicionado nesse labirinto, mas não sua chave de saída.

CONCLUSÃO: A AUTORIZAÇÃO COMO ATO EM CURSO E O INACABAMENTO DA TRANSMISSÃO

O percurso deste artigo nos levou a atravessar o complexo território da formação psicanalítica no Brasil, guiados pela interrogação sobre como

formar analistas em um campo plural e desprovido de instâncias unificadas de validação. Longe de encontrar uma resposta definitiva ou um modelo ideal, o que se revelou foi um campo de tensões constitutivas e irreduzíveis.

A provocação lacaniana da autorização "de si mesmo" (LACAN, 1967) mostrou-se não como uma solução, mas como a enunciação precisa do próprio problema: um ato subjetivo que, no entanto, só adquire significação no interior de um laço social e de uma tradição de pensamento que o antecede e o ultrapassa. Vimos que este laço social se manifesta em um mosaico institucional – da IPA à AMP, das sociedades independentes às diversas linhagens teóricas –, onde nenhuma sigla pode reivindicar, por si só, o monopólio da seriedade ou da verdade. A "verdade" em jogo na psicanálise, concluímos, não é uma doutrina a ser possuída por uma escola, mas um processo de fala e escuta que desvela a verdade singular do sujeito.

O fenômeno recente da regulação dos bacharelados pelo MEC (BRASIL, 2026) emergiu como um exemplo paradigmático dessa dinâmica de forças. Representa a primeira graduação no Brasil voltada a uma área psicanalítica, o que constitui um ganho inegável para a difusão do saber. É necessário notar que a resistência de certas instituições a este avanço muitas vezes camufla um corporativismo defensivo, um receio de que a academia democratize o que antes era restrito a pequenos círculos.

Contudo, essa intervenção estatal, por mais que altere nomenclaturas e currículos para "Estudos

Teóricos", não toca no núcleo ético da autorização analítica. Ela apenas desloca a questão, reafirmando que a via real para a prática clínica continua sendo a via estreita da análise pessoal, da supervisão e do pertencimento a uma comunidade de trabalho viva e crítica. O bacharel não vem para suplantá-lo; ele vem para ser inserido nele, autorizando-se como pesquisador e teórico, e buscando no tripé a sustentação necessária para o ato clínico.

Diante destes riscos e desafios, propusemos que o caminho ético reside em assumir a pluralidade como condição. Princípios que coloquem a experiência intransferível da análise pessoal no centro; que promovam a leitura direta e crítica dos textos; e que fomentem comunidades abertas ao debate.

Assim, a formação do psicanalista não se conclui com um título, um passe ou uma portaria ministerial. Ela é, em sua essência, um processo inacabado. Formar-se é aprender a habitar as tensões do campo: entre a tradição e a invenção, entre o saber universitário e o real do inconsciente. A psicanálise, enquanto disciplina viva, depende desta transmissão que não se fecha. Ela sobrevive no gesto sempre renovado de autorização pelo qual um sujeito, atravessado por sua própria análise e agora também fundamentado por uma graduação sólida, decide colocar-se a escutar o inconsciente do outro.

Este gesto, sempre singular, é o verdadeiro núcleo ético da psicanálise – e o seu mais desafiador legado. Aceitar que a formação é um labirin-

to sem mapa definitivo, enriquecido agora por novas rotas acadêmicas, é o primeiro passo para começar a percorrê-lo.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J. Cartografia do movimento psicanalítico no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior. *Portaria SERES/MEC nº 3, de 23 de janeiro de 2026*. Processo SEI nº 23000.054577/2025-01. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 jan. 2026.
- COSTA, J. F. História da psicanálise no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1994.
- DUNKER, C. I. L. Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento. São Paulo: Annablume, 2015.
- FIGUEIREDO, A. C. Instituições psicanalíticas: história, estrutura e função. São Paulo: Escuta, 2004.
- FREIRE COSTA, J. O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- FREUD, S. A questão da análise leiga: Conversas com uma pessoa imparcial. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1926].
- LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. **Outros**

Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264.

MILLER, J.-A. O nexó histórico da École de la Cause Freudienne com a IPA. Opção Lacaniana, São Paulo, n. 23, p. 7-13, 1998.

QUINET, A. *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ROSA, M. D. Lacan e a instituição: a formação do psicanalista. São Paulo: Via Lettera, 2003.

ROUDINESCO, E. História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos. Tradução de Marco Margarido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

UNINTER. Centro Universitário Internacional. Bacharelado em Psicanálise EaD: projeto pedagógico do curso. Curitiba: UNINTER, 2022.

EXPLORANDO A HISTERIA ATRAVÉS DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DE FREUD



Imagem gerada por IA

EXPLORANDO A HISTERIA ATRAVÉS DA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DE FREUD**

Maria Helena Barbosa Chiappetta*

*Psicanalista Clínica membro da ABRAPSI (2023), Avaliadora Datista e Psicanalista Clínica no CORETEPE (2021). Psicóloga Clínica pela Faculdade ESUDA (2018). Neuropsicóloga pela Faculdade Anhanguera (Especialização em 2023). Especialização em Psicanálise, Psicopatologia e Saúde Mental (2024); Arteterapia (2024); Terapia Familiar (2024); Psicopedagogia Clínica e Institucional FATIN (2018/17), e Ciências da Religião FATIN (2017), Licenciatura em Filosofia pela Faculdade Santa Fé FSF (2017), Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Kurios FAK (2016), Bacharel em Psicanálise UNINTER (Com nova nomenclatura em Bacharel em Estudos Teóricos Psicanalíticos e Sociais, de acordo com a Portaria SERES/MEC nº 3/2026).

**Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão da disciplina de TCC Defesa do Curso de Bacharelado em Psicanálise, Setor da Saúde, do Centro Universitário Internacional UNINTER. Orientador(a)/Professor(a): Prof. David Charles Da Rocha, Esp.

RESUMO

Este artigo revisita criticamente o lugar da histeria na construção da psicanálise freudiana, explorando suas bases teóricas, seu papel revolucionário na clínica do inconsciente e suas reverberações na interpretação de sintomas psicossomáticos atuais. Por meio de uma metodologia teórico-exploratória e revisão documental crítica de fontes primárias e secundárias, analisam-se as contribuições de Freud para a compreensão da histeria, desde os casos clínicos emblemáticos até os constructos teóricos como recalque, conversão e simbolização. Discute-se ainda a transição da teoria do trauma para a valorização das fantasias infantis e a relevância da abordagem psicanalítica para a compreensão de transtornos contemporâneos, como ansiedades difusas e somatizações. Conclui-se que, embora a apresentação dos sintomas tenha se transformado, a lógica histérica permanece como categoria crítica para interpretar a linguagem cifrada do inconsciente e seus modos de inscrição na cultura, reforçando a atualidade do legado freudiano.

Palavras-chave: Histeria. Psicanálise. Freud. Inconsciente. Sintoma.

ABSTRACT

This article critically revisits the place of hysteria in the construction of Freudian psychoanalysis, exploring its theoretical foundations, its revolutionary role in the clinic of the unconscious, and its reverberations in the interpretation of current psychosomatic symptoms. Through a theoretical-exploratory methodology and critical documentary review of primary and secondary sources, Freud's contributions to the understanding of hysteria are analyzed, from emblematic clinical cases to theoretical constructs such as repression, conversion, and symbolization. The transition from the theory of trauma to the appreciation of infantile fantasies and the relevance of the psychoanalytic approach for understanding contemporary disorders, such as diffuse anxieties and somatizations, are also discussed. It is concluded that, although the presentation of symptoms has transformed, the hysterical logic remains as a critical category to interpret the encoded language of the unconscious and its modes of inscription in culture, reinforcing the timeliness of the Freudian legacy.

Keywords: Hysteria. Psychoanalysis. Freud. Unconscious. Symptom.

INTRODUÇÃO

A histeria é um fenômeno que, ao longo dos séculos, tem provocado perplexidade tanto na medicina quanto na cultura. Foi a partir desse enigma clínico que Sigmund Freud encontrou o ponto de partida para edificar a Psicanálise. Em seu percurso, marcado por influências decisivas como o aprendizado com Jean-Martin Charcot e a parceria com Josef Breuer, Freud percebeu nos sintomas histéricos um modo singular de expressão do inconsciente. A escuta cuidadosa de pacientes com paralisias sem causa aparente, amnésias e manifestações conversivas levou-o a reconhecer a estreita ligação entre corpo e mente, inaugurando uma forma inédita de tratamento: o uso da palavra como instrumento de acesso e elaboração dos conflitos reprimidos.

A centralidade que Freud atribuiu à sexualidade como eixo da vida psíquica foi, desde o início, alvo de controvérsias. Ao relacionar os sintomas histéricos a desejos inconscientes de natureza sexual, ele desafiou os padrões morais e científicos de seu tempo, provocando reações intensas e obrigando-se a revisar constantemente suas formulações. Diante das críticas, o autor reformulou seus conceitos, deslocando o foco da teoria do trauma para a importância das fantasias infantis, demonstrando uma postura intelectual marcada pela reflexão crítica e pela disposição em repensar suas próprias descobertas.

A presente investigação propõe revisitar a histeria não como um vestígio de um

passado médico, mas como um espelho da subjetividade humana e de suas tensões mais profundas. Ao retomar as formulações freudianas, busca-se evidenciar que a Psicanálise ultrapassa a simples classificação de patologias: ela se apresenta como uma forma de leitura do inconsciente, capaz de decifrar o que se expressa sob a forma de sintomas, lapsos e silêncios. Preservar essa herança teórica é também manter viva a possibilidade de compreender, nas manifestações contemporâneas do sofrimento, o mesmo enredo de opressão, desejo e resistência que a histeria outrora revelou.

Parte-se do pressuposto de que os sintomas histéricos clássicos descritos por Freud como paralisias, afonias e amnésias, não desapareceram, mas sofreram significativas transformações semânticas e clínicas ao longo do século XX. Na atualidade, manifestações como a síndrome do pânico, os transtornos alimentares e as somatizações indefinidas ocupam um lugar análogo ao da histeria oitocentista, funcionando como expressões codificadas de um mal-estar que resiste à verbalização direta (LIMA, 2019). Compreender essa transição sintomática exige não apenas um retorno às fontes freudianas, mas também um diálogo com abordagens contemporâneas que repensam a relação entre corpo e linguagem.

A própria noção de crise histérica, outrora caracterizada por dramatizações corporais espetaculares, parece ter se internalizado em uma sociedade que privilegia o controle emocional e a performance eficiente. Enquanto as pacientes de Charcot e Freud encenavam seu sofrimento de modo visceral e teatral, os sujeitos

contemporâneos tendem a produzir sintomas mais silenciosos e internalizados, porém igualmente debilitantes (VIEIRA, 2021). Essa migração do sintoma para formas menos evidentes constitui um dos maiores desafios para a clínica psicanalítica atual.

Além disso, a dimensão cultural e política da histeria merece especial atenção. Desde seus primórdios, o diagnóstico esteve intrinsecamente ligado a construções de gênero e a dispositivos de poder que patologizavam corpos e desejos femininos (SHOWALTER, 1985). Investigar a histeria significa, portanto, analisar criticamente como a medicina e a psicanálise participaram dessa história, mas também como ofereceram ferramentas para desconstruir estigmas e ouvir as verdades subjetivas que os sintomas encobrem.

O estudo se justifica, ainda, pela necessidade de contrapor visões reducionistas que atribuem o declínio do diagnóstico de histeria a supostos "equívocos" freudianos. Argumenta-se aqui que o desaparecimento do termo nos manuais diagnósticos oficiais diz mais sobre transformações nos regimes de verdade médica e sobre novas formas de gestão do sofrimento do que sobre o fim efetivo da estrutura histérica (ROUDINESCO, 2018). A psicanálise, ao manter viva essa categoria, resiste à dessubjetivação do sofrimento psíquico.

Por fim, este trabalho ambiciona demonstrar que a histeria freudiana permanece um instrumento teórico-clínico indispensável para

decifrar as encenações do inconsciente em nosso tempo. Seu legado não se restringe ao passado, mas ilumina as formas pelas quais o sujeito continua a negociar com o desejo, a lei e o impossível, produzindo sintomas que são, ao mesmo tempo, armadilhas e tentativas de cura. A aposta é a de que revisitar a histeria significa fortalecer uma clínica da singularidade em tempos de padronização diagnóstica.

1 METODOLOGIA

Este estudo é estruturado como uma investigação teórico-exploratória, baseada em uma revisão documental crítica de fontes primárias e secundárias, com o propósito de examinar a histeria a partir do arcabouço teórico freudiano. O enfoque recai sobre três eixos interligados: os fundamentos epistemológicos da psicanálise, seu papel na reconfiguração da clínica das neuroses e suas conexões com manifestações psicossomáticas contemporâneas.

A opção por uma abordagem qualitativa de caráter hermenêutico justifica-se pela natureza interpretativa do objeto, que demanda não apenas a catalogação de teorias, mas a compreensão dos sentidos históricos e culturais fundamentados no conceito de histeria. Conforme assinala Minayo (2001), metodologias qualitativas permitem transcender o mero relato, engajando-se em uma análise crítica que considera contextos sociopolíticos e subjetivos.

A seleção das fontes priorizou obras canônicas de Freud (como Estudos sobre a

histeria e Fragmento da análise de um caso de histeria), articuladas a análises críticas de autores contemporâneos que revisitam seu legado. A busca foi conduzida entre 2010 e 2024 em bases eletrônicas como SciELO, Portal CAPES e PubMed, além de livros e capítulos de livros disponíveis em acervos físicos e digitais. Utilizaram-se descritores combinados, tais como: “histeria” AND “psicanálise”; “Freud” AND “transtorno conversivo”; “psicossomática” AND “recalque”; “transtornos de sintomas somáticos” AND “DSM-5/CID-11”. Como critérios de inclusão, consideraram-se: (a) publicações em português, inglês ou espanhol; (b) textos com abordagem psicanalítica ou que dialogassem criticamente com a psiquiatria nosográfica; (c) materiais publicados no período definido; (d) artigos, livros, capítulos e dissertações com texto completo disponível. Foram excluídos: (a) resumos simples de congresso; (b) editoriais, notas técnicas sem discussão conceitual; (c) trabalhos duplicados entre bases. Após a leitura de títulos e resumos (screening inicial), 02 registros foram selecionados para leitura na íntegra, resultando em um corpus final de 01 texto que compuseram a análise interpretativa.

Para a análise do corpus, foi adotada a análise temática reflexiva, inspirada no referencial de Braun & Clarke (2006) e adaptada ao contexto de uma revisão teórico-documental. O procedimento foi conduzido integralmente pela autora deste estudo, seguindo etapas sistemáticas: (1) familiarização com o material, por meio de leitura flutuante e repetida dos textos seleciona-

dos, com anotação livre de impressões iniciais em diário de pesquisa; (2) codificação inicial, na qual trechos relacionados à histeria, ao

corpo, à nosografia psiquiátrica (DSM-5/CID-11) e às manifestações psicossomáticas contemporâneas foram destacados e nomeados com códigos descritivos, tais como “desaparecimento da histeria nos manuais”, “migração sintomática para o corpo”, “dessubjetivação do diagnóstico”, “histeria e gênero” e “histeria e performatividade do sofrimento”; (3) agrupamento dos códigos em temas mais amplos, que deram origem a três eixos temáticos centrais: (a) fundamentos epistemológicos da histeria na obra freudiana; (b) reconfiguração da clínica das neuroses e da categoria histeria na psiquiatria contemporânea; (c) manifestações psicossomáticas atuais que dialogam com a lógica histérica;

(4) revisão e refinamento dos temas, verificando a coerência interna de cada eixo e sua articulação com o problema de pesquisa; e (5) redação da síntese interpretativa, em que os temas foram articulados à literatura psicanalítica e às contribuições de autores contemporâneos, buscando explicitar convergências, tensões e lacunas teóricas. A rigorosidade metodológica foi fortalecida pelo uso de um diário reflexivo, no qual foram registrados possíveis vieses da pesquisadora e decisões analíticas ao longo do processo.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Conceito de Histeria na Psicanálise

A palavra histeria, de origem grega *hystera* (útero), era originalmente associada a distúrbios considerados exclusivos das mulheres. Historicamente, a histeria era vista como uma questão feminina, ligada às parteiras e aos conhecimentos sobre sexualidade feminina (RANGEL, 2008). Charcot, psiquiatra francês, contestou essa visão ao estudar pacientes histéricas no Hospital de Salpêtrière, desvinculando a patologia da exclusividade feminina e investigando seus sintomas por meio da hipnose.

A abordagem freudiana da histeria, entre 1888 e 1893, redefiniu sua origem como traumática, mas com causas sexuais, especialmente relacionadas a abusos na infância. Freud desenvolveu conceitos fundamentais para a compreensão da histeria, como o recalque, a ab-reação, a defesa, a resistência e a conversão, mostrando como a energia libidinal se manifestava de maneira somática com significado simbólico (RANGEL, 2008). Ele descreve os sintomas histéricos como substitutos de desejos reprimidos, uma transcrição de processos psíquicos negados pelo recalque.

Para compreender a histeria, é essencial entender sua relação com a constituição neurótica. No desenvolvimento psicosexual, a criança inicialmente se percebe como o objeto de desejo da mãe, identificando-se com o falo. Esse estágio, chamado de narcisismo primário, é seguido pela intervenção do pai imaginário, que introduz a noção de castração. Esse processo é vivenciado de forma única por cada indivíduo, resultando em diferentes estruturas de discurso, como

neurose obsessiva ou histeria (GARCIA-ROZA, 1985).

Na estrutura histérica, a transição ocorre quando a criança percebe que não é o falo, mas que alguém o possui. Este momento é central na dinâmica histérica, marcando a busca constante pela conquista do falo, visto como injustamente negado (DOR, 1991). O sujeito histérico, sentindo-se privado, delega seu desejo ao Outro, acreditando que este detém as respostas para seus questionamentos.

Nasio (1991) aborda o desejo insatisfeito da histérica como uma defesa contra o temor do gozo pleno, que poderia levá-la à loucura ou aniquilação. Assim, ela cria e mantém fantasias que confirmam sua crença na impossibilidade de satisfação, como uma forma de proteção contra o gozo que tanto teme.

A histeria, contudo, não pode ser dissociada de sua função histórica na regulação dos corpos e na construção social do gênero. Ao longo dos séculos, seu diagnóstico consistiu em uma ferramenta de controle e patologização da feminilidade, endossando narrativas científicas

que naturalizavam a fragilidade psíquica das mulheres (SHOWALTER, 1985). A medicina do século XIX, ao codificar o sofrimento feminino em termos como fúria uterina, forjou uma conexão artificial entre o útero e a instabilidade mental, restringindo drasticamente a agência feminina e reforçando sua reclusão ao espaço doméstico.

A histeria também pode ser compreendida como uma forma de resistência

inconsciente a um ordenamento social opressivo. Ao produzir sintomas corporais inexplicáveis, as mulheres do século XIX encontravam, ainda que de modo distorcido, uma via de expressão para desejos e angústias que não podiam ser verbalizados em uma sociedade patriarcal.

Nesse sentido, o corpo histérico falava o que a consciência não podia admitir, constituindo-se como um protesto silencioso contra as restrições impostas ao gênero feminino (BERNHEIMER, 1985).

A dimensão performática da histeria merece igual destaque. Os ataques teatrais, as paralisias conversivas e os dramas emocionais encenados pelas pacientes de Charcot e Freud não eram meras simulações, mas sim uma encenação daquilo que a cultura da época esperava de uma "mulher doente". A histeria, portanto, não era apenas um distúrbio individual, mas um fenômeno intersubjetivo, no qual o médico e a paciente cumpriam papéis sociais preestabelecidos (GOLDSTEIN, 1987).

Com o declínio do diagnóstico de histeria no século XX, assistimos à dispersão de seus sintomas em novas categorias nosográficas. A síndrome do pânico, a fibromialgia e os transtornos de somatização herdaram a lógica da conversão histérica, transferindo para o corpo um sofrimento que a

mente não consegue elaborar simbolicamente. A persistência desses quadros na atualidade sugere que, embora o rótulo tenha caído em desuso, a estrutura subjetiva que lhe dava sustentação permanece atuante (MILLER, 2006).

Por fim, é fundamental reconhecer que a histeria não é um patrimônio exclusivo da psicanálise, mas um fenômeno que dialoga com diversas áreas do conhecimento. A filosofia, a sociologia e os estudos de gênero têm contribuído para desnaturalizar o conceito, revelando suas imbricações com o poder, a sexualidade e a normatização dos corpos. Essa abordagem multidisciplinar enriquece a compreensão da histeria, transformando-a de um mero diagnóstico clínico em um sintoma privilegiado da cultura (LACAPRA, 2001).

2.1 EXPLORANDO AS DESCOBERTAS E O LEGADO DE FREUD

A trajetória intelectual de Freud revela um percurso marcado por contradições e escolhas pragmáticas. Inicialmente dedicado à pesquisa fisiológica, suas aspirações foram redirecionadas por circunstâncias materiais. Foi no contexto clínico que se deparou com os estudos de Charcot, cujo trabalho com pacientes histéricos desafiava noções estanques entre orgânico e psíquico. Charcot, ao associar sintomas somáticos a representações emocionais cristalizadas, ofereceu a Freud um modelo para pensar a histeria não como simulação, mas como linguagem cifrada do corpo (RANGEL, 2008).

A imersão no ambiente parisiense e posteriormente em Nancy, onde testemunhou os experimentos de Bernheim com hipnose, consolidaram sua desconfiança em relação às explicações puramente neurológicas. No entanto, foi em Viena, por meio da amizade com Josef

Breuer, que Freud encontrou o caso seminal que moldaria sua clínica: o de Anna O. A jovem, cujos sintomas emergiram durante os cuidados ao pai enfermo, tornou-se emblemática ao demonstrar como a fala, sob hipnose, podia dissolver manifestações corporais. Breuer, ao relatar o caso, destacou o método catártico: a liberação de afetos retidos através da rememoração de eventos traumáticos (FREUD; BREUER, 1895).

A parceria entre Freud e Breuer, porém, foi tão produtiva quanto efêmera. Enquanto Breuer via na hipnose um recurso técnico, Freud enxergava nela uma janela para o inconsciente. Essa divergência tornou-se irreconciliável com a publicação dos *Estudos sobre a Histeria* (1895), obra na qual Freud insistiu na etiologia sexual da neurose, contrariando a cautela de Breuer.

O cerne teórico da obra reside na noção de trauma psíquico, eventos infantis de carga afetiva insuportável, excluídos da consciência e convertidos em sintomas corporais. Freud e Breuer argumentavam que, sob hipnose, essas memórias isoladas podiam ser reinseridas no fluxo narrativo do paciente, dissipando sua força patogênica (RANGEL, 2008). O conceito de recalque, aqui embrionário, já sugeria um mecanismo ativo de defesa.

Apesar do otimismo inicial, Freud logo questionou a hipnose. Em *Estudos sobre a Histeria*, relata casos como o de Elisabeth von R., cujas dores nas pernas se intensificaram durante a análise; paradoxo que o levou a substituir a sugestão hipnótica pela associação livre,

método que privilegiava a autonomia narrativa do paciente. Essa transição não foi apenas técnica, mas epistemológica.

A genialidade de Freud residia em transformar fracassos clínicos (a resistência dos pacientes, a intensificação de sintomas) em indícios de um inconsciente dinâmico, cuja lógica escapava às categorias médicas de seu tempo. Se Breuer foi o parceiro necessário, Charcot e Bernheim foram os interlocutores invisíveis de uma revolução que redesenhou os mapas da subjetividade. (GREEN, 2005, p. 45).

O método catártico, embora inovador, mostrou-se limitado ao depender excessivamente da sugestão e da relação vertical entre médico e paciente. Freud percebeu que a hipnose, ao contornar as resistências do ego, não permitia ao sujeito apropriar-se conscientemente dos conteúdos reprimidos, essenciais para uma cura duradoura. A descoberta de que muitos pacientes não eram hipnotizáveis ou resistiam ao procedimento sinalizou a necessidade de um novo enquadre clínico, no qual a fala espontânea e a escuta flutuante ocupariam o centro do processo analítico (FREUD, 1914).

A associação livre surgiu, então, não apenas como alternativa técnica, mas como pilar de uma nova concepção de sujeito. Ao abrir mão da direção consciente do discurso, Freud permitiu que o inconsciente se manifestasse em suas fissuras, nos lapsos, nos sonhos, nos atos falhos. Essa mudança radicalizou a aposta na existência de uma lógica própria do psiquismo, independente da vontade racional, e consolidou a

psicanálise como prática distinta tanto da sugestão hipnótica quanto da neurologia organicista (GAY, 1989).

Assim, a passagem da hipnose para a associação livre representou muito mais que um ajuste metodológico: foi a fundação de uma clínica baseada na escuta e na interpretação, na qual o paciente, antes objeto de sugestão, tornava-se sujeito de sua própria história. Conceitos como resistência, transferência e inconsciente ganharam contornos definitivos nesse percurso, reafirmando a histeria não como um desvio patológico, mas como expressão privilegiada dos conflitos psíquicos universais.

2.2 HISTERIA NOS TEMPOS ATUAIS

A leitura comparativa entre Freud, Lacan e autores contemporâneos evidencia transformações profundas na compreensão da histeria. Freud concebia o sintoma histérico como a conversão corporal de desejos reprimidos, enquanto Lacan deslocou o foco da explicação médica para a estrutura do discurso, introduzindo a noção de histeria rígida e problematizando a centralidade do Nome-do-Pai. Nas últimas décadas, pensadores como Harari (2015), Guimarães (2015) e Laurent (2013) ampliaram esse debate, observando que manifestações como anorexia, bulimia, síndrome do pânico e depressão configuram novas expressões do mal-estar histérico, nas quais corpo, linguagem e gozo se entrelaçam de forma ainda mais complexa.

Esse movimento evidencia que, embora os sintomas mudem de forma e intensidade, a lógica histérica persiste, sempre tensionando os limites entre desejo e lei, corpo e significante. Tal comparação evita reduzir a histeria a um fenômeno do passado e reforça sua atualidade como categoria crítica para interpretar os modos contemporâneos de sofrimento psíquico.

Eric Laurent propõe o conceito de histeria rígida de Lacan para articular os sintomas históricos contemporâneos, que se manifestam mais por uma fenomenologia corporal do que por uma expressão inconsciente (HARARI, 2015). Isso marca uma separação entre linguagem e corpo na compreensão dos sintomas.

Lacan indica que o sintoma histérico carrega uma mensagem direcionada, um significado, mas também sugere que seu aspecto material aponta para algo sem sentido, dispensando a figura do Nome-do-Pai como um elemento interpretativo. Segundo Guimarães, o que se destaca na obra Dora de Cixous é a apresentação da histeria sem sentido, tornando-a incompreensível. Trata-se de uma histeria incompleta, uma Dora desprovida de sentido (GUIMARÃES, 2015).

Laurent (2013) explica que Lacan redefine o conceito de material ao revisitar os conceitos de identificação propostos por Freud. Lacan argumenta que a histeria converge para a identificação com o traço do pai, não com o seu sintoma. Aqui, não se trata mais de participar no sintoma do outro, mas do próprio, tornando-o um parceiro sexual, ultrapassando o domínio de um saber acessível apenas pela escrita simbólica.

Essa mudança na identificação histérica, que não se baseia mais na participação no sintoma do outro, permite a construção de um sintoma pelo real, tornando-o material (LAURENT, 2013). Esse sintoma pode então manifestar-se no corpo real, não ordenado pela cadeia significante, caracterizando-se como um evento de corpo.

No cenário atual, observa-se que a cultura do hiperconsumo e da superexposição midiática cria um terreno fértil para a proliferação de sintomas que ecoam a estrutura histérica, porém com novas configurações. As patologias do corpo, como os transtornos alimentares e as automutilações, podem ser lidas como respostas a um imperativo social de performatividade e transparência, onde o corpo é simultaneamente palco e prisão do sujeito (ROUDINESCO, 2018). Assim, propõe-se como hipótese plausível que a histeria não tenha desaparecido, mas sim migrado para o registro do visível e do espetacular, apropriando-se das linguagens e dos modos de expressão disponíveis em cada época, manifestando-se em fenômenos contemporâneos como anorexia, ataques de pânico e outras formas de sofrimento que se corporificam no limite entre o olhar do outro e a necessidade de reconhecimento.

A relação dos sujeitos com a autoridade também se transformou radicalmente. Se na virada do século XIX a figura paterna era o significante privilegiado da lei, hoje assistimos a uma pluralização de instâncias de autoridade das mídias sociais aos algoritmos que fragmentam e redistribuem o lugar do Outro. Nesse contexto, o questionamento histórico ao saber constituído se dirige agora a essas novas instâncias, produzindo

sintomas que expressam um mal-estar difuso com as ormas contemporâneas de controle e vigilância (KEHL, 2020).

A medicalização da vida e a busca por soluções farmacológicas rápidas para o sofrimento psíquico representam outro eixo fundamental para pensar a histeria hoje. Muitas vezes, o diagnóstico de "transtorno de ansiedade" ou "depressão" ocupa o lugar que outrora fora da histeria, encapsulando uma queixa que, em sua origem, poderia ser decifrada como um conflito entre desejo e interdição. A psicanálise, nesse cenário, insiste em ouvir o sujeito para além do rótulo diagnóstico, buscando restituir a dimensão de verdade subjetiva que o sintoma encerra (SAFATLE, 2016).

Vale notar, ainda, que as próprias categorias diagnósticas sofreram significativas alterações. O desaparecimento do diagnóstico formal de "histeria" nos manuais psiquiátricos contemporâneos, em especial no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, 5ª edição (DSM-5; APA, 2013), que reorganiza esses quadros sob a categoria "transtornos de sintomas somáticos" e "transtorno de conversão (transtorno neurológico funcional)", e na *Classificação Internacional de Doenças*, 11ª edição (CID-11; OMS, 2019/2022), que também adota nomenclaturas equivalentes não significa o fim da estrutura histérica, mas sim uma mudança na forma de nomear e, frequentemente, dessubjetivar antigas manifestações de sofrimento. Cabe à clínica psicanalítica, portanto, reconhecer a permanência da posição subjetiva histérica sob essas novas classificações, evitando que a riqueza

clínica e teórica desse constructo se perca em meio a descrições comportamentais e neuroquímicas (CATANI, 2014).

Na contemporaneidade, a histeria revela-se sob formas mais sutis e multifacetadas, desafiando os modelos clássicos de compreensão e exigindo dos profissionais de saúde mental uma leitura renovada de seus sintomas. Diferentemente das manifestações neuróticas descritas por Freud, as expressões atuais do mal-estar psíquico apresentam-se com novas roupagens, frequentemente traduzidas em transtornos alimentares, como anorexia e bulimia, bem como em quadros de pânico, depressão e outras configurações do sofrimento subjetivo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A histeria, fenômeno que atravessa séculos como um espelho das angústias humanas, mantém-se paradoxalmente atual: se outrora foi a porta de entrada para a psicanálise, hoje revela-se um sintoma social das contradições da modernidade. Freud, ao decifrar seus enigmas, não apenas desvendou mecanismos do inconsciente, mas legou um método para interpretar o mal-estar que se transfigura com as eras. Se no século XIX as paralisias histéricas desafiavam a medicina, no século XXI a insatisfação crônica, seja no âmbito profissional, sexual ou existencial, assume seu lugar, expondo a persistência de uma dinâmica psíquica que recusa apelar-se.

A obsessão contemporânea por corpos esculpidos segundo padrões midiáticos inatingíveis não é mera vaidade: repete a lógica edípica de ser o objeto completo para o outro,

idealizado na infância e impossibilitado na vida adulta. Como Freud assinalou, o Complexo de Édipo estrutura desejo e falta, mas a cultura atual, ao exaltar a autossuficiência, converte essa falta em vergonha. A negação da vulnerabilidade, vendida como empoderamento, gera uma solidão paradoxal: indivíduos conectados em redes, mas apartados de vínculos profundos, repetindo sintomas de isolamento que Freud identificaria como resistência à intimidade.

Os dados sobre insatisfação sexual e fragilidade nos relacionamentos não são acidentais; são gritos silenciosos de uma sociedade que patologiza a necessidade afetiva. A histeria, em sua nova roupagem, manifesta-se na exaustão de corpos que performam felicidade, na impotência disfarçada de hiperatividade, e na ansiedade de nunca corresponder a ideais inalcançáveis. Como bem aponta Han (2022), vivemos em uma sociedade do cansaço, onde a autoexploração substitui a repressão externa, e o desejo, antes proibido, torna-se obrigatório, aprisionando-nos em ciclos de insatisfação perpétua.

Nesse cenário, a psicanálise freudiana oferece mais do que categorias diagnósticas; propõe uma escuta ética do sofrimento. Se a histeria clássica exigia a decifração de sintomas corporais, a contemporânea demanda que leiamos as entrelinhas de um mal-estar difuso, que se esconde sob discursos de otimismo e produtividade. A lição freudiana persiste: o inconsciente não foi domesticado, apenas aprendeu novas linguagens.

Assim, conclui-se que a histeria permanece um farol crítico. Ela nos lembra que a

busca por completude é uma ilusão, e que a saúde psíquica reside não na eliminação do conflito, mas na coragem de habitar nossa incompletude. Revisitar Freud, longe de ser um exercício arqueológico, é reconhecer que o desassossego histórico ainda fala, e que cabe a nós escutá-lo.

REFERÊNCIAS

- BERNHEIMER, C.; KAHANE, C. (Org.). **In Dora's Case: Freud – Hysteria – Feminism**. 2nd ed. New York: Columbia University Press, 1985.
- BERTIN, C. **A mulher em Viena nos tempos de Freud**. Campinas: Papirus, 1990.
- BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, London, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- BREUER, J. e FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. In Obras Completas, vol II, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- CATANI, J. Histeria, transtornos somatoformes e sintomas somáticos: as múltiplas configurações do sofrimento psíquico no interior dos sistemas classificatórios. **Jornal de Psicanálise**, v. 47, n. 86, p. 115–134, 2014.
- COSTA, T. **Histeria e contemporaneidade: uma leitura psicanalítica dos sintomas atuais**. Revista de Psicanálise, v. 28, n. 2, p. 45-60, 2021.
- DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- FREUD, S. **Etiologia da histeria, 1896**. In Obras Completas, vol III, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. **Fragmento da análise de um caso de histeria (O caso Dora), 1905**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FREUD, S. **Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade**, 1908. In Obras Completas, vol IX, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. **Uma criança é espancada - Uma contribuição ao estudo das perversões, 1919**. In Obras Completas, vol XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. **Um estudo autobiográfico, 1925**. In Obras Completas, vol XX, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. **História do movimento psicanalítico, 1914**. In Obras Completas, vol XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. **A feminilidade**. In Novas conferências introdutórias da psicanálise, 1933. In Obras Completas, vol XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GARCIA-ROZA LA. **Freud e inconsciente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOLDSTEIN, J. **Console and Classify: The French Psychiatric Profession in the Nineteenth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- GREEN, A. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- GUIMARÃES, A. B. Z. **Sobre o sintoma na histeria rígida: uma leitura a partir de “O retrato de Dora”, de Hélène Cixous**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26490/26490.PDF>
- HAN, B. -C. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 3. ed.

Petrópolis: Vozes, 2024. 126 p.

HARARI, A. **Histeria sem ao-menos-um**. Opção Lacaniana online, ano VI, n. 17, 2015.

LACAN, J. **O Seminário - Livro 3, As Psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

LACAPRA, D. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001.

LAURENT, É. **A sociedade do sintoma: a psicanálise, hoje**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2007.

LAURENT, É. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LIMA, R. C. O corpo e seus enigmas: histeria e somatização na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 53, n. 2, p. 145-162, 2019. MILLER, J.-A. **A histeria hoje**. In: Opção Lacaniana, n. 46, 2006.

MINAYO, M. C. S et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASIO, J. D. **A Histeria: Teoria e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

RANGEL, M. B. S. **Histeria e Feminilidade**. Dissertação de mestrado. Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008.

ROUDINESCO, E.; PLON M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

SILVA, H. C.; REY S. **A beleza e a feminilidade: Um olhar psicanalítico**. Revista: Psicologia ciência e profissão. Vol. 31, n° 3, p. 554-567, Rio Grande do Sul, 2011.

SHOWALTER, E. **The Female Malady: Women, Madness, and English Culture, 1830-1980**. New York: Pantheon Books, 1985.

VIEIRA, M. A. **Novas formas do mal-estar: a histeria na era digital**. Psicanálise & Sociedade, v. 12, n. 1, p. 88-105, 2021.

ZUCCHI, M. **Esse estranho que nos habita: o corpo nas neuroses clássicas e atuais**. Opção Lacaniana online, ano V, n. 4, 2014.

Psicanálise
no Buteko

APP

Associação
Piauiense de
Psicanálise

Imagem gerada por IA

RESENHA CRÍTICA

Psicanálise no Buteko

Psicanálise no Buteko Um encontro despojado com a palavra.



Tudo começou assim...



Sobre a iniciativa - Uma realização da Escola Freudiana – Seção Teresina, que propõe uma série de diálogos ao longo de Encontros mensais.

O conceito - Trata-se de um formato de encontro leve e acessível, cujo objetivo é debater temas de relevância social sob a perspectiva psicanalítica. A reunião ocorre mensalmente em diferentes bares de Teresina.

Nossa missão - Democratizar o acesso ao saber psicanalítico, aproximando a clínica de espaços públicos e descontraídos, fomentando diálogos fundamentais sobre a subjetividade humana.

A escolha do "Buteko" - A escolha não é aleatória; é o lugar da verdade. É o espaço do encontro sem máscaras, onde a palavra circula com liberdade e as defesas do ego são, por um breve momento, deixadas de lado.

Segue a apresentação do Card de cada Encontro realizado com sua Temática e o articulador da palavra, da lógica, do sentido.

Para cada Encontro é apresentado uma **TEMÁTICA** em prol da transmissão da Psicanálise.

1. Resenha Crítica: O Que Nos Une - Reflexões sobre o Laço Social na Contemporaneidade.



**A psicanálise debatida
em uma roda de bar.**

Local: **DECK THE**

Avenida Joaquim Nelson, 1937 - Dirceu

Horário de chegada: 19 às 19:30h

15/11/2024

- Custo Individual -

Tema do Evento de abertura:

“Psicanálise: o que nos une”.

Com o Psicanalista Lázaro Tavares.

Ao revisitar a trajetória dos encontros realizados no ciclo Psicanálise no Buteko, somos provocados por uma questão que, embora central na teoria, ganha contornos de urgência quando transposta para a praça pública: "O que nos une?" (nosso primeiro Tema, nosso primeiro Evento). Em uma sociedade cada vez mais individualista e fragmentada pelo impacto dos algoritmos, a resposta torna-se um exercício analítico necessário.

Ao conectar essa interrogação aos desafios de nossa época — o desamparo crescente, a velocidade alucinante da informação e a necessária manutenção da ética do analista —, estes encontros propõem uma reflexão profunda e autêntica.

Não se trata de uma busca por respostas fáceis, mas de uma sustentação da pergunta freudiana e lacaniana em meio ao ruído cotidiano. Ao fim, a experiência desses encontros nos revela que a psicanálise, quando levada ao "buteko" ou a qualquer espaço de debate, atua como um motor que possibilita a união entre os sujeitos, não pela via da completude, mas pela via do desejo que nos convoca ao laço.

A premissa destes encontros subverte a lógica do senso comum: o que nos une, efetivamente nte, não é o que temos em comum enquanto identidades ou gostos compartilhados, mas justamente o que partilhamos enquanto falta ou sintoma. Sob essa perspectiva, o evento deixa de ser apenas uma palestra e torna-se um dispositivo de laço social.



TEMA E REFLEXÃO: Psicanálise: O que nos une

A proposta deste espaço é promover uma aproximação da psicanálise com as pessoas e debater questões da atualidade. O objetivo é aproximar a teoria do público por meio da conversa e do debate em torno de uma ideia, incentivando o relacionamento interpessoal em ambientes descontraídos.

Chegou o tempo não apenas de revisar nossa metodologia para induzir nossas "verdades", mas também de desenvolver novos enfoques que tornem possível estarmos abertos a novas ideias e, por sua vez, sermos capazes de avaliar sua utilidade por meio de argumentações arraigadas.

A música *Levanta e Anda*, do rapper Emicida, ilustra a realidade social, a superação de adversidades e a importância de acreditar nos sonhos:

"Quem costuma vir de onde eu sou Às vezes não tem motivos pra seguir Então levanta e anda, vai, levanta e anda Mas eu sei que vai, que o sonho te traz Coisas que te faz prosseguir Então levanta e anda, vai, levanta e anda Somos maior, nos basta só sonhar, seguir".

*Reflexão: Psicanalista Lázaro Tavares

"O QUE NOS UNE"

A afirmação "O que nos une – o que nos aproxima – são nossos afetos, convicções, ideias e paixões" é uma síntese poderosa da visão psicanalítica sobre a natureza das conexões humanas. Vamos desmembrar essa frase — (quem quiser falar um pouco, fale!) — e explorar suas implicações:

Afetos: A psicanálise enfatiza o papel central dos afetos (emoções) em nossas relações. É através deles que estabelecemos vínculos profundos. O amor, a raiva, a tristeza e a alegria moldam nossas interações e nos aproximam ou distanciam do outro.

Convicções: Nossas crenças e valores pessoais funcionam como bússolas que orientam nossas vidas e escolhas. Quando encontramos pessoas que compartilham nossas convicções, sentimos um senso de pertencimento e conexão.

Ideias: O intercâmbio, a discussão e o debate são fundamentais para a construção do conhecimento e para a formação de laços sociais. Compartilhar perspectivas nos permite expandir horizontes e conectar-nos com aqueles que pensam de forma semelhante.

Paixões: A paixão é uma força motriz poderosa que nos impulsiona a agir, criar e nos relacionar com o mundo. Ao compartilhá-la, criamos um senso de comunidade e propósito.

A psicanálise nos ensina que:

A identidade é construída nas relações: Não somos ilhas isoladas, mas seres sociais que se constituem através das interações.

A linguagem é fundamental para a conexão: Através dela, expressamos sentimentos e desejos, estabelecendo pontes com o próximo.

O inconsciente influencia nossas relações: Muitas vezes, nossas escolhas e comportamentos são pautados por processos inconscientes, que podem tanto facilitar quanto dificultar nossas conexões.

Em resumo, a frase **“O que nos une – o que nos aproxima – são nossos afetos, convicções, ideias e paixões”** nos lembra que a humanidade é um tecido complexo e multifacetado, onde as conexões são construídas a partir de um conjunto de elementos subjetivos e intersubjetivos. Ao compreendermos as forças que nos unem, podemos fortalecer nossos vínculos e construir um mundo mais justo e solidário.

2. Resenha Crítica: Como sustentar o amor, sabendo que não se é o objeto exclusivo de desejo do outro?

O amor, na contemporaneidade, frequentemente é capturado pela fantasia da completude e da exclusividade. Somos impulsionados por discursos românticos que prometem no "Outro" a cura para nossas faltas e o preenchimento de nosso vazio. No entanto, a psicanálise nos convoca a uma travessia mais sóbria: o reconhecimento de que, na estrutura do desejo, não somos — nem poderíamos ser — o objeto exclusivo de desejo do outro.

O impasse do desejo

A questão central que sustenta este debate é a desilusão necessária do narcisismo. Lacan nos ensina que o desejo é, por definição, um desejo de falta. Quando exigimos do parceiro que ele nos tome como seu único objeto de satisfação, estamos, na verdade, tentando negar a alteridade. O "não ser o objeto exclusivo" não é um sinal de fracasso amoroso, mas a própria condição de possibilidade de um amor que não se limite ao sufocamento ou à possessividade.

O amor como abertura à alteridade

Sustentar o amor, a partir dessa premissa, exige uma ética da responsabilidade e do desapego. Se o outro deseja algo além de mim, isso significa que ele é um sujeito vivo, dotado de sua própria falta e de seu próprio campo de desejo. Amar, portanto, deixa de ser uma operação de posse e torna-se um ato de sustentar o espaço onde o outro possa, também, ser um sujeito — e não apenas um espelho para as nossas projeções.

Conclusão:

O "Buteko" como cenário de verdade Em um ambiente como o "Buteko", onde a palavra circula sem a polidez das máscaras sociais, o tema ganha uma contundência especial. Ao debatermos essa impossibilidade da exclusividade absoluta, propomos um desvio: a aceitação da falta como a ponte que une dois sujeitos, e não como o abismo que os separa. Sustentar o amor, sabendo que não somos tudo para o para o outro, é, talvez, o ato mais radical de liberdade que a psicanálise nos permite experimentar.



3. Resenha Crítica: Quem eu seria se não precisasse agradar ninguém? — Entre a Máscara e o Desejo



Este tema é, talvez, o mais potente de todos os que tratamos, pois ele atinge em cheio a "cerca" que o sujeito constrói em torno de si mesmo para sobreviver ao olhar do Outro.



O questionamento proposto - quem eu seria se não precisasse agradar ninguém? - não é apenas uma pergunta sobre liberdade, mas uma interrogação sobre a própria estrutura da subjetividade. O debate realizado trouxe à luz a fragilidade do "eu" que se sustenta, essencialmente, pela via do agradar, da complacência e da incessante busca reconhecimento.

A discussão apontou que, frequentemente, o sujeito se aliena em um personagem desenhado para satisfazer as expectativas de pais, parceiros, instituições ou do olhar social. A pergunta, portanto, desvela o quanto do que chamamos de "eu" é, na verdade, uma construção reativa ao desejo do outro. Se retirássemos a necessidade de agradar, o que restaria? O encontro indicou que, embora o medo do vazio seja imenso, é exatamente nesse ponto de desamparo que o desejo singular pode, pela primeira vez, ganhar contorno. O que a psicanálise ensina, e que ficou evidente nesta

reflexão, é que a ética do analista visa exatamente isso: levar o sujeito a sustentar o seu desejo para além da demanda alheia. Ser quem se é, sem a necessidade de agradar, não significa viver sem laços, mas sim sustentar o próprio desejo com a devida separação frente ao desejo do Outro. Ao final, o encontro nos deixou com a provocação de que o "eu" só começa, verdadeiramente, quando o sujeito aceita o risco de desagradar para poder, finalmente, habitar a própria verdade.

4. Resenha Crítica: O Tempo da Repetição e a Ilusão do Novo — O Fim do Ano como Sintoma.

O encontro de novembro de 2025 propôs uma reflexão oportuna sobre o fenômeno cíclico que marca o fim do ano: a esperança desesperada de que a virada do calendário traga, por si só, uma ruptura com o passado. A discussão investigou como o desejo de "começar de novo" opera, frequentemente, como uma ilusão que mascara o tempo da repetição — o automaton — que governa a subjetividade para além da contagem cronológica.

O debate destacou que o fim do ano funciona, no imaginário coletivo, como um sintoma.

Ao projetarmos no futuro a expectativa de uma transformação radical, tentamos contornar a angústia diante da repetição dos mesmos impasses, das mesmas escolhas e dos mesmos afetos.

A psicanálise, ao contrário, convoca o sujeito a reconhecer que não há "novo" capaz de apagar a marca do sujeito no seu próprio sintoma; o que há é a possibilidade de fazer algo diferente com o que se repete.

A conclusão do encontro foi um convite à ética da análise: mais do que a busca por renovações superficiais, trata-se de sustentar a interrogação sobre o que nos faz insistir, ano após ano, nas mesmas posições. O fim do ano, portanto, deixa de ser um marco de "mudança" para se tornar uma oportunidade de reconhecer o desejo que insiste, para além das ilusões do calendário.

PSICANÁLISE
No
BUTEKO

ESCOLA FREUDIANA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO TERESINA

TEMA: "O TEMPO DE REPETIÇÃO E A ILUSÃO DO NOVO: O FIM DO ANO COMO SINTOMA"

COM A PSICANALISTA EM FORMAÇÃO
LUANA MINEIRO

DATA: 27/11/2025
LOCAL: RESIDENCIA DA JESUS -PEDRA MOLE

5. Resenha Crítica: Entre a Demanda da Mãe e o Desejo da Mulher — O que resta quando a maternidade ocupa a cena?

O debate sobre a tensão entre a função materna e a posição de mulher, trazido pelo Psicanálise no Buteko, desvelou um impasse fundamental da subjetividade feminina. A questão que norteia esta reflexão — o que resta da mulher quando nasce a mãe? — coloca em evidência a complexa sobreposição de registros que, embora convirjam no mesmo corpo, operam sob lógicas distintas.

**ESCOLA FREUDIANA
DE PSICANÁLISE**
Seção Terresina
APRESENTA
PSICANÁLISE
NO BUTEKO
TEMA:
DEMANDA DA MÃE E O DESEJO DA MULHER. O
QUE RESTA DA MULHER QUANDO NASCE A MÃE?
COM O PSICANALISTA EM FORMAÇÃO
THIAGO MORAES
Local: CHAMA BAR - Rua General
Aldemar Rocha, 2110 - Bairro de Fátima
DIA: 29/10/2025 - **HORÁRIO:** 19h20

A discussão pontuou que, enquanto a demanda da mãe é convocada pelo lugar do Outro — a criança como objeto que completa uma falta —, o desejo da mulher permanece, em essência, como algo que não se deixa capturar totalmente pela maternidade.

O risco contemporâneo, apontado no encontro, é a identificação absoluta da mulher ao lugar de "Mãe-Ideal", uma armadilha que visa apagar a castração e sustentar um amor que, por pretender ser total, acaba por sufocar a própria dimensão do desejo.

A psicanálise ensina que a mulher não se esgota na maternidade. O que "resta" é justamente o resto insuportável para o discurso corrente: o desejo que não se dirige ao filho, mas que aponta para uma alteridade que não se deixa domesticar. O debate reforçou que a ética da análise, neste contexto, não visa incriminar a maternidade, mas libertar a mulher dessa sobreposição exaustiva, permitindo que ela sustente seu desejo para além da demanda materna. A conclusão do encontro foi clara: é na sustentação dessa clivagem que a mulher encontra a possibilidade de respirar, protegendo seu desejo da engrenagem que a quer apenas como um objeto de cuidado.

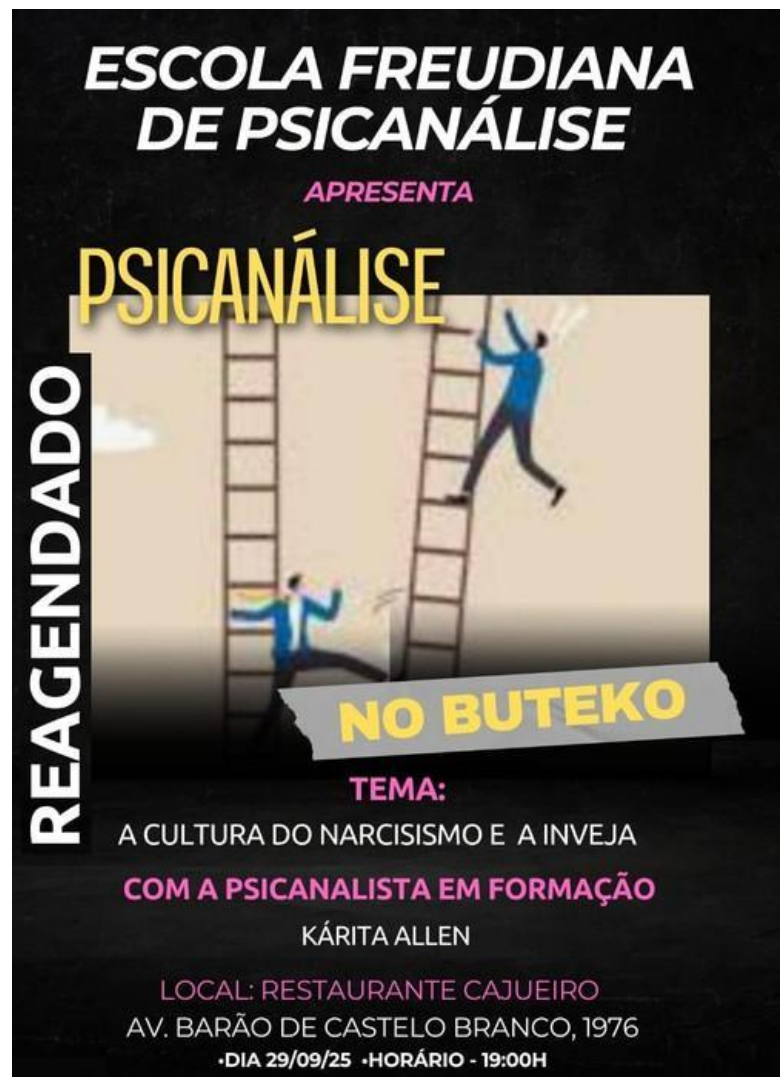
6. Resenha crítica: A Cultura do Narcisismo e a Inveja — O Preço da Comparação no Mundo Contemporâneo

No encontro de setembro de 2025, o debate voltou-se para a articulação entre a "cultura do narcisismo" e o afeto da inveja, examinando como a lógica das redes sociais e a exibição constante da imagem pessoal têm exacerbado traços que, outrora, eram mais contidos no espaço privado.

A discussão partiu da premissa de que vivemos em uma época que exige a "performance da felicidade", onde o narcisismo não se limita ao amor-próprio, mas configura-se como um esforço defensivo para sustentar uma imagem de completude frente ao olhar do outro. Nesse cenário, a inveja emerge não apenas como um desejo de ter o que o outro possui, mas como uma tentativa de destruir a diferença e a falta, na medida em que o sucesso alheio — amplificado pela tela — é percebido como uma afronta à própria insuficiência.

O encontro evidenciou que a inveja, na perspectiva psicanalítica, é um afeto que ataca o laço social.

Ao nos compararmos incessantemente com imagens idealizadas, o sujeito é arrastado para fora do seu próprio desejo, passando a medir sua existência pelo valor de troca e pela aprovação externa. A conclusão do debate destacou que a psicanálise atua como um antídoto a essa cultura ao convocar o sujeito a sair da comparação imaginária e retornar ao seu próprio desejo, único lugar onde a inveja perde a sua força paralisante.



7. Resenha Crítica: Angústia de castração — O que nos torna civilizados



A psicanálise nos convida a uma leitura incômoda sobre a civilização: o que chamamos de "cultura" ou "civildade" não é o triunfo da bondade humana, mas o resultado de uma renúncia. A angústia de castração, longe de ser um conceito puramente clínico ou arcaico, é a bússola que orienta nossa inserção no laço social.

É através da aceitação (consciente ou não) da falta que o sujeito sai do registro do "tudo" e entra no registro do possível.

A castração como limite ao gozo

A tese que sustenta este encontro é a de que a civilização exige uma interdição. Se o ser humano fosse capaz de satisfazer todos os seus desejos, não haveria encontro, apenas consumo. A angústia de castração funciona como o anteparo que barra o gozo desenfreado. Quando o sujeito se depara com a impossibilidade de ser o objeto pleno para o outro, ele é empurrado para a cultura — para a troca, para a palavra e para a criação. O que nos torna "civilizados" é, portanto, a marca da falta que nos habita e nos obriga a negociar com a existência do outro.

*"Os nossos complexos são a fonte da nossa fraqueza; mas muitas vezes, eles também são a fonte da nossa força".
– Sigmund Freud –*

O avesso da civilidade Em tempos onde o discurso social prega a satisfação imediata e a eliminação de qualquer desconforto, a angústia de castração torna-se um alvo de ataque. Tentamos, a todo custo, negar a nossa finitude através de objetos, telas e narcisismos digitais. No entanto, a psicanálise nos lembra que a tentativa de negar a castração é, paradoxalmente, o que mais produz barbárie. Sem a mediação da falta, o outro torna-se um obstáculo a ser eliminado, e não um parceiro de diálogo.

Conclusão:

O Buteko como espaço de partilha da falta Debater a castração em um bar é um exercício de ética. Ao ocuparmos o "buteko" para falar sobre aquilo que nos limita, transformamos a angústia em um ponto comum. O bar, este espaço de encontros aleatórios e conversas que se perdem e se acham, é o cenário ideal para reconhecer que todos nós, à nossa maneira, carregamos a cicatriz da castração. Afinal, só conseguimos brindar com o outro porque aceitamos que não somos completos, e que é exatamente nessa fenda que o humano se torna civilizado.

8. Resenha Crítica: Psicanálise e Religião — A Fronteira entre o Sintoma e a Fé

Este o tema permite uma reflexão fundamental sobre os limites e as interseções entre a experiência subjetiva e a fé.

Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina



O encontro de junho de 2025 propôs um debate instigante sobre uma das tensões mais clássicas do pensamento freudiano: a relação entre a psicanálise e o fenômeno religioso. Longe de pretender o esvaziamento da crença ou a defesa de um ateísmo dogmático, o debate buscou investigar como o sujeito contemporâneo transita entre o saber analítico e a verdade religiosa.

A questão central que permeou a discussão foi: de que maneira o discurso religioso opera como uma forma de "ilusão" — no sentido freudiano — que visa proteger o sujeito do desamparo original? A psicanálise, ao abordar a religião, não a reduz a uma patologia, mas interroga como ela responde ao real da castração e à angústia inerente à existência.

O que se observou na reflexão trazida pelo encontro foi que, enquanto a psicanálise convoca o sujeito a se responsabilizar pelo seu desejo e a interrogar o seu sintoma, muitas vertentes religiosas oferecem, por vezes, um fechamento de sentido que visa aplacar essa mesma angústia.

No entanto, a discussão avançou para além desse embate, questionando se a ética do analista, em sua neutralidade, permite também um acolhimento da dimensão da fé como parte da singularidade do paciente, desde que esta não impeça a travessia do seu próprio fantasma.

Ao final, o encontro de junho reforçou que o diálogo entre psicanálise e religião é, em última instância, um diálogo sobre o que o sujeito faz com o seu vazio. Se a religião busca preenchê-lo com a crença, a psicanálise propõe que é justamente a sustentação desse vazio que possibilita a ética do desejo.

9. Resenha Crítica: Bebê Reborn — Entre o Objeto-Fetiche e a Busca pelo Falo

Dentre as provocações trazidas pelos encontros de maio de 2025, o debate sobre o fenômeno dos "bebês reborn" destacou-se como um ponto de interrogação sobre as dinâmicas subjetivas na contemporaneidade. A questão posta — seria o bebê reborn uma busca do falo? — abre uma via de investigação sobre o lugar do objeto na economia do desejo.

Ao analisar a perfeição técnica dessas bonecas, que mimetizam a vida com precisão quase perturbadora, somos levados a questionar se o que está em jogo não é a tentativa de suturar, via fetiche, a falta estrutural que constitui o sujeito. Se o falo, na psicanálise, representa aquilo que falta e que movimenta o desejo, o bebê reborn surge, neste contexto, como um objeto que promete uma presença plena, um "objeto-falo" que, paradoxalmente, tenta ocupar o vazio da castração.



Diferente da criança real, que traz consigo a alteridade e a irrupção do imprevisto, o bebê reborn oferece uma satisfação silenciosa e sob controle. A discussão realizada no encontro de maio apontou que essa busca reflete um sintoma da nossa época: o esforço constante para evitar o encontro com a falta e com a diferença do outro. Assim, o debate não se resumiu a uma crítica de costumes, mas a uma análise profunda sobre como tentamos, através de objetos, contornar a angústia da falta que, em última análise, é o que nos mantém desejantes.

10. Resenha Crítica: Relacionamento tóxico - uma busca do complemento D(N) o outro.

O "Relacionamento Tóxico" como Busca Impossível de Complemento no Outro - A Fantasia da Completude.

A Lente Psicanalítica

- A ilusão da realidade.

O termo "relacionamento tóxico" tornou-se um lugar-comum no discurso contemporâneo, servindo frequentemente como um rótulo simplificador para designar vínculos marcados pelo sofrimento, pela dependência ou pelo exercício de uma dominação perversa. No entanto, para uma leitura psicanalítica, é imperativo desconstruir essa noção de "toxicidade" — muitas vezes reduzida a uma falha de caráter do parceiro ou a uma dinâmica de abuso óbvia — para interrogar o que, na estrutura do sujeito, sustenta e mantém a busca incessante por um "complemento" que, em última instância, é impossível.

29 DE ABRIL 2025

5º PSICANÁLISE NO BUTEKO

Reagendado

REALIZAÇÃO:
ESCOLA
FREUDIANA DE
PSICANÁLISE

TEMA:
RELACIONAMENTO
TÓXICO - UMA
BUSCA DO
COMPLEMENTO
D(N)O OUTRO

COM MAURÍCIO
GUIMARÃES

CHAMA BAR
RUA GENERAL ALDEMAR ROCHA 2110/COM
LINDOLFO MONTEIRO-FÁTIMA
19:30H

A Ilusão da Unidade

A psicanálise, desde Freud e atravessando o ensino de Lacan, situa o desejo humano como efeito da castração e do corte simbólico. O sujeito não é uma unidade completa; ele é, constitutivamente, um sujeito faltante. O "relacionamento tóxico", nesta perspectiva, pode ser lido como uma tentativa desesperada de negar essa falta.

Quando um sujeito descreve sua relação como "tóxica", mas permanece nela, revela-se a operação de uma fantasia onde o Outro (\$A\$) deveria ser aquele que provê a completude que o sujeito não encontra em si mesmo. Busca-se no parceiro não um sujeito, mas um "complemento" (\$D(N)outro\$) que venha tapar o buraco do real da existência. O drama, porém, reside no fato de que o Outro, por ser também faltante, jamais poderá oferecer o que é demandado.

O "Tóxico" como Fixação da Pulsão

O que chamamos de toxicidade nos vínculos pode ser compreendido como uma modalidade de satisfação pulsional que se engata no que é destrutivo. A repetição — o automaton — torna-se

evidente: o sujeito volta ao mesmo lugar de dor.

Nesse movimento, o parceiro não é amado pelo que é em sua alteridade, mas é investido como objeto que confirma a posição do sujeito no fantasma. A "toxicidade" é, então, o nome dado ao gozo que se obtém na queixa, na submissão ou na tentativa de controle absoluto sobre o outro. O parceiro "tóxico" acaba por ocupar o lugar do objeto que, embora faça sofrer, garante uma estabilidade à custa da anulação da própria subjetividade.

A Ética da Diferença

A saída psicanalítica para a asfixia desses vínculos não passa por uma reeducação moral ou pela simples busca por "pessoas saudáveis", mas pela travessia da fantasia. Trata-se de reconhecer a radical alteridade do outro. O Outro não é um complemento; é, fundamentalmente, alguém com seu próprio desejo, para além das demandas de completude que lhe impomos.

Aceitar a inexistência da relação sexual — na máxima lacaniana de que "não há relação sexual" — é o passo ético fundamental. Significa admitir que não há garantias de que o outro nos completará ou nos entenderá plenamente. Ao renunciar à fantasia do "complemento", o sujeito abre espaço para que o amor, quando ocorre, seja um encontro entre dois seres faltantes, e não um conluio entre dois vazios tentando se preencher.

Nota: Lianças:

Esta resenha propõe que o "relacionamento tóxico" seja analisado não como um erro externo, mas como um impasse estrutural da posição subjetiva frente ao desejo. Ao problematizar a demanda de completude, deslocamos o foco da "vítima" ou do "agressor" para a responsabilidade do sujeito sobre o que ele consente em sua própria economia de gozo.

11. Resenha Crítica: Pulsão de Morte e a Relação com Esportes Radicais

Esta resenha propõe uma leitura que retira a psicanálise do pedestal acadêmico sem trair seus fundamentos, utilizando a análise dos esportes radicais como via de entrada para discutir a economia pulsional no contemporâneo.

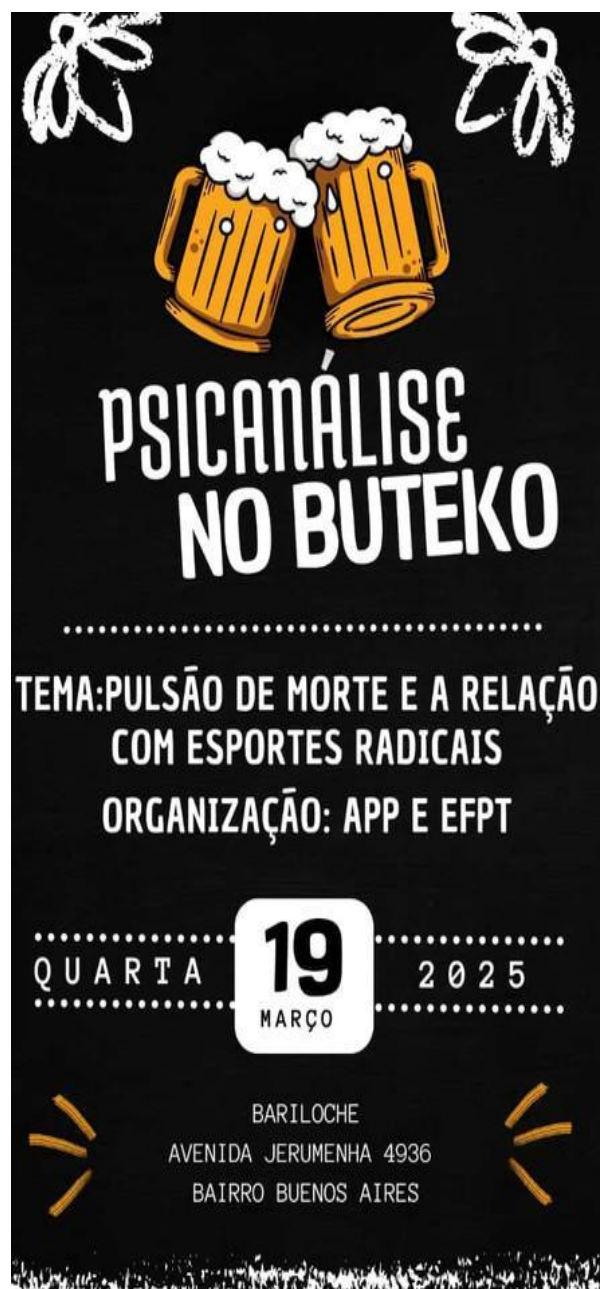
A clínica contemporânea tem se deparado com um fenômeno crescente: a busca deliberada pelo limite. Seja na prática de esportes radicais — onde o corpo é colocado à prova da gravidade e do risco — ou nas formas diversas de "abismo" que atravessam as subjetividades atuais, a psicanálise é convocada a responder. Frequentemente, a cultura popular e até setores da psicologia mal informada rotulam essas condutas sob a rubrica simplista da "pulsão de morte" (Todestrieb). Mas, será que saltar de um penhasco ou buscar o perigo é, de fato, um desejo de fim?

Desmistificando o "Destino Final"

A primeira tarefa é esclarecer a confusão frequente que reduz a pulsão de morte ao desejo de não-existir ou à autodestruição niilista. Em Freud, especialmente a partir de Além do Princípio do Prazer (1920), a pulsão de morte não é o desejo de

morrer, mas a tendência do organismo a retornar a um estado anterior de ausência de tensão.

Quando um atleta pratica um esporte extremo, ele não está necessariamente "buscando a morte". Pelo contrário, ele está buscando um excesso de vida. O corpo, imerso na aceleração do cotidiano ou na apatia da rotina, encontra no risco um "mais-além" da homeostase. É uma tentativa de forçar a saída do campo do sentido para um campo de pura intensidade. A pulsão de morte, aqui, opera como a força que rompe a proteção do Eu, permitindo ao sujeito sentir que "ainda está vivo" justamente porque o perigo o retira da anestesia da existência digital e automatizada.



A Realidade por Trás da Tendência

O que se esconde por trás da escalada dos esportes radicais não é apenas a busca pela adrenalina — um marcador biológico insuficiente para explicar o gesto humano —, mas uma resposta à falência dos suportes simbólicos tradicionais.

Vivemos em uma sociedade que tenta higienizar a finitude. Ao eliminar o risco, eliminamos também a possibilidade de o sujeito se confrontar com a sua própria verdade. O esporte radical, nesse sentido, funciona como uma "cura pela experiência". Não é uma busca pelo fim, mas uma tentativa de ancorar a existência em algo que não seja puramente discursivo. No "buteko" da vida, diríamos: o sujeito precisa sentir o medo real para que o medo imaginário da angústia diária perca o seu poder paralisante.



O Esporte como Escora

A psicanálise precisa valorizar essa busca, não como uma patologia, mas como uma tentativa de amarração. O esporte radical, para muitos, opera como um *sinthome*: uma forma de costurar o real, o imaginário e o simbólico através da ação. Quando o corpo se lança ao abismo, ele busca, na verdade, uma borda. O risco é o que permite ao sujeito estabelecer uma fronteira entre ele e o nada. Em vez de condenar a pulsão de morte como o demônio da autodestruição, a psicanálise deve reconhecê-la como a potência que nos empurra para fora do conforto estagnado. O esportista radical não é um suicida em potência; é um artífice que usa a vertigem para, por um instante, silenciar o ruído do supereu que exige perfeição e produtividade constantes.

Conclusão

Ao olharmos para esses fenômenos com o rigor que a Escola Freudiana exige, percebemos que o abismo não é o destino, mas o espelho. A pulsão de morte, quando bem mediada pela prática, torna-se a condição de possibilidade para a vitalidade. Desmistificar esse conceito é devolver ao sujeito a responsabilidade pelo seu próprio gozo. No fim das contas, a psicanálise no "buteko" é isso: entender que, entre o medo de cair e a vontade de voar, há um sujeito tentando, desesperadamente, habitar o próprio corpo.

12. Resenha Crítica: A Construção da Identidade na era digital: como as redes sociais afetam a formação da identidade e a expressão do eu.

A construção da identidade na contemporaneidade atravessa um ponto de mutação sem precedentes. Se, para a psicanálise freudiana, a formação do "eu" era um processo mediado pelo olhar do outro e pela estruturação do narcisismo, na era digital, esse olhar se tornou onipresente, quantificável e, paradoxalmente, alienante. Esta resenha propõe uma reflexão sobre como as redes sociais deixaram de ser meros espaços de sociabilidade para se tornarem os novos locus de estruturação subjetiva, onde a expressão do eu se confunde com a performance para o mercado da visibilidade.

A identidade, tradicionalmente concebida como um processo de sedimentação simbólica mediado pela palavra e pelo desejo do Outro, enfrenta, na era digital, uma mutação radical. A proposta desta análise é investigar como as redes sociais, ao se tornarem a instância principal de validação da existência, afetam a formação da subjetividade e a expressão do Eu.

O ponto central desta questão reside na passagem do "Eu" como construção do inconsciente para o "Eu" como performance visual. Nas redes sociais, a identidade não se forma pelo reconhecimento em um laço social direto, mas através de um sistema algorítmico que impõe a necessidade de uma visibilidade constante. Esse fenômeno gera uma cisão na estrutura do sujeito: enquanto o Eu clínico é pautado pela falta e pela singularidade, o "Eu digital" é pautado pela completude aparente e pela demanda de aprovação imediata.

A crítica fundamental que se impõe é que, ao buscarmos a construção da identidade por meio da exposição, criamos um paradoxo clínico. A expressão do Eu na rede não busca a subjetivação, mas a homologação. Ao transformar a própria vida em um catálogo de imagens, o sujeito acaba por alienar-se em sua própria vitrine, perdendo a dimensão da "extimidade" — aquele lugar onde o íntimo se

A psicanálise debatida em uma roda de bar.



torna público, mas preserva um núcleo de mistério. O que observamos é uma identidade que se torna líquida, vulnerável ao fluxo de likes e à descartabilidade dos conteúdos.

Conclui-se que a era digital não anula a formação da identidade, mas a submete a um novo imperativo ético. A formação do sujeito moderno não é mais apenas sobre o que ele diz, mas sobre como ele se apresenta ao mercado da visibilidade. Para a psicanálise, o desafio permanece inalterado em sua essência: resgatar o sujeito da sedução da imagem. A verdadeira construção da identidade deve resistir à transparência algorítmica e encontrar, na palavra e no silêncio do consultório, o ancoradouro que as telas, por sua natureza, não podem oferecer.

13. Resenha Crítica: Reflexão apresentada pelo Psicanalista em Formação Cândido Coelho Neto.



Psicanálise e a nova geração

A psicanálise, desde suas origens com Sigmund Freud, tem evoluído para abordar as complexidades da mente humana e suas interações com a sociedade. Na era contemporânea, a nova geração enfrenta desafios únicos que moldam sua psique de maneiras distintas. A rapidez das mudanças tecnológicas, a globalização e a crescente presença das redes sociais têm um impacto profundo na formação da identidade e das relações interpessoais.

Neste contexto, a psicanálise se adapta para compreender e tratar as ansiedades e conflitos emergentes. A nova geração lida com questões de saúde mental como nunca antes, com um aumento notável na conscientização sobre transtornos de ansiedade, depressão e outros. A psicanálise oferece uma lente para examinar essas questões, destacando a importância do inconsciente e dos processos internos na formação das experiências individuais.

Além disso, a diversidade cultural e a busca por identidades autênticas são temas centrais para os jovens de hoje. A psicanálise, ao explorar as dinâmicas familiares, traumas passados e influências socioculturais, ajuda a nova geração a navegar em um mundo em constante transformação. O papel dos psicanalistas torna-se crucial para auxiliar os jovens a encontrarem equilíbrio e bem-estar, promovendo um entendimento mais profundo de si mesmos e de suas relações.

Nota A psicanálise continua a ser uma ferramenta valiosa na compreensão das complexas realidades psicológicas da nova geração, oferecendo insights e métodos terapêuticos adaptados às necessidades contemporâneas.



Imagem gerada por IA

“Flutua, não afunda”: Freud e Psicanálise no Brasil nos periódicos *O Cruzeiro* e *Revista da Semana* nas décadas de 1920 e 1930

Leslye Bombonato Ursini*

Resumo

Nos seus primeiros tempos de divulgação e de difusão no Brasil, a Psicanálise era assunto restrito ao meio acadêmico e em especial à Medicina e à Psiquiatria. Entre as décadas de 1920 e 1930, a Psicanálise esteve estampada nas páginas das revistas periódicas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana** e foi exposta e divulgada para um público amplo, o leitor comum. Nas revistas, a Psicanálise apareceu atrelada à Psiquiatria, ou como necessária à criminologia, como coadjuvante em tratamentos médicos diversos, como brincadeiras de interpretações dos sonhos e, também, a Psicanálise apareceu em mera menção em textos como se os atualizasse à nova "moda". Temas latentes na sociedade, naquela época, foram associados ao assunto da Psicanálise ou abordados junto com ela: a eugenia, a raça, o caráter moral e hereditário, a virgindade, o casamento e a infidelidade, a educação dos filhos, a educação sexual nas escolas, o feminicídio e outros assuntos. Em termos de controle da índole dos Sujeitos e a fim de desenhar uma identidade nacional, foi feito algum uso político da Psicanálise por meio da divulgação da importância da educação sexual ligada à higienização moral. Alguns dos efeitos possíveis da circulação do assunto da Psicanálise naquelas revistas foram dissociar o tratamento psicanalítico do tratamento da loucura e familiarizar o leitor comum com o vocabulário da Psicanálise e com o nome de Freud.

Abstract

“Fluctuates not sink”: Freud and Psychoanalysis in Brazil in the periodicals *O Cruzeiro* and *Revista da Semana* in the 1920s and 1930s — In its early days of dissemination and diffusion, Psychoanalysis in Brazil was a subject restricted to the academic environment and especially to Medicine and Psychiatry. Between the 1920s and 1930s, Psychoanalysis was impressed on the pages of the periodical magazines **O Cruzeiro** and **Revista da Semana** and was exposed and disseminated to a broad audience, the common reader. In magazines, Psychoanalysis appeared linked to Psychiatry, or as necessary to criminology, as an adjunct in various medical treatments, or as dream interpretation games and, also, Psychoanalysis appeared in mere mention in texts as if updating them to the new "fashion". Latent themes in society, at that time, were associated with the subject of Psychoanalysis or approached along with it: eugenics, race, moral and hereditary character, virginity, marriage and infidelity, education of children, sex education in schools, femicide and other issues. In terms of controlling the nature of the Subjects and in order to design a national identity, some political use was made of Psychoanalysis through the dissemination of the importance of sex education linked to moral hygiene. Some of the possible effects of the circulation of the subject of Psychoanalysis in those magazines were to dissociate psychoanalytic treatment from the treatment of madness and to familiarize the common reader with the vocabulary of Psychoanalysis and with the name of Freud.

Résumé

“Il est battu par les flots, mais ne sombre pas”: Freud et la psychanalyse au Brésil dans les périodiques **O Cruzeiro** et **Revista da Semana** dans les années 1920 et 1930 — À ses débuts de diffusion et de diffusion au Brésil, la psychanalyse était un sujet réservé au milieu universitaire et en particulier à la médecine et à la psychiatrie. Entre les années 1920 et 1930, la psychanalyse a été présentée sur les pages des revues périodiques **O Cruzeiro** et **Revista da Semana** et a été exposée et diffusée à un large public, le lecteur commun. Dans les magazines, la Psychanalyse est apparue liée à la Psychiatrie, ou comme nécessaire à la criminologie, complément de divers traitements.

* Antropóloga doutora pela Universidade Estadual de Campinas—Unicamp. Psicanalista. Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em Psicanálise - Faculdade de Educação do Piauí (FAEPI) / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina.

complément de divers traitements médicaux, est apparue sous la forme de blagues sur l'interprétation des rêves et, aussi, la Psychanalyse est apparue en simple mention dans les textes comme si elle les mettait à jour à la nouvelle "mode". Des thèmes latents dans la société de l'époque étaient associés au sujet de la psychanalyse: l'eugénisme et la race, le caractère moral et héréditaire, le virginité, le mariage et l'infidélité, l'éducation des enfants, l'éducation sexuelle à l'école, le fémicide et autres problèmes. En termes de contrôle de la nature des sujets et afin de concevoir une identité nationale, une certaine utilisation politique a été faite de la psychanalyse à travers la diffusion de l'importance de l'éducation sexuelle liée à l'hygiène morale. Certains des effets possibles de la circulation du sujet de la Psychanalyse dans ces revues ont été de dissocier le traitement psychanalytique du traitement de la folie et de familiariser le lecteur commun avec le vocabulaire de la Psychanalyse et avec le nom de Freud.

Introdução

O lema *Fluctuat nec mergitur*, “Flutua, não afunda”, está no brasão da cidade de Paris, logo abaixo da figura de uma embarcação nas ondas. É a Paris da Idade Média com a vida às voltas do rio Sena e de economia mercantil: as ondas que sacodem nada afundam. Por ocasião dos ataques terroristas em série ocorridos em Paris, em novembro de 2015, aquele lema foi ressignificado.

Em 1914, em versões com modificações feitas até 1924, Freud escreveu **Contribuição à história do movimento psicanalítico** e o primeiro capítulo tem a epígrafe *Fluctuat nec mergitur*. Nele, Freud repassa os seus avanços com a Psicanálise e, nisto, Freud pontua as críticas dirigidas à Psicanálise e a si próprio. Freud revê a sua fala na conferência de 1909, na América do Norte, em sua primeira fala pública sobre a Psicanálise quando ele mesmo atribuíra a Joseph Breuer a criação da Psicanálise e, então, corrige em 1914: não era Breuer o criador, como afirmara naquela conferência, mas ele próprio, Freud, pois “as críticas e as injúrias” à Psicanálise não caem sobre Breuer, senão sobre “a minha cabeça”, diz ele (FREUD, [1914] 1965).

Em linhas gerais, podemos apreender a Psicanálise proporcionada e construída pelas mãos de Freud como um meio para a cura do sofrimento Humano na busca para que a pulsão esteja em harmonia com o Ego. A técnica analítica se ocupa — na própria “prática analítica da cura” — dos efeitos que acompanham o sujeito até a vida adulta, das inscrições e engendramentos de um homem e de uma mulher em Sujeitos, “desde o nascimento até a liquidação do Édipo”. O Inconsciente e os seus efeitos, portanto, são o objeto e o funda-

mento da Psicanálise, de acordo com Louis Althusser, não a cura (ALTHUSSER, 1985, pp. 61-62).

Existe, entre outras, a questão da institucionalização da Psicanálise e o “fechamento institucional” que a International Psychoanalytical Association — IPA, fundada em 1910, promoveu ao se constituir como uma instância burocrática e reguladora, tanto da formação de psicanalistas quanto da prática da psicanálise em âmbito mundial, levou a cições¹. Quanto à exigência da IPA do diploma de Medicina, Freud se posicionou desfavoravelmente, reafirmando não se tratar de uma questão de diploma, senão da experimentação do próprio Inconsciente do analista em análise, além dos conhecimentos teóricos para o exercício da Psicanálise (GUERINI & COSTA, 2019, p. 15). A recusa da IPA da chamada “análise leiga” tenderia a transformar os psicanalistas em “especialistas executores” em atuação coadjuvante aos médicos, o que foi apontado por Lacan, conforme observaram Guerini e Costa. Também, os psicanalistas norte-americanos ligados à IPA criticaram a noção de “pulsão de morte”, o que representava, segundo Guerini e Costa, a negação da Psicanálise em si (*ibidem*).

¹ a International Psychoanalysis Association — IPA surge no II Congresso de Psicanálise, acontecido em Nuremberg em 1910, Jung, já rompido com Freud, será o primeiro presidente da IPA e Otto Rank secretário. De acordo com Guerini e Costa, eram um católico e um ariano para desdizerem que a Psicanálise fosse uma ciência judaica (GUERINI & COSTA, 2019, p. 14).

A transmissão da Psicanálise e o seu ensino em universidades é outro tema recorrente. A questão paira, ao menos, na diferença entre o estudo “sobre a psicanálise” e a “prática” na formação do analista. A IPA vedava a formação de psicólogos psicanalistas e Ana Cristina Figueiredo (FIGUEIREDO, 2008) nos conta como a Pontifícia Universidade Católica no Rio de Janeiro, na década de 1960, buscou formar “profissionais psicanalíticos” que, no entanto, não eram reconhecidos como psicanalistas naquela época. Na atualidade, a transmissão em Psicanálise é acessada por todos os interessados com formações em diversas áreas e disciplinas².

De quantas críticas ou questionamentos — as sacudidas — tenham sido dirigidos à Psicanálise, a Freud, aos discípulos e aos antagonistas de Freud e, também, a outros psicanalistas e teóricos, não teremos em conta aqui. Porém, como no lema, elas teriam sido insuficientemente capazes de aplacar a Psicanálise até os dias atuais. Essas mesmas questões — as divergências, as apropriações escusas e, inclusive os questionamentos quanto ao que é a Psicanálise e qual o seu objeto — alimentaram a própria Psicanálise, especialmente depois de 1909, se pudermos entender a conferência de Freud nos Estados Unidos como um marco simbólico da territorialização da Psicanálise para além de Viena.

Nas décadas de 1920 e de 1930, enquanto no âmbito internacional e sob diversos aspectos, a Psicanálise estava em gestação-aprimoramento por parte de Freud e dos seus seguidores e antagonistas, no Brasil, a Psicanálise será apropriada por toda uma geração de psiquiatras, entre as décadas de 1910 e 1940, segundo Rafael Dias de Castro, em tentativas de respostas à identidade nacional (CASTRO, 2015, p. 1453). É em meio a essa gestação que a Psicanálise começa a ser difundida e tem disseminada a sua prática em terras brasileiras no eixo Rio de Janeiro—São Paulo, em uma época, como observei em outra parte (URSINI, 2000), quando o imaginário civilizado expresso nas páginas d’**O Cruzeiro** titubeava entre a França e os Estados Unidos, entre o *flanêur* e o *sportsman* em um Brasil recém-saído formalmente do período da escravidão e mergulhado nas ideias de eugenia e

de modernização, com a dura fórmula de que tais ideias seriam interdependentes.

Este artigo aborda um período subsequente ao início dos estudos em Psicanálise e de Freud no Brasil, após a publicação, no Brasil, da primeira dissertação sobre Psicanálise em 1914, de Genserico de Souza Pinto. O objetivo deste artigo é trazer um olhar acerca da circulação de algumas noções da Psicanálise por meio de duas das revistas periódicas mais proeminentes naquele período no Brasil, a revista **O Cruzeiro** e a **Revista da Semana**, com a finalidade de mostrar que a Psicanálise aparecia de diversas maneiras e em contextos variados para um público ampliado nas páginas das revistas, enquanto era difundida em círculos restritos ao meio acadêmico.

Para tanto, foram consultados os acervos digitais das revistas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana**³ disponíveis na hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro como uma maneira de demonstrar a amplitude de assuntos aos quais o tem Para olhar o assunto da Psicanálise nas revistas, é necessário um esforço diferente: não se discutirá a análise leiga praticada por profissionais que não eram médicos, mas se tratará de um público amplo que toma contato com o assunto da Psicanálise nas páginas das revistas.

² Na página da Sociedade Brasileira de Psicanálise—SBP, na Rede Mundial de Computadores, para a formação em Psicanálise consta que: a “formação psicanalítica é oferecida a médicos e psicólogos graduados, registrados nos respectivos Conselhos Regionais” e a “aceitação de profissionais graduados em outras áreas do conhecimento humano ficará a critério da Comissão de Ensino” (em <https://www.sbbsp.org.br/formacao-psicanalitica/formacao/#conteudo>, acessado em 05/01/2022).

³ Utilizei o termo de busca “psychanalyse” para ampliar as buscas além das menções exclusivamente a Freud e discípulos ou críticos (que o sistema lê, também, como “frevo”). De forma que o material analisado traz as vezes em que a Psicanálise aparece referida, mas não todas as ocasiões em que tenha bordada ou mesmo aludida nas páginas das revistas.

Quem eram esses leitores e leitoras? Os resultados imediatos são o vislumbre de outros atores, autores a falarem de Psicanálise e as noções de Psicanálise impressas e divulgadas nas revistas tendo como um primeiro — e benéfico, — efeito o distanciamento da imagem da Psicanálise do “tratamento de loucos”.

1 Psicanálise e seu campo nas suas primeiras décadas no Brasil

Se pudermos indicar o ano de 1914 — com a publicação da dissertação em Medicina intitulada **Da Psicoanalise: a sexualidade das nevroses** (1914), do cearense Genserico de Souza Pinto — como uma data para a instauração do campo da Psicanálise no País, não poderemos desconsiderar os esforços coletivos anteriores que o engendraram.

Em 1899, no Brasil, os artigos de Freud são citados em conferências pela primeira vez por Juliano Moreira (1872-1933), negro e fundador da disciplina psiquiátrica no Brasil, o qual era professor na Faculdade de Medicina da Bahia (JACOBINA, 2014; CARRARA, 1996). Entre os precursores e pioneiros⁴ da Psicanálise no Brasil estão: o citado Juliano Moreira (Salvador e Rio de Janeiro), médico; Genserico de Souza Pinto (Ceará), médico, autor da já mencionada acima dissertação em 1914; Francisco Franco da Rocha⁵ (São Paulo), médico e autor da obra **A doutrina pansexualista de Freud**, 1920; João César de Castro⁶ (Rio Grande do Sul), com a tese **Concepção freudiana das psico-nevroses**, 1924⁷; Durval Bellegarde Marcondes (São Paulo), psiquiatra e psicanalista, formado pela Faculdade de Medicina de São Paulo, viveu entre 1899 e 1981; Júlio Pires Porto Carrero, médico-militar, estudioso do alemão e inicia a clínica, no ano de 1923, em Psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental (OLIVEIRA, 2002; SALIM, 2010; CARRARA, 1996, p. 161); Nise da Silveira, alagoana nascida em Maceió em 1905, estudou na Bahia e foi médica psiquiatra com trajetória marcada pelo “franco desacordo com o modo como eram tratados os esquizofrênicos asilados”, foi ela “uma inovadora nas técnicas de devolver a palavra aos 'loucos', de escutar a sua fala, de oferecer-

lhes uma outra linguagem na qual se expressar - a das imagens” (CORRÊA, 2000); Arthur Ramos, referendado pela escola da Bahia, foi médico psiquiatra, antropólogo e folclorista, nascido em Pilar, no Estado de Alagoas em 1903, esteve interessado em estudar a loucura a partir da Psicanálise. Ligado à a Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia. Arthur Ramos, em 1929, propôs a orientação das discussões naquela Sociedade para o controle “dos assuntos referentes à Psicanálise”, o que fez daquela Sociedade a “representante oficial da Psicanálise junto à SBP” (ME-NEZES, 2014, p. 92).

A Sociedade Brasileira de Psicanálise—SBP foi fundada, em São Paulo em 24 de outubro de 1927, por Franco da Rocha e Durval Marcondes e foi a primeira sociedade psicanalítica na América Latina (JUNQUEIRA FILHO, 2000), tendo como seu presidente Francisco Franco da Rocha e como secretário

⁴ Sebastião Abrão Salim (SALIM, 2010) faz a diferenciação entre *pioneiros* e *precursores* da Psicanálise no Brasil: os pioneiros interessados, logo de início no seu percurso, pela prática clínica e os precursores pelas questões teóricas (*idem*). Entendo que essa distinção entre os esforços prático e teórico, identificada por Salim, se possa referir ao início da história da Psicanálise no Brasil.

⁵ Franco da Rocha era psiquiatra e nunca exerceu a Psicanálise. Com Durval Marcondes, fundou a primeira sociedade psicanalítica brasileira, a Sociedade Brasileira de Psicanálise —SBP, em São Paulo. Franco da Rocha escreveu **O pansexualismo na doutrina de Freud**, Typografia Brasil de Rotschild que, publicado em 1920, teve grande sucesso (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 664).

⁶ João César de Castro e Martim Gomes foram precursores da Psicanálise em Porto Alegre, cujo movimento foi simultâneo ao Rio de Janeiro e a São Paulo, de acordo com Salim (SALIM, 2010), tendo os pioneiros se formado na Associação Psicanalítica Argentina.

⁷ Foram essas três as primeiras publicações acadêmicas, com base nas teorias de Freud, sem repercussão expressiva no meio acadêmico ou cultural (SALIM, 2010).

Durval Marcondes; todos os discípulos de Juliano Moreira se tornaram membros da SBP (SALIM, 2010, p. 3). Para a fundação da SBP, Durval Marcondes reuniu médicos, artistas, educadores, escritores. Entre os nomes estavam: Franco da Rocha, que havia sido professor de Marcondes, Pedro de Alcântara Machado e Menotti Del Picchia. Em 1951, a SBP foi Marcondes, Pedro de Alcântara Machado e Menotti Del Picchia. Em 1951, a SBP foi cancelada pela International Psychoanalytic Association—IPA (MENEZES, 2014, p. 92).

Nesse período de instauração do campo da Psicanálise no Brasil e da sua institucionalização, a Psicanálise andou próxima ou a partir da Psiquiatria e, de qualquer maneira, havia alguma confusão entre ambas que, depois, se dissipou; além do discurso higienista que imbuía a Psicanálise no Brasil naquele período (COUTO & SILVA, 2018, p. 3). O método psicanalítico, entre as décadas de 1920 e 1930, era utilizado “como mais um entre as técnicas de tratamento da psiquiatria”, observa Maria Odete Menezes (MENEZES, 2014). As intervenções no corpo dos pacientes (choques insulínicos e cardiazólicos, eletroconvulsoterapia) estavam na base da terapêutica da Psiquiatria com a relação médico-paciente ancorada na contenção e no asilamento. Já na Psicanálise, em contrário, a base terapêutica era a própria relação médico-paciente. Diversos médicos psiquiatras, como Arthur Ramos, sugeriram a aplicação de ambas as técnicas (a laborterapia, a endocrinoterapia e a choqueterapia juntamente com a Psicanálise) “enquanto buscavam uma compreensão e aplicação do método psicanalítico” (MENEZES, 2014, p. 95). Resta que a maior parte dos praticantes da Psicanálise, os médicos, não se submetiam à análise naquela época.

Afrânio Peixoto⁸, em 1918, introduziu as teses de Freud no seu curso de psiquiatria médico-legal ministrado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Porém, o fez a partir de autores franceses, divulgando a Psicanálise em seus próprios estudos sem incorporá-la de todo nas suas clínicas, como o fazia a maior parte dos médicos que se aproximaram das teorias de Freud

(OLIVEIRA, 2002, p. 138)⁹. Tanto o estudo da Psicanálise pelo viés francês quanto o pouco conhecimento do alemão, no Brasil, foram apontados respectivamente por Medeiros de Albuquerque, em 1922, e por Franco da Rocha, em 1920, como obstáculos à difusão da Psicanálise no Brasil (OLIVEIRA, 2002, pp. 137-138).

⁸ Afrânio Peixoto (1876-1947), se formou na Faculdade de Medicina da Bahia, foi discípulo de Raimundo Nina Rodrigues. No Rio de Janeiro, trabalhou no Hospital Nacional de Alienados com Juliano Moreira e, também, participou da Liga Brasileira de Higiene Mental.

⁹ Figueiredo, na observação da discrepância entre a divulgação das teorias de Freud em estudos e a sua não adoção nas clínicas por parte dos estudiosos, se apoia em Jane Russo (RUSSO, 1998).

¹⁰ Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque) viveu entre 1867 e 1934. Em 1924, publicou **Os testes**, em 1926, **O hipnotismo**, do que era adepto e divulgador, publicando artigos no **Journal de Psychologie Normale et Pathologique**. Recife, estudou em Portugal e, retornado ao Brasil, estudou com Emilio Goeldi e Silvio Romero; foi literato, professor, jornalista e diretor de vários jornais, foi deputado federal, ocupou a cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, autor da primeira reforma ortográfica da língua portuguesa no Brasil e autor do **Hino da República**. Interessado em Psicologia, fundou o primeiro laboratório de Psicologia experimental no país (BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d.).

¹¹ Uma primeira tentativa fora feita em 1926 com a publicação de algumas páginas, por iniciativa do médico Iago Pimentel, n^o **A Revista** (BOTMANN, 2013, p. 159). Fundada por Carlos Drummond, Emílio Moura, Francisco Mastins de Almeida e Gregoriano Canedo; com a direção de Francisco Martins de Almeida e Drummond; e entre redatores e colaboradores: Pedro Nava, Emílio Moura, Gregoriano Canedo, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, João Alphonsus, Abgar Renault, Ronald de Carvalho e outros. Era editada em Belo Horizonte e não ultrapassou a três números, sendo o último número em janeiro de 1926, onde consta “Sobre a Psycho-analyse, S. Freud”.

A questão do idioma não se restringia somente ao maior ou menor acesso à teoria freudiana no original em alemão. A língua francesa, mais acessível, trazia o enviesamento francês que rechaçava o pansexualismo de Freud e a palavra “pansexualismo” possuía um sentido negativo na Europa, ao passo que no Brasil não (PLOTKIN, 2009, p. 67). Julio Pires Porto Carrero, em correspondência a Arthur Ramos, em 3 de janeiro de 1932, procura acertar a tradução dos termos psicanalíticos na obra de Freud com a finalidade de estatizar tais termos na SBP para o segundo número da **Revista Brasileira de Psychanalyse – Órgão da Sociedade Brasileira de Psychanalyse**¹², que não chegou a ser publicado:

Devo dizer-lhe com franqueza que me repugna muito o “transferir”, pois que “transferência” traduz bem “Übertragung”. Outro termo, que na nossa nomenclatura recebeu tradução diversa da que a psicanálise emprega, é “trieb”. Traduzimo-la por “impulso”. O francês possui apenas “impulsion” e “poussé”, aquela já empregada para significar a impulsão mórbida dos neuróticos coactos [neurose obsessiva], esta com o significado de “surto” ou “empuxo”; essa é a razão, parece-me, por que adotaram os franceses o neologismo “pulsion”; quanto a nós, porém, não estamos nesse impasse: de “treiben”, impeliu, “triebe”, impulso. Evidentemente, traduzir por instinto seria imprudente. Não sei se lhe agradará a nomenclatura da Sociedade; gostaria de ter o seu juízo. (Porto Carrero em carta a Arthur Ramos, 03/01/1932); transcrito em Rafael Dias de Castro (CASTRO, 2015, p. 1457).

Antes, em 1914, havia sido publicado o primeiro livro sobre Psicanálise na França e a partir dele muito dos interessados em Psicanálise tomaram contato com os conceitos de Freud. Intitulado **La psychoanalyse des névroses et des psychoses**, de Angelo Hesnard e Emmanuel Régis, com a tradução para o português publicada em 1923 — antes da tradução das **Cinco lições...** —, a obra apontava para uma latinização da Psicanálise em detrimento das doutrinas germânicas (*ibidem*). No Brasil, segundo Plotkin, os médicos foram mais receptivos e, em contrário aos médicos argentinos, o tema da sexualidade recebeu relevo

porque a Psicanálise substituíra, de alguma maneira, outras teorias que possuíam a sexualidade em seu centro; dito de outra forma, “los brasileños enfatizaban lo que los argentinos reprimían” (PLOTKIN, 2009, p. 67).

2 Novidade e mudança

O Movimento Modernista de 1922 se voltava para um nacionalismo “de raiz”, valorizando a língua falada, a gente e os costumes no Brasil, moderno e tradicional poderiam estar misturados.

Sendo as revistas, os folhetins e os jornais os únicos meio de comunicação e o rádio surgindo em 1922, temos que o público leitor, como apontou Souza (SOUZA, 2006), contava com a mídia impressa e o alcance da circulação dos impressos definiria o público leitor, dentre os quais, aqueles que soubesse ler. A abundância de fotografias nas revistas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana**, na voga da fotorreportagem à época, pode ter ampliado o público das revistas, como indicou Ursini para **O Cruzeiro**. Pelas páginas **d'O Cruzeiro**,

¹² O primeiro número da revista brasileira de psicanálise data de junho de 1928 e foi uma iniciativa de Durval Marcondes, cujo sumário contém: Junho de 1928 - “A psicologia de Freud”, por Franco da Rocha; “Os mitos e lendas na loucura”, Franco da Rocha; “Os nossos medos secretos”, J. Ralph; “O caráter do escolar segundo a psicanálise”, Júlio Pires Porto Carrero; “Um ‘sonho de exame’. Considerações sobre a ‘Casa de Pensão’ de Aluizio Azevedo”; “Brutos. Considerações psicanalíticas em torno de um facto histórico”; e “Noticiário”. A finalidade da publicação era a de difundir a Psicanálise no meio intelectual e um segundo número chegou a ser gestado, mas não publicado. De acordo com Marfinati e Abrão, após a única edição da revista em 1928; a sua edição voltou a acontecer em 1967 e, em 1975, a Sociedade Brasileira de Psicanálise—SBP de São Paulo passou os direitos da revista para a Associação Brasileira de Psicanálise—ABP para fins de divulgação e sendo publicada até a atualidade (MARFINATI & ABRÃO, 2021).

a narrativa era a recomendação de que o tradicional-velho deveria ser abandonado, ao mesmo tempo em que reafirma os valores morais tradicionais de forma sistemática (URSINI, 2000).

A revista **O Cruzeiro**, quando surge em 1928, se anuncia como nova, embora não seja tão diferente da **Revista da Semana**, editada desde 1901, as olhando de longe na distância dos anos e, também. **O Cruzeiro** explorou os hábitos da gente do Rio e, talvez, a novidade d'**O Cruzeiro** estivesse no contraste que os leitores pudessem estabelecer entre a vida da gente do Rio estampada naquelas revistas e as suas próprias. Ao menos **O Cruzeiro**, que trazia a novidade do corpo à mostra nas praias e o hábito de se frequentar praias, que antes eram frequentadas para banhos terapêuticos ou pelos “capoeiras” em prática ilícita de jogarem a capoeira, poderia estabelecer algum contraste com o leitor mesmo que ele vivesse no Rio de Janeiro, pois o que a revista pretendia trazer foi a novidade dos costumes, como se sua mudança fosse inevitável junto com o crescimento das cidades, em especial o Rio de Janeiro e São Paulo, com os “edifícios” e os “arranha-céus” que de seis passam a doze andares ou mais, como o Edifício Martinelli¹³ inaugurado em São Paulo em 1929; a arquitetura do “cimento armado” e uma verdadeira celebração da urbes e dos seus equipamentos estão entre as novidades trazidas n'**O Cruzeiro** (URSINI, 2000). Ambas as revistas levam os assunto do Rio de Janeiro em suas páginas. A **Revista da Semana** circulava no Rio de Janeiro, já o **O Cruzeiro**, onde conseguisse chegar na sua circulação nacional.

Na cena política, a mudança era contra a oligarquia em proveito de um Estado moderno, capaz de desenvolver suas forças produtivas. Getúlio Vargas assume o poder por meio do golpe em 1930, o seu Governo Provisório, até a Constituição de 1934, já trazia as preocupações com alguns dos princípios da Administração Pública tidos na atualidade¹⁴: a eficiência, a economicidade e a impessoalidade. Outras medidas foram continuadas na Constituição de 1937 no sentido do mérito do agente público com o bojetivo do mérito da técnica sobre as motivações políticas de cará-

ter e inrteresses privados. O Estado transitou de uma política oligárquica para autoritária no período de 1930 a 1940 com Vargas, a Administração Pública passou do patrimonialismo para se tornar burocrática inspirada em princípios weberianos, a sociedade passou de mercantil-senhorial para começar a se tornar capitalista-industrial, segundo classificação de Bresser-Pereira. Nada foi tão simples ou bem-sucedido: a inspiração em Max Weber desconsiderava o caráter tradicional e patrimonial do Estado brasileiro; a reforma burocrática, em 1936, foi tardia e já era urgente a reforma gerencial, só tornada possível mais recentemente com a democracia mais tarce, já em tempos de globalização (BRESSER-PEREIRA, 2001).

A Psicanálise abordada nas páginas das revistas compõe esse clima que se pretendeu de novidade para tão logo nela ser vislumbra-da alguma tentativa de controle sobre a moral, os costumes e índoles confundidas com institnto.

3 Nas páginas d'O Cruzeiro e da Revista da Semana

A **Revista da Semana** circulou entre 1900 e 1959¹⁵. Nos seus primeiros anos, a revista era dedicada à figura masculina e, em 1915 — depois de ser vendida a três compradores,¹⁶

¹³ Planejado com doze andares e inaugurado em 1929, na cidade de São Paulo, depois, continuou a ser elevado a trinta andares.

¹⁴ No artigo 37 da Constituição Federal de 1988, vigente, e no artigo 2º da Lei nº 9.784 de 1999.

¹⁵ Fundada por Álvaro de Tefé, as primeiras edições traziam logo acima do título o que o leitor encontrava em seu conteúdo: “Photographias, vistas instantâneas, desenhos e caricaturas”. Tão logo chegou ao público, em 20 de maio de 1900, a **Revista da Semana** foi vendida ao Jornal do Brasil com a ajuda de Medeiros e Albuquerque e Raul Pederneiras, de acordo com Nelson Werneck Sodré (SODRÉ, 1999, p. 297).

¹⁶ Em 1915, foi vendida a Carlos Malheiro Dias, Artur Brandão e Aureliano Machado (SODRÉ, 1999, p. 297).

entre eles Carlos Malheiro Dias quem, mais tarde, fundou a revista **O Cruzeiro** (URSINI, 2000) —, passou a trazer a imagem feminina. A mudança editorial migra dos políticos, cientistas, criminosos, médicos para as atrizes, o riso, a educação, a higiene, a saúde, os conselhos, a amabilidade, a “moça moderna”, o casamento e toda uma sorte de temas repousados nas mulheres como se fossem intrínsecos a elas¹⁷. A revista contou com diversos colaboradores renomados¹⁸ que, da mesma forma como se passou com **O Cruzeiro**, a referendavam.

O Cruzeiro circulou até 1989 chegando ao público em 10 de novembro de 1928, quando se autopronunciava “a mais moderna revista brasileira”, por causa das máquinas utilizadas na sua impressão, no uso de cores (uma página de cada cor: verde, azul, sépia) e a sua circulação nacional¹⁹. Com publicação semanal, **O Cruzeiro** surge em uma época quando uma elite se sentia representada no discurso médico-sanitarista ao mesmo tempo em que uma população pobre passou a ser vista como perigo para a “boa sociedade”. Os “perigos” tinham nomes: eram “a sífilis, o dos prazeres do sexo, o das epidemias, o da degeneração da raça — leia-se: dos brancos — e com ela a degeneração da civilização”. Nesse jogo de forças desiguais, porque mesclados às políticas públicas, o próprio discurso médico-sanitarista pleiteou se estabelecer e transportou os problemas de ordem social ou jurídica para a ordem médica. Ou seja, “desordem social e patologia clínica estavam sendo pensadas juntas” (URSINI, 2000, pp. 30-31).

Os trechos destacados das duas revistas e aqui reunidos, a seguir, podem dar a impressão de que o assunto “Psicanálise” tomasse a cena nas páginas de ambas as revistas, o que não é verdade, pois são poucas as ocorrências relacionadas à Psicanálise²⁰. Trazer os trechos das revistas, com algum fôlego, para este artigo tem as finalidades de mostrar para a leitora e para o leitor como as ideias associadas à Psicanálise apareceram naquelas revistas e, também, de dar a chance aos leitores de discordarem das minhas observações.

3.1 O Cruzeiro

1929

A revista **O Cruzeiro** (na época chamada apenas “Cruzeiro”) publicou, na edição de 20 de abril de 1929, o registro feito por Menotti Del Picchia da homenagem ao palhaço Piolin sob o título “Piolin Moqueado: homenagem dos artistas de São Paulo ao creador de um gênero artístico”. O almoço aconteceu em São Paulo, nas dependências do Mappin Stores, a loja de departamentos fundada em 1913 no Brasil (porém, era inglesa existindo desde o

¹⁷ Eliza Bachega Casadei (CASADEI, 1980) traz uma análise e, também, uma estatística da presença dos temas e das imagens feminina e masculina na **Revista da Semana**.

¹⁸ Destaco, dentre os apoiadores da revista, Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque) viveu entre 1867 e 1934. Em 1924, publicou Os testes, em 1926, O hipnotismo, do que era adepto e divulgador, publicando artigos no **Journal de Psychologie Normale et Pathologique**. Recife, estudou em Portugal e, retornado ao Rio de Janeiro, estudou com Emilio Goe ldi e Silvio Romero; foi literato, professor, jornalista e diretor de vários jornais, foi deputado federal, ocupou a cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, autor da primeira reforma ortográfica da língua portuguesa no Brasil e autor do Hino da República. Foi vice-diretor do Ginásio Nacional (antigo Colégio Pedro II, assim renomeado pela nova República) nomeado por Benjamin Constant. Interessado em Psicologia, fundou o primeiro laboratório de Psicologia experimental no país (BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d.).

¹⁹ Deve-se ter em mente que a navegação era quase de cabotagem à época e que as estradas não estavam ramificadas (URSINI, 2000). Desconheço a logística da distribuição da revista, o que seria uma interessante pesquisa.

²⁰ Na pesquisa estatística no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde as edições das revistas foram pesquisadas, traz ao longo do período de existência da Revista da Semana, por exemplo, 41 ocorrências para a palavra “psychanalyse” — e destas, 24 ocorrem na década de 1920 — ao passo que para as palavras aleatoriamente escolhidas, a ocorrência é maior: “deputado”, 3.671 ocorrências e “beterraba”, 97; na revista **O Cruzeiro** o mesmo acontece.

século XVIII), com salão de chá, e que era o ponto de encontro das senhoras da sociedade das famílias dos barões do café. Piolin (Abelardo Pinto, que viveu entre 1897 e 1973), foi apontado pelos artistas modernistas como o criador de um gênero artístico e a ocasião foi uma homenagem dos artistas ligados ao Movimento Antropofágico inaugurado em 1928, cujo propósito era canibalizar a arte eurocentrada e dela retirar o que prestasse. No texto publicado n’**O Cruzeiro**, de autoria de Menotti Del Picchia, estão mencionados alguns dos presentes no almoço: Tarcila do Amaral; Anita Malfatti; as esposas de Silva Telles, de Guilherme de Almeida e de Benjamin Péret²¹, este último mais tarde expulso por Getúlio Vargas em 1931. Entre outros presentes estava Antonietta Rudge²², quem organizara a homenagem a Piolin e ao seu encarnador Abelardo Pinto.

Sem “seita, preconceito ou snobismo”, escreveu Del Picchia²³ naquela edição d’**O Cruzeiro**, “o circo é matriz ingenua e limpa da arte scenica” e nele “há instinto e o instinto — mesmo que não tivesse em moda Freud — é a verdade nua e crua da alma humana”. Nessa brevíssima alusão ao Inconsciente em analogia a uma verdade radical, Menotti Del Picchia descreve Piolin alinhado à arte brasileira; esta que, “procurando suas verdades mais recondidas, deixa de ser um totem nas mãos das falsas ‘élites’ para aderir à indole exacta do nosso povo”. Diante do espetáculo de se ter Piolin, o personagem de artes mais democráticas, Menotti Del Picchia exorta os “caciques do pensamento paulista” a fazerem “a psycho-analyse publica desse recalcamiento colectivo da admiração e do gozo espiritual”. Ao que parece, esse convite crítico pode ser interpretado dirigido, também (talvez, principalmente), aos presentes naquela ocasião de origem de famílias com tradição política e econômica, o próprio espaço do Mappin como ponto de encontro da elite que se criticava e, também, alguns dos integrantes do movimento modernista que tinham origens na elite cafeeira.

A capa d’**O Cruzeiro** daquela mesma edição de 20 de abril de 1929 d’**O Cruzeiro** é da Miss Brasil, Olga Bergamini de Sá, em pastel de Carlos Chambelland. Na seção “Dona na

Sociedade”, o texto “A proclamação de ‘Miss Brasil’” traz algumas impressões acerca do concurso de Miss Brasil acontecido no estádio do Fluminense, no Rio de Janeiro, entre as quais, a observação do doutor Carneiro Aryosa, apontado “especialista em Psychanalyse” e que teria dito ele: “Eu acho que deviam ter collocado o professor Porto Carrero no jury. Porque em Galveston quem decide, depois de tio Sam, é Freud...”.

A referência de Aryosa a Porto Carrero provavelmente se deveu à proximidade entre ambos que encabeçavam as atividades da sede da SBP no Rio de Janeiro desde

²¹ Benjamin Péret (1899-1959) era poeta francês que viveu no Brasil.

²² Pianista renomada, Antonietta Rudge (1885-1974) era esposa de Charles Miller, quem introduziu o futebol no Brasil, e viveu com Menotti Del Picchia a partir de 1934 até o falecimento dela (DACORSO & NOGUEIRA, 2011).

²³ Paulo Menotti Del Picchia (1892-1988), paulista, advogado, ensaísta, pintor e ativo participante da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo entre 13 e 18 de fevereiro de 1922. Entre os anos de 1920 e 1940 dirigiu o jornal *A Noite* (1911-1957) e a revista quinzenal *A Cigarra*, foi vencedor do Prêmio Jabuti com a obra literária *Juca Mulato* (1917). As vertentes do modernismo com o manifesto do Pau-Brasil e o Manifesto Antropofágico praticaram o nacionalismo crítico sob o comando de Oswald de Andrade; o Manifesto do Verde-Amarelismo (ou da Escola da Anta), que “traz sementes do nacionalismo fascista” e tem o comando de Plínio Salgado e dele participam Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo. A ambiguidade de filiação política — o Modernismo de orientação a promover rupturas no status-quo e o Integralismo, marcando a oposição aos movimentos de esquerda e ao capital financeiro

—, o fascínio pelo crescimento da cidade de São Paulo promovido pelo capital, talvez, tenham sido razões

para Del Picchia ter sido “deixado de lado” pelo grupo modernista (DACORSO & NOGUEIRA, 2011).

fevereiro de 1929. Carneiro Aryosa²⁴ havia trabalhado no Hospital de Alienados, entre 1918 e 1922 e, mais tarde, se tornou membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise—SBP—Seção Rio, fundada em 1927 por Porto Carrero e Juliano Moreira como uma “filial” da SBP de São Paulo. Em fevereiro de 1929, foi acordado²⁵ que a sede da SBP estaria no Rio de Janeiro e não mais em São Paulo, onde ficaria “o primeiro dos Departamentos Estaduaes desta” (PORTO CARRERO, [1929] 2002, p. 156).

A menção a Galveston (Texas, Estados Unidos) é a referência ao concurso internacional de Miss. No Brasil, havia o concurso de Miss Brasil criado e organizado pelo jornal **A Noite**, e em 1929, foi a primeira vez que uma representante brasileira, a Miss Brasil, foi para o concurso internacional em Galveston: Olga Bergamini de Sá, carioca, Miss Brasil-1929, não ficou entre as dez candidatas classificadas. Escreveu a Iracema, que assinava a seção “Cartas de Mulher”, n’**O Cruzeiro** em 22 de junho de 1929: “O que a cidade de Nova York viu desembarcar pelo braço do Consul do Brasil não foi uma vaidosa mulher bonita, mas sim uma recatada moça de família, graciosa e quase tímida” e o texto segue para trocadilhos da “honra da beleza” e “a beleza da honra”. Antes, em “Miss Brasil”, symbolo nacional” publicado na edição de 27 de abril de 1929, Peregrino Junior²⁶ escreveu que “desde a escola nos ensinam systematicamente exageros encantadores: que o Brasil é o país mais bello, mais forte, mais rico e maior do mundo”, e continuou: “a gente cresce com essas idéas no sub-consciente” e que, por isso, acreditaríamos ser a mulher mais bela do mundo a miss e que a ida dela a Galveston teria, portanto, “uma significação nacional” e “a Patria na berlinda”.

Na seção “Cinelandia”, da revista **O Cruzeiro**, a atriz alemã Brigitte Hehn é elogiada pela atuação no filme “Crisis”, de Pabst, com o seguinte comentário: uma “pellicula de psychologia moderna, que explica a infidelidade feminina, de accordo com as teorias de Freud”.

“Um homem inchoerente”, um conto “especial para *Cruzeiro*”, publicado em 18 de maio de 1929 (pp. 26, 27, 39), conta a história

de um rapaz que possui uma doença e que resiste bravamente às tentativas de penetrarem-lhe no Inconsciente porque é ele mesmo médico e reconheceu o método quando quise-ram-lhe aplicar “o maravilhoso tratamento preconizado por Freud: a psychanalyse”. Estranhamente o tratamento aparece, nesse conto, sem que seja, estabelecidos os termos com o paciente e, porconsequinte, a concordância deste. Os contos eram comuns na revista e, longos, ultrapassavam páginas. Esse conto, em particular, é de autoria de Elias Davidovich (1908-1998)²⁷, russo naturalizado brasileiro, médico e tradutor que fez parte do grupo organizado por Porto Carrero²⁸ para traduzir Freud diretamente do alemão. Faziam parte do grupo: Moysés Gikovate e Odilon Gallotti além de Porto Carrero e de Elias Davidovich.

Desde o primeiro número da revista **O Cruzeiro**, a seção “Carta de Mulher”, trazia o embate entre o o tradicional e o moderno, o campo e a cidade onde uma tia da roça e a uma moça moderna encenavam o velho e o novo. O jazz, o tango e o maxixe, o cabelo cortado curto, a boca pintada de

²⁴ Carneiro Ayrosa atuou na Neurologia, Psiquiatria e Psicanálise (PORTO CARRERO, [1929] 2002)

²⁵ Acordado entre: Juliano Moreira, Murillo de Campos, Deodato, Carneiro Ayrosa, Durval Marcondes, Osorio Cesar e Porto Carrero (PORTO CARRERO, [1929] 2002).

²⁶ **João Peregrino da Rocha Fagundes Junior** (1898-1983), de Natal, Rio Grande do Norte, jornalista e médico, se tornou membro da Academia Brasileira de Letras—ABL em 1945 (vide site da ABL).

²⁷ Ilustrado por Carlos Chambelland (1884-1950), pintor, decorador trabalhando para o governo em trabalhos de decoração e em Pernambuco, entre 1912 e 1915, estuda os costumes locais e o seu interesse é despertado no que acredita estar ali mantida a cultura intacta tipicamente regional (ITAÚ, 2015).

organizado por Porto Carrero²⁸ para traduzir Freud diretamente do alemão. Faziam parte do grupo: Moysés Gikovate e Odilon Gallotti além de Porto Carrero e de Elias Davidovich.

batom vermelho e o cigarro, uma *flapper* norte-americana eram as imagens encarnadas por Lucia, a sobrinha que viva no Rio de Janeiro e a sua antagonista, sua tia. Em 1929, Iracema, a tia, revela que sua sobrinha moderna não existiu, explica que criou a personagem para alertar as mães acerca dos perigos da vida moderna e conta que diversas mães “dos estados” escreveram à Iracema pedindo para cessar de publicar esse “pernicioso exemplo” invejado por “moças que ainda se conservam fieis á antiga disciplina familiar” (URSINI, 2000, p. 62). É possível que nem mesmo Iracema existisse, pois este era o pseudônimo de Carlos Malheiro Dias na seção “Cartas de Mulher”, no plural, na **Revista da Semana** e que circulou entre 1914 e 1918 e em 1928 Carlos Malheiro Dias fundou **O Cruzeiro** (COUTO, 1992). Depois, a seção “Carta de Mulher” n’**O Cruzeiro** deixou de existir e deu lugar a “Carta às mães”, uma seção adaptada dos escritos do “Professor Wilhelm Stekel de Viena”, dirigida à educação dos filhos (URSINI, 2000, p. 64). A adaptação de Stekel²⁹ para **O Cruzeiro** é do Dr. Martinho Rocha Junior, médico com especialização na Faculdade de Berlim e, segundo Anderson Narciso (NARCISO, 2016, p. 109), quem teve a iniciativa de inserir o exame antropológico no ambiente escolar por volta de 1916, com a criação do Gabinete Antropológico em São Paulo, que permitiria identificar os problemas de saúde do aluno e conhecê-lo melhor como prática aliada à inserção do ensino de higiene na escola (NARCISO, 2016, p. 109).

1930

“O novo mundo que se descobriu! Impressionantes phenomenos da Vida Psychica”, texto escrito por De Mattos Pinto³⁰, publicado n’**O Cruzeiro** em 3 de maio de 1930 (p. 15), que traz uma discussão com a Filosofia, a Psicanálise e nela menciona Freud e Jung.

A crítica anônima à aproximação que faz a literatura da Psicanálise aborda a “voga avassaladora dos romances freudianos”, na crônica intitulada “A pathologia no romance”, publicada n’**O Cruzeiro** em 7 de junho de 1930. O texto

afirma que a literatura, tanto o quanto a moda, estão sujeitas a variações, o que o texto diz ser benéfico, e pergunta: “a moda reclama assumptos freudianos?”. A questão abordada no texto é o mercado literário e nele “os romancistas do nosso tempo descobriram na observação clinica um precioso filão” e, também, os editores: “quase sempre o exito do editor, é incomparavelmente maior que o do autor, que, depois de digerir varios manuaes de psichiatria e de psychacanalyse, só consegue fazer rir ou médico em cujas mãos cai por acaso o seu romance”.

1933

A psychologia profunda ou psychanalyse é o título da mais recente, em 1933, obra de Julio Pires Porto Carrero que integra a coleção científica dirigida por Afrânio Peixoto e, também, o título do comentário, de página inteira, à obra de Porto Carrero publicado no frontispício da revista **O Cruzeiro** em 14 de janeiro de 1933. O comentário, assinado por Hernani de Irajá, situa Porto Carrero em relação a Freud e à Psicanálise: “Ninguém poderá hoje em dia falar em psychanalyse no Brasil, sem citar o nome de Julio Porto Carrero”.

O texto apresenta Porto Carrero como um estudioso apaixonado da obra de Freud e que por ter ele assimilado e compreendido “tão bem a doutrina do mestre de Viena (...) temos a impressão de ser a psycha psychanalyse criação de Porto Carrero”.

²⁸ O primeiro livro que publicou era intitulado **Ensaio de psicanálise**, de 1929, cujo objetivo era o de divulgar a doutrina de Freud tanto aos especialistas quanto ao público leigo (BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d.). Porto Carr

ero nunca foi analisado, como todos os fundadores do freudismo no Brasil (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 594).

²⁹ Stekel (1868-1940) era psiquiatra austríaco, um dos primeiros seguidores de Freud e frequentador da Sociedade Psicológica das Quartas-feiras, criada em 1902 e inicialmente, frequentada por Stekel, Federn, Graff e Reitler (CROMBERG, 2010).

³⁰ Jornalista, também, colaborava com o **Jornal da Manhã** (PENJUN, 2020, p. 483).



Detalhe da página d'O Cruzeiro (14/01/1933) com o frontispício trazendo o título; notar o perfil da paisagem no Rio de Janeiro para a revista que se anunciava nacional.

No seu comentário ao livro de Porto Carrero, Hernani de Irajá imagina reações dos leitores comuns que, “meio incréos, meio confiantes” se vão embrenhar “pela symbologia dos sonhos com ares de advinhos ou decifradores de charadas”. O leitor “indigna-se, enraivece-se, diz para os vizinhos: — Isto é uma barbaridade, (...) sem nenhum fundamento!”, completa o comentarista Hernani de Irajá: “Diz tudo isso, mas não larga o livro”. Ao término da leitura do livro, segundo Hernani, pensariam os leitores: “Têm graça esses médicos de hoje!”.

O leigo em psychanalyse escandaliza-se com a leitura explicativa do consciente e inconsciente, da criação da censura e do recalçamento e mais recalçamentos e transferências, para, no auge da admiração, corar de indignação ao topar com os complexos de O edipo e de castração. (Hernani de Irajá em “A psicologia profunda ou psychanalyse”. (**O Cruzeiro**, 14/01/1933).

De forma polifônica, o texto de Hernani de Irajá possui vários endereçamentos. Ao comentar a obra de Porto Carrero, Irajá faz a distinção do pansexualismo de Bleuer, difundido para a Psicanálise a partir de uma crítica de Bleuer a Freud, apontando erro nessa

confusão. Provavelmente, Irajá dialoga com os estudiosos de Psicanálise a partir das obras francesas.

Freud seria um quase gênio por sua sistematização da fenomenologia física e sexual (Irajá não menciona “psíquica”) para um equilíbrio, comenta Irajá, capaz de chegar à gênese das “psychoneuroses, dos impulsos para o crime, a genese do artista, as sublimações”. Aqui entrevemos os empenhos depositados na Psicanálise como uma resposta científica às mazelas sociais que transbordam o Sujeito e que estarão ligados à confiança na Psicanálise para moldar esses mesmos Sujeitos, desde a infância, por meio da educação sexual.

Diz Hernani de Irajá que Freud seria, de fato, gênio se a Psicanálise fosse aplicada “às escolas penais e à sociologia”, equiparando Freud a Einstein, do qual já se devia o leitor ter ouvido antes e, com isso, já oferecendo aos leitores, como que estabelecido, o nível de ciência para a Psicanálise. No texto de Irajá publicado na revista **O Cruzeiro**, os termos “recalçamento”, “psychoneuroses”, “impulsos”, “transferências”, “complexo”, “consciente e inconsciente” corroboram para igualar os assuntos “Psicanálise” e “Ciência”, porque são termos técnicos, ao mesmo tempo em que familiariza o leitor ao vocabulário psicanalítico.

Na edição d'**O Cruzeiro** de 12 de agosto de 1933, é publicada uma série de fotografias: Freud lendo um livro no jardim; Freud com dois dos seus filhos, Jean Martin e Ernest, que eram

tenentes do Exército Austríaco; um retrato de Freud aos sete anos de idade; fotografia da fachada do Instituto Freud em Berlim; a porta de entrada da sua casa com um cartaz do açougue vizinho com o preço da carne logo abaixo da plaqueta onde está escrito “Prof. D. Freud”; um panorama da rua Berggasse em Viena, onde Freud viveu até antes da Segunda Guerra. O arranjo das imagens traz a atmosfera de penetração na intimidade de Freud e o texto, já no seu início, informa que qualquer jornalista que se aproximasse teria a resposta de que ele, Freud, não recebe jornalistas. No entanto, as fotografias são de diversas datas e contextos mesclados em uma colagem e sobreposições que conferem um movimento onde não há: a rua Berggasse parada, Freud recostado lendo um livro e estando praticamente imóvel em quatro “cliques”, Freud apoiado em um banco. A fotografia com os filhos é de 1916, o retrato na idade de sete anos e outro os 76 anos, na ocasião da entrevista realizada pelo jornalista Nicolas Bandy³¹, publicada na revista francesa **Vu** e, depois, reescrita por Victor Perelet para **O Cruzeiro** em 1933.

1934

Em outra edição da revista, o livro **Maria Antonietta**, de Stefan Zweig, é anunciado na seção “Livros novos” d’**O Cruzeiro** em 20 de janeiro de 1934, em uma tradução de Medeiros e Albuquerque³². Zweig correspondia-se com Freud, que leu a obra de Zweig em 1931 e concordara com Zweig acerca da natureza da *sugestão* ainda não estar descoberta (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 510). **Freud** é outra obra de Zweig, que reúne ensaios. Austríaco, Zweig viveu no Brasil³³, foi biógrafo, novelista e romancista dito n’**O Cruzeiro** “discipulo dileto de Freud”.

Também, na seção “Livros Novos”, d’**O Cruzeiro**, em 31 de março de 1934, está anunciada a obra **A Psychanalyse (Theoria sexual de Freud)**, de Angelo Hesnard (1886-1969), postulante de uma Psicanálise cartesiana. A propaganda da obra diz ser ela indispensável porque “permite a formação de um juízo seguro sobre doutrina tão controvertida”. É pela via de uma crítica de Hesnard à obra de Freud que o pansexualismo foi lido e dissemi-

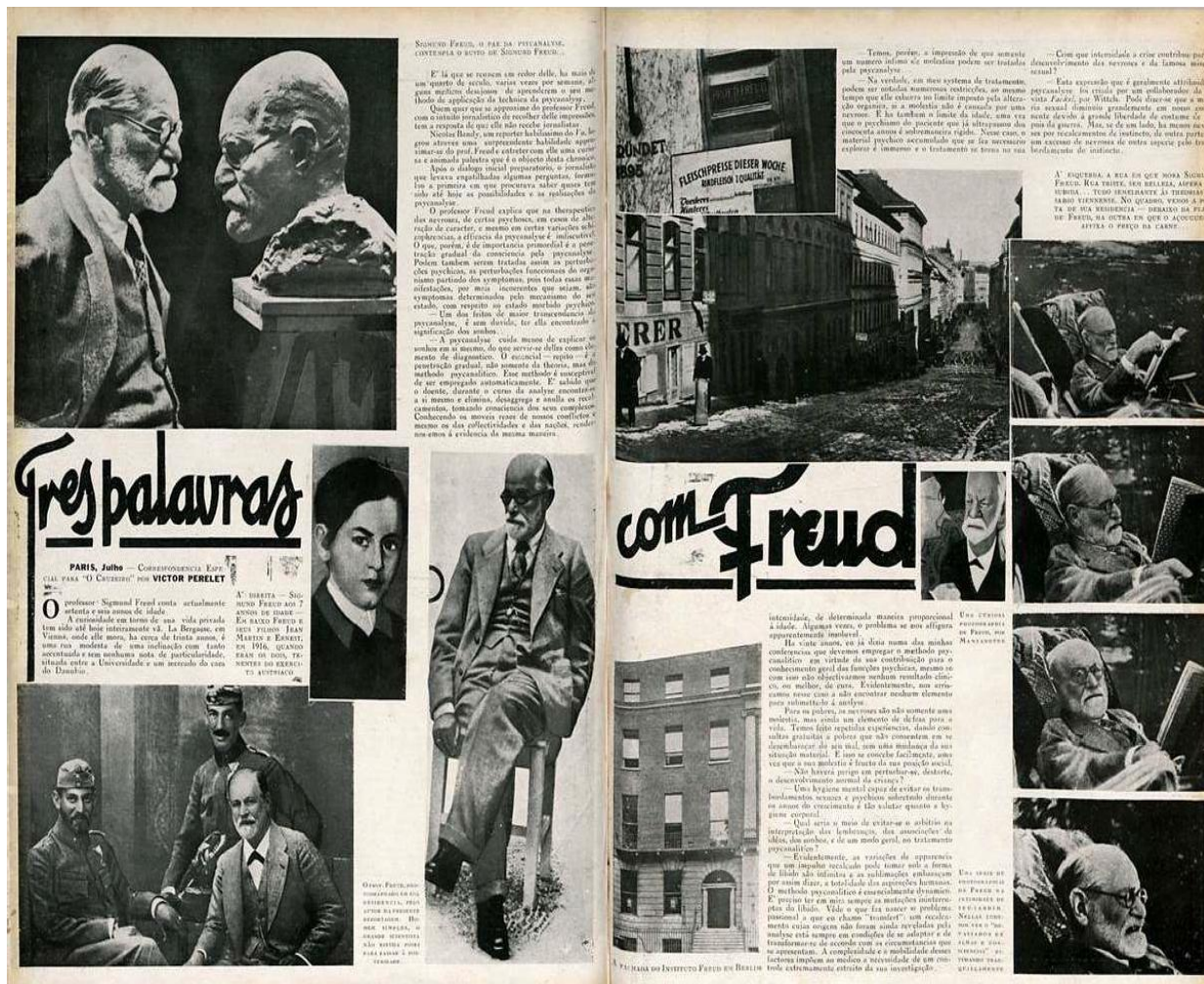
nado para um maior número de leitores no francês que no alemão original de Freud. Havia, segundo Roudinesco e Plon, alguma germanofobia, após a Primeira Guerra, associada à obsessão pelo nacionalismo na França e ao antisemitismo. A ideia era a de “afrancesar” as teorias de Freud moldando-as a um “gênio latino”. Em lugar de ciência com proposições universais, a Psicanálise foi tratada como particularizada como germânica da mesma forma a teoria da relatividade de Einstein (1879-1955) (ROUDINESCO & PLON, 1998, pp. 120, 250), Nobel de Física em 1921. As divergências rebateram na IPA no intuito de “francesar”, também, o vocabulário da Psicanálise, tendo no outro polo das cisões Loewenstein, Marie

Bonaparte e Saussure (idem, p. 251).

³¹ Trata-se do jornalista Nicolas Brandy, da revista francesa **Vu**, especializada em fotojornalismo, em estética e movimentos artísticos, publicada na França entre 21 de março de 1928 e 5 de junho de 1940 (VEIGY & FRIZOT, 2009). **O Cruzeiro**, que se anunciava uma “Revista Semanal Ilustrada”, certamente contou com a **Vu** como inspiração ou mesmo a **Revista da Semana**; pois, a norte-americana **Life** lançou o seu primeiro número em 23 de setembro de 1936.

³² José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934), publicou **Os testes**, em 1926, **O hipnotismo**, do que era adepto e divulgador, publicando artigos no **Journal de Psychologie Normale et Pathologique**. Recife, estudou em Portugal e, retornado ao Brasil, estudou com Emilio Goeldi e Silvio Romero; foi literato, professor, jornalista e diretor de vários jornais, foi deputado federal, ocupou a cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, autor da primeira reforma ortográfica da língua portuguesa no Brasil e autor do **Hino da República**. Interessado em Psicologia, fundou o primeiro laboratório de Psicologia experimental no país (BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d.).

³³ Foi Zweig quem proporcionou o encontro em Viena, o único, em 14 de maio de 1924, entre Freud e Romain Rolland (1866-1944), escritor francês admirado por Freud (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 667). Stefan Zweig (1881-1942), nasceu em Viena e se suicidou juntamente com sua esposa, na casa do casal em Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, deprimido pela ascensão do nazismo na Europa (FIOCRUZ, 2019). A residência em que viveram e onde morreram é hoje aberta ao público.



*Publicação n' **O Cruzeiro** de 12 de agosto de 1933, a partir da fotorreportagem de Nicolas Brandy traduzida da revista francesa **Vu**.*

Na mesma coluna estão anunciadas as obras: **Mulheres e monstros**, de João de Minas; a coletânea de contos **Sino quebrado**, de Alves da Ribeirinha (Antônio Augusto Pousada); **Karl Marx**, de Max Beer; **Pirapora**, de Afonso Schmidt; **O cavalleiro de Itararé**, de Plínio Salgado. Um texto sobre a “russa” Alla Petrowa — soldada do Exército Vermelho de Trabalhadores Camponeses (1918-1946), fundado por Trótski — e a participação das mulheres ladeia a coluna “Livros Novos”; e a página inteira tem entremeados os seguintes anúncios: Opilina, para opilação; Trepargyl, para sífilis e Odol, para o hálito. Na página anterior estão diversas receitas sob o título “O que fazer com o presunto” e na página atrás, fotografias em “Idéas sobre o conforto Moderno” trazem o ambiente da casa iluminado, paredes limpas de quadros.

A sala de leitura possui a janela aos moldes do arquiteto Gregori Warchavchik (1896-1972): perfazendo o canto sem pilastras e amplos vidros e, no caso dessa janela, o canto é arredondado. Warchavchik chegou ao Brasil em 1923, no momento do “desrecalque localista”, depois da Semana de Arte Moderna de 22, quando os polos vanguardistas italiano e francês migram para o polo alemão (LIRA, 2007, pp. 158, 164).

Detalhe de “Idéas sobre o conforto Moderno”;
O Cruzeiro, 31/03/1934.

Ainda, na edição de 31 de março de 1934, os hábitos ou as manias dos artistas de Hollywood são lidos a partir da teoria de Freud, quem é referido como “o mestre-papa em psycho-analyse”. O hábito de lavar as mãos “um desnecessário numero de vezes por dia” demonstra que o indivíduo “o faz assim porque ele sente no seu sub-consciente uma falta de limpeza moral” escreveu Marius Swenderson, apresentado na revista como correspondente “especial de Hollywood para **O Cruzeiro**”, cujo título era “Diz-me teus hábitos...”. O autor menciona não conhecer qualquer ator ou atriz em Hollywood que possua tal hábito, senão o



tamborilar dos dedos enquanto concedem entrevistas e outros tantos hábitos atribuindo-os nominalmente a atores e atrizes da Broadway. A menção A Freud é fortuita, o importante no texto é a atmosfera de proximidade e convivência com atores e estrelas de Hollywood; o cinema e a intimidade dos hollywoodianos eram assunto de grande interesse na revista. Em outras edições d'**O Cruzeiro**, Swenderson continua a relatar episódios seus com atrizes e a se referir a Freud. O detalhe é que “Marius Swenderson” era pseudônimo de Accioly Neto (BONADIO & GUIMARÃES, 2010), diretor d'**O Cruzeiro** naquele período.

“A mulher no lar”, em 5 de maio de 1934 n’**O Cruzeiro**, traz trajes femininos para esportes como o golf, a montaria e o tênis. Há a advertência: “a mulher, em todas as ocasiões da sua vida, não deve esquecer de que é mulher” e emenda que “a masculinidade no sexo feminino, cheira a qualquer coisa de suspeito, que em Medicina tem uma classificação arranjada por Freud”. Sem a explicação do que seria esse arranjo, os leitores podem interpretar como bem entendem e não têm maiores elementos para discordarem ou concordarem da afirmação. Estando disponível, desde pelo menos 1905, em **Um caso de histeria: três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**, a percepção de Freud quanto à escolha de investimento em um objeto de desejo distanciada da causalidade biológica fosse na homossexualidade ou na heterossexualidade.

Em outra edição da revista, os ensaios da peça “Sexo” são objeto de uma reportagem n’**O Cruzeiro** em 27 de outubro de 1934. Diz a redação a revista que a peça “aborda um thema audacioso e de maior actualidade, o da sexualidade em sua em sua função social, á luz das conquistas experimentais de Freud”. A peça, um projeto do Teatro-escola³⁴, era um “empreendimento de cultura artistica que o governo confiou ao escriptor Renato Viana”³⁵.

1937

Um conto policial Quentin Reynolds³⁶ em que o protagonista é “interessado em psychanalyse”. Por entre diálogos, há a afirmação de que, uma vez revelada a importância do inconsciente não se poderá mais “negar o seu verdadeiro papel no psychismo humano”. A explicação sobre os sonhos é feita utilizando-se a imagem do vinho como “o reflexo perfeito das uvas que o produziram; tal como o sonho é reflexo dos pensamentos escondidos no inconsciente”.

— E é isto que chama psychanalyse? — interrogou Kramer. / — Freud assim a chama. Adler chama psychologia individual. Jung chama de psicologia analytica. O nome não importa. Nossa sciencia é aquella que nos dá acesso á mente inconsciente. (**O Cruzeiro**, 16/01/1937)

No restante do conto de título “O sonhador”, os sonhos são ensejos para investigar a causa da morte de um rapaz.

Na edição de 6 de março de 1937, “O que revela os nosso sonhos sonhos”, por Charles E. Griffing³⁷, discorre sobre o inconsciente, “que é o seu verdadeiro ‘eu’”; as “normas de moral que não permitem a realização do impulso inconsciente”; “livre associação” são os assuntos desfilados que, ao mesmo tempo, buscam explicar o que é a Psicanálise ao contar a história de uma senhora cujo filho se afastou dela para estudar fora. A lembrança do filho lhe dava frio, o que foi associado ao sonho de ser ela uma ave na arribação. Seguem-se outros exemplos de interpretações rápidas e associativas dos sonhos com temas sobre apaixonar-se por pessoa casada; o sonho de uma jovem em estar sendo perseguida por um animal selvagem associado à sua excitação em “acceder á côrte que há tempos lhe vinha fazendo um rapaz para uma entrevista amorosa” e que o sonho lhe traria o conflito entre “a necessidade de

³⁴ O projeto, que consistia em formação de artistas com montagens em várias cidades, foi uma iniciativa do governo federal e da prefeitura do Rio de Janeiro e durou entre 1934 e 1935. Embora uma iniciativa isolada, que não tenha alcançado o sucesso esperado, que tenha havido acusações de irregularidades com financiamentos e que se tenha constituído a partir de relações pessoais, enumera Angélica Camargo, tal iniciativa teve o mérito de abrir espaço para o teatro, avalia Camargo. Pois artistas e empresários efetuavam pedidos de apoio, cujas demandas eram repassadas para o Ministro Gustavo Capanema e, posteriormente, em 1936, se criou a Comissão de Teatro Nacional (CAMARGO, 2011).

³⁵ Renato Viana (1894-1953), do Rio de Janeiro, foi ator e diretor teatral, escreveu uma peça no ano da Semana de Arte Moderna, em 1922 e buscou mudar a cena e o processo da produção teatral entre as décadas de 1920 e 1930 no Brasil (ITAÚ, 2021).

³⁶ Provavelmente o jornalista norte-americano que viveu de 1902 até meados da década de 1960.

se conservar fiel às regras de moral” e o “motivo sexual” inconsciente de que o moço “acabaria por se apossar della”. Vê-se que um instrumento fundamental na Psicanálise, como a interpretação dos sonhos, foi apropriado pela ideário cultural e moral da época na perspectiva do autor. Por fim, a Psicanálise, naquele texto, é atrelada à Psicologia e encapsulada na interpretação dos sonhos: “toda uma escola de psychologia tem hoje como uma de suas columnas mestras a analyse e a interpretação dos sonhos — a psychanalyse!”.

Em outra edição d’**O Cruzeiro**, o corpo de uma mulher morta a bala deixado sobre os trilhos é partido em duas partes por um trem, cujo maquinista não conseguira parar a tempo. É a história verídica contada na revista sob o título “O monstro prehistorico”, em 16 de outubro de 1937. Era Mildred Allison Rexroat, uma jovem professora de tango vítima de Henry Spencer (Harry Burke), o assassino em série que iria a julgamento conforme anunciado pelo **Morning Press**, jornal de Santa Bárbara na Califórnia, nos Estados Unidos, em 16 de outubro de 1913. O texto d’**O Cruzeiro** diz ter sido o trigésimo crime de Harry Burke. O assassino foi executado, no entanto, paira a dúvida se teria sido mesmo ele o autor, pois Burke associava o seu nome a roubos e a assassinatos refinados que aconteceram antes de Mildred e enquanto ele estivera preso (SCOTT, 2007, pp. 26-29). N’**O Cruzeiro**, está indicado brevemente a conexão possível do tema com a Psicanálise ou com a Psiquiatria, onde “a criminologia teria campo suficiente para um perfeito estudo sobre as características do criminoso nato”. O assassino confesso manifestaria *stir simple* (agitação simples), conforme indicado no **Morning Press**, ali definido como “o delírio descrito como insanidade penitenciária”.

De acordo com Erving Goffman, as instituições totais imputam chances a certas manifestações de afastamento da situação em que o sujeito vive, sejam hospitais, campos de concentração, prisões, conventos e mesmo marinheiros em navios e soldados de guerra em trabalho. Segundo Goffman, tal afastamento manifesto é um ajustamento à situação

presente do indivíduo naquelas circunstâncias (GOFFMAN, 1974 [1961], p. 59).

Novamente, o tema da aliança entre a criminologia e a Psicanálise é abordado nas páginas d’**O Cruzeiro** na mesma edição de 16 de outubro de 1937. O cenário é a quietude, o azul e a repetição dos dias na ilha de Fernando de Noronha, onde havia um presídio e “á falta de outros assumptos, a imaginação dos prisioneiros põe-se a fabricar lendas curiosas. O texto é intitulado “A lenda da Alamôa” (“ale-môa”): nas noites escuras uma chama, uma imagem feminina com cabelos louros, se move nos rochedos e nunca para; quando parar, ali será encontrado um tesouro escondido pelos holandeses planejando voltar ao Brasil. Seria o fantasma de uma moça morta, enquanto ela dançava, pelo noivo ciumento, o qual ficou interno no presídio na ilha. As lendas, diz **O Cruzeiro**, “encertam conceitos philosophicos de valor para os estudiosos de psychanalyse e criminologia”.

A título de contextualização histórica e nas páginas da revista onde o tema da Psicanálise na revista, em meio a uma variedade de assuntos em **O Cruzeiro** e, também, as referências históricas desses outros tema, é importante olhar o que ladeia o texto que aborda a Psicanálise. Ao redor do texto sobre a lenda, na página 55, está a exortação aos leitores a ajudarem as missões salesianas no Brasil: “enquanto os pastores protestantes percorrem a imensa bacia amazonica, utillizando-se de lanchas a gasolina (...), nossos missionarios mal têm para comprar um pangaré velho e cansado”. Com o título “As missões salesianas em Matto Grosso”, é dito que a trilha deixada por Rondon foi aproveitada para a “victoria de Christo entre os pagãos”, estes, no caso, os indígenas: “trinta annos de intenso trabalho e sacrificio foram necessários para dominar a idolatria bororó”³⁸. O mérito é dado ao padre Poli na “pacificação” dos indígenas. As instalações das missões, às margens do Rio das Mortes foram

³⁸ De certo Charles Eldridge Griffin, que viveu até 1914.

Sangradouro e Meruri, territórios dos indígenas Xavante, que não são mencionados ali no texto. Aos indígenas foram ensinadas “a nossa religião”, diz **O Cruzeiro**, “nosso idioma e os nossos bons costumes”. As famílias indígenas eram retiradas das aldeias para as missões, aos jovens ensinavam trabalhar em “officinas mecânicas, de carpintaria, de olaria, etc.” e depois devolvidas às aldeias. As plantações de milho, arroz e outras seriam formas tanto de “civilizar” como de “desenvolver” os indígenas. O que é descrito no texto é o franco processo de assimilação desastroso para a saúde (os Xavante possuem altos índices de diabetes na atualidade por causa das intervenções na sua dieta tradicional) e para a autonomia e autodeterminação dos povos indígenas (porque foram “desautorizados” em suas escolhas).

A assimilação de uma cultura à outra praticada pela igreja em conjunto com o Estado, tem ali no texto o exemplo histórico da formação de uma reserva de mão de obra para os projetos de interiorização difundidos no Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas e, depois, reeditadas sob o integracionismo de Juscelino Kubitschek na década de 1950. Cassiano Ricardo publicou, em 1940, **Marcha para o Oeste**, com a ideia de desenvolvimento de regiões consideradas não habitadas a despeito das populações indígenas. A campanha, na verdade, se chamou “Rumo ao Oeste”, publicada pelo General Rondon em 1942. Antes, em 1926, Cassiano Ricardo havia participado do movimento verde-amarelismo — em conjunto com Plínio Salgado e dele participam Guilherme de Almeida e Menotti Del Picchia — em um nacionalismo na esteira da Semana de Arte Moderna de 1922, porém, que trazia laivos de fascismo (DACORSO & NOGUEIRA, 2011), como já mencionado em outra parte neste artigo.

O hata yoga é comparado à Psicanálise em publicação na edição de 27 de novembro de 1937 d’**O Cruzeiro**, cuja chamada é o título “Para viver duzentos anos” e o que parece ser alguma incongruência na comparação por analogia, pois o hata yoga, é dito, “comporta uma severa disciplina sexual” ao passo que a Psicanálise não tem como finalidade sua própria disciplinar Sujeitos.

Outros crimes reais são relatados em “Robert Irwin não é um louco”, na edição d’**O Cruzeiro** em 17 de dezembro de 1937 em episódio que ficou conhecido como “a Páscoa sangrenta de 1937”. Robert George Irwin estava sob tratamento psiquiátrico e obcecado por serpentes, pediu para a esposa, de quem estava separado, posar para ele: queria fazer uma escultura de mulher-serpente. Ela aceitou e não tendo marcado uma data, Irwin foi procurá-la planejando matá-la. Na casa da mãe da esposa estavam apenas esta, a irmã da esposa e um empregado da família. Ocorreu a Irwin que as duas mulheres seriam as responsáveis por sua separação. Irwin matou as três pessoas, antes, violentou as duas mulheres e de Verônica, que era modelo em Nova Iorque e sua cunhada, fez um molde do seu rosto e, também, esculpiu o rosto dela em um sabão no banheiro. Irwin havia recebido a recomendação de “uma cura psicanalítica”. O assassino teria procurado um psiquiatra na véspera do crime “para confessar certas obsessões que são clássicas em psychanalyse, elle quis ‘preparar’ alilbis psychologicos”. As discussões giraram em torno de se planejar um “crime perfeito”, como se vangloriou Irwin, se não seria isso a prova mesma da demência, argumento esse utilizado pelo advogado da defesa. Irwin foi condenado a 270 anos de reclusão prisional.

3.2 Revista da Semana

A **Revista da Semana** é mais antiga que **O Cruzeiro**, porém, o termo “psychanalyse” aparecerá na década de 1920 na revista, antes, se falava em psychologia, não raro abordando hereditariedade e raça.

1921

Na edição de 19 de março de 1921: “É puramente emotiva a sua pseudo-molestia”. Assim começa a resposta dada pelo doutor Veiga Lima³⁹ ao consulente com o pseudônimo “Paulista” na seção “Consultório Médico” da **Revista da Semana**. E continua:

³⁸ Indígenas Bororo.

(...) um tratamento novo é o da Analyse psychica, segundo o methodo de Breuer e Freud. Este methodo demonstra a origem emotiva de todas as psychoses funcçionaes, emoção provocada por distúrbios da esfera sexual, especialmente na puberdade. Chamaram a Analyse psychica de cura cathartica. Como consequencia da pratica da Analyse psychica fundou-se a escola da psycho-analyse de Freud, que teve origem em Vienna! O seu caso parece ser de inversão somática. (Veiga Lima, **Revista da Semana**, seção Consultório Médico, 19/03/1921).

1923

Em outra edição da revista, em 19 de setembro de 1923, à consulta feita por Da Silva (Maranhão), o Dr. Veiga Lima receita injeções de soro lipotônicos e outros medicamentos, indica a sua posologia e aconselha: “é preciso observar a (...) auto-sugestão” (...). A influencia do inconsciente do domínio da vida psychica é objecto da psychanalyse, methodo de Freud” e completa Veiga Lima: “tudo girando em torno do instinto sexual”.

Note-se que as cartas ou o assunto das consultas não são publicados na revista. Por meio das repostas se pode inferir que as consultas versariam sobre a impotência sexual masculina, os problemas gastrointestinais, o excesso de peso e outros. Havia indicações de tratamento e receitas. É surpreendente que o diagnóstico dos sintomas fosse oferecido ou cogitado nas respostas às cartas. Por vezes, a resposta era: “Só com exame”. A frequência das respostas em torno da Psicanálise é pequena comparada aos outros temas diversos nas respostas naquela seção.

1930

Em outro número da **Revista da Semana**, dois povos são comparados: o napolitano e o carioca; ambos felizes em contemplar a exuberância da natureza que os cerca, mas diferentes nessa percepção ao ponto de que “qualquer profano em assumpto de psychanalyse, vendoa-as [culturas] juntas, logo notaria a diferença”, diz o autor Yantok⁴⁰. O texto segue tra-

zendo historietas, fala de comidas de um e de outro e termina alinhando as diferenças em que um povo se expressa por dentro e o outro por fora.

Na página de abertura da edição de 13 de dezembro de 1930 da **Revista da Semana**, dirigida por Aureliano Machado, os assuntos relacionados a Freud são alinhados ao esnobismo e à extravagância.

A poesia não tem sexo, porque nasce do cérebro, provém do coração, por toque subtil de um divino momento de éstro ou por effeito magico de uma effusão sentimental. O verso, sendo uma resonancia cósmica, que faz estremecer as raizes profundas do sêr, é uma força que vence o instinto e actúa fóra da materia contingente, sem differenciação de condição sexual, salvo se quiserem, por snobismo extravagante, coloca-la nos domínios de Freud, ídolo de nosso tempo... (Saul de Navarro, em “O dia dos poetas”, **Revista da Semana**, na página de abertura da publicação de 13/12/1930)

1932

Na coluna “Livros recebidos”, seção “Livros Novos”, na **Revista da Semana**, destinada à divulgação de diversas obras, em 16 de janeiro de 1932, está anunciada a publicação, em português, de **Cinco lições de Psychanalyse**, de Freud, originalmente publicada em 1910 em alemão. A coluna traz outras obras:

³⁹ Carlos da Veiga Lima (filho de José Faustino da Veiga Lima, médico), era médico clínico no Rio de Janeiro e, segundo Rafael Dias Castro (CASTRO, 2015, p. 72), foi inspetor de ensino no Liceu de Humanidades, em Campos (RJ) em 1922 e aparecia em eventos sociais noticiados junto a “juizes, deputados e outras personalidades apresentadas na Coluna Social, do Jornal O Paiz”. Veiga Lima participou da cerimônia do início da construção da Colônia de Alienados de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, em 1920. Era, também, escritor (*ibidem*).

Poemas, de Oscar Ferreira Junior, **Chanaan**, de Graça Aranha, **O despertar do gigante Sul Americano**, de Bernardino Vireira, entre outros. A seção traz outras obras que mereceram pequenas resenhas: um livro de contos, outro de geografia geral e Dostoiévsky com **Os pobres diabos**.

Na mesma seção, mas em em 13 de agosto de 1932, é anunciado **Para compreender Freud**, publicado em 1931, livro de Gastão Pereira da Silva (1896 – 1987)⁴¹. O comentário na seção apresenta a obra como “o trabalho de Freud em synthese”; aponta-o como oportuno “nesta hora em que o estudo da Psychologia adquire todos os dias novos aspectos, como chave para a solução de problemas pedagogicos, medicos, juridicos, industriaes etc.” e recomenda que o livro deve ser consultado “como iniciação indispensavel à Psychanalyse”. Ladeia a seção “Livros Novos”, nessa edição da **Revista da Semana**, uma coluna intitulada “Crianças”. Nela, aparecem fotografias dos filhos e netos de pessoas proeminentes à época, como o neto de Ruy Barbosa. Embora a figura feminina tenha passado a povoar a **Revista da Semana** após 1915, como dito atrás neste artigo, homens concretos continuam a celebrar homens concretos na revista.

Saul Navarro⁴² escreve na **Revista da Semana** em 19 março de 1932 “O milagre de um genio”. Aborda Goethe e diz que a literatura e a Filosofia já teriam explicado antes de Freud “a significação” dos nossos sonhos e decifrado a “esphinge sexual”; e que um “surto pre-psycho-analytico” teria feito de uma “velha e ingenua lenda medieval uma imperecível realidade symbolica”, se referindo, de certo, à figura mitológica de Mefistófeles, em Fausto de Goethe, crítica do autor pode ser estendida ao Complexo de Édipo, conceito fundador⁴³ na Psicanálise e baseado na lenda grega.

Saul de Navarro assina a crônica “Uma entrevista a La Fontaine”, na **Revista da Semana**, em 26 de março de 1932, que, em vista do recente decreto⁴⁴ que proibira o Jogo do Bicho, Navarro diz ter ido ao zoológico em Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro,

para ouvir os vinte e cinco bichos relacionados ao jogo. Um a um dos bichos ofereceu o seu depoimento em face do tal decreto. Em alusão à prática de se jogar em determinado bicho a partir do sonho ou com um bicho ou com algumas circunstâncias que, interpretadas venham a indicar um ou mais bichos, Navarro menciona Freud de maneira fortuita no fecho da sua crônica: “Quanto a mim, estou tranquillo e satisfeito, porque já posso dispensar o Freud para a interpretação dos sonhos”.

⁴⁰ Max Cesarino Yantok (1881-1964), foi cartunista, chargista, pintor e violinista, fundou o jornal italiano de humor **Monsignor Perrelli**. O seu pai era descendente de ciganos e Yantok nasceu em uma aldeia indígena perto de Passo Fundo no Rio Grande do Sul (ITAÚ, 2022). Provavelmente indígenas Kaingáng, que vivem naquela região.

⁴¹ Embora tenha atuado ativamente na divulgação da Psicanálise, Gastão Pereira da Silva, não se filiou a quaisquer instituições de formação psicanalítica, o caráter elitista dessas instituições foi denunciado por ele, que é nome marginalizado pelas tais instituições (SANTOS & MANDELBAUM, 2019, p. 4). Gastão publicou ao menos doze livros tanto em Psicanálise como romances com o tema entre 1933 e 1985.

⁴² Saul de Navarro era o pseudônimo literário de Álvaro Henrique Moreira de Souza (1890-1945), ele foi fiscal do Tesouro no Espírito Santo (de 1925 a 1930) e fundou, junto a outros, a Academia Espírito - santense de Letras em 1921, onde foi empossado em 1925. Com o Golpe Militar, em outubro de 1930, perdeu o emprego da mesma forma que tantos outros acadêmicos. Era colaborador de periódicos e de diários, entre esses: **O Brasil**, a **Gazeta de Notícias**, **A Razão**, **O Dia**, **A Notícia**, a revista **Ilustração Brasileira**, a **Revista do Brasil** e a **Revista da Semana**. Colaborou com revistas estrangeiras: **Plumadas**, da Venezuela, **Nuestra America**, Buenos Aires, **Hero**, Cuba e **America Latina**, Equador. (RIBEIRO, 2021; ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, 2022).

Em uma espécie de colagem de imagens diversas de fotografias de mulheres, em 16 de abril de 1932, “O eterno feminino tem no sex-appeal a sua origem adorável”. Assim começa a crônica com o título “Sex Appeal”, para partir de Eva, Greta Garbo, Salomés que dançam “sem os sete véus” para abordar o cinema hollywoodiano como uma “paisagem”, um “encanto panoramico da nossa libido” e em cada “película magica (...) espregueira-nos o severo Freud”. A mulher é “a ultima invenção de Satan” e o “sex-appeal representa o jogo subtil do instinto”, “o desejo que não pode ser recalado, a galanteria erógena sob o leve disfarce da coquetterie”. Continua: “Estamos voltando ao realismo magnífico do amor, que foi uma alegria divina na Hellade⁴⁵”, à “festa dos sentidos nos dias floridos da Renascença” e à “pompa colorida nas noites de Versalhes”. Assina “FAN”. Um texto bobo e que encaixa sorteadamente as palavras do vocabulário da Psicanálise: libido, instinto e recalque. É interessante a conexão entre o cinema e a Psicanálise.

Benjamin Ferreira⁴⁶, em 29 de outubro de 1932, responde para Alaôr Varela, do Ceará: “tudo o quanto o senhor tem se basêa em complexos psycho-sexuaes, que remontam muito longe em sua juventude”. O respondente explica que os fatores que deprimiriam o consulente, e que este provavelmente indicara em sua carta, são “infundados” pois “herda-se o character nervoso, a predisposição; porém não a psychoneurose. Não há um determinante fatal na neurastenia”. Explica que na “moderna escola” de Viena, “Freud e seus continuadores, tem demonstrado (...) o infundado dessa suposição que representava até agora o modo de ver dos clássicos”. O consulente é aconselhado a fazer um exame médico não para excluir possibilidades, mas para identificar se não existiria um “factor somatico determinante de perturbações nervosas”, tais como a “lues” (ou sífilis), problemas no aparelho digestivo, tuberculose e problemas em gândulas “de secreção interna”. Aconselha, ainda: “Veja um médico capaz de lhe ministrar uma cura psychotherapica e procure no sport o revigoramento do seu physico”. Por fim, apresenta a informação de que na sensação de inferioridade “se baseou Alfred Adler para fundar a sua theoria sobre a origem das psychonevroses”.

Na edição de 31 de dezembro de 1932, há os sonhos de uma amiga da mulher identificada “Laura (Bahia)”, que faz a consulta, dos quais “ela [a amiga] se levanta e diz aos gritos que está sendo agredida, forçada, mutilada”. Aqui, uma descrição das manifestações é apresentada aos leitores e a portadora de tais manifestações é referida por “paciente”. Benjamin Ferreira

⁴³ O complexo de Édipo tem as primeiras formulações já em 1897, em carta de Freud a Fliess, e aparecerá referido em **A interpretação dos sonhos** (1900) e formulado em 1924. A castração será articulada à pulsão de morte mais tarde, quando a ideia assume o caráter de conceito fundador (MOREIRA, 2004).

⁴⁴ Trata-se do Decreto nº 21.143, de 10 de março de 1932 (revogado), assinado pelo Chefe do Governo Provisório Getúlio Vargas, à época Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda. A norma definiu o que era a loteria e regulamentou as loterias federais e estaduais revogando toda a legislação existente sobre loterias considerando-a contraditória e considerando o alastramento dos jogos de azar “altamente nocivo à economia privada e aos bons costumes, incumbindo aos poderes públicos o dever de reprimi-los”. A disposição contra o Jogo do Bicho mereceu quatro parágrafos no artigo 15 do decreto; o jogo foi considerado contravenção inafiançável a abranger: os seus empreendedores ou banqueiros; aqueles que comprassem, vendessem ou distribuíssem bilhete e papeis; e qualquer um que promovesse ou facilitasse direta ou indiretamente o seu curso; penas e multas foram previstas. A venda de bilhetes de loterias estrangeiras em território nacional, também, teve sua proibição e penalidade dispostas no artigo 8º daquele decreto.

⁴⁵ Nome com o qual se designava a maior parte continental da Grécia.

⁴⁶ Consta endereço para o envio de correspondências, à praça Marechal Floriano nº 7, no edifício Odeon, nominais ao Dr. Benjamin Ferreira; em notícia na **Revista da Semana**, de 02/09/1939, ele aparecerá na revista em recepção a representante da Hungria juntamente com Negrão de Lima, então Ministro da Justiça-interino.

(...) um factor essencial da formação do sonho é uma vontade inconsciente (...) um desejo infantil recalcado que consegue exprimir-se durante o somno (...) uma modalidade de realização de desejos que porventura nem mais são conscientes, recalcados que foram por serem ou parecerem irrealizáveis, inconvenientes, anti-sociais.

Junto a isso, Benjamim Ferreira expõe ao público leitor que o trabalho do “medico psycho-analista” na interpretação do sonho é o de identificar “os pensamentos latentes que o determinam” e continua: “além dos pesadelos e outros elementos da neurose terá o médico que fazer indagações sobre o ambiente em que se desenvolveu e vive a sua amiguinha”.

1933

No rastro da Primeira Guerra, “A vingança dos judeus” é o título do texto de 1º de julho de 1933 na **Revista da Semana**, que traz retratos, feitos e referências às teorias de judeus célebres: Einsten, Henri Heine, Karl Marx, Max Nordau, Henri Bergson, Trotsky e Freud. Nessa mesma edição, no conto de Saul de Navarro, “O sorriso do passado”, há uma referência breve a Freud associando-o ao jazz. Já o jazz era a “calamidade consequente da grande guerra”, escreveu Navarro. Outros ritmos novos, como o maxixe, o fox-trot, o tango e o samba eram vistos e propagados como novidades quase insanas, também, n’**O Cruzeiro**; fosse pelos ritmos quebrados, fosse pela junção dos corpos ao dançar (URSINI, 2000).

Outra história: um homem convida o amigo para conhecer sua noiva. Se encontram e o casal leva o irmão pequeno dela. Seguem diálogos acerca de não se sair sozinhos para que os outros não falem mal, não entrar em café fechado porque não seria decente para a noiva e o narrador — que é o convidado — descreve a noiva do amigo uma estúpida. É essa personagem quem puxará o assunto da Psicanálise e falará de Freud durante o encontro

no conto intitulado “A noiva”, de Enrique Jardiel Poncela⁴⁷, publicado na **Revista da Semana** em 22 de julho de 1933.

Escragnolle Doria (1869-1948)⁴⁸, em “Bom Retiro Estudante”, publicado em 12 de agosto de 1933, conta a história do Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz (1818-1886)⁴⁹ e seus estudos em Direito, tendo entre os mestres Cabral, “o excêntrico”, descrito como “o mattogrosense de tantos talentos quanto excentricidades que se adiantaram á moderna psychanalyse”. Se no conto anterior a Psicanálise é apresentada ao leitor pela personagem “estúpida”, agora, com um personagem real, a Psicanálise é da ordem das excentricidades.

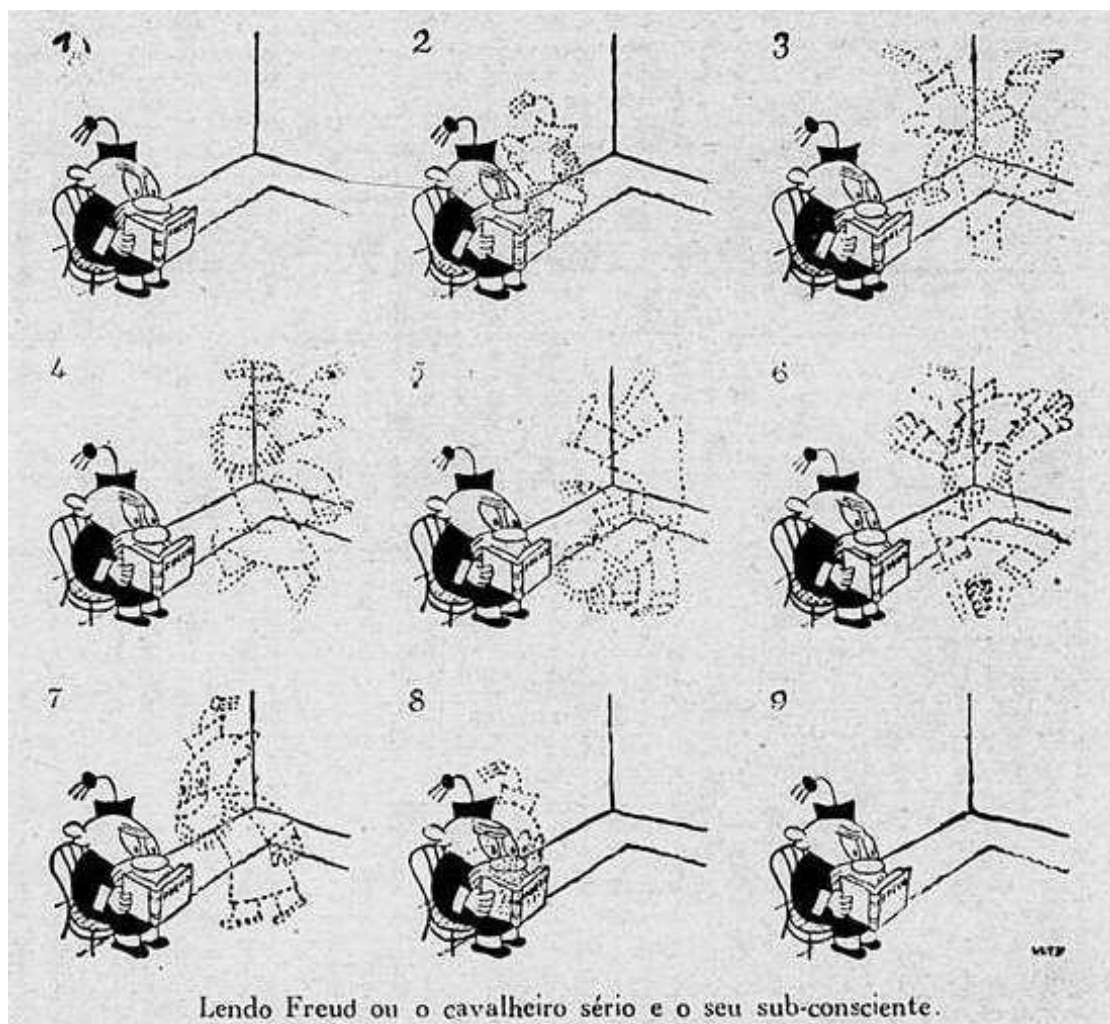
A literatura teria cumprido o seu papel imaginativo diante da impossibilidade de se definir a vida, escreveu De Mattos Pinto na **Revista da Semana**, sob o título “A descoberta do século XX” em 24 de novembro de 1934. Com as novas descobertas de Freud, quem “revelou a riqueza do inconsciente, com a psychanalyse”; as descobertas de Pende, na endocrinologia; e de Einstein, com a teoria da relatividade, diz De Mattos Pinto que a literatura é “assaltada por violentas idéas, que alteraram o sentido do homem e do mundo”, o que chamou de “crise”: “a literatura não sabe como aplicar na poesia e no romance o novo pensamento das cousas”. A descoberta da humanidade é a de começar a “ter consciencia do seu destino”. Por vezes, e não são raras nas publicações tanto na **Revista da Semana** quanto n’**O Cruzeiro**, os nomes de cientistas são associados muito livremente uns aos outros e Freud surge em meio a eles.

⁴⁷ Enrique Jardiel Poncela (1901-1952) escritor espanhol com diversas obras humorísticas (IBACACHE, 2016).

⁴⁸ O Arquivo Nacional é depositário do acervo doado pela viúva, Doria foi escritor, professor de História. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais (1890), colaborou com vários jornais.

⁴⁹ Foi Presidente das Províncias do Espírito Santo e do Rio de Janeiro e Ministro dos Negócios do Império.

1934



Note-se que o Inconsciente, de Freud, leva o nome de Subconsciente, de Pierre Janet
(**Revista da Semana**, 02/06/1934).

Vale observar a menção a Nicola Pende colocado em linha ombreada a Freud e a Eisten naquele texto na **Revista da Semana**. Nicola Pende, a partir da Biologia Criminal, leva à investigação da delinquência nata na associação do genótipo e do fenótipo em uma metodologia que percorre quatro itens, proposta em 1921, como descreve Elaine Maria Geraldo dos Santos (2008) sobre o neolombrosianismo na década de 1930. São os itens: a morfologia — a massa corporal, as proporções, a genital, o sistema respiratório e outros eram examinados e medidos segundo padrões estabelecidos para o biotipo racial; a dinâmica humoral — fórmula endócrina e grupo sanguíneo com o fim de ser mensurado quanto tempo o sujeito levaria para manifestar irrita-

bilidade; a intelectividade — considerada o espírito dos indivíduos pelos criminalistas, tinha em conta: os pensamentos sintético e analítico, a capacidade de atenção, a memória, a lógica como manifestações de inteligência; e, por fim, a moral — herança moral e patológica, o desenvolvimento ético por meio dos instintos, senso crítico e outros tópicos influenciados pela Psicanálise de Freud para relacionar as manifestações dos indivíduos em sociedade (SANTOS, 2008, p. 48).

Com o título “A melancolia do poeta”, na **Revista da Semana** de 29 de dezembro de 1934, Orvacio Santamaria⁵⁰ conta de Charles Baudelaire (1821-1867) que, por dois anos, “entregou-se em Paris à mais pernicioso ociosidade” dispendendo seu tempo “em orgias, em mesas de tabernas, com mulheres perdidas e bebedores invetera-

dos”. Interpreta Santamaria que “esse lapso vazio da sua vida, como é de prever, teve muita influência desastrada no seu futuro”. Enviado ao Oriente para missões comerciais por seu padraço, cujo intuito teria sido o de “arrancá-lo áquella vida inútil”, Baudelaire teria emendado, nas terras estrangeiras, o seu estilo boêmio e aceitado aquela viagem tão somente para conhecer as terras distantes do Oriente, os seus “hábitos bizarros” e “as suas mulheres extravagantes”. A haitiana Jeanne Duval acompanhou Baudelaire no retorno a Paris, escreveu Santamaria: “recolheu para a sua companhia uma negra (...). A preta Duval e o haschich, somados á sua hereditariedade [aponta doenças de idade do pai e a diferença de idade com a mãe, que poderia “ser neta do esposo”], (...) e mais a imensa desorientação da sua infância (...), falta de observação dos pais e dos mestres” e, somado a isso, o que “de ruim se acumulara no seu inconsciente, completaram-lhe a defeituosa formação moral e intelectual”.

1935

Em “Chiromancia por sport...”, publicado em 26 de janeiro de 1935, Magdala da Gama Oliveira (1908-1978) explica o que um ou uma quiromante precisa fazer e escreveu: “assim como devemos fazer uso da psychologia e da psychanalyse, sem esquecermos a physiognomia e a graphologia”, a quiromancia seria um “escudo”, escreveu, “para que melhor possamos nos precaver contra certos seres que de nós se aproximam (...)”. No rol de advinhações, estão a grafologia e a fisionomia como meios de se entrever personalidades e disposições ao cometimento de crimes. Magdala era uma mulher de elite, branca e assinava uma coluna de crítica musical no **Diário Carioca**⁵¹, na década de 1930⁵². Suas impressões sobre o samba eram terríveis, como anotaram **Linaia Palacio e Laura Galli**: “músicas tolas” com “gente do morro” e outros comentários lhe renderam o samba “Pra quê discutir com Madame” em 1945 (PALACIO & GALLI, 2021).

Na mesma página em que está publicado o texto sobre a quiromancia, há uma fotografia da Fazenda Victória, em Botucatu (SP), acompanhada somente da legenda, com o título “Nossa Terra”, como se a fotografia e a legenda curta falassem por si, dada a importância daquela fazenda para a cafeicultura paulista. A fazenda pertenceu, pelo

menos até 1995, aos herdeiros do Conde de Serra Negra⁵³. Conforme Antunes, a Fazenda Victória ou Serra Negra, próxima à ferrovia Sorocabana, era a primeira parada da mão de obra imigrante, para os colonos serem distribuídos dali a outras fazendas (ANTUNES, 2021, p. 79). A época da fotografia publicada na **Revista da Semana** é a da importância daquela fazenda e, e como ficará evidente mais tarde na história, é o período do declínio da cultura cafeeira no Brasil.

Racismo e lombrosianismo vão sendo misturados à convicção de que se é possível “desentortar” o talo desde o começo, em uma confusão entre o que fosse moldável, inato, ou o que fosse nato e, sobretudo, um evento que fizesse aflorar a índole, o instinto nos Sujeitos adultos. Para isso, com a inspiração na Psicanálise, buscamos pela infância:

Os pequenos “doentes moraes” existem muito mais do que se pensa. Mesmo nas famílias muito normaes, póde-se encontrar algum. Accidente de raça, porque toda a ascendencia tem sua parte de segmentos bons ou máus. Ou accidente ocasional: queda, doença, choque. É preciso tão pouco para desequilibrar um jovem ente, e desviar-o no moral como no physico! (“Conselhos sociaes”; sem autoria indicada; *Revista da Semana*, 08/06/1935)

⁵⁰ Santamaria era escritor, publicou **Cesar: Vida de Caio Julio Cesar**, em 1939, Rio de Janeiro, editora Irmãos Pongetti.

⁵¹ Editado entre 1930 e 1939.

⁵² No final da década de 1920, Magdala da Gama Oliveira é anotada no jornal **A manhã** (1925-1953) em coro, como violinista, executando marchas nupciais em casamento e, também, como organizadora de salões literários, musicais e festas no Departamento Feminino do Fluminense Futebol Club.

⁵³ Vide Decreto nº 40.303, de 8 de setembro de 1995.

A responsabilidade da observância moral de um indivíduo disponibilizado ao convívio social, ao final das contas, racai sobre a família e nesta, sobre as mães. Em 8 de junho de 1935, na seção “Jornal das Famílias: modas, costuras e bordados - a vida no lar - receitas e conselhos práticos – economia doméstica e alimentação”, a coluna “Conselhos sociais”, após alertar a iminência dos “desvios”, como indicados acima, os pais são convidados a tomarem providências. Pais que não sabem como agir, “aquelles que não sabem nem prever nem ver, para aquellos que acham tudo de bom nos seus filhos ou para aquellos que só vêem tudo máus”, aqueles que “viam innocentes manias, saberão o que fazer: o médico psiquiatra”. A Psicanálise aparece como coadjuvante do tratamento psiquiátrico nesse texto na **Revista da Semana**.

1936

O pseudônimo masculino, George Sand, servia para a aceitação da escritora francesa Aurore Dupin (1804-1876) no meio literário na França do século XIX. O texto publicado na **Revista da Semana**. Em 22 de fevereiro de 1936, não leva assinatura e aborda a imaginação da escritora em suas obras, lugar onde não havia repressão. A sua história pessoal, descrita na revista, é pontuada por vários amantes, dentre os quais Chopin. A palavra Psicanálise aparece somente no título: “As mulheres celebres num traço de Psychanalyse” e no texto são imaginados desejos, vontades, angústias, sentimentos de culpa, conflitos para Sand que revelariam “os motivos profundos e ocultos de que os estudiosos no assumpto devem prevalecer-se para esclarecer a tragédia amorosa dessa mulher inesquecível”. É traçado um “perfil psicologico” de George Sand e o seu livro **Memórias** é mencionado indicando que nele o leitor encontraria, diz o texto, em “imagens litterarias” as “reminiscencias recalcadas” que afloram disfarçadas”; tudo em uma certa justaposição indesejável entre autora e obra. Embora o texto não trate da Psicanálise, ele percorre seu vocabulário e vai anexando sentidos e juízo de valores a circunstâncias da vida de Sand.

Ainda sobre George Sand, outro texto, há

um comentário de Saul de Navarro na **Revista da Semana**, em 4 de outubro de 1930, em “O romantismo dos cabellos longos...”, Nele, George Sand é apontada como uma das primeiras a usar os cabelos curtos e a explicação é a de que, tendo ela poucos recursos, o que “não a deixavam exhibir as toilettes necessarias á sua posição de mulher elegante”, adotou trajes masculinos e não podia, por isso, deixar os cabelos além dos ombros. É dito, ainda, que os cabelos curtos lhe renderam “brigas violentas com Jules Sandeau, o seu comanheiro de momento”. Temos, assim, uma associação em cadeia entre a vida com amantes, os cabelos curtos e os trajes masculinos. No que fosse possível identificar tais escolhas como libertárias para a mulher do século XIX — como Sand, e mesmo para as mulheres do século XX contemporâneas à revista —, no texto está indicado não se tratar de escolhas, mas da falta de opções diante de recursos financeiros limitados... reafirmando, por negação, uma única imagem de mulher em detrimento de outras.

1937

Os conhecimentos de grafologia de Raphael Schermann (1879-1945)⁵⁴ e a sua utilização nas investigações policiais é o assunto do texto publicado na **Revista da Semana**, em 18 de setembro de 1937, com o título “Servindo á Medicina”. Os “phenomenos sobrenaturaes” provocam curiosidade, diz o texto, e “Freud, o demonio viennense, descobriu nos sonhos, nas dobras da psychanalyse, universos ignorados”. Naquele momento, Paris voltaria a sua atenção para Schermann nas investigações criminais, segundo o texto que, conforme dali se depreende, compara a interpretação dos sonhos à interpretação das caligrafias: “A psychographia de Schermann pode prestar serviços interessantes ainda entre as creanças”, diz o texto.

1938

Da Vinci, Freud, Eva e Noé são trazidos juntos no texto conjugado a fotografias de mulheres com animais. O assunto é a “atração irresistível entre as feras e as Mulheres” sob o título “A Bella e a Féra”, publicado na **Revista da Semana** em 29 de janeiro de 1938. Um “amor caprichoso” das mulheres por animais de estimação é atribuído ao interesse da Psicologia e da Psicanálise em uma brevíssima menção a ambas as ciências sem

quaisquer endereçamentos ao lugar do afeto, por exemplo.

Um quadro cômico, na edição de 9 de abril de 1938, traz uma mulher sentada em uma cadeira diante da mesa do médico: “Doutor, desejava que o senhor interpretasse o meu sonho desta noite. Sonhei que estava sentada entre Clark Gable e Robert Taylor, e que tinha a meus pés o camondongo Mickey”.

Ao longo de uma página e meia da **Revista da Semana**, o conto “Psychanalyse”, de H. J. Magog, um dos pseudônimos do romancista francês Henri-Georges Jeanne (1877-1947), descreve um encontro. Em uma festa, a moça pergunta se o rapaz continua com o seus “grandes estudos” e envolvido em “essa ciência... ou essa mystificação (...) essa psychanalyse”. O rapaz foi à tal festa esperando encontrar a moça, por quem é apaixonado e que, antes, havia oferecido uma consulta à moça que recusara na ocasião, mas que, agora na festa, aceitava: “Villemandre conduziu a linda creatura até a uma poltrona, a bôa distância do bar: — Conte-me o seu último sonho”. O diagnóstico é apresentado de pronto, ali mesmo na festa: “neurasthenia que leva as suas victimas, sorratamente, á loucura. Deixe-se amar. Ame!”. Diante das insinuações do rapaz de que esse amor seria ele próprio, a moça corta-o, saindo e deixando-o sozinho.

1939

“A morte do creador da psychanalyse” é o título da notícia em meia coluna na **Revista da Semana** na edição de 30 de setembro de 1939, sete dias após o falecimento de Freud (1856-1939). “O sábio Sigmund Freud, chamado ‘o propheta do sub-consciente’, fundador de uma escola scientifica que encontrou alumnos em todo o mundio civilizado, acaba de fallecer aos oitenta e quatro annos de idade”: assim é o obituário de Freud na revista. Freud é comparado a Marie Curie, Nobel em química em 1911, cujas investigações científicas, afirma o texto, não se encerram com as suas mortes. À Anna Freud e aos discípulos de Freud é endereçada a continuidade das suas inverstigações; entre os disípulos de Freud, diz o texto, estariam “os mais apaixonados” que “vêm na psychanalyse a sciencia que encerra a ‘explicação total do mundo””.

A notícia da morte de Freud não teve relevo na **Revista da Semana** e apareceu em uma coluna estreita dividindo o espaço com a fotografia da escultura “Mulher ajoelhada”, de Celso Antonio, exibida na Feira de Nova Iorque Na composição da página, o título grande é outro assunto: “O passarinho da felicidade”, uma crônica de Saul de Navarro sobre o realejo e os papalotes da sorte.

4 Abordagens e usos da Psicanálise n’O Cruzeiro e na Revista da Semana

Podemos identificar a Psicanálise sendo trazida nas páginas d’O **Cruzeiro** e da **Revista da Semana** sob cinco situações:

- em anúncios de livros e de consultórios para o atendimento;
- em menções fortuitas e rápidas (piadas, graça ou mesmo uma menção inusitada, sem muita conexão com o assunto);
- em contos, cujos diálogos falam da Psicanálise, abordam o seu método por vezes de formas bastante improvisadas com o foco na dinâmica dos personagens do conto e não nos critérios e teoria da Psicanálise à época;
- em reportagens, que são poucas e a maior parte dos textos não trazem assuntos datados e não são notícias; e
- em crônicas sobre quaisquer assuntos que são o apanágio dos escritores, geralmente renomados e já colaboradores de outros periódicos e diários, portanto, conhecidos do público leitor.

Os assuntos abordados em ambas as revistas podiam vir seguidos do complemento: “à luz das conquistas experimentais de Freud”, “de accordo com as teorias de Freud” ou “nos domínios de Freud”. Ainda, com se viu, a Psicanálise podia estar indicada apenas no título, como se vestisse todo um conteúdo sobre algum assunto seguinte. Em conjunto com a menção à “psychanalyse” ou em lugar disso, em várias ocasiões o vocabulário da Psicanálise foi escrito nos textos nas revistas: libido, recalque, transferência, angústia, pulsão e instinto foram os termos mais frequentes.

⁵⁴ Da Cracóvia, viveu em Viena a partir de 1910..

Os assuntos abordados em ambas as revistas podiam vir seguidos do complemento: “à luz das conquistas experimentais de Freud”, “de acordo com as teorias de Freud” ou “nos domínios de Freud”. Ainda, com se viu, a Psicanálise podia estar indicada apenas no título, como se vestisse todo um conteúdo sobre algum assunto seguinte. Em conjunto com a menção à “psychanalyse” ou em lugar disso, em várias ocasiões o vocabulário da Psicanálise foi escrito nos textos nas revistas: libido, recalque, transferência, angústia, pulsão e instinto foram os termos mais frequentes.

A impressão que se tem é que qualquer menção à Psicanálise, ao seu vocabulário, a Freud e aos seus discípulos ou antagonistas acabavam por trazer algo tido como novo às revistas e, também, fazia as vezes da “atualização” dos escritores e dos conteúdos que eles apresentavam, como se estivessem ou parecessem estar *pari passu* com as novidades da época. Assim, o escritor que sempre abordasse a literatura, por exemplo, lia Baudelaire e Goethe — suas obras ou vidas particulares — sob as lentes da Psicanálise; o mesmo se passando com o assunto do cinema e as vidas de estrelas e astros. Nisso, emitiam opiniões acerca da Psicanálise e aliavam a Psicanálise aos temas e às suas próprias visões acerca da raça, das relações de gênero, da moral, da religiosidade, dos costumes e assim por diante.

Os autores dos textos nas revistas se debatiam com a novidade da Psicanálise. A Psicanálise era vista como uma “moda” na edição de 24 de setembro de 1924, da revista mensal **America Brasileira**⁵⁵. E a novidade que trazia, o Inconsciente, era apontada como já existindo antes do alemão Freud desde o psicólogo e psiquiatra francês Pierre Janet (1859-1947)⁵⁶ como “subconsciente”. Menotti Del Picchia, também, menciona que Freud é uma moda e que o instinto, para Del Picchia, seria a própria verdade humana, na edição d’**O Cruzeiro** de 20 de abril de 1929, acima comentada no episódio da homenagem dos Modernistas ao palhaço Piolim. Saul de Navarro, na **Revista da Semana** em 29 de julho de 1933, escreveu que “a psychologia já passou de moda. Bourget⁵⁷ não interessa mais. E o proprio Bergson⁵⁸ foi desbancado por Freud”. Antes, na mesma revista em 19 março de 1932, Navarro disse que a literatura e a Filosofia já haviam

decifrado os sonhos e a “esphinge sexual” anteriormente a Freud.

Ainda, há a onda dos romances freudianos, em uma espécie de denúncia anônima, como trancrevi nos trechos da revista **O Cruzeiro**, na edição de 7 de junho de 1930, de que os romancista encontraram um filão na observação clínica e quem ganharia mais com aquela “voga avassaladora” seriam os editores. Uma crítica é feita, naquele texto, quanto à falta de propriedade dos romances freudianos, cujos autores digeririam manuais de psiquiatria e de Psicanálise produzindo resultados que fariam os médicos rir. Rafael Dias de Castro nos oferece um exemplo de como as aproximações da Psicanálise por parte de alguns escritores das revistas se podem ter dado: fala de Carlos Dias Fernandes (1874-1942), intelectual que teria contato com a Psicanálise a partir das palestras de Antônio Austregésilo, quem havia sido orientador de Genserico de Souza Pinto, na primeira dissertação em Psicanálise no Brasil em 1914. Dias Fernandes quis abordar a Psicanálise no jornal **O Paiz**, o que foi publicado em 5 de dezembro de 1925, e recorreu a Austregésilo, quem lhe ofereceu um texto base com a autorização da sua utilização (CASTRO, 2015, p. 74). Ao abrir aquela edição d’**O Paiz**, nos deparamos com o título “A psychanalyse, Explicação dos sonhos. De Breuer a Freud. ‘As forças curativas do espírito’, do professor Austregesilo”.

Temos que as revistas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana** não inauguram o assunto da Psicanálise na imprensa, mas o seu público, diferentemente dos jornais, era a família; o que pode ter enviesado as conexões feitas com a Psicanálise a partir dos assuntos na linha editorial já existente para aquelas revistas: cinema, relacionamento

⁵⁵ Editada no Rio de Janeiro entre 1922 e 1924, provavelmente surgida em dezembro de 1921 (acervo da hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

⁵⁶ No caso de Janet, a abordagem se fazia como subconsciente (LAPLANCHE & PONTALIS, 1991, p. 494).

⁵⁷ Paul Bourget (1852-1935), francês, autor de romances psicológicos.

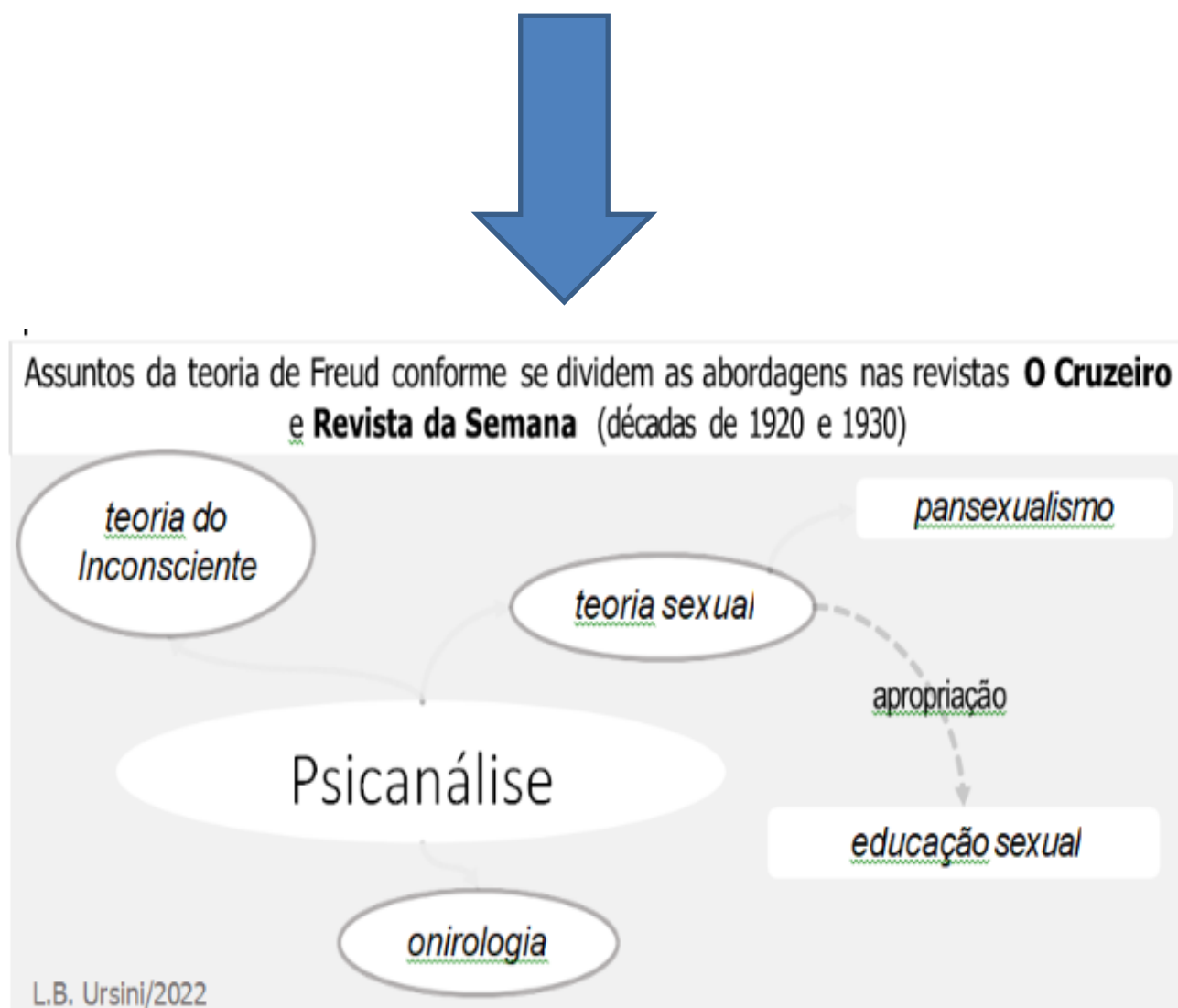
⁵⁸ Provavelmente Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, Nobel de Literatura em 1927.

amorosos, seção de cartas e consultas diversas e outras. Além do perfil dos escritores, vários deles conhecidos do público já de outros impressos diários e periódicos. Uma diferença entre **O Cruzeiro** e a **Revista da Semana** é que esta última explorou bastante, quase como

uma campanha, os cuidados com a índole e a moral dos adultos falando da necessidade de cuidar, formatar, as crianças, os filhos. Ideário alinhado a políticas de “civilização” e de modernização do Brasil, ou, quem saberia?, o contrário: atuando na divulgação de tais políticas.

5 Considerações finais

Podemos ter a Psicanálise abordada sob três grandes tópicos nas revistas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana**, como segue no esquema na figura abaixo



Os sonhos e as suas interpretações são uma porta de entrada nas revistas para partir deles e querer aproximar a Psicanálise da criminologia, da quiromancia, da grafologia e de uma sorte de adivinhações, se afastando em muito da Psicanálise. Ao mesmo tempo, é aponta uma ciência que se ocupa seriamente dos sonhos.

O Inconsciente aparece invariavelmente como um lugar para a observação da mente humana, embora tenha uma ou outra crítica de literatos que dizem terem-no já acessado tanto a literatura como a Filosofia; sem a devida ressalva da distinção entre a ficção e a vida psíquica de indivíduos. Na constatação de que o Inconsciente é passível de análise, que há doenças em que a via da investigação do Inconsciente é legítima, os textos endereçam tais esforços científicos ora para a Medicina, ora para a Psiquiatria, ora para a Psicanálise, ora para a Psicologia; por vezes marcadas as vertentes francesa e alemã, na mais da vez ignoradas.

O assunto da vida sexual foi atrelado a uma função social, aos projetos já enunciados por Porto Carrero para a educação sexual nas escolas, em presídios. Há a propriação do tema sexo e da sexualidade para uma higienização moral que permitiria o desenvolvimento da nação. O pansexualismo mereceu um texto em **O Cruzeiro**, em 14 de janeiro de 1933, para diferenciar o viés francês de Hesnard na crítica feita por ele a Freud.

Diversas áreas, setores e atores se avizinharam da Psicanálise no período abordado pelo presente artigo, entre as décadas de 1920 e de 1930: a literatura, artistas e escritores do Movimento Modernista, os projetos de educação sexual, a ideologia da eugenia se enlaçaram com as teorias e proposições psicanalíticas para desenvolver as próprias reflexões ou projetos⁵⁹. Um aspecto na difusão da Psicanálise, observado por Ana Cristina Figueiredo (FIGUEIREDO, 1984), é o risco da descaracterização da Psicanálise e, também, o seu uso em projetos políticos; na sequência do movimento de difusão, segundo a autora, acaba ocorrendo alguma disseminação da Psicanálise ao mesmo tempo em que os critérios quanto à aplicação, quanto a quem pode ou não praticar a

Psicanálise acabam sofrendo um recrudescimento em restrições. Ana Figueiredo trata do assunto percorrendo as décadas de 1960, 1970 e 1980,

⁵⁹ No Movimento Modernista sob interpretações da Psicanálise, Mário de Andrade escreveu “Pauliceia desvairada” em 1922; mais tarde, em 1950, Oswald de Andrade tece críticas quanto aos valores morais impregnes na obra de Freud; na educação nas escolas, Porto Carrero entende, entre 1927 e 1928, que é urgente proceder à educação sexual de crianças e diz ser um “pecado” o mestre e o médico não se aproximarem da Psicanálise e ignorarem-na (OLIVEIRA, 2002, pp. 134,141,150); a eugenia teve lugar em toda a América Latina no período entre as duas grandes guerras, como afirma Nancy Leys Stepan — associada a congressos, à legislação, à saúde materna, ao direito de família, ao controle de doenças “infectológicas” e à imigração (STEPAN, 2004, p. 33).

⁶⁰ Quanto a medidas higienistas que, também, vão alcançar discursos de higienização moral, étnica, eugênica e de costumes. Porto Carrero, um dos precursores da Psicanálise no Brasil, era membro da Comissão Central Brasileira de Eugenia, criada por Renato Kehl em 1931, “cuja tarefa era promover a eugenia e fazer lobby pela legislação eugênica entre os membros da Assembleia Constituinte” que prepararia a nova Constituição Federal (STEPAN, 2004, pp. 372-373). “Roquette-Pinto e Kehl foram convidados para integrar uma comissão especial organizada dentro do Ministério do Trabalho para consultoria sobre eugenia e problemas de imigração”. Roquette-Pinto havia sido diretor do Museu Nacional de Antropologia, entre 1926 e 1936; foi o presidente do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929 e suas opiniões, certamente, devem ter tido grande peso por sua posição, observou Stepan (STEPAN, 2004, pp. 362,373). Cabe anotar que Kehl percebeu a confusão entre eugenia e saneamento feita pelo público, o que o frustrou em fins da década de 1920 e início da seguinte (STEPAN, 2004, p. 365). Mais tarde, explicou ele, que a aliança com os sanitaristas favorecera a campanha eugênica no seu início, nos conta Stepan, em uma época em que “o conhecimento público sobre eugenia e hereditariedade era pequeno, e para ele próprio não estava muito clara a distinção entre saneamento e eugenia”. Depois disso, partiu para provocações aos sanitaristas, por uma via racista, afirmando que reforma higiênica alguma seria capaz de “alterar o estoque hereditário do Brasil” (*ibidem*).

investigando a Psicanálise e o seu campo no Rio de Janeiro. Mas podemos observar uma mesma dinâmica, em termos das imprecisões das bordas do campo da Psicanálise naquele período de constituição do campo da Psicanálise no Brasil, nas experimentações das técnicas, na sua aplicação e nos seus avizinhamentos⁶⁰.

Atente-se que a difusão da Psicanálise no seu campo de constituição, formação, prática, difusão e divulgação, não se confunde com a divulgação da Psicanálise nas revistas. O que as revistas fizeram, e como vimos não apenas **O Cruzeiro** e a **Revista da Semana**, foi divulgar o assunto da Psicanálise e familiarizar o leitor ao seu vocabulário, ao nome de Freud, dos seus seguidores e antagonistas e, com sorte, retirar de algum leitor ou leitora alguma resistência ao assunto. O vocabulário técnico, o método por vezes descrito com seriedade podem ter logrado, aos olhos do leitor, a confiança no novo conhecimento. Esse é um aspecto interessante da Psicanálise nas páginas das revistas. Outro aspecto interessante é que outros atores, independentemente de serem médicos, puderam falar de Psicanálise ou tiveram uma ideia sobre ela e também uma opinião, de que podemos discordar. Outro aspecto é o da Psicanálise aparecer desvinculada do tratamento de loucos, apesar de que a fórmula não fosse muito melhor, pois se pretendeu o auxílio da Psicanálise para “curar” ou se “evitar” alguma patologia social conectada à eugenia, à hereditariedade, a doenças infecciosas, à pobreza.

Além do risco das apropriações da Psicanálise a projetos de governos e a utilização do assunto da Psicanálise para as *performances* de escritores em suas carreiras particulares, há a questão das conexões que são feitas nos textos que mesclam as teorias, o vocabulário da Psicanálise aos pré juízos dos próprios escritores nas revistas que podem ter reforçado ou revitalizado preconceitos e convicções nos leitores. Também, os higienistas e os psiquiatras pretenderam encampar a Psicanálise sob os seus próprios propósitos e discursos. Foram di-

versos setores hábeis em enviesar e esgarçar os sentidos da Psicanálise naquele período e menos tinta foi gasta nas revistas para o sofrimento e para as angústias humana. De qualquer maneira, tais turbulências podem ter servido como balizadores para o percurso da Psicanálise no Brasil.

Obras Citadas

- ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, 2022. *Patronos acadêmicos*. [Online] Available at: https://www.ael.org.br/patronos_e_academicos/cadeira_04.html ALTHUSSER, L., 1985. *Freud e Lacan - Marx e Freud: introdução crítica-histórica*. Rio de Janeiro: Graal.
- AN T UNES, B. L., 2021. *A agroindústria cafeeira de Botucatu-SP: análise heurística da Fazenda Serra Negra*. Bauru: (Dissertação) UNESP.
- BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia/Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo-USP/ReBAP. BONADIO, M. C. & GUIMARÃES, M. E. A., 2010. Alceu Penna e a construção de um estilo Brasileiro: modas e figurinos. *Horizontes Antropológicos*, Volume 16. N. 33.
- BOTMANN, D., 2013. Curiosidades freudianas (1931-1969). *Belas infâmias*, Volume 2. N. 2, pp. 159-173.
- B BRESSER-PEREIRA, L. c., 2001. Do Estado patrimonial ao gerencial. Em: *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras.
- C CAMARGO, A. R., 2011. O amparo ao teatro durante o governo Vargas: uma discussão sobre a concessão de subvenções (1930-1945). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011*.
- C CARRARA, S., 1996. *Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

CASADEI, E. B., 1980. Questões de consumo e a feminização da Revista da Semana. *Z Cultural – Revista do programa avançado de cultura contemporânea*.

CASTRO, R. D., 2015. Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Volume 22. N. 4.

CORRÊA, M., 2000. Cartas Freudianas. *Comciência - Revista eletrônica de jornalismo científico. Dossiê: A Interpretação dos Sonhos-100 anos*.

COUTO, D. P. & SILVA, M. L., 2018. A Psicanálise de crianças no Brasil: um relato histórico. *Psicologia em pesquisa*, Volume 12. N. 3.

COUTO, I. S. d., 1992. As cartas de Iracema. Em: *A Crônica*. s.l.:s.n.

CROMBERG, R. U., 2010. Primeiras psicanalistas. *Percursos*, Volume 45 - Psicanálise: formação e instituições.

DACORSO, S. T. d. M. e. & NOGUEIRA, N. H., 2011. Paulo Menotti Del Picchia: sob um soslaio da psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Volume 35.

FIGUEIREDO, A. C., 2008. Psicanálise e universidade: reflexões sobre uma conjunção ainda possível. *Fractal Revista de Psicologia*, Volume 20. N. 1.

FIGUEIREDO, A. C. C. d., 1984. *Estratégias de difusão do Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro, 1970-1983*. Rio de Janeiro: PUC-RIO/Departamento de Psicologia (Dissertação).

FIOCRUZ, 2019. Em 23 de fevereiro de 1942, Stefan Zweig e esposa cometiam suicídio em Petrópolis. *Manguinhos: história, ciências, saúde, febreir*.

FREUD, S., [1914] 1965. *Contribution à l'histoire du mouvement psychanalytique*. Paris: Éditions Payot.

GOFFMAN, E., 1974 [1961]. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.

GUERINI, L. R. & COSTA, M. J. d. A., 2019. A história e o resto: oscilações clínico-políticas

da psicanálise e sua chegada no Brasil. *Mnemosine*, Volume 15. n. 2.

IBACACHE, T. I. V., 2016. Oliverio Gironde Y Enrique Jardiel Poncela: un diálogo entre humor y decadencia. *Episteme*, Volume N. 6, pp. 37-46.

ITAÚ, 2015. Carlos Chamberland. Em: *Enciclopedia Itaú Cultural*. São Paulo: Itaú Cultural.

ITAÚ, 2021. Renato Viana. Em: *Enciclopedia Itaú Cultural [online]*. São Paulo: Itaú Cultural.

ITAÚ, 2022. Max Cesarino Yantok. Em: *Enciclopedia Itaú Cultural [online]*. São Paulo: Itaú Cultural.

JACOBINA, R. R., 2014. Nem clima nem raça: a visão médico-social do acadêmico Juliano Moreira sobre a sífilis maligna precoce. *Revista Baiana de Saúde Pública*, Volume 38. N. 2.

JUNQUEIRA FILHO, L. C. U., 2000. A Psicanálise no Brasil. *Comciência - Revista eletrônica de jornalismo científico. Dossiê: A Interpretação dos Sonhos-100 anos*.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B., 1991. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

LIRA, J. T. C. d., 2007. Gregori Warchavchik, 1917-1927. *Novos estudos*, Volume 78, pp. 145-167.

MARFINATI, A. C. & ABRÃO, J. L. F., 2021. *Autismos e psicanálise brasileira - práticas e reflexões*. São Paulo: Appris.

MENEZES, M. O. d. S., 2014. Arthur Ramos e a psicanálise na Bahia. *Analytica - Revista de Psicanálise*, Volume 3. N. 4.

MOREIRA, J. d. O., 2004. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. *Psicologia em estudo*, pp. 219-227.

NARCISO, A. J. d. A., 2016. *A medicina vai à escola: ideias e práticas de saúde nos grupos escolares em Juiz de Fora, Minas Gerais (1906-1929)*. Rio de Janeiro: Fiocruz (Dissertação).

NOGUEIRA, F. R. C., 2014. 100 anos do primeiro trabalho acadêmico sobre psicanálise no Brasil – a dissertação de Genserico. *Analytica*, Volume 3. N. 4.

OLIVEIRA, C. L. M. V. d., 2002. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexuais na educação. *Ágora*, Volume 5. N. 1.

PALACIO, L. d. V. & GALLI, L. S., 2021. “Músicas tolas, gente do morro, gente de Copa cabana”: uma análise dos escritos de Magdala da Gama Oliveira sobre o carnaval na primeira metade do século XX. *Fazendo Gênero 12 – Seminário Internacional. UFSC-Florianópolis, Brasil*.

PENJUN, J., 2020. A ceia dos cardeais pa rodada por Amador Santelmo. *Revista Alere*, Volume 22. N. 02.

PLOTKIN, M. B., 2009. Psicoanálisis y 'habitus' nacional: um enfoque comparativo de la recepción del psicoanálisis em Argentina y Brasil (1910-1950). *Memoria y Sociedad*, Volume 13. N. 27.

PORTO CARRERO, J., [1929] 2002. A contribuição brasileira à psychanalyse (Publicado originalmente nos Anais do III Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, publicado pela Academia Nacional de Medicina em 1932 e escrito em 1929). *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental - seção Clássicos da psicopatologia*, Volume V. N. 3, pp. 154-157.

RIBEIRO, F. A., 2021. Saul Navarro, um pioneiro das letras capixabas. *Jornal de Letras (mensal)*, agosto.

ROUDINESCO, E. & PLON, M., 1998. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

RUSSO, J., 1998. Raça, psiquiatria e medicina-legal. Notas sobre a ‘prehistoria’ da

Psicanálise no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Volume 4. N. 9.

SALIM, S. A., 2010. A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. *Mental*, Volume 8. N. 14.

SANTOS, E. M. G. d., 2008. *A face criminosa: o neolombrosianismo no Recife na década de 1930*. Recife: (Dissertação) UFPE.

SANTOS, R. A. N. & MANDELBAUM, B. P. H., 2019. Karl Weissmann e a psicanálise na Era Vargas: um psicanalista entre a política, a educação e a criminologia. *Memorandum - Memória e história em Psicanálise*, Volume 36.

SCOTT, G. G., 2007. *American murder. Homicide in the early 20th century*. London: Praeger.

SODRÉ, N. W., 1999. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.

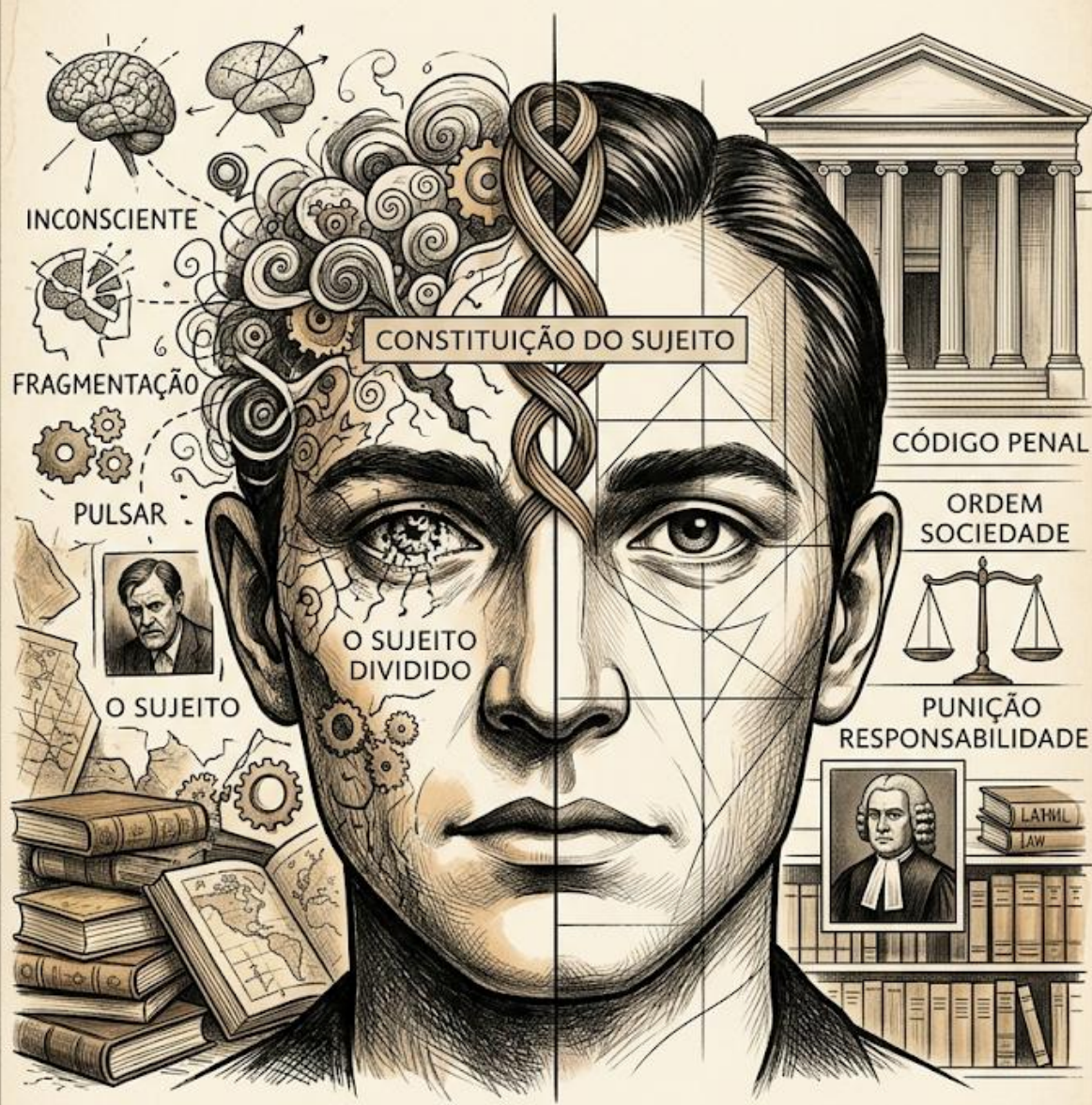
SOUZA, C. C. d., 2006. O jornalismo e a crítica da Semna de 22. *Revista PJ:BR*.

STEPAN, N. L., 2004. Eugenia no Brasil, 1917-1940. Em: *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

URSINI, L. B., 2000. *A revista O Cruzeiro na virada da década de 1930*. Campinas: Unicamp (dissertação).

VEIGY, C. d. & FRIZOT, M., 2009. *Vu: the story of a magazine*. London: Thames & Hudson.

A LOUCURA E A LEI



INTERLOCUÇÕES ENTRE O
DIREITO PENAL E A PSICANÁLISE
NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Imagem gerada por IA

A LOUCURA E A LEI: INTERLOCUÇÕES ENTRE O DIREITO PENAL E A PSICANÁLISE NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

José Itamar Soares Júnior

Psicanalista em Formação. Mestre em Direitos Humanos, com ênfase em Segurança Pública, pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em Direito pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Curso Superior de Inteligência Estratégica pela Escola Superior de Guerra (ESG). Especializações em Ciências Criminais pelo CEUT, em Inteligência Policial pela Unyleya e em Psicanálise pela FAEPI. Professor de graduação e pós-graduação do Centro de Ensino Superior do Vale do Parnaíba (CESVALE).

Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em Psicanálise - Faculdade de Educação do Piauí / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina.

RESUMO

O presente artigo analisa as interlocuções entre o Direito Penal e a Psicanálise, tendo como eixo central a loucura e a constituição do sujeito. Busca-se compreender como o discurso jurídico e o discurso psicanalítico se articulam na definição da responsabilidade, da culpa e da norma, especialmente quando o sujeito é atravessado pela experiência psicótica. A modernidade jurídica construiu o sujeito racional como base da imputabilidade penal, relegando a loucura ao campo da anormalidade e da tutela. A Psicanálise, desde Freud, ao contrário, introduziu a noção de inconsciente e deslocou o problema da razão para o da linguagem e do desejo. Conclui-se que a interlocução entre Direito Penal e Psicanálise revela a insuficiência de uma racionalidade puramente normativa e convida à construção de uma prática jurídica mais humana, capaz de considerar o sujeito em sua dimensão simbólica e desejante. A loucura, longe de ser mero objeto de exclusão, emerge como experiência que interroga os limites do Direito e reintroduz a ética no centro da justiça.

Palavras-chave: Direito Penal; Psicanálise; Loucura; Responsabilidade; Ética; Sujeito.

ABSTRACT

This article analyzes the dialogue between Criminal Law and Psychoanalysis, focusing on madness and the constitution of the subject. The article seeks to understand how legal discourse and psychoanalytic discourse articulate in defining responsibility, guilt, and the norm, especially when the subject is affected by psychotic experiences. Legal modernity constructed the rational subject as the basis of criminal liability, relegating madness to the realm of abnormality and protection. Psychoanalysis, since Freud, on the contrary, has introduced the notion of the unconscious and shifted the problem from reason to that of language and desire. The conclusion is that the dialogue between Criminal Law and Psychoanalysis reveals the insufficiency of a purely normative rationality and invites the construction of a more humane legal practice, capable of considering the subject in its symbolic and desiring dimension. Madness, far from being a mere object of exclusion, emerges as an experience that questions the limits of law and reintroduces ethics at the center of justice.

Keywords: Criminal Law; Psychoanalysis; Madness; Responsibility; Ethics; Subject

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as interlocuções entre o Direito Penal e a Psicanálise, com ênfase na forma como ambos os campos tratam a questão da loucura e da constituição do sujeito. A escolha do tema decorre da necessidade de problematizar o modelo racionalista que sustenta o discurso jurídico moderno, segundo o qual o sujeito é concebido como plenamente consciente, dotado de vontade livre e capaz de autodeterminação moral. Essa concepção, ainda hegemônica na dogmática penal, exclui de sua estrutura a dimensão inconsciente que constitui o sujeito humano e o atravessamento do desejo e da linguagem em suas ações.

A relação entre o Direito e a loucura foi, historicamente, marcada pela exclusão e pela patologização. A partir do século XVIII, o louco deixou de ser considerado apenas uma figura mística ou marginal para se tornar objeto de saber e de controle social, especialmente após o surgimento do asilo e das instituições de confinamento. Michel Foucault, em *História da Loucura e Vigiar e Punir*, demonstra que o nascimento da racionalidade moderna implicou a segregação daquilo que ela própria definia como irracional, instaurando uma fronteira simbólica entre o homem da razão e o homem da desrazão. Essa operação histórica produziu uma verdade jurídica e médica sobre o louco: ele passou a ser visto como irresponsável, perigoso e incapaz, reduzido à condição de objeto

de tutela.

A Psicanálise, inaugurada por Sigmund Freud e radicalizada por Jacques Lacan, rompe com essa tradição ao recolocar a loucura no campo da linguagem e do sujeito. Ao reconhecer o inconsciente como estruturado pela linguagem, a Psicanálise desvela que o sujeito não se confunde com a consciência e que o ato humano carrega dimensões simbólicas que ultrapassam a racionalidade jurídica. A loucura, sob essa ótica, não é simples ausência de razão, mas uma forma singular de relação com a Lei, uma tentativa de reinscrever-se simbolicamente em um laço que, por alguma falha, foi rompido.

Nesse sentido, o Direito Penal, ao fundar-se na ideia de culpa consciente e na possibilidade de compreensão do ilícito, enfrenta o desafio de lidar com um sujeito que escapa à normatividade da razão. A questão da imputabilidade penal dos indivíduos acometidos por transtornos psíquicos, por exemplo, revela a tensão entre o discurso jurídico, que busca objetividade e certeza, e a Psicanálise, que reconhece o sujeito como dividido, inconsciente e marcado pela falta. Compreender esse embate é essencial para repensar o conceito de responsabilidade, não como mera adequação normativa, mas como implicação ética do sujeito em seu próprio ato.

A análise proposta neste trabalho não pretende dissolver as fronteiras entre Direito e Psicanálise, mas construir uma interlocução crítica e produtiva. Pretende-se demonstrar que a introdução da escuta psicanalítica no campo jurí-

dico não anula a função da norma, mas a humaniza, restituindo ao sujeito o direito à palavra, ao reconhecimento e à responsabilização simbólica.

A escolha do tema justifica-se, em primeiro lugar, pela formação jurídica e pela experiência docente do autor, que leciona no curso de Bacharelado em Direito, na disciplina de Direito Penal, o que propicia contato constante com os fundamentos dogmáticos e filosóficos que sustentam a noção moderna de responsabilidade criminal. Soma-se a isso a atuação profissional como perito criminal da Polícia Civil, na qual se observa, cotidianamente, a tensão entre o discurso técnico-científico da prova pericial e as dimensões subjetivas que emergem nas práticas investigativas e judiciais. Essa dupla inserção, tanto acadêmica como profissional, oferece uma posição privilegiada para refletir sobre a interface entre Direito e Psicanálise, especialmente no que se refere à presença da loucura e da subjetividade no campo penal. A vivência prática com casos que envolvem sofrimento psíquico, atos infracionais e conflitos éticos no exercício pericial reforça a relevância de repensar as bases simbólicas da responsabilidade penal e de aproximar o discurso jurídico da escuta do sujeito, propósito central deste trabalho.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho fundamenta-se em uma abordagem teórico-analítica de natureza qualitativa, estruturada a partir de

pesquisa bibliográfica e análise conceitual. Considerando que o objeto do estudo se situa na interface entre o Direito Penal e a Psicanálise, a opção metodológica mais adequada é aquela que privilegia a interpretação crítica e o exame hermenêutico dos discursos teóricos que sustentam essas áreas do saber.

A pesquisa é de caráter essencialmente teórico e bibliográfico, construída a partir da leitura, interpretação e confrontação de obras clássicas e contemporâneas de referência nos campos do Direito, da Psicanálise, da Filosofia e da Criminologia crítica. A natureza qualitativa do estudo decorre da ênfase na compreensão e na interpretação dos sentidos que os conceitos de lei, culpa, loucura e sujeito assumem em cada tradição discursiva, em lugar de uma abordagem quantitativa ou empírica.

O método de investigação é dedutivo e interpretativo. Parte-se de pressupostos teóricos gerais, para, a partir deles, examinar de que forma tais categorias se articulam e se tensionam na prática penal e nas concepções de responsabilidade. Essa orientação dedutiva, no entanto, não se limita à aplicação de teorias preexistentes, mas busca compreender o modo como elas se transformam mutuamente quando colocadas em diálogo interdisciplinar. O movimento interpretativo, por sua vez, constitui a base da análise hermenêutica empregada, já que o objeto de estudo envolve conceitos simbólicos e discursivos cuja apreensão depende do exame de significados, contextos e implicações éticas.

O percurso metodológico desenvolveu-se em

três etapas complementares. A primeira consistiu no levantamento e seleção da bibliografia pertinente, contemplando autores fundamentais como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Michel Foucault, Vladimir Safatle, Christian Dunker, Franco Basaglia, Luigi Ferrajoli e Joel Birman, entre outros. Essa revisão permitiu estabelecer os alicerces teóricos para compreender a construção histórica da racionalidade jurídica moderna, o nascimento do discurso psiquiátrico e a emergência da Psicanálise como discurso sobre o sujeito e a Lei.

A segunda etapa compreendeu a análise interpretativa e comparativa das categorias centrais de ambos os campos. No âmbito jurídico, foram estudados os conceitos de culpabilidade, imputabilidade e pena, bem como o papel da norma na constituição do sujeito de direitos. Na Psicanálise, examinaram-se as noções de inconsciente, desejo, gozo, forclusão, ética e escuta, considerando suas implicações na compreensão do ato, da transgressão e da responsabilidade subjetiva. A leitura cruzada desses conceitos permitiu observar tanto as convergências quanto as divergências entre as duas disciplinas, especialmente no que concerne à tensão entre o universal da norma e a singularidade do sujeito.

A terceira etapa consistiu na elaboração da síntese crítica e na articulação interdisciplinar dos resultados teóricos. Buscou-se construir um discurso analítico que não reduzisse o Direito à Psicologia nem a Psicanálise à Medicina Legal, mas que reconhecesse a autonomia epistemológica de cada campo, preservando suas

diferenças enquanto permite o diálogo ético entre ambos. Essa síntese se orientou pelo princípio de que a Lei jurídica e a Lei simbólica, embora distintas, partilham a mesma estrutura de linguagem e limite. Ambas instauram o campo do desejo e da interdição, e é nessa intersecção que se pode compreender o lugar da loucura e da responsabilidade.

A base epistemológica da pesquisa é a hermenêutica crítica, inspirada na tradição filosófica contemporânea que compreende o conhecimento como interpretação situada. O diálogo entre Direito e Psicanálise é aqui compreendido como um exercício de leitura mútua: o Direito lê a Psicanálise para reconhecer seus próprios limites e o inconsciente que o atravessa; a Psicanálise lê o Direito para compreender como a Lei estrutura o desejo e o laço social. Trata-se, portanto, de uma metodologia que privilegia a escuta e a abertura à alteridade, princípios que também se refletem na postura ética do pesquisador diante do objeto estudado.

Ao adotar esse percurso metodológico, o presente trabalho pretende contribuir para o avanço da reflexão crítica sobre o modo como o discurso jurídico lida com a diferença, o sofrimento e a loucura. Mais do que buscar respostas definitivas, o objetivo é sustentar o campo da pergunta: como o Direito pode reconhecer o sujeito do inconsciente sem abdicar de sua função normativa? E como a Psicanálise pode intervir eticamente no campo jurídico sem transformar a Lei em mero sintoma? Essas questões constituem o próprio horizonte me-

todológico do estudo, reafirmando que a interlocução entre Direito e Psicanálise é um exercício de travessia, no qual o conhecimento se constrói no movimento de escuta e de reflexão sobre os limites da razão e da norma.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. A LOUCURA E O NASCIMENTO DA RAZÃO JURÍDICA MODERNA

A constituição da racionalidade jurídica moderna está intimamente vinculada à forma como a sociedade ocidental tratou a loucura. O processo de institucionalização do Direito Penal, enquanto expressão da razão estatal e da ordem normativa, não pode ser compreendido sem considerar o movimento paralelo de exclusão daquilo que o pensamento moderno denominou de “desrazão”. A formação do sujeito jurídico racional é, ao mesmo tempo, a negação simbólica do sujeito louco.

Michel Foucault, ao reconstruir a genealogia da loucura na *História da Loucura na Idade Clássica*, demonstra que a separação entre razão e desrazão não é natural, mas histórica. Antes do século XVII, o louco era uma figura social ambígua, muitas vezes inserida na vida coletiva, na arte ou na religião. A partir da modernidade, no entanto, ele se torna objeto de confinamento, vigilância e correção. O chamado “grande internamento”, movimento que culminou na criação das casas de trabalho e hospitais gerais, marca o momento em que o louco deixa de ser sujeito de palavra para tornar-se corpo a ser disciplinado.

Essa exclusão, longe de ser apenas um fenômeno médico, foi também jurídico e moral. A loucura passou a ser tratada como ruptura da ordem e ameaça à racionalidade do Estado. O internamento e a punição tornaram-se instrumentos complementares de um mesmo poder: aquele que visa restabelecer a normalidade pela exclusão da diferença. O discurso jurídico moderno, ao pretender fundar-se na razão universal, construiu-se sobre o silenciamento do outro da razão — o louco, o criminoso, o desviado.

No contexto iluminista, o sujeito de direitos é concebido como indivíduo dotado de vontade livre e racionalidade plena. Essa imagem, presente em Kant e Rousseau, fundamenta o princípio da responsabilidade penal. Aquele que conhece a lei e pode determinar-se conforme ela é imputável; aquele que não o pode é excluído do campo da culpa. Surge, assim, o paradoxo da modernidade: o Direito, em nome da liberdade, produz novas formas de exclusão.

Ao longo do século XIX, esse paradigma racionalista foi reforçado pela ascensão do positivismo. O pensamento jurídico de Cesare Lombroso e Enrico Ferri introduziu no Direito Penal uma perspectiva biologizante, que reduzia o crime à expressão de degenerações hereditárias ou patologias morais. A figura do “criminoso nato” espelha a do “louco perigoso”: ambos são classificados como corpos desviantes a serem observados, catalogados e neutralizados. O saber jurídico passa a dialogar com o saber médico, inaugurando o campo da psiquiatria forense.

Essa aliança entre Direito e medicina produziu uma nova forma de controle social. Como observa Giorgio Agamben, a modernidade jurídica operou a transformação da vida em objeto de poder, o que ele denomina *biopolítica*. O corpo do louco, do criminoso e do doente mental é capturado por um poder que não apenas proíbe, mas administra a vida. A inter-nação, a perícia e a medida de segurança são expressões dessa captura: o Direito passa a gerir a vida nua, isto é, a vida reduzida à sua dimensão biológica e desprovida de voz.

Pierre Legendre aprofunda essa leitura ao mostrar que o Direito não é apenas um sistema de normas, mas também um sistema de crenças. Toda ordem jurídica funda-se em uma ficção simbólica, uma narrativa que organiza o desejo social. O sujeito jurídico moderno é o herdeiro dessa ficção: aquele que se submete à Lei para ser reconhecido como sujeito. A loucura, ao escapar dessa inscrição simbólica, ameaça o próprio edifício da Lei. Por isso, a exclusão do louco é também um gesto de reafirmação do poder normativo.

Assim, o nascimento da razão jurídica moderna coincide com a constituição de um dispositivo de exclusão que separa os sujeitos aptos à cidadania dos sujeitos da tutela. A loucura é confinada ao espaço médico-jurídico e tratada como não-sujeito de direitos. A figura do perito substitui a do confessor, e a linguagem da medicina ocupa o lugar do discurso ético. O processo penal torna-se o palco de uma dupla autoridade — a do juiz e a do psiquiatra — ambas legitimadas pela pretensão de representar a verdade.

A racionalidade penal moderna, portanto, não apenas julga o ato, mas também classifica o sujeito. O Direito deixa de interrogar a intenção e passa a interrogar a personalidade. O criminoso e o louco tornam-se tipos sociais, categorias de saber que justificam a intervenção do Estado. A medida de segurança, nesse sentido, é a expressão máxima do poder disciplinar: ela não pune, mas corrige; não castiga, mas vigia.

3.1.1 O dispositivo da exclusão e a arqueologia da loucura

A noção foucaultiana de “dispositivo” é fundamental para compreender a articulação entre Direito, poder e loucura. Um dispositivo é um conjunto heterogêneo de práticas, discursos e instituições que produzem efeitos de verdade e de subjetivação. O dispositivo da exclusão organiza o campo social ao delimitar o que é racional e o que deve ser silenciado.

O hospital psiquiátrico, o manicômio judiciário e a prisão são expressões materiais desse dispositivo. Nesses espaços, o sujeito é reduzido a objeto de saber e de controle. O silêncio imposto à loucura é, paradoxalmente, o que a faz falar sob a forma do sintoma. O internamento é uma técnica de governo das almas, uma forma de traduzir o sofrimento em diagnóstico e de substituir o conflito simbólico pela classificação médica.

A arqueologia da loucura, proposta por Foucault, revela que o internamento do louco não visava à cura, mas à manutenção da ordem. O que estava em jogo não era o tratamento, mas

a moral. A exclusão da loucura, assim, é o espelho no qual a razão moderna se reconhece.

3.1.2 O poder disciplinar e a medicalização do desvio

O século XIX testemunhou a consolidação do poder disciplinar, caracterizado por Foucault como uma nova tecnologia de poder. Diferente do poder soberano, que se exerce pelo direito de punir e matar, o poder disciplinar atua pelo controle dos corpos e pela vigilância permanente.

O hospital, a escola, a fábrica e a prisão constituem redes de observação e normatização. O sujeito é formado e controlado ao mesmo tempo. No campo penal, essa lógica se traduz na passagem do suplício à correção: punir deixa de ser um espetáculo e torna-se um processo pedagógico.

A medicalização do desvio representa a fase final dessa transformação. A punição passa a ser legitimada não apenas pela moral, mas pela ciência. O crime é tratado como patologia; o castigo, como terapia. O resultado é a fusão entre poder jurídico e poder médico, que dá origem ao Estado tutelar.

Ao definir o louco como inimputável, o Direito Penal moderno reafirma a lógica da tutela. O sujeito psicótico é excluído da ordem jurídica em nome da proteção social, mas sua exclusão se converte em perpetuação do confinamento. O hospital de custódia torna-se o espaço emblemático dessa ambiguidade: lugar de não-punição e de não-liberdade.

Em síntese, o nascimento da razão jurídica

moderna coincide com a fundação de uma política da normalidade. A loucura é separada da razão, o delírio é transformado em sintoma, e o sujeito é reduzido àquilo que deve ser corrigido. O Direito Penal, ao operar nesse registro, corre o risco de converter-se em instrumento de medicalização e controle, perdendo de vista a dimensão simbólica e ética que constitui o humano.

3.2 O SUJEITO DO INCONSCIENTE E A ESTRUTURA PSICÓTICA

A emergência da Psicanálise, no final do século XIX, produziu uma ruptura epistemológica profunda em relação à concepção moderna de sujeito. Se o Direito moderno se constrói sobre a noção de consciência e racionalidade, a Psicanálise revela um sujeito atravessado pelo inconsciente, dividido entre saber e não saber, razão e desejo. Essa transformação implica não apenas uma nova forma de compreender o comportamento humano, mas também uma reconfiguração ética da responsabilidade e da culpa.

A partir de Freud e, posteriormente, de Lacan, o sujeito deixa de ser entendido como entidade substancial e passa a ser concebido como efeito de linguagem. Essa virada implica que o sujeito não é anterior à Lei, mas constituído por ela. A Lei, na Psicanálise, não é apenas uma norma jurídica, mas uma estrutura simbólica que delimita o desejo e torna possível a convivência humana. Assim, compreender a loucura, sob o olhar psicanalítico, significa

compreender uma falha na relação entre o sujeito e essa Lei simbólica que o funda.

3.2.1 Freud e a descoberta do inconsciente

Sigmund Freud inaugura, com a Psicanálise, uma revolução no modo de pensar o sujeito. Ao afirmar que o inconsciente é estruturado como um sistema dotado de lógica própria, ele rompe com a tradição filosófica e jurídica que via o homem como senhor de sua razão e de sua vontade. O inconsciente, longe de ser um depósito de irracionalidades, é uma instância de saber, um saber que fala por meio dos sonhos, dos sintomas, dos atos falhos e dos lapsos de linguagem.

Essa concepção freudiana tem implicações diretas para o campo jurídico. O ato, que para o Direito é expressão da vontade consciente, para a Psicanálise pode ser também manifestação de um conflito inconsciente. A responsabilidade, portanto, não se limita ao plano da intenção, mas inclui dimensões desconhecidas do próprio sujeito.

Freud observou que o sintoma é uma formação de compromisso entre desejo e proibição. Ele condensa uma verdade reprimida que retorna sob forma disfarçada. Nessa perspectiva, a loucura não é ausência de razão, mas uma tentativa de reorganização do mundo simbólico. O sujeito psicótico, ao delirar, constrói uma nova ordem significativa para suportar a invasão do real.

O célebre caso Schreber, analisado por Freud em 1911, é paradigmático para compreender essa dinâmica. Daniel Paul Schreber, juiz ale-

mão que desenvolveu um delírio de perseguição e de transformação corporal, acreditava estar sendo submetido a forças divinas que visavam regenerar a humanidade. Freud percebeu nesse delírio não uma simples desrazão, mas uma lógica de sentido: Schreber buscava restituir, através do delírio, uma coerência simbólica perdida.

A partir desse caso, Freud formula uma hipótese essencial: na psicose, há uma ruptura na relação do sujeito com a realidade, resultante da recusa de um significante fundamental — a figura paterna como representante da Lei. O delírio, portanto, é uma tentativa de cura, uma reconstrução imaginária daquilo que se perdeu. Essa leitura confere à loucura uma dignidade simbólica que o discurso jurídico tradicional havia negado.

3.2.2 Lacan: a forclusão do Nome-do-Pai e a Lei simbólica

Jacques Lacan retoma e radicaliza a descoberta freudiana, deslocando o centro da teoria do inconsciente para a estrutura da linguagem. Para ele, “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, o que significa que o sujeito é efeito do significante. Diferentemente da psicologia do ego, que concebe o indivíduo como um todo unitário, Lacan mostra que o sujeito é uma divisão, uma fenda produzida pela entrada na linguagem.

No ensino de Lacan, a loucura não é definida por déficit cognitivo, mas por uma falha estrutural na inscrição do sujeito na Lei simbólica. Essa Lei é representada, no modelo lacaniano,

pelo “Nome-do-Pai”, o significante que garante a mediação entre o desejo e a Lei, introduzindo o sujeito na ordem simbólica da cultura. Quando o Nome-do-Pai é foracluído, isto é, excluído do campo simbólico, o sujeito perde essa mediação. O significante que deveria ancorar o sentido retorna no real sob forma de alucinação ou delírio. A psicose, portanto, não é ausência de linguagem, mas excesso de real: uma invasão do sentido que o sujeito tenta dominar através do discurso delirante.

Essa concepção lacaniana tem grande relevância para o Direito Penal. A imputabilidade jurídica parte do pressuposto de que o sujeito reconhece a lei e pode agir de acordo com ela. Na psicose, entretanto, a Lei não é reconhecida no plano simbólico; ela se manifesta como comando exterior, voz persecutória ou imposição divina. O psicótico não é inimputável porque ignora a norma, mas porque a experimenta de forma radical e despida de mediação.

O que se perde, na psicose, é justamente a distância simbólica que permite ao sujeito situar-se diante da Lei. O delírio surge como uma tentativa de reintroduzir essa distância, criando um sistema de significações que substitui o laço social. Nesse sentido, a exclusão jurídica do louco como inimputável reproduz, no plano institucional, a mesma falha estrutural que o delírio tenta reparar: a ausência de escuta, de simbolização e de reconhecimento.

3.2.3 A loucura como linguagem

A partir de Freud e Lacan, a Psicanálise propõe uma virada conceitual: a loucura não é ausência

de linguagem, mas linguagem em estado puro. O delírio é uma produção de sentido, ainda que singular e muitas vezes incompreensível ao olhar social. Escutar o louco é, portanto, reconhecer que há um sujeito em sua fala. Um sujeito que tenta nomear o indizível.

Essa concepção desafia profundamente o Direito Penal, que se estrutura sobre o ideal de clareza e racionalidade. O discurso jurídico busca eliminar ambiguidades, enquanto o discurso analítico reconhece que a verdade do sujeito é sempre fragmentada. A fala do louco, que para o Direito é ruído, para a Psicanálise é testemunho.

Christian Dunker observa que o ato analítico se define por sustentar o lugar da fala, permitindo que o sujeito se responsabilize simbolicamente por seu sintoma. Essa ética da escuta pode inspirar o campo jurídico a repensar o modo como se relaciona com a loucura. Ao invés de classificar, o Direito poderia escutar; ao invés de excluir, poderia reconhecer.

A loucura, enquanto linguagem, denuncia os limites da razão jurídica moderna. Ela revela que o sujeito não é inteiramente capturado pela norma e que há sempre um resto de sentido que escapa ao controle da lei. Nesse resto, habita o inconsciente, o lugar onde a verdade fala, ainda que de modo tortuoso.

Assim, compreender a loucura à luz da Psicanálise não significa dissolver a responsabilidade, mas reinscrevê-la em outro registro: o da responsabilidade pelo próprio dizer. Escutar o louco é oferecer-lhe a possibilidade de reconciliação com a Lei simbólica, não pela coerção,

mas pela palavra.

3.3 DIREITO PENAL, RESPONSABILIDADE E GOZO

A responsabilidade penal constitui um dos pilares fundamentais do sistema jurídico moderno. Desde o Iluminismo, a noção de culpa e de imputabilidade se apoia na crença de que o homem é capaz de compreender o caráter ilícito de sua conduta e de agir conforme essa compreensão. A estrutura do Direito Penal, portanto, repousa sobre a imagem de um sujeito racional, consciente e livre. No entanto, a Psicanálise, ao introduzir o inconsciente, subverte essa lógica ao demonstrar que a ação humana é atravessada por desejos, pulsões e formações simbólicas que escapam ao controle da consciência.

O ato, para o Direito, é o ponto de chegada da vontade; para a Psicanálise, é o ponto de emergência do inconsciente. O crime, nesse sentido, não é apenas uma infração à norma, mas pode ser também um modo de dizer algo que o sujeito não conseguiu simbolizar de outra forma. A dimensão ética que a Psicanálise introduz no campo jurídico não visa à absolvição, mas à responsabilização subjetiva: trata-se de permitir que o sujeito reconheça o desejo implicado em seu ato.

3.3.1 A culpabilidade jurídica e a culpabilidade ética

O conceito de culpabilidade no Direito Penal está vinculado à capacidade de autodeterminação. Para que haja culpa, é necessário que o

agente possua consciência do ilícito e possibilidade de agir de modo diverso. Essa concepção se ancora em um modelo racionalista de sujeito, derivado da filosofia moral kantiana, que associa a liberdade à obediência à razão.

A Psicanálise, por sua vez, introduz uma nova perspectiva sobre a culpa. Freud demonstrou que o sentimento de culpa antecede o ato e está relacionado à ambivalência pulsional que estrutura o sujeito. Em *O mal-estar na civilização*, o autor mostra que a civilização se sustenta sobre a repressão do desejo e que a culpa é o preço da renúncia pulsional. O sujeito é atravessado por um conflito entre o princípio do prazer e as exigências da Lei, conflito que constitui sua própria condição de ser civilizado. A culpabilidade ética, nesse sentido, não se refere à violação de uma norma externa, mas à recusa de reconhecer o próprio desejo. Lacan retoma essa ideia ao afirmar que “a única coisa de que se pode ser culpado é de ceder de seu desejo”. Essa frase, extraída do *Seminário 7 – A Ética da Psicanálise*, traduz uma concepção radical de responsabilidade: o sujeito é responsável não pelo que faz em conformidade com a norma, mas pelo que faz de si mesmo ao desejar.

No campo penal, essa concepção desloca a questão da imputabilidade. O inimputável, sob a ótica da Psicanálise, não é aquele que está isento de responsabilidade, mas aquele que ainda não pôde se reconhecer em seu ato. O trabalho analítico não visa, portanto, à punição ou à absolvição, mas à produção de um lugar simbólico a partir do qual o sujeito possa se

implicar em sua própria história.

Essa distinção entre culpabilidade jurídica e ética revela que a Psicanálise não nega a responsabilidade, mas a reinscreve em outro plano. O Direito busca garantir a ordem; a Psicanálise, a verdade do sujeito. Ambas se encontram quando se reconhece que o ato humano não pode ser reduzido à intenção consciente.

3.3.2 O ato, o desejo e o inconsciente

O ato ocupa um lugar central tanto na Psicanálise quanto no Direito. No primeiro, o ato é expressão do inconsciente; no segundo, é a materialização da vontade. No entanto, há uma diferença decisiva: para o Direito, o ato é algo a ser avaliado e punido; para a Psicanálise, algo a ser interpretado.

O ato analítico, segundo Lacan, é aquele que produz um novo saber sobre o desejo. Quando o sujeito realiza um ato, ele se confronta com aquilo que há de mais singular em sua relação com a Lei. O crime, nesse sentido, pode ser compreendido como um modo de inscrever o sujeito na Lei simbólica, ainda que de forma distorcida.

A noção de *ato falho* — introduzida por Freud — permite compreender que as ações humanas são portadoras de sentido inconsciente. O ato criminoso pode ser, em alguns casos, uma tentativa de resolver simbolicamente uma falta, uma resposta ao vazio estrutural do sujeito. Isso não implica justificá-lo, mas reconhecer que ele carrega uma verdade subjetiva que o discurso jurídico tende a silenciar.

A distinção entre ato e ação é fundamental. A

ação é calculada, intencional; o ato, ao contrário, irrompe como algo que excede o sujeito. Ele é da ordem do acontecimento, do trauma e do desejo. Quando o Direito pretende compreender o ato apenas pela lógica da intenção, ele desconsidera a dimensão inconsciente que o constitui.

A Psicanálise convida o Direito a reconhecer que a responsabilidade não depende da consciência plena, mas da posição subjetiva que o indivíduo ocupa diante do que fez. Mesmo o sujeito psicótico, embora possa ser declarado inimputável, pode encontrar, por meio da escuta e da palavra, um lugar de responsabilização simbólica. Trata-se de uma responsabilidade que não se confunde com a penal, mas que diz respeito à possibilidade de assumir o próprio dizer.

3.3.3 O gozo e a lei: entre punição e desejo

O conceito de *gozo*, formulado por Lacan, é decisivo para compreender a relação entre o sujeito e a Lei. O gozo é a dimensão de prazer paradoxal que acompanha a transgressão, o excesso que ultrapassa o princípio do prazer e que se vincula à pulsão de morte. Ele não se confunde com o prazer; é, antes, um sofrimento prazeroso, uma satisfação que advém do próprio confronto com a Lei.

No campo penal, o gozo aparece tanto no sujeito infrator quanto na própria sociedade punitiva. Para o delinquente, a transgressão pode representar uma forma de gozo, isto é, uma tentativa de confrontar-se com a Lei e de afir-

mar uma posição de existência frente ao Outro. Para a coletividade, a punição cumpre também uma função de gozo social: punir o outro é reafirmar a própria normalidade.

Foucault, em *Vigiar e Punir*, mostra que o castigo moderno, ao substituir o suplício pelo encarceramento, não aboliu o prazer do controle. A sociedade disciplinar continua a gozar da punição, ainda que sob a máscara da reabilitação. O gozo da punição é o gozo da ordem: o prazer de ver o desvio ser reconduzido à norma.

A Psicanálise permite compreender que o Direito, ao aplicar a pena, não atua apenas racionalmente, mas também de forma pulsional. O desejo de punir é, muitas vezes, expressão de uma necessidade inconsciente de manter o Outro em posição de culpado. A função simbólica da pena deveria ser, contudo, a de restaurar a Lei enquanto significante, e não apenas satisfazer o gozo da vingança.

Essa compreensão abre espaço para uma ética da justiça que ultrapasse o binarismo entre castigo e absolvição. Reconhecer o gozo que habita a Lei é reconhecer que o Direito não é neutro e que todo julgamento é também atravessado por paixões, medos e identificações. A Psicanálise, ao trazer à luz esses elementos, não destrói o Direito, mas o humaniza.

3.3.4 A responsabilidade como laço com a Lei

A noção de responsabilidade, na perspectiva psicanalítica, ultrapassa o campo jurídico e se inscreve na dimensão simbólica do sujeito. Ser responsável é responder por aquilo que se diz,

e não apenas pelo que se faz. Lacan indica que o sujeito só existe quando responde ao chamado da Lei simbólica. Essa resposta pode se dar pela obediência, pela transgressão ou pelo sintoma; o que importa é o reconhecimento da Lei como instância constitutiva.

No Direito Penal, a responsabilidade é medida por critérios de imputabilidade; na Psicanálise, ela se mede pela posição subjetiva frente ao desejo. Mesmo o sujeito em surto psicótico, ao falar, pode ser reconduzido a um lugar simbólico de responsabilidade, ainda que não jurídico. O que a Psicanálise propõe é uma responsabilização pela palavra, uma forma de reinscrição na Lei através da escuta.

Dessa forma, o encontro entre Direito e Psicanálise no campo da responsabilidade não é um confronto, mas uma possibilidade de diálogo ético. O Direito busca garantir a ordem social; a Psicanálise, a verdade do sujeito. Ambas se encontram no reconhecimento de que a Lei não é apenas uma norma, mas um significante que organiza o desejo e sustenta o laço social.

3.4 A PENA, O PODER E O GOZO COLETIVO

A pena constitui, dentro da lógica penal moderna, o mecanismo simbólico por excelência de reafirmação da Lei. É por meio dela que o Estado manifesta sua autoridade, delimita o permitido e o proibido e reafirma o pacto social ameaçado pela transgressão. No entanto, como demonstra Michel Foucault, a pena não é apenas uma técnica de correção, mas também

um instrumento de poder. Por trás da racionalidade punitiva que se apresenta como legítima e necessária, há um conjunto de práticas e saberes que disciplinam, vigiam e normalizam os corpos e as condutas.

A Psicanálise, por sua vez, introduz um olhar que ultrapassa a superfície moral ou jurídica da punição, revelando a dimensão pulsional e inconsciente que nela se inscreve. A relação entre o sujeito e a Lei é marcada pelo gozo, uma satisfação paradoxal que acompanha tanto o ato de transgredir quanto o ato de punir. Desse modo, a pena, para além de sua função jurídica, também desempenha um papel simbólico e libidinal na manutenção da coesão social.

3.4.1 O castigo como dispositivo de normalização

A transformação histórica da pena, do suplício público ao encarceramento, reflete a mudança nas formas de exercício do poder. Foucault, em *Vigiar e Punir*, demonstra que a execução pública, espetáculo de dor e de soberania, foi substituída, no século XIX, por mecanismos mais sutis e contínuos de vigilância e correção. O suplício, que antes inscrevia no corpo o poder do soberano, cedeu lugar ao controle permanente dos comportamentos, à observação e à classificação dos indivíduos.

O castigo moderno não busca mais o espetáculo da dor, mas a produção da docilidade. A prisão, a escola, o hospital e a fábrica tornaram-se instituições exemplares desse novo modelo disciplinar. Cada uma delas opera pela vigilância, pela normatização e pela repetição,

produzindo sujeitos conformes ao ideal de produtividade e de utilidade social. A pena, nesse contexto, não é apenas uma resposta ao crime, mas um dispositivo pedagógico e político que molda subjetividades.

O Direito Penal, sob a égide dessa racionalidade disciplinar, assumiu a função de normalizar o desvio. O criminoso deixou de ser apenas aquele que violou a Lei, tornando-se aquele que precisa ser “corrigido” e “reabilitado”. O discurso jurídico passou a dialogar com o discurso médico e psicológico, buscando, no interior da ciência, justificativas para o controle da conduta. Assim, o castigo moderno é também uma forma de saber: ele classifica, diagnostica e individualiza o sujeito, transformando-o em objeto de observação e experimentação.

Essa dinâmica evidencia o que Foucault denomina “sociedade disciplinar”, na qual o poder se infiltra nas práticas cotidianas e nos discursos científicos. A pena, longe de ser um simples instrumento de justiça, torna-se um mecanismo de manutenção da ordem simbólica. Punir, nesse sentido, é ensinar a obediência, reproduzindo o ideal de um sujeito dócil e racional.

A medicalização da punição, característica dos sistemas penais contemporâneos, reforça essa lógica de controle. O preso, o delinquente ou o louco são tratados como objetos de intervenção técnica. Essa mutação discursiva, embora aparente humanização, encobre a continuidade da exclusão. O castigo é apenas deslocado do corpo físico para o corpo psíquico, mantendo-se a mesma estrutura de subordinação.

3.4.2 O gozo social da punição e a função simbólica da pena

A Psicanálise, ao introduzir a noção de *gozo*, permite compreender o aspecto libidinal da punição. O gozo, para Lacan, é o prazer paradoxal que advém do encontro com a Lei e com o limite. Ao mesmo tempo em que o sujeito sofre com a interdição, ele retira dela uma satisfação inconsciente. A Lei, ao proibir, também produz desejo, e é dessa tensão que se alimenta o laço social.

No campo penal, esse fenômeno se manifesta de duas maneiras complementares. De um lado, o infrator encontra, no ato de transgredir, uma forma de confrontar-se com a Lei e de afirmar sua existência diante do Outro. O crime pode ser lido como uma tentativa de inscrição simbólica. De outro lado, a sociedade, ao punir, também goza. O espetáculo da punição, mesmo quando mediado pela linguagem jurídica, satisfaz uma necessidade inconsciente de reafirmar o poder da norma e de expulsar simbolicamente o mal.

Vladimir Safatle e Christian Dunker, ao refletirem sobre a cultura punitiva contemporânea, observam que a sociedade moderna substituiu o suplício físico pelo prazer da vigilância. O gozo coletivo da punição se expressa na satisfação moral e midiática de ver o outro reduzido à condição de culpado. As redes sociais, os tribunais e a opinião pública tornam-se arenas desse gozo: a punição não é apenas aplicada, é encenada.

A função simbólica da pena, porém, deveria

ser outra. Para além do castigo, a pena tem a função de restituir o valor da Lei enquanto estrutura simbólica que organiza o desejo. Quando a punição se reduz à satisfação do gozo, a Lei perde sua dimensão ética e transforma-se em mera retaliação. O desafio contemporâneo consiste, portanto, em restituir à pena seu caráter simbólico e educativo, sem que isso signifique submeter o sujeito à humilhação.

A leitura psicanalítica da punição revela que o excesso de gozo destrói o laço social. Quando o Direito se torna veículo da vingança, ele deixa de operar como mediador do desejo e passa a atuar como instrumento de destruição simbólica. Punir, nesse contexto, deixa de ser restabelecer a justiça e passa a ser gozar da exclusão. Michel Foucault já havia advertido que o poder punitivo, mesmo quando revestido de legalidade, tende a reproduzir o mesmo mal que pretende combater. A sociedade disciplinar, ao gozar da punição, legitima o controle e a vigilância permanentes. A Psicanálise, ao contrário, propõe uma ética do limite: reconhecer que o gozo é inevitável, mas que ele deve ser simbolizado, inscrito na Lei.

Essa articulação entre Direito e Psicanálise permite repensar a própria finalidade da pena. Não se trata apenas de retribuir o mal com o mal, nem de corrigir o desvio pela técnica, mas de oferecer ao sujeito a possibilidade de reencontrar-se com a Lei simbólica — a Lei que proíbe, mas também sustenta o desejo. A punição, assim compreendida, deixa de ser mera

coerção e torna-se oportunidade de responsabilização subjetiva.

3.4.3 O poder, a culpa e o espetáculo contemporâneo

O contexto contemporâneo revela uma intensificação das formas de exposição e espetacularização da culpa. O tribunal midiático substitui o julgamento racional pela catarse coletiva. O infrator, antes sujeito de direitos, converte-se em objeto de indignação pública. Essa teatralização da punição, como nota Safatle, expressa a dimensão afetiva e pulsional do poder. A culpa é exibida como espetáculo moral e o castigo, como prova de justiça.

A Psicanálise oferece uma leitura alternativa: a pulsão punitiva coletiva é um modo de negar o próprio mal-estar da civilização. Projetando sobre o outro o que não suporta em si, a sociedade encontra na punição um mecanismo de expiação simbólica. O delinquente é o depositário do mal que o grupo não quer reconhecer. O castigo, então, opera como ritual de purificação.

Nessa perspectiva, o gozo coletivo da pena revela a dificuldade de lidar com a falta constitutiva que atravessa o sujeito e o laço social. Punir o outro é, em última instância, punir a própria falta. A ética psicanalítica propõe o caminho inverso: reconhecer a falta, simbolizá-la e, com isso, reinscrever o sujeito e o coletivo na dimensão do desejo e não da destruição.

Em síntese, a análise da pena sob o prisma da Psicanálise e da crítica foucaultiana permite compreender que o castigo moderno não é

apenas um mecanismo jurídico, mas também um discurso sobre o corpo, o desejo e o poder. Ele atua como tecnologia de normalização, mas também como cena de gozo. Entre o Direito e a Psicanálise, a questão não é abolir a pena, mas restituir-lhe seu valor simbólico, de modo que ela não destrua o sujeito, mas possibilite a reconciliação entre a Lei e o desejo.

3.5 ÉTICA, ESCUTA E SUJEITO DE DIREITOS

A aproximação entre o Direito e a Psicanálise, quando pensada sob o prisma da ética, revela um ponto de encontro singular entre dois discursos que, à primeira vista, parecem inconciliáveis. O Direito, fundado na universalidade da norma, opera a partir de uma lógica objetiva, voltada para a generalização e a aplicação da lei. A Psicanálise, ao contrário, parte da singularidade do sujeito e da irrupção do inconsciente, lugar onde a universalidade se desfaz em particularidade.

Apesar dessas diferenças epistemológicas, ambos os campos compartilham um mesmo desafio ético: como tratar o sujeito em sua dimensão de alteridade, sem reduzi-lo a um objeto de tutela ou a um número na estatística judicial. A ética da Psicanálise e a ética jurídica se cruzam nesse ponto, ainda que por caminhos distintos.

3.5.1 A ética da Psicanálise e o imperativo do desejo

A ética freudiana, e posteriormente lacaniana, funda-se na ideia de que o sujeito é atravessado

pelo desejo e pela falta. Freud mostrou que o mal-estar é inerente à vida civilizada, uma vez que o sujeito precisa renunciar a parte de seu gozo para viver em sociedade. A Lei, nesse sentido, não é apenas restrição, mas também condição de possibilidade do laço social.

Lacan retoma essa leitura e propõe uma ética que não se orienta pelo bem, mas pelo desejo. Em *A Ética da Psicanálise*, ele afirma que a única coisa de que o sujeito pode ser culpado é de ceder de seu desejo. Esse enunciado sintetiza a radicalidade de uma ética que não se pauta pela moral, mas pela fidelidade ao que há de mais singular no sujeito. O dever ético, portanto, não é o de obedecer à norma, mas o de responder ao próprio desejo de forma responsável, reconhecendo que toda escolha implica perda.

A ética da Psicanálise não pretende substituir o Direito, mas tensioná-lo. Enquanto o Direito busca a coerência entre norma e conduta, a Psicanálise busca a verdade do sujeito. Essa diferença é fundamental: a ética jurídica se organiza em torno do dever-ser, ao passo que a ética psicanalítica se organiza em torno do ser-faltante. O sujeito ético, na Psicanálise, é aquele que reconhece sua falta e, ainda assim, se posiciona diante do desejo.

Essa concepção oferece uma alternativa à moral jurídica, frequentemente fundada em ideais de correção e retribuição. Ao invés de punir o sujeito pelo que ele fez, a ética da Psicanálise propõe responsabilizá-lo pelo que ele é diante de seu desejo. Essa forma de responsabilidade não se confunde com a imputabilidade penal,

mas implica reconhecer que o sujeito é sempre mais do que seu ato.

3.5.2 O sujeito de direitos e o reconhecimento simbólico

O Direito moderno, ao construir o sujeito de direitos, estabeleceu um ideal de autonomia e racionalidade. O indivíduo é reconhecido como sujeito jurídico na medida em que é capaz de compreender a norma e de agir segundo ela. No entanto, essa concepção exclui, historicamente, aqueles que não se enquadram nesse modelo, os loucos, os incapazes, os considerados “anormais”.

A Psicanálise, ao contrário, propõe uma concepção de sujeito que não depende da razão, mas da palavra. Ser sujeito, para a Psicanálise, é ser falante, ou seja, é estar inserido em uma rede simbólica que dá sentido à existência. Mesmo aquele que delira, que fala “fora do sentido comum”, ainda assim fala, e é nessa fala que o sujeito se constitui.

Ao trazer o sujeito de volta ao campo da linguagem, a Psicanálise oferece ao Direito uma nova possibilidade de reconhecimento. O sujeito psicótico, muitas vezes reduzido à categoria de inimputável, pode ser reinscrito na Lei simbólica não pelo castigo, mas pela escuta. Essa escuta não é terapêutica no sentido clínico, mas política no sentido ético: ela restabelece o laço entre o sujeito e o Outro, entre o indivíduo e a comunidade.

O reconhecimento jurídico da pessoa com transtorno mental, previsto em legislações como a Lei nº 10.216/2001 (Lei da Reforma Psi-

quiátrica), representa um avanço nesse sentido. Ao substituir o paradigma do isolamento pelo da inclusão, o Direito aproxima-se, ainda que parcialmente, da ética da Psicanálise. A loucura deixa de ser mero objeto de tutela e passa a ser reconhecida como modo singular de existência. No entanto, essa transformação normativa só se concretiza plenamente quando acompanhada de uma escuta efetiva. Sem escuta, o Direito corre o risco de reproduzir, sob nova roupagem, o mesmo dispositivo de exclusão que pretende superar. Escutar o sujeito significa reconhecer que há uma verdade no sofrimento, e que essa verdade não é redutível à norma ou ao diagnóstico.

O sujeito de direitos, à luz da Psicanálise, é aquele que, mesmo falhando em corresponder ao ideal de racionalidade, ainda assim é convocado a responder por sua palavra. A escuta jurídica, inspirada na ética psicanalítica, deve permitir que o sujeito seja ouvido não como objeto de perícia, mas como portador de sentido. Escuta, ética e justiça simbólica

A escuta psicanalítica oferece ao campo jurídico uma nova dimensão de justiça. Diferente da justiça distributiva ou retributiva, a justiça simbólica propõe o reconhecimento da singularidade como valor. A função da escuta é abrir espaço para o que não cabe na norma, acolher o excesso que o Direito não pode codificar.

Christian Dunker observa que o ato de escutar implica sustentar o sujeito em sua posição de fala, sem antecipar o sentido de seu discurso. Essa disposição à escuta é, ao mesmo tempo,

ética e política, pois reconhece que a verdade é sempre uma construção compartilhada. O analista, nesse contexto, é aquele que ocupa o lugar de quem suporta a fala do outro sem querer completá-la.

Aplicada ao campo jurídico, essa ética da escuta pode transformar o modo como a justiça se relaciona com a diferença. Em vez de silenciar o louco ou de medicalizá-lo, o Direito pode escutá-lo como sujeito de linguagem, capaz de produzir sentido sobre sua própria experiência. Essa mudança de paradigma exige que o poder judicial e as instituições jurídicas reconheçam os limites do saber técnico e abram-se à alteridade.

A escuta, nesse sentido, não é mero instrumento de humanização, mas uma prática de restituição simbólica. Escutar é reinscrever o sujeito no laço social e oferecer-lhe a possibilidade de responder por seu dizer. Essa responsabilidade simbólica, que não se confunde com a penal, é o ponto de convergência entre a ética da Psicanálise e o princípio da dignidade humana.

A justiça simbólica, inspirada na Psicanálise, não busca corrigir o sujeito, mas permitir que ele se reconheça na própria falta. Essa forma de justiça é mais próxima da ética do desejo do que da moral da obediência. Ela entende que o laço social se sustenta não pela uniformidade, mas pela diferença, e que o verdadeiro sentido da Lei é garantir um espaço para o sujeito falar.

3.5.3 Ética, direito e o limite da razão

A interlocução entre Direito e Psicanálise, ao

ser pensada a partir da ética, revela que o ponto de encontro entre ambos é justamente o limite. O Direito se depara com seu limite ao tentar legislar sobre o que é da ordem do inconsciente; a Psicanálise encontra o seu ao reconhecer que o desejo não se traduz integralmente em norma. No espaço entre esses dois limites, emerge o sujeito, aquele que, mesmo falhando, tenta responder à Lei.

A ética, para a Psicanálise, não é um conjunto de regras, mas uma prática de sustentação do desejo. Para o Direito, ela é a condição de legitimidade do poder. Quando esses dois campos se cruzam, produzem uma possibilidade inédita de justiça: aquela que não se contenta com a reparação do dano, mas busca o reconhecimento do sujeito em sua singularidade.

Assim, a escuta psicanalítica aplicada ao campo jurídico não visa dissolver a responsabilidade, mas ampliá-la. Ao reconhecer o sujeito em sua divisão e em sua fala, o Direito se aproxima de uma ética que não julga para punir, mas para compreender. Essa é, talvez, a tarefa mais desafiadora e necessária da justiça contemporânea: ouvir o outro sem silenciá-lo, punir sem gozar, e reconhecer que a Lei, para ser justa, precisa também saber escutar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou investigar as interlocuções entre o Direito Penal e a Psicanálise, tomando a loucura e a constituição do sujeito como eixos centrais de problematização. Partiu-se da hipótese de que o Direito moderno,

ao erigir o sujeito racional como fundamento da responsabilidade penal, produziu, simultaneamente, a exclusão simbólica da loucura, relegando-a ao campo da tutela e da patologização. A Psicanálise, por sua vez, ao introduzir a noção de inconsciente e a dimensão simbólica da Lei, propôs um deslocamento ético e epistemológico capaz de recolocar o louco no lugar de sujeito, ainda que atravessado pelo desamparo e pela diferença.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, observou-se que a racionalidade jurídica moderna foi construída sobre um processo histórico de exclusão. A partir da análise foucaultiana, verificou-se que o nascimento da razão jurídica coincide com o surgimento dos dispositivos de confinamento e de normalização social. O Direito, ao se aliar ao saber médico, consolidou uma forma de poder que, sob o pretexto de proteger a sociedade, reafirmou a exclusão do sujeito da diferença.

A contribuição freudiana e lacaniana, examinada nas seções seguintes, revelou que a loucura não é ausência de razão, mas outra forma de relação com a Lei. Freud mostrou que o sujeito é estruturado pelo inconsciente, e que o sintoma, o delírio e o ato criminoso são formas de linguagem pelas quais o sujeito tenta dar sentido à própria falta. Lacan, ao introduzir a noção de forclusão do Nome-do-Pai, demonstrou que a psicose é resultado da falha na inscrição simbólica da Lei, e que o delírio é uma tentativa de reconstruir esse laço. Essas formulações permitem compreender a loucura não como incapacidade, mas como modo singular de

existência simbólica.

No campo do Direito Penal, essa leitura implica repensar os conceitos de culpa, responsabilidade e imputabilidade. A culpabilidade jurídica, centrada na consciência e na vontade, mostra-se insuficiente para abarcar a complexidade do sujeito do inconsciente. A Psicanálise propõe, em contrapartida, a ideia de culpabilidade ética, na qual o sujeito é convocado a responder por seu desejo, e não apenas por sua conduta. Essa perspectiva não elimina a responsabilidade, mas a reinscreve em um registro simbólico, permitindo que o sujeito seja reconhecido em sua singularidade e não apenas em sua infração.

A reflexão sobre a pena e o gozo coletivo demonstrou que o castigo moderno, longe de ser instrumento puramente racional, cumpre também uma função libidinal e simbólica. A sociedade punitiva contemporânea, ao transformar a punição em espetáculo, revela sua própria dependência do gozo da exclusão. A Psicanálise, ao desvelar esse mecanismo, propõe uma ética do limite: reconhecer o gozo que atravessa o ato de punir e reinscrevê-lo na Lei simbólica, de modo que a justiça não se converta em vingança.

Por fim, a discussão sobre ética, escuta e sujeito de direitos evidenciou que o verdadeiro desafio do Direito contemporâneo não é apenas aplicar a norma, mas escutar o sujeito. A ética da Psicanálise, ao privilegiar o desejo e a palavra, oferece ao campo jurídico uma possibilidade de transformação profunda. Escutar o sujeito da loucura é reconhecê-lo como porta-

dor de sentido e devolver-lhe o lugar que a razão moderna lhe subtraiu: o lugar de sujeito de linguagem e de Lei.

Assim, a interlocução entre Direito e Psicanálise permite vislumbrar uma justiça mais humana e simbólica. Uma justiça que não se limita à correção da conduta, mas que busca compreender o sofrimento e o desejo que a atravessam. Uma justiça que reconhece que o sujeito não é totalmente senhor de seus atos, mas ainda assim é responsável por eles, na medida em que pode dar-lhes sentido.

O diálogo entre esses dois campos não significa diluição de fronteiras, mas reconhecimento de limites e possibilidades. O Direito precisa da Psicanálise para lembrar-se de que a Lei é também uma estrutura de linguagem, e a Psicanálise precisa do Direito para lembrar-se de que o desejo só se sustenta no laço social. Entre a norma e o desejo, entre o crime e o sintoma e entre a punição e a escuta, encontram-se o sujeito, dividido, falante e, sobretudo, humano. Dessa forma, conclui-se que o encontro entre o Direito Penal e a Psicanálise, mediado pela reflexão sobre a loucura, não tem como propósito dissolver o ordenamento jurídico, mas humanizá-lo. A escuta psicanalítica, aplicada ao campo jurídico, não substitui a norma, mas introduz nela uma dimensão ética capaz de resgatar o sujeito da exclusão e reinscrevê-lo na Lei simbólica. É nesse espaço de tensão que se pode construir uma justiça verdadeiramente comprometida com a dignidade humana e com o reconhecimento da diferença como fundamento do laço social.

REFERÊNCIAS

BASAGLIA, Franco. *A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. Tradução de Maria Thereza de Mello. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BRASIL. *Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001*. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 abr. 2001. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm. Acesso em: 24 out. 2025.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume, 2011. UNKER, Christian Ingo Lenz; SAFATLE, Vladimir. *O cálculo neurótico do gozo: clínica, política e cultura no capitalismo contemporâneo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

EXPRESSÕES DO SER SEXUAL NA PUBERDADE: UMA VISÃO PSICANÁLITICA

Larisse Mendes de Lemos

Psicanalista. Graduação em Psicologia pelo Centro universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU). Especialização em Psicanálise (FAEPI).

Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em Psicanálise - Faculdade de Educação do Piauí / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina.

RESUMO

O artigo explora a diversidade de expressões do ser jovem, em suas descobertas quanto à sexualidade na puberdade a partir da visão psicanalítica. O trabalho destaca a infância como uma fase determinante para esse processo de formação do ser sexual. Dessa forma, ressalta-se a importância de uma educação sexual e intervenções adequadas.

Palavra-chave: Sexualidade. Puberdade. Psicanálise.

ABSTRACT

The article explores the diversity of expressions of being young, in its discoveries regarding sexuality, in puberty, under a psychoanalytic perspective, highlighting childhood as a determining phase. From this research we conclude the importance of sexual education and appropriate interventions.

Keywords: Sexuality, Puberty, Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Compreender a sexualidade na puberdade é ter a noção de que o sujeito está em um processo imbuído de uma série de mudanças. Que vão além do crescimento físico e maturação sexual. As condicionantes que envolvem a sexualidade na puberdade são voltadas para os aspectos psicológicos, construção da subjetividade em suas identificações, dimensões emocionais, afe-

tivas e simbólicas que influenciam a forma como o sujeito se percebe e se relaciona.

Dessa forma, a sexualidade nesse período é um fator determinante para esse ser social, que se identifica, se relaciona e se expressa no mundo. Essa fase, marca o retorno das pulsões infantis, que antes eram dispersas e parciais, que, agora, se concentram também nas genitálias.

Moarici(2017, p.3), considera que “Freud ressalta que uma das principais dificuldades do

aparelho psíquico, é abandonar um modelo de funcionamento em benefício de outro”. Nessa etapa, o ser jovem é confrontado com intensas transformações corporais e psíquicas: surgem as fantasias, impulsos e conflitos que ressignificam as experiências na infância, especialmente aquelas relacionadas ao Complexo de Édipo, conforme Narsio(2005):

O Édipo é a experiência vivida por uma criança de cerca de quatro anos que, absorvida por um desejo sexual incontrollável, tem de aprender a limitar seus impulsos e ajustá-lo aos limites do seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites do medo e, finalmente aos limites de uma lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais (Narsio, 2005, p 12).

A vinculação edipiana permite o ser traçar as posições de gênero em sua configuração mental e nas incorporações das expressões, que se manifestam independentemente do sexo biológico, mas, sim, de inscrições do seu inconsciente na dinâmica de suas fantasias e desejos.

O ser em sua orientação sexual, vivencia uma sexualidade fluida. Constituída em cada etapa do desenvolvimento psicosssexual, quais sejam: oral, anal, fálica, pré genital e genital.

Essas etapas são atravessadas por fantasias, idealizações e identificações em suas primeiras relações, ou seja, as parentais. Essas orientações sexuais de desejo, estão organizadas em: heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual, entre outras.

O sujeito desejante na etapa do amadurecimento biológico e sexual, se encontra em processo de desenvolvimento mental e corporal, que se refere aos órgãos genitais e o aumento dos níveis hormonais. Essa fase marca as condições que transformam o corpo físico inclinado para as suas primeiras relações com o outro e consigo mesmo.

O despertar pelo próprio corpo e o corpo do outro nas suas primeiras relações sexuais, não se destinam apenas para o ato sexual, mas, sim pelas suas questões emocionais, como a busca por afeto, construção da autoimagem, autoestima e o surgimento de novos sentimentos.

Muitos dos seus comportamentos estão ligados à sexualidade, ela está no centro do seu psiquismo. Freud traz a existência da sexualidade desde a infância, considerando que cada uma das fases tem suas características específicas em que se manifestam de acordo com a maturação e vivência de cada indivíduo.

Em torno dos processos psicosssexuais vivenciados na puberdade, as influências externas se sobressaem. A exemplo de normas familiares, valores religiosos, pressão de grupos sociais, mídias, redes sociais, falta ou a presença de educação sexual, que são fatores que retardam ou antecipam o início dessas primeiras experiências, as quais refletem na forma como o ser jovem se percebe e lida com a sua sexualidade.

Partindo desses diálogos, o artigo tem como objetivo explorar a diversidade de expressões do ser jovem, em suas descobertas quanto à sexualidade no período da puberdade.

O trabalho aborda o ser sexual em suas relações nas diversidades de sua sexualidade que inclui gênero, identidade e orientação sexual que permitem as primeiras relações do ser em contato com o outro, auxiliando na formação de sua identidade e subjetividade no meio em que se insere.

A pesquisa visa em ampliar a perspectiva da sexualidade na puberdade nas contribuições psicanalíticas. Ressaltando a constituição identitária e subjetiva desse ser jovem, em simbolizar suas emoções e afetos, através de regulações, organizações de seus ideais e identificação dos seus próprios desejos.

Ao destacar esses diálogos, constata-se que a experiências do ser jovem na etapa de seu desenvolvimento sexual, necessita de um olhar em que legitime a sua existência, mas, que por outro lado, seja orientada a partir de práticas e discussões que proporcionem um ambiente seguro para que possa expressar sua forma de ser.

Para isso, o estudo observa que o processo de construção sexual do ser jovem deve ser acompanhado através de percepções e orientações. Para que o ser sexual possa compreender seus limites e fronteiras no mundo em que se insere. Desse modo, ao estabelecer um ambiente de escuta e orientação, evidencia-se uma responsabilidade afetiva que é ligada a sentimentos de respeito e consideração a esse outro em cena no construto dessa intimidade, no compartilhar dessas expectativas e vulnerabilidades.

A orientação sexual na puberdade, não estimula a prática sexual, mas auxilia o desenvolvimento das próprias ferramentas desse Eu, em se proteger, na regulação emocional e autônoma, quebrando os tabus, culpas e julgamentos existentes a essa temática.

O início da vida sexual dos brasileiros, segundo o Ministério da Saúde, ocorre na fase da adolescência a média de idade da primeira relação sexual no Brasil é de 14,9 anos, sendo que as mulheres iniciam mais tardiamente do que os homens.” (Baptista *et. al*, 2015 p. 3)

Os métodos contraceptivos, não menos importante, são os principais aliados em prevenções contra as ISTs e das gravidezes indesejadas. A informação do local adequado de acolhimento e intervenções médicas é de grande relevância nessas situações

2 METODOLOGIA

Este trabalho se trata de uma pesquisa explicativa, com procedimentos em uma de caráter qualitativo e cunho bibliográfico. O público alvo da pesquisa, são pessoas na fase da puberdade, vivenciando sua sexualidade.

Para o desenvolvimento do estudo, foram feitas leituras e fichamentos de artigos, revistas e livros referentes a temática abordada.

Para a consulta e leituras de referências bibliográficas, utilizou-se meios técnicos de estudo encontrados no *Scielo* e *Google Acadêmico*, ancorados em uma em assuntos voltados para a sexualidade, puberdade e psicanálise.

Com foco na diversidade de expressões do ser jovem, suas descobertas quanto à sexualidade no período da puberdade e suas determinações na inscrição psíquica. A metodologia tem bases teóricas em comprovação das informações levantadas com referenciais bibliográficos pautadas nos pensamentos de Sigmund Freud(1905), Narsio(2007), Judith Butler(2002) e Eric Erickson(2002).

Segundo Gil (2007), a pesquisa explicativa, preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção objetiva-se discutir acerca dos processos voltados para o desenvolvimento sexual do jovem no período da puberdade. Nesse sentido, os apontamentos se concentram em contribuições teóricas as quais direcionam para as compreensões que se referem à sexualidade e à puberdade a partir do viés psicanalítico.

3.1 O ser jovem e os grupos sociais de identifi- ficações

O ser sexual em sua identidade de gênero passa por um momento de identificações, com o masculino, com o feminino ou com nenhum deles, que é denominado de o não binário.

Segundo Butler (2003, p.21), “o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexual”. Nesse levantamento, reflete-se que o

gênero é uma condição apreendida, que o ser na condição masculina e feminina são elementos de uma construção social, chamados de gênero binário.

A autora enfatiza a dissociação do sexo e gênero em sua interdependência, em que ambos não precisam necessariamente ser correspondentes, como as diversas expressões do ser não binário, que são: gênero fluido, agênero, queer, neutrois, andrógine, transfeminina, transmaculino, xeno-gênero e demigênero.

Logo, essas nomenclaturas abrem espaço para as discussões de atração ou do desejo do indivíduo. Segundo Louro (2001), o grande desafio dos Estudos *Queer* é assumir tanto que as posições de gênero e sexuais são múltiplas, e é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários: homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, quanto admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem, é exatamente a fronteira.

Discorrendo sobre a multiplicidades das posições ou orientações sexuais que são elas: heterossexual, homossexual, bissexual e assexual, é onde o jovem orienta suas energias libidinais, o despertar dos seus desejos voltado ao outro.

Na obra de *Além do princípio do prazer* (1920), de Sigmund Freud, menciona sobre as organizações mentais, instintos de prazer e os instintos da realidade onde ambos influenciam a vida psíquica do sujeito.

Entende-se que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por

parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Surge, assim o princípio da realidade que não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer. Não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. Contudo, o princípio de prazer persiste por longo tempo como o método de funcionamento empregado pelos instintos sexuais, que são difíceis de “educar”, e, partindo desses instintos, ou do próprio ego, com frequência consegue vencer o princípio de realidade, em detrimento do organismo como um todo.

A realidade, é que lidar com o desprazer não é muito confortável, em especial para os jovens, que em sua maioria agem pelas emoções dos impulsos. Sobre esse aspecto, Freud(1905) discorre que trata-se de:

Uma sensação de tensão tem necessariamente o caráter de desprazer. É decisivo para mim, o fato de tal sensação trazer consigo o impulso para a mudança da situação psíquica, de atuar de forma instigadora o que é inteiramente alheio a natureza do prazer que sente (Freud, 1905, p. 123).

As adequações comportamentais que o ser sexual na puberdade vai se dispondo em agir em acordo com as regras impostas do seu meio, isso acaba, registrando inscrições na sua psique, com suas fixações e compulsões, que são de-

envolvidas nas fases psicosssexuais, mencionadas no tópico posterior.

3. 2 O ser sexual na psicanálise

Freud (1905), dividiu o desenvolvimento humano em fases psicosssexuais, oral, anal, fálica e genital. O ser sexual na puberdade, comumente situa-se entre a fase fálica e latente genital, a primeira fase citada, é onde o indivíduo desloca sua energia libidinal para outros objetos, é o despertar para o mundo, além de si(autoerotismo), investindo sua energia ao social e a seu intelecto e ao mundo externo.

Na segunda, é onde o sujeito reconhece o outro como objeto de desejo, ou seja, é onde o domínio na zona genital prevalece. Na chegada dessas fases, o sujeito está vivenciando ao mesmo tempo muitas questões do seu íntimo, a primeira em suas questões de subjetividade, construção e formação da personalidade e o *self*, que trata-se do modo próprio de comportamento ou caráter particular de alguém, de acordo com a maneira como essa pessoa o expressa. O seu Eu e suas diferenças e semelhanças, muitas vezes transferências com o Outro, ou seja, suas identificações interpessoais. É através desses processos que o sujeito vai se encaixando no mundo:

Visto que no momento de amadurecer, surgem vários desafios e cobranças internas e externas, que vão demandar desse indivíduo um papel ativo na sua vida, de tomada de escolhas, muitas vezes por influências sociais ou pelo seu Eu da infância (Erikson, 1968 *Apud*, Verissimo 2002, p. 4)

Mas é a partir desse ponto que o adolescente vai se identificando. Formando sua identidade e se expressando por meio dela, com o seu modo de vestir, pensar e a agir a partir de seus aspectos culturais e sociais. E, assim, potencializando sua busca constante de autoconhecimento.

É a partir da relação com o Outro, juntamente com as transformações corporais e mentais, que vai amadurecendo a sua sexualidade. Dessa maneira, a sexualidade do ser jovem na visão psicanalítica se apropria na investigação e nas compreensões dos comportamentos do sujeito que estão intimamente ligados a sua infância. De acordo com Freud(1905),

A sexualidade na Etiologia das Neuroses (1898a), por exemplo, se pronuncia ora a favor, ora contra ela. De um lado, afirma que as crianças são “capazes de todas as funções sexuais psíquicas e de muitas das somáticas” e que é errôneo supor que sua vida sexual só comece na puberdade. De outro lado, entretanto, declara que “a organização e a evolução da espécie humana buscam evitar qualquer atividade sexual considerável na infância”, que as forças motoras sexuais dos seres humanos devem ser armazenadas e somente liberadas na puberdade, e que isso explica por que as experiências sexuais infantis estão fadadas a ser patogênicas (Freud, 1905 p. 80).

As infinitas formas de desejos, muitas vezes são manifestadas e logo censuradas, especialmente quando acontece nas primeiras fases psicosssexuais do ser. Período esse, que a energia libidinal está direcionada às figuras de apegos afetivas, como por exemplo, pelo pai ou mãe, é o

momento que se inicia o Complexo de Édipo, um dos termos pilares para a psicanálise.

No complexo de Édipo, é o ponto de partida para o processo de sexuação e da formação subjetiva. É onde o sujeito terá a noção do masculino e feminino, conforme os papéis de cada um e o contato com as primeiras castrações. A fase desse ser sexual tem seu início nos seus 4 anos de idade, a qual corresponde a fase fálica.

Narsio (2007, p.12), afirma que “o Édipo não é apenas uma crise sexual de crescimento, é também a fantasia que essa crise molda o inconsciente infantil”.

O Édipo atuando como o organizador da subjetividade, e regulador da posição do desejo, na ação limitadora de uma das figuras desse triângulo(pai-filho-mãe), por via de regra representada pela figura paterna, aquele que detém o poder da lei, que impõe regras, proibições e interdições, provoca no sujeito a angustia de castração, onde a criança percebe que a satisfação plena é impossível, levando-a reprimir alguns de seus desejos.

Segundo Cabas (1980), a castração de que fala a psicanálise não se reduz à perda do pênis, tão somente corresponde a uma falta que se inscreve no psiquismo como motor para acionar os desejos frente à realização.

Segundo Lacan (*apud.* Aberti; Silva, 2019, p.6) “a sexualidade está, sem nenhuma dúvida, no centro de tudo que se passa no inconsciente. Mas está no centro por ser uma falta”. O sujeito sexual em sua infinitude, é um ser faltante,

carregado de desejos, que precisa se conectar com seu objeto, que necessita do mesmo para sua satisfação de prazer ou desprazer.

Na psicanálise, a mediação dos conflitos entre o desejos e as normas, são movimentados e estruturados nas instâncias psíquicas (id, ego e superego). O ego, como princípio da realidade, é o principal mediador de equilíbrio das duas forças, que agem sobre as influências pulsionais de desejos primitivos do id, visando gozar a qualquer custo.

Em contrapartida, o superego entra em cena, punindo\regulando e contornando as formas aceitáveis, moralmente falando, de gozar. Se inscreve no inconsciente sobre internalizações, sobre limites, proibições, se instaurando como uma figura autoritária.

Os objetos de amor na linguagem psicanalítica, não se referem necessariamente do erotismo, mas, sim, associado há uma questão de espelho, de se identificar por aquele objeto, que idealiza para torna-se semelhante ao mesmo.

É o início da vida sexual do sujeito, é onde ele entende que sua mãe não possui o falo, mas, sim, o pai. Nessa visão, o despertar dos desejos, seja ele, pelo ser masculino ou pelo feminino, está ligado com a identificação da figura materna e paterna.

Em todos os seus aspectos e características de comportamento que ambos, socialmente representam, é como o sujeito vai vivenciar esse contato, que será um fator determinante para sua sexualidade com o outro. Representada na he-

terossexualidade, homossexualidade, bissexualidade.

Na primeira, o sujeito tem como identificação o seu objeto oposto, que em padrões de normas comportamentais se desenvolve uma figura masculina ativa nessa relação.

Na segunda, a identificação com o objeto semelhante. Na bissexualidade, o sujeito se identifica com os dois objetos, de certo modo, investindo em ambos os sexos. O objeto investido de desejo sempre será familiar para o sujeito.

Desse modo, as expressões da sexualidade do ser jovem se modelam e se desenvolve a partir da relação edipiana, no despertar pelo o Outro, através de suas experiências culturais e subjetivas que intercede na sua maneira de existir.

Nesse sentido, a forma de como o esse sujeito se percebe no mundo é continuamente construída na articulação entre suas vivências internas e os significados sociais que moldam seus vínculos e modo de relacionar diante do Outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo expande o conhecimento sobre a sexualidade na puberdade. Além de apresentar o quanto a sexualidade é determinante na vida psíquica desse ser jovem, movido por instintos e carregado de energias que direcionam para o seu processo de identificação consigo mesmo e com o outro.

As contribuições psicanalíticas esclarecem sobre esse ser sexual que busca constantemente o gozo, e que resiste em lidar com as castrações. Portanto, observa-se que a puberdade marca

um processo de transformação do seu Eu, seja ela na formação da sua identidade ou assumindo novos papéis sociais, bem como o enfrentamento do luto pela transição das metas sexuais e abandono do aparelho sexual infantil.

Dessa forma, percebe-se que o ser sexual em seu processo de formação possui novos traços sociais e físicos que potencializam uma maturação para uma modelagem mais adulta e erotizada, abrindo espaço para a entrada do Outro, que se faz importante em toda sua construção social. Como o modo de se relacionar e as expressões de seus desejos e identificações.

A centralidade da pesquisa está na fase da puberdade, em suas relações nas diversidades de sua sexualidade que inclui gênero, identidade, orientação sexual e primeiras relações do ser em contato com o outro, em seus vínculos e relacionamentos.

A partir da análise das características da formação da sexualidade na puberdade, ressalta-se sobre algumas intervenções para direcionar o ser sexual na passagem dessa fase, com uma educação sexual adequada, com a finalidade de informar.

As intervenções devem ser pautadas na formação saudável dessa sexualidade, com direcionamentos educativos, construção ou fortalecimento do vínculo familiar, nas habilidades sociais, e, se necessário, a ajuda de um profissional capacitado, como professores, psicólogos e psicanalistas.

As aplicações de técnicas com base ética de cada profissão, devem ser expostas com res-

ponsabilidade para abordarem aspectos emocionais em uma escuta acolhedora, promover diálogos estruturados,

explorando a identidade e o autoconhecimento para simbolização de suas vivências, seguindo a desconstrução de crenças e influências, que se expressam de forma disfuncional e adoecida na vida mental e física desse ser sexual, guiando uma nova maneira de relacionar.

O sintoma na psicanálise surge como um sinal que dá sentido aquilo que grita dentro de si, não só como uma expressão dolorosa, do que é reprimido e censurado, mas como uma forma de funcionar e se adequar diante da sua própria realidade.

Destacando um dos profissionais para conduzir essa intervenção, temos o psicanalista, sustentado pela ética do não saber, embasado no tripé de sua formação, em teoria, análise e supervisão.

Na escuta desse ser jovem que vivencia a puberdade, deve-se considerar os impactos despertados nessa fase e suas reedições de fantasias infantis. Além de sustentar o espaço que acolha esse lugar de transição, bem como atentar-se como se deu a ruptura da relação de seu primeiro objeto de amor e de como essas questões refletem atualmente em sua vida.

A análise passa a se tornar um meio para esse sujeito se encontrar em sua própria maneira de existir, respeitando seus processos de maturação, movimentos de separação e pertencimentos, reduzindo suas angústias, reconhecendo sua subjetividade e autonomia emocional.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sonia; SILVA, Heloene Ferreira da. Sexualidade e questão de gênero na adolescência: contribuições psicanalíticas. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 35. e. 35434, 2019. pp. 1-11.
- BAPTISTA, Curi *et. al* . Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Rev Bras Epidemiol**. v 18, n 1, pp 1-18. jan/mar. 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade, análise, fragmentaria de uma histeria ("o caso de Dora) e outro textos. **Companhia das letras**. v 6, 1901-1905.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- NARSIO, J.-D. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. São Paulo: Zahar, 2007. ISBN 978-85-7110-972-8.
- OLIVEIRA, H. M; Hanke, B. C. Adolescer na Contemporaneidade: uma crise dentro da crise. **Agora**. Rio de Janeiro, v. 20 e n. 2, mai/ago, 2017.
- RAMOS, Francisco, Farias de. Reflexão sobre a homossexualidade masculina. **Arq. bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, pp. 101-108, jul./set. 1986.
- VERÍSSIMO, R. Desenvolvimento psicossocial Erik Erikson. **Psicopatologia geral** Porto. Faculdade de medicina do Porto. 2002

O INCONSCIENTE FREUDIANO: TÓPICAS, FENÔMENOS LACUNARES E MECANISMOS DE DEFESAS.

Lázaro Tavares

RESUMO: Este artigo pretende mostrar o surgimento do Inconsciente Freudiano, sua natureza e função, conforme especificado na topografia metapsicológica da psicanálise e sua importância para a compreensão da Psique (realidade psíquica do indivíduo), em que o modelo topológico da mente (1ª Tópica) é apresentado, no qual, verifica-se que o ser humano, no entanto, não se dá conta de todo esse processo de geração e liberação de energia. Para explicar esse fato, Freud descreve três níveis de consciência. Em seguida, a 2ª Tópica é criada, como Modelo estrutural da personalidade (1923), onde o aparelho psíquico se organiza em três estruturas. Assim, pretende mostrar que a teoria psicanalítica de Freud é composta por uma parte empírica - a sua escuta dos fatos clínicos - e outra, especulativa - a metapsicologia. Todavia, a partir de Freud, o inconsciente recebe um lugar conceitual inédito, comportando também repercussões clínicas originais. A partir da 2ª tópica, Freud passa a compreender fenômenos que ocorriam nos sistemas pré-consciente e consciente como manifestações do inconsciente e conceitua tais

fenômenos como fenômenos lacunares. Freud nos diz que o caminho do inconsciente está nas lacunas das manifestações conscientes. Os fenômenos lacunares são indicadores da verdade do inconsciente e de sua existência.

Palavras-chave: Inconsciente freudiano. Tópicas freudianas. Fenômenos lacunares. Meta-psicologia.

ABSTRACT: This article intends to show the emergence of the Freudian Unconscious, its nature and function, as specified in the metapsychological topography of psychoanalysis and its importance for the understanding of the Psyche (the individual's psychic reality), in which the topological model of the mind (1st Topic) is presented, in which it is verified that human beings, however, are not aware of this entire process of energy generation and release. To explain this fact, Freud describes three levels of consciousness. Subsequently, the 2nd Topic is created, as a structural model of personality (1923), where the psychic apparatus is organized into three structures. Thus, it intends to show that Freud's psychoanalytic theory is composed of an empirical part - his listening to clinical facts - and another, speculative one - metapsychology. However, from Freud onwards, the unconscious receives an unprecedented conceptual place, also involving original clinical repercussions. From the 2nd topic, Freud begins to understand phenomena that occurred in the pre-conscious and conscious systems as manifestations of the

unconscious and conceptualizes such phenomena as lacunary phenomena. Freud tells us that the path of the unconscious lies in the gaps of conscious manifestations. Lacunary phenomena are indicators of the truth of the unconscious and its existence.

Keywords: Freudian unconscious. Freudian topography. Lacunary phenomena. Metapsychology.

1. Introdução: A Gênese do Conceito de Inconsciente e o Modelo Topográfico

Para compreendermos a psicanálise, é necessário retroceder ao momento anterior a Freud, quando não se falava em inconsciente. Os estudiosos da época referiam-se apenas à consciência, considerando esta como o ponto de divisão entre mente e o que não era mental (BALDWIN, 1901), pensando o inconsciente como lugar de caos, misticismo e ilógico, sendo apenas um lugar abaixo da consciência (TAVARES, 2019). Após os estudos freudianos, passou-se a pensar em uma estrutura teórica, possibilitando dessa maneira, construir hipóteses que pudessem responder questões relacionadas à clínica (TAVARES, 2019). Considerando-o como um sistema psíquico capaz de exprimir os processos mentais dos bebês e dos primitivos, através de imagens mnêmicas, representando os instintos, algo da ordem do desejo, o conhecimento do apare-

lho psíquico proposto por Freud expõe a necessidade de uma escuta qualificada e, em suma, conhecimento sistematizado e eficaz (TAVARES, 2019).

A divisão da mente está especificada nas tópicas de Freud, as quais intitula como primeira tópica ou “modelo topográfico” e segunda tópica ou “modelo estrutural”. Organizado, o aparelho psíquico ganha identidade, lugar, função e representatividade. A expressão tópica vem do grego “topos” que significa “lugar”, e assim, cada identidade proposta nos modelos ocupa um lugar na mente, com funções específicas que, virtualizadas, apresentam-se como “aparelho”. A partir de tais estudos, Freud desenvolveu a primeira tópica da psicanálise, onde o aparelho psíquico era visto como um lugar virtual ou demarcado com funções específicas e divididas em três estâncias ou classes: o inconsciente, considerado o ponto de entrada do aparelho psíquico, regido pelo princípio do prazer; o pré-consciente, o filtro por onde passam os conteúdos que devem ou não ser direcionados para a consciência; e o consciente, lugar da representação da palavra, instância regida pelo princípio da realidade e responsável pelo contato com o mundo exterior.

Segundo Freud, o consciente é somente uma pequena parte da mente, incluindo tudo aquilo de que estamos cientes num dado momento. Do ponto de vista tópico, o sistema percepção-consciência está situado na periferia do aparelho psíquico, recebendo, ao mesmo tempo, as informações do mundo exterior

e as provenientes do interior (TAVARES, 2019). O pré-consciente foi concebido como articulado com o consciente e funciona como uma espécie de barreira que seleciona aquilo que pode ou não passar para o consciente. O pré-consciente seria uma parte do inconsciente que pode tornar-se consciente com relativa facilidade, ou seja, seus conteúdos são acessíveis, podem ser evocados e trazidos à consciência (TAVARES, 2019). O sistema inconsciente designa a parte mais arcaica do aparelho psíquico. Segundo Freud, por herança genética, existem elementos instintivos ou pulsões, acrescidos das respectivas energias. No inconsciente estariam os elementos instintivos não acessíveis à consciência. Além disso, há também material que foi excluído da consciência pelos processos psíquicos de censura e repressão. Esse conteúdo “censurado” não é permitido ser lembrado, mas não é perdido, permanecendo no inconsciente. Para Freud, a maior parte do aparelho psíquico é inconsciente. Ali estão os principais determinantes da personalidade, as fontes da energia psíquica e as pulsões ou instintos (TAVARES, 2019).

2. O Modelo Estrutural e a Emergência dos Fenômenos Lacunares

Superando a visão puramente topográfica, Freud ao aprofundar seus estudos observou que tal teoria não abrangia de forma satisfatória o entendimento aprofundado do aparelho psíquico. Consequentemente, observou que este deveria ser visto e estudado como

estruturas, desenvolvendo a segunda tópica, o modelo estrutural do aparelho psíquico, onde estas interagem entre si possibilitando o funcionamento da mente. São elas: o Id, considerado a instância responsável pelos instintos e impulsos; o Ego, considerada a principal instância psíquica e com função mediadora entre os impulsos instintivos do Id e as exigências do Superego; e o Superego, instância responsável pela regulação das normas e padrões (TAVARES, 2019).

A partir dos estudos do Id, Ego e Superego, Freud passa a compreender fenômenos que ocorriam nos sistemas pré-consciente e consciente como manifestações do inconsciente e conceitua tais fenômenos como fenômenos lacunares. A interpretação dos sonhos tornou-se um marco na descoberta de tais fenômenos, considerando também os chistes, os atos falhos e os sintomas como expressões de conflitos psíquicos que, por uma falha nos mecanismos de defesa, se repetem como uma súplica para serem analisados e interpretados pelo analista. O inconsciente, por si só, não poderia mais ser tratado como o único local na psique, pois há vários reinos inconscientes, de diferentes tipos. A partir de então, o termo inconsciente foi usado apenas como um qualificador aplicável a processos mentais, independentemente da sua localização topográfica. Uma parte do EGO e SUPEREGO foram ditas inconscientes, enquanto que os componentes do ID não podem tornar-se consciente sem transformações, ficando suas formas originais inconscientes (FREUD, 1920).

Freud nos diz que o caminho do inconsciente está nas lacunas das manifestações conscientes. Os fenômenos lacunares são indicadores da verdade do inconsciente e de sua existência; é através deles que percebemos a existência de algo para além da consciência. Lacan nomeia essas manifestações de "formação do inconsciente": o Ato Falho, o Chiste, o Lapso, o Sonho e os sintomas. Para que possamos compreender os atos falhos, é importante que haja uma compreensão sobre a noção de inconsciente; em seu artigo, Freud (1915) ressalta que os dados da consciência apresentam um grande número de lacunas e que tanto as pessoas sadias ou as doentes desenvolvem atos psíquicos aos quais a ciência não oferece explicações; o autor entende essas lacunas como lembranças encobridoras, como por exemplo os atos falhos, enfatizando que eles só podem ser elucidados através do inconsciente (FREUD, 1915).

A segunda tópica não substitui a primeira; em vez disso, manteve uma relação dialética com esta, complicando assim o modelo como um todo. Alguns psicanalistas franceses consideram que as duas topografias não são meramente construções metapsicológicas, mas também correspondem a modos organizacionais da psique. Vale lembrar que o ID é regido pelo princípio do prazer; o Ego é regido pelo princípio da realidade e estabelece o equilíbrio entre as exigências do Id, da realidade e as "ordens" do Superego; e o Superego origina-se a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade, sendo o de-

positário das normas e princípios morais do grupo social a que o indivíduo se vincula (FREUD, 1920).

3. A Função Mediadora do Ego e os Mecanismos de Defesa

O Ego não é uma instância que passa a existir de repente; ele é uma construção. Forma-se na sequência de identificações com objetos externos que são incorporados a ele, sendo um mediador que pode, por um lado, ser considerado como uma diferenciação progressiva do Id, levando a um contínuo aumento do controle sobre o resto do aparelho psíquico. Portanto, o Ego é o polo defensivo do psiquismo; ele não é equivalente ao consciente, não se superpõe a ele nem se funde com ele. O Ego tem raízes no inconsciente, e os mecanismos de defesa são funções do Ego, assim como o desenvolvimento da angústia. A função do Ego é mediadora e integradora entre as pulsões, as exigências e ameaças do Superego e as demandas da realidade exterior. Os mecanismos de defesa do Ego são processos subconscientes desenvolvidos pela personalidade que possibilitam à mente desenvolver uma solução para conflitos, ansiedades, hostilidades, impulsos agressivos, ressentimentos e frustrações não solucionados ao nível da consciência (SILVA, 2010).

4 A Perspectiva de Anna Freud na Clínica dos Mecanismos de Defesa

Para um aprofundamento técnico, é imprescindível recorrer à obra de Anna Freud (1936), *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Foi Anna Freud quem conferiu contornos definidos à atuação do Ego em sua luta contra o perigo interno (pulsões) e o perigo externo (realidade). A autora nos ensina que o Ego, ao perceber uma angústia sinalizadora, mobiliza técnicas defensivas específicas para preservar sua integridade. Como afirma Anna Freud: “Os impulsos instintivos continuam esforçando-se por conseguir seus fins, com a tenacidade e energia que lhes é peculiar e efetuam incursões hostis no ego, na esperança de derrubarem por um ataque surpresa”. Assim, a análise dos mecanismos de defesa não visa apenas a catalogação, mas a compreensão de como o sujeito tenta garantir suas fronteiras.

De acordo com a organização proposta por Silva (2010) e fundamentada em Anna Freud, detalhamos a seguir os principais mecanismos:

1. **Negação:** Consiste na recusa do sujeito a aceitar a existência de uma situação penosa demais para ser tolerada. Este mecanismo é predecessor de outros mecanismos, como a projeção.
2. **Deslocamento:** Ocorre quando a pessoa substitui a finalidade inicial de uma pulsão por outra diferente e socialmente mais aceita.
3. **Repressão (recalque):** O mais comum mecanismo de defesa, consiste em afastar uma determinada ideia, afeto ou apelo do instinto do campo da consciência, mantendo-os no inconsciente.
4. **Racionalização:** O sujeito cria uma justificativa falsa para não reconhecer a motivação verdadeira, mantendo o respeito próprio e evitando a culpa.
5. **Regressão:** O retorno a atitudes passadas que provaram ser seguras e gratificantes para fugir de um presente angustiante.
6. **Formação reativa:** Expressão de uma tendência oposta ao que era sentido anteriormente, como forma de mascarar impulsos latentes (ex: o pudor excessivo para mascarar tendências exibicionistas).
7. **Isolamento:** O indivíduo separa a ideia do afeto ao qual estaria unida, tornando a ideia inócua. É típico da neurose obsessiva.
8. **Compensação:** A personalidade, em suas inadequações, apresenta este mecanismo para assegurar o reconhecimento de que necessita.
9. **Projeção:** O sujeito atribui a objetos externos aspectos psíquicos que lhe são próprios, mas não reconhecidos como seus.
10. **Introjeção:** O objeto externo torna-se efetivo internamente; uma ordem externa passa a fazer parte do indivíduo como um valor seu.
11. **Sublimação:** Mecanismo pelo qual o sujeito dessexualiza a libido ou desagressiva a energia agressiva, transformando-as em algo socialmente aceito e útil.

Conclusão: A Ética da Prática Psicanalítica

Assim, o Id, o Ego e o Superego são concepções fundamentais criadas por Sigmund Freud para esclarecer o funcionamento da mente humana. O Id abriga a energia pulsional primária; o Ego, emergindo como mediador, busca o equilíbrio diante da realidade; e o Superego, originário das internalizações, atua na regulação moral. Contudo, a finalidade da psicanálise permanece clara: "é, na verdade, fortalecer o Ego, fazê-lo mais independente do Superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do Id" (FREUD; livro 22, p. 102).

Em suma, a teoria psicanalítica não trata de compartimentos estanques, mas de uma dinâmica viva. A compreensão profunda dessas instâncias e o manejo ético dos mecanismos de defesa — conforme mapeado por Anna Freud — constituem a essência da escuta clínica. Ao fortalecer o Ego e tornar consciente o que era lacunar, permitimos ao sujeito um novo lugar frente ao desejo, transformando repetições mortíferas em possibilidade de invenção subjetiva.

REFERÊNCIAS:

- FREUD, Anna. *O Ego e os Mecanismos de Defesa*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1936.
- FREUD, S. (1915). O inconsciente. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIV.
- FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. XVIII, pp. 17-78). Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. O Ego e o Id (1923). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago.
- FREUD, S. (1932). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago.
- GOMES, Gevaldo Lavor. *O abandono familiar em The Glass Menagerie à luz da teoria psicanalítica freudiana*. Trabalho de conclusão de curso. Cajazeiras/PB, 2018.
- KOTZENT, João Paulo. *Mecanismos de Defesa*, Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba (APVP), 2017.
- SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. *Mecanismos de Defesa do Ego*. Disponível em: www.psicologia.pt; Produzido em 15/07/2011; Último acesso em 30/03/2020.
- TAVARES, Lázaro. Material em Ppt. Arquivo de aula em 26/08/2019, ministrada no Cartel de Formação em Psicanálise da Escola Freudiana – Seção Teresina, mantida pela Associação Piauiense de Psicanálise.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA CLÍNICA PSICANALÍTICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE INOVAÇÕES E PRÁTICAS NA ÁREA DA SAÚDE

Quizânior de Oliveira Andrade

Psicanalista. Mestre em Filosofia (UFMA). Especialização em Psicanálise (FAEPI)..

Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em Psicanálise – Faculdade de Educação do Piauí / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina

RESUMO

Este artigo analisa os desafios da clínica psicanalítica diante das transformações sociais, culturais e tecnológicas do século XXI. A pesquisa, qualitativa e bibliográfica, investigou como a psicanálise pode responder às novas demandas subjetivas sem perder seus fundamentos éticos. Foram consultadas obras de Freud e Lacan, articuladas a autores contemporâneos como Bauman, Han, Birman e Kehl. Discutiram-se as novas formas de sofrimento psíquico, a medicalização da vida, os impactos da cultura digital e os desafios da clínica online. Conclui-se que a psicanálise permanece relevante ao preservar a ética da escuta, a transferência e o respeito à singularidade de cada sujeito.

Palavras-chave: Psicanálise contemporânea; Saúde mental; Clínica psicanalítica; Cultura digital; Subjetividade.

ABSTRACT

This article analyzes the challenges of psychoanalytic clinical practice in the face of the social, cultural, and technological transformations of the twenty-first century. The research, qualitative and bibliographic, investigated how psychoanalysis can respond to new subjective demands without losing its ethical foundations. Works by Freud and Lacan were consulted, articulated with contemporary authors such as Bauman, Han, Birman, and Kehl. The study addressed new forms of psychic suffering, the medicalization of everyday life, the impacts of digital culture, and the challenges of online clinical practice. It concludes that psychoanalysis remains relevant by preserving the ethics of listening, transference, and respect for the singularity of each subject.

Keywords: Contemporary psychoanalysis; Mental health; Psychoanalytic clinic; Digital culture; Subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

Há algo paradoxal em falar de psicanálise na contemporaneidade. Em um tempo que valoriza a velocidade, a praticidade e a resolução imediata dos problemas, a psicanálise insiste em desacelerar, em ouvir o que não foi dito, em considerar o que escapa à consciência. E é justamente essa insistência que a torna insubstituível. O presente artigo parte dessa tensão para investigar de que maneira a clínica psicanalítica tem enfrentado os desafios de uma época marcada por transformações profundas — e, mais do que isso, como ela pode continuar sendo um espaço de cuidado genuíno em um mundo que parece cada vez mais hostil à escuta.

A psicanálise nasceu no final do século XIX a partir de uma escolha radical: a de levar a sério a fala do paciente. Sigmund Freud, médico neurologista vienense, deparou-se com casos de histeria que a medicina da época não sabia explicar nem tratar. Em vez de buscar causas orgânicas onde não havia lesões aparentes, Freud propôs outra via: escutar. A partir dessa escuta atenta e sistemática, foi construindo um conjunto teórico e técnico que revolucionaria a compreensão do sofrimento humano. A associação livre, o conceito de inconsciente, a transferência e a interpretação tornaram-se ferramentas de uma clínica radicalmente nova — centrada não no sintoma em si, mas no sujeito que sofre.

Ao longo do século XX, a psicanálise expandiu-se para diferentes países e disciplinas,

influenciando a psicologia, a filosofia, a literatura, a educação e a cultura em geral. Jacques Lacan, pensador francês que releu Freud à luz da linguística estrutural, aprofundou a compreensão do inconsciente ao afirmar que este "é estruturado como uma linguagem". Com Lacan, a dimensão simbólica da clínica ganhou novo vigor: o sujeito passou a ser compreendido como efeito da linguagem, habitado por um desejo que nunca se satisfaz plenamente e que se manifesta nos interstícios da fala. A escuta analítica tornou-se, assim, uma escuta da linguagem — dos lapsos, das repetições, dos silêncios carregados de sentido.

A virada do milênio trouxe consigo transformações que nenhum dos fundadores da psicanálise poderia ter antecipado. A cultura digital reorganizou as formas de se relacionar, de trabalhar, de sentir e de se perceber. As redes sociais criaram novos palcos de exposição e comparação. A economia da atenção capturou o tempo e o desejo das pessoas de maneiras inéditas. A pandemia de COVID-19 acelerou ainda mais essas mudanças, forçando o isolamento, aumentando o sofrimento psíquico e levando a clínica para dentro das telas. É nesse contexto complexo e acelerado que a psicanálise é convocada a se reinventar — sem, contudo, trair aquilo que a constitui.

Diante desse cenário, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a clínica psicanalítica contemporânea pode responder às novas demandas subjetivas e tecnológicas da sociedade atual sem perder seus fun-

damentos éticos e teóricos? A partir dessa interrogação, o presente estudo teve como objetivo geral analisar os principais desafios enfrentados pela clínica psicanalítica na contemporaneidade, examinando as novas formas de sofrimento, os impactos das tecnologias digitais e as respostas possíveis da psicanálise a essas transformações.

A relevância acadêmica desta pesquisa reside na necessidade de ampliar os debates sobre a clínica psicanalítica em um contexto histórico de profundas mudanças subjetivas e tecnológicas. Do ponto de vista clínico, o trabalho contribui para a reflexão sobre as adaptações necessárias à prática analítica, especialmente diante da expansão dos atendimentos online e das novas configurações do sofrimento humano. Socialmente, a pesquisa importa porque fala de algo que diz respeito a todos: o sofrimento, a dificuldade de existir em um mundo que exige demais e oferece cada vez menos espaço para o que é singular, frágil e humano.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo e natureza da pesquisa

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela natureza do objeto investigado: os fenômenos subjetivos relacionados ao sofrimento psíquico, à constituição do sujeito e à prática clínica não se deixam capturar por dados numéricos ou medidas estatísti-

cas. É preciso, antes, interpretá-los, contextualizá-los e colocá-los em diálogo com diferentes perspectivas teóricas.

A pesquisa exploratória, conforme Gil (2008), tem como propósito ampliar o conhecimento sobre determinado fenômeno, especialmente quando este se encontra em constante transformação. Esse caráter exploratório é especialmente adequado ao tema aqui investigado, uma vez que as transformações da clínica psicanalítica diante da cultura digital e das novas formas de sofrimento constituem um campo ainda em elaboração, marcado por debates abertos e perspectivas em construção. A dimensão descritiva, por sua vez, buscou apresentar e analisar com rigor as características dos fenômenos estudados, articulando as contribuições teóricas consultadas de forma organizada e crítica.

2.2 Procedimentos de coleta e seleção do material

O levantamento bibliográfico foi realizado em bases de dados acadêmicas de reconhecida relevância: Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online) e PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia). A busca orientou-se pelos seguintes descritores, utilizados de forma isolada e combinada: "psicanálise contemporânea", "clínica psicanalítica", "subjetividade", "saúde mental", "tecnologia e psicanálise", "clínica online", "sofrimento psíquico" e "medicalização".

Foram incluídos textos clássicos da teoria psicanalítica — em especial obras de Sig-

mund Freud e Jacques Lacan —, por constituírem o alicerce conceitual indispensável para qualquer discussão sobre a clínica. A essas obras foram acrescidas produções contemporâneas de autores que se dedicam à análise das transformações subjetivas na atualidade, como Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han, Joel Birman e Maria Rita Kehl. Para os artigos científicos, priorizou-se a produção dos últimos dez anos, de modo a garantir a atualidade das discussões. Foram excluídos trabalhos sem pertinência direta ao tema, bem como produções sem respaldo acadêmico consistente.

2.3 Método de análise

A análise do material coletado foi conduzida a partir da leitura interpretativa e da análise crítica das obras selecionadas. Buscou-se não apenas identificar o que cada autor afirma, mas compreender os pressupostos que sustentam suas argumentações, os diálogos implícitos entre diferentes perspectivas e as contribuições específicas de cada obra para a compreensão do problema investigado. A articulação teórica entre autores clássicos e contemporâneos foi um procedimento central desta pesquisa, pois permite iluminar os fundamentos perenes da psicanálise à luz das questões emergentes da contemporaneidade — e vice-versa.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A Constituição da Clínica Psicanalítica: fundamentos e singularidade

Para compreender os desafios que a clínica psicanalítica enfrenta hoje, é necessário

antes reconhecer o que a constitui em sua especificidade. A psicanálise não é apenas uma técnica terapêutica entre outras: é uma forma singular de compreender o sofrimento humano, fundada na escuta do inconsciente e na valorização radical da singularidade de cada sujeito. Seus fundamentos foram estabelecidos por Sigmund Freud a partir de uma ruptura decisiva com os modelos médicos dominantes no final do século XIX.

O ponto de partida freudiano foi o reconhecimento de que sintomas aparentemente orgânicos podiam ter origem em conflitos psíquicos inconscientes. Os estudos sobre a histeria, desenvolvidos em parceria com Josef Breuer e sistematizados nas obras de Freud, revelaram que o corpo pode falar aquilo que a mente recusa a consciência. A partir dessas observações, Freud construiu a hipótese central da psicanálise: existe uma dimensão da vida psíquica que escapa ao controle da consciência e que exerce influência determinante sobre os pensamentos, os afetos e os comportamentos do sujeito. Essa dimensão é o inconsciente.

O inconsciente freudiano não é um simples depósito de conteúdos esquecidos. É uma instância ativa, dotada de lógica própria, que se manifesta de maneiras indiretas e frequentemente disfarçadas: nos sonhos, nos atos falhos, nos lapsos de linguagem, nos sintomas e nas formas de repetição que marcam a vida de cada pessoa. Segundo Freud (1996), os sintomas neuróticos não são manifestações aleatórias, mas expressões simbólicas de conflitos

inconscientes reprimidos — mensagens cifradas que pedem decifração.

Para acessar esses conteúdos inconscientes, Freud desenvolveu a técnica da associação livre. Diferentemente dos métodos terapêuticos tradicionais, centrados na autoridade do médico e na supressão dos sintomas, a associação livre convida o paciente a falar livremente — sem censura, sem ordem lógica, sem preocupação com o que é "relevante" ou "adequado". Essa aparente desordem é, na verdade, o caminho pelo qual o inconsciente encontra expressão. O analista, por sua vez, adota uma posição de "atenção flutuante": escuta tudo de maneira igualmente suspensa, sem privilegiar nenhum elemento de antemão, disponível para o que emerge inesperadamente. “O analista deve reconhecer no paciente o que foi reprimido, e isso somente é possível pela via da associação livre, que permite ao inconsciente manifestar-se sem as barreiras da censura consciente” (FREUD, 2016, p. 47).

Outro conceito fundamental para a constituição da clínica psicanalítica é o de transferência. Freud observou que, ao longo do tratamento, os pacientes frequentemente desenvolviam em relação ao analista sentimentos intensos — de amor, de ódio, de dependência — que reproduziam padrões afetivos originados em relações passadas, especialmente com figuras parentais. Inicialmente percebida como obstáculo ao tratamento, a transferência foi gradualmente compreendida por Freud como o principal motor do processo analítico. É através

dela que os conflitos inconscientes se atualizam no espaço da sessão, tornando-se passíveis de elaboração (FREUD, 2010).

Jacques Lacan, ao reler Freud à luz da linguística estrutural de Saussure, aprofundou e complexificou esses conceitos. Para Lacan (1998), o inconsciente é estruturado como uma linguagem: seus mecanismos fundamentais — a metáfora e a metonímia — correspondem exatamente às figuras retóricas que Freud descreveu como condensação e deslocamento. Com Lacan, a fala do sujeito passa a ser compreendida em sua dimensão radicalmente polissêmica: as palavras carregam sempre mais do que o falante pretende dizer, e é nesse excesso — nos lapsos, nas ambiguidades, nas formações do inconsciente — que o desejo se revela.

A escuta clínica lacaniana exige, portanto, uma atenção redobrada: não basta compreender o que o paciente diz, mas perceber o que ele diz sem saber. O silêncio, a hesitação, a escolha de determinada palavra em detrimento de outra — tudo isso é material analítico. Conforme afirma Lacan (1985), o sujeito do inconsciente fala nas brechas do discurso, naquilo que o próprio falante não consegue controlar. Essa concepção torna a clínica psicanalítica uma prática de escuta refinada, irreduzível a qualquer protocolo, pois o que importa é sempre o que emerge de maneira singular em cada sessão, com cada sujeito.

3.2 Subjetividade e Sofrimento na Contemporaneidade

Compreender o sofrimento humano na contemporaneidade exige que nos detenhamos nas condições históricas e culturais que o produzem. O sujeito que chega ao consultório — ou que acessa a sessão por videochamada — não é um ser abstrato: é alguém que vive num tempo específico, que experimenta as pressões de uma sociedade que tem exigências muito particulares sobre como se deve ser, sentir e se comportar. Ignorar esse contexto seria empobrecer a escuta clínica.

Um dos diagnósticos mais influentes sobre a contemporaneidade é o de Zygmunt Bauman. Com o conceito de "modernidade líquida", o sociólogo polonês descreveu uma época em que tudo que parecia sólido — instituições, valores, identidades, vínculos afetivos — passou a fluir, a transformar-se, a dissolver-se antes de se solidificar. Segundo Bauman (2001), os indivíduos contemporâneos vivem sob pressão permanente para adaptar-se, para recomeçar, para ser sempre outro de si mesmos. O medo do compromisso transformou-se em virtude; a superficialidade das relações, em inevitabilidade.

Na modernidade líquida, as relações humanas se tornaram frouxas, efêmeras e voláteis. Relacionamentos são mantidos enquanto satisfazem, e descartados quando se tornam inconvenientes. O outro torna-se um obstáculo à liberdade individual tanto quanto uma necessidade dela. (BAUMAN, 2004, p. 33)

Essa liquidez dos vínculos produz consequências psíquicas profundas. A dificuldade

de construir laços duradouros, de confiar no outro, de investir emocionalmente em projetos que transcendam o imediato — tudo isso alimenta sentimentos de solidão, de vazio e de desamparo. O paradoxo da hiperconectividade é que, ao mesmo tempo em que estamos mais conectados do que nunca, experimentamos formas inéditas de isolamento. Ter centenas de "amigos" nas redes sociais não substitui a presença concreta de alguém que nos ouça de verdade.

Byung-Chul Han (2017), filósofo sul-coreano radicado na Alemanha, oferece outro ângulo analítico fundamental. Em sua obra *Sociedade do Cansaço*, Han descreve a passagem de uma "sociedade disciplinar" — baseada na repressão e na proibição — para uma "sociedade do desempenho", organizada em torno da positividade ilimitada. Nessa sociedade, não há mais um "não deves" exterior que constranja o sujeito: há, ao contrário, um "podes" e um "deves" internalizados que levam à autoexploração compulsiva. O sujeito contemporâneo não é oprimido pelo Outro — é oprimido por si mesmo.

A consequência direta dessa lógica é o esgotamento. Han (2017) aponta que a depressão, a síndrome de burnout e os transtornos de ansiedade são as doenças características de nossa época — não porque o sistema nervoso seja mais frágil do que antes, mas porque o sistema social impõe ao sujeito uma carga que excede os limites do psiquismo. O trabalhador contemporâneo é seu próprio explorador: ninguém

precisa obrigá-lo a trabalhar até o colapso, pois ele mesmo se cobra isso, com a ilusão de que ser produtivo é ser feliz.

Joel Birman (2019) analisa o sofrimento contemporâneo a partir de uma perspectiva psicanalítica, identificando na cultura atual uma patologia do narcisismo. O sujeito contemporâneo encontra-se submetido a intensas pressões sociais relacionadas à imagem, ao sucesso e ao reconhecimento. As redes sociais ampliaram de maneira exponencial o palco de exposição do eu: nunca antes o indivíduo precisou sustentar uma performance de si mesmo de forma tão contínua e para uma audiência tão vasta. Os efeitos clínicos dessa pressão são sentimentos frequentes de insuficiência, de vergonha, de fracasso e de uma autoestima frágil que depende constantemente da aprovação externa.

Maria Rita Kehl (2009) acrescenta a essa análise uma reflexão sobre a depressão como sintoma social. Para a autora, a tristeza e o esvaziamento afetivo que marcam a depressão não são apenas respostas individuais a situações difíceis: são também reações ao ritmo insano imposto pela contemporaneidade, à impossibilidade de luto, ao esgotamento simbólico produzido por uma cultura que não dá tempo para que as perdas sejam elaboradas. A psicanálise oferece, nesse contexto, um espaço raro: o do tempo suspenso, da fala sem pressa, da escuta que não quer que o sujeito melhore rapidamente — mas que quer, antes de tudo, compreendê-lo.

3.3 A Medicalização da Vida e o Sofrimento Psíquico

Um dos fenômenos mais marcantes da contemporaneidade no campo da saúde mental é a crescente medicalização da vida. Entende-se por medicalização o processo pelo qual experiências humanas ordinárias — a tristeza, a timidez, a inquietação, o luto, a agitação das crianças — são redefinidas como problemas médicos, passíveis de diagnóstico e de tratamento farmacológico. Esse processo não é neutro: reflete escolhas culturais, econômicas e políticas que têm consequências diretas sobre a forma como os sujeitos compreendem a si mesmos e sobre o espaço que restará para as abordagens que não reduzem o sofrimento a uma disfunção neuroquímica.

Michel Foucault (1979) já havia descrito com precisão o modo como as sociedades modernas desenvolveram mecanismos sofisticados de normalização dos corpos e dos comportamentos. O discurso médico, nesse contexto, funciona não apenas como saber técnico, mas como dispositivo de poder que define o que é normal e o que é patológico, o que deve ser tratado e o que pode ser tolerado. A proliferação de diagnósticos psiquiátricos nas últimas décadas — com novos transtornos sendo incorporados a cada edição dos manuais diagnósticos — é expressão desse processo.

O problema não está, evidentemente, em reconhecer que existem sofrimentos psíquicos que se beneficiam de intervenções farmacológicas. A psiquiatria contemporânea dispõe de

recursos importantes, e seria ingênuo ou mesmo prejudicial negar sua contribuição. O problema está quando o medicamento se torna a resposta exclusiva, quando o sofrimento é silenciado sem ser compreendido, quando o sujeito é reduzido ao seu diagnóstico e despojado de sua história. Como afirma Birman (2019), a cultura atual demonstra uma dificuldade crescente de lidar com a dor psíquica: quer-se eliminá-la com rapidez, sem que seja necessário habitá-la, interrogá-la ou aprender com ela.

A psicanálise oferece uma perspectiva radicalmente diferente. Para Freud, o sintoma não é um erro do sistema nervoso: é uma formação de compromisso, uma solução provisória que o psiquismo encontrou para lidar com um conflito que não pôde ser elaborado de outra forma. Silenciar o sintoma sem compreender sua função pode, em muitos casos, apenas deslocar o conflito para outra expressão — ou privar o sujeito de uma via de acesso ao que o faz sofrer. A escuta psicanalítica propõe, ao contrário, uma aproximação cuidadosa do sintoma: não para eliminá-lo imediatamente, mas para ouvir o que ele tem a dizer. “O sintoma é uma mensagem endereçada ao Outro. Ele fala aquilo que o sujeito não consegue dizer em palavras. Por isso, suprimi-lo sem escutá-lo é perder a oportunidade de compreender o sujeito”. (LACAN, 1998, p. 273).

Isso não significa que a psicanálise se oponha a priori a qualquer uso de medicamentos. Significa, antes, que ela recusa a redução do sujeito ao diagnóstico, que insiste na singulari-

dade de cada história e que valoriza o sofrimento — não como algo bom em si mesmo, mas como algo que carrega um sentido que merece ser escutado. Numa época em que a resposta imediata é quase sempre farmacológica, esse posicionamento da psicanálise constitui uma resistência ética de grande valor.

3.4 Clínica Psicanalítica e Tecnologia Digital

A relação entre a clínica psicanalítica e as tecnologias digitais é um dos temas mais vivos e controversos do debate contemporâneo sobre psicanálise. De um lado, há aqueles que argumentam que o ambiente virtual compromete irremediavelmente os elementos fundamentais da experiência analítica — a presença corporal, o setting, a qualidade do silêncio, a tonalidade afetiva que só o encontro presencial proporciona. De outro, há quem defenda que a escuta psicanalítica é essencialmente uma questão de linguagem e de relação, e que, desde que essas condições sejam preservadas, o meio pelo qual ela ocorre é secundário.

A pandemia de COVID-19 tornou esse debate urgente e prático. Da noite para o dia, analistas e pacientes que nunca haviam cogitado a possibilidade de sessões online foram obrigados a se adaptar. O que poderia ter sido uma interrupção catastrófica dos tratamentos revelou-se, em muitos casos, uma descoberta: era possível fazer clínica pela tela — com perdas, com adaptações, com novos desafios, mas com preservação do essencial. A experiência pandêmica funcionou como um experimento involuntário em larga escala, cujos resultados ainda

estão sendo assimilados pela comunidade psicanalítica.

Do ponto de vista teórico, a questão central é a da transferência. Desde Freud, sabe-se que a transferência é o motor do processo analítico: é através dela que os conflitos inconscientes se atualizam e se tornam passíveis de elaboração. No ambiente virtual, como ela se estabelece? Ela se estabelece, afirmam muitos clínicos contemporâneos — e a experiência prática parece confirmar isso. A transferência não depende da presença física: ela depende da relação, do vínculo, da palavra. O analista que está na tela ainda ocupa um lugar na economia psíquica do paciente; a fala ainda carrega os mesmos deslocamentos, condensações e formações do inconsciente.

Contudo, seria ingênuo negar que o ambiente virtual introduz especificidades que a clínica precisa levar em conta. O enquadre — conjunto de condições que organizam o processo analítico — sofre modificações importantes: a sessão ocorre no espaço doméstico do paciente, com todas as possíveis interferências que isso implica; a conexão pode cair; o paciente pode estar em um ambiente sem privacidade; a percepção corporal do analista em relação ao paciente é parcial e mediada pela câmera. Cada um desses elementos precisa ser trabalhado, e não ignorado.

Há também uma dimensão subjetiva nova introduzida pela virtualidade. O paciente que acessa a sessão de seu próprio quarto está, de certa forma, recebendo o analista em seu

espaço mais íntimo — o que pode facilitar a fala em alguns casos, mas também pode diluir a sensação de estar em um espaço diferenciado, destinado ao trabalho analítico. A tela cria uma membrana que ao mesmo tempo conecta e separa, possibilitando certos tipos de proximidade e dificultando outros. Tudo isso é material clínico, e a psicanálise tem recursos para trabalhá-lo.

Além dos atendimentos online, as tecnologias digitais trouxeram outras inovações para o campo da saúde mental: aplicativos de bem-estar, plataformas de terapia por mensagem, chatbots de suporte emocional e, mais recentemente, sistemas de inteligência artificial voltados ao cuidado psicológico. Essas ferramentas têm o mérito de ampliar o acesso ao cuidado, alcançando pessoas que de outra forma não teriam condições de buscar atendimento especializado. Nesse sentido, representam um avanço real na democratização da saúde mental.

Mas elas têm também limites importantes que precisam ser nomeados com clareza. A inteligência artificial pode reconhecer padrões, oferecer respostas baseadas em probabilidades, sugerir estratégias de enfrentamento — mas não pode escutar. A escuta analítica não é um processamento de informações: é uma presença, uma disponibilidade, uma capacidade de ser afetado pelo sofrimento do outro. Um algoritmo não transfere; um chatbot não interpreta; uma plataforma digital não sustenta o vazio

necessário para que o sujeito se escute. A diferença não é técnica: é ética e ontológica.

3.5 Inovações em Saúde Mental e o Futuro da Clínica Psicanalítica

O panorama da saúde mental contemporânea é marcado por uma tensão produtiva entre a necessidade de inovar e a necessidade de preservar. Inovar, porque os sofrimentos mudaram, as demandas mudaram, as formas de acesso aos serviços mudaram — e uma clínica que se recuse a dialogar com essas transformações corre o risco de se tornar uma prática de museu, preservada em sua pureza teórica, mas progressivamente afastada da vida das pessoas. Preservar, porque há uma ética específica na psicanálise — uma posição em relação ao sujeito, ao desejo e ao sofrimento — que não pode ser sacrificada em nome da adaptação ao mercado ou da eficiência terapêutica.

As inovações mais promissoras no campo da saúde mental são aquelas que ampliam o acesso sem comprometer a qualidade do cuidado. Nessa direção, o atendimento online, quando bem conduzido, pode ser uma ferramenta poderosa de democratização da clínica psicanalítica. Há pessoas em cidades pequenas e em regiões remotas que nunca tiveram acesso a um analista; há pessoas com limitações de mobilidade ou de agenda que encontraram na clínica virtual uma possibilidade que antes lhes era negada. Nesses casos, a tecnologia não empobrece a clínica: ela a torna possível.

O mesmo se pode dizer de iniciativas que buscam integrar a psicanálise a outros dis-

positivos de cuidado: serviços de saúde mental coletivos, grupos terapêuticos, projetos de escuta em comunidades vulneráveis, inserção de psicanalistas em equipes de saúde pública. A psicanálise não é e não deve ser um privilégio de quem pode pagar consultas caras em consultórios elegantes. Sua vocação ética — a escuta radical da singularidade — pode e deve estar presente em contextos diversificados, desde que os princípios que a sustentam sejam preservados.

O que não pode ser preservado, porém, é a ilusão de que a tecnologia por si mesma resolve o sofrimento humano. A inteligência artificial aplicada à saúde mental é um campo em rápida expansão, e seus defensores fazem promessas ambiciosas sobre diagnóstico precoce, personalização dos tratamentos e suporte emocional escalável. Há, sem dúvida, aplicações legítimas e promissoras. Mas a tentação de substituir a relação humana por uma interface tecnológica, sob o argumento da eficiência ou da acessibilidade, é uma tentação que precisa ser resistida.

A relação terapêutica não é um epifenômeno do tratamento, mas sua condição de possibilidade. É na relação — com sua assimetria, suas tensões, sua transferência — que o sujeito encontra um espelho para compreender a si mesmo. (BIRMAN, 2019, p. 87)

Han (2018) alerta para os riscos de uma sociedade que confunde conectividade com comunicação, presença digital com presença real. A digitalização das relações humanas pro-

duz, segundo ele, uma transparência que paradoxalmente empobrece o encontro: quando tudo está visível, quando tudo pode ser imediatamente acessado e compartilhado, o espaço para o segredo, para o enigma, para o não dito — que é justamente o espaço do inconsciente — fica ameaçado. A psicanálise, ao insistir que há sempre algo que escapa à representação consciente, funciona como uma resistência necessária a essa transparência compulsória.

O futuro da clínica psicanalítica, portanto, não será determinado pela tecnologia — será determinado pela capacidade dos analistas de pensar criticamente sobre seu tempo, de adaptar sua prática sem perder sua orientação ética, e de continuar oferecendo ao sujeito contemporâneo aquilo que ele mais precisa e mais raramente encontra: um espaço onde pode ser escutado em sua singularidade, sem pressa, sem julgamento, e com a seriedade de quem acredita que o sofrimento tem algo a dizer.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste percurso, foi possível perceber que a clínica psicanalítica enfrenta na contemporaneidade desafios de uma amplitude que os fundadores da psicanálise dificilmente poderiam ter previsto. As transformações impostas pela cultura digital, pela lógica do desempenho, pela medicalização crescente da vida e pela virtualização das relações humanas colocam questões genuínas sobre como a psicanálise pode continuar sendo uma prática relevante, acessível e eticamente consistente. Este estudo

buscou mapear essas questões com honestidade, sem romantizar os desafios nem subestimar os recursos que a psicanálise tem para enfrentá-los.

A pesquisa evidenciou que as formas de sofrimento psíquico contemporâneas possuem características específicas que as diferenciam, ao menos em sua expressão clínica, das neuroses clássicas estudadas por Freud. A ansiedade generalizada, a síndrome de burnout, o vazio existencial, a fragilidade narcísica e os quadros depressivos ligados ao esgotamento são, em grande medida, produtos das condições históricas em que vivemos — da sociedade do desempenho descrita por Han, da modernidade líquida analisada por Bauman, do sofrimento narcísico que Birman identifica como marca da subjetividade contemporânea. A clínica não pode ignorar esses contextos: precisa integrá-los à compreensão do sujeito que atende.

Ao mesmo tempo, a pesquisa confirmou que os fundamentos da psicanálise — a atenção ao inconsciente, a escuta da singularidade, a centralidade da transferência, a valorização da fala como via de elaboração subjetiva — permanecem não apenas válidos, mas necessários. Em um tempo que valoriza a velocidade, a padronização e a supressão imediata do sofrimento, a psicanálise oferece algo raro: a possibilidade de um encontro genuíno, de uma escuta sem protocolo, de um espaço onde o sujeito pode existir em sua complexidade, sem precisar ser encaixado em um diagnóstico ou reduzido a um conjunto de sintomas a eliminar.

No que diz respeito às tecnologias digitais, este estudo concluiu que a clínica virtual não é intrinsecamente incompatível com a prática psicanalítica — mas que sua adoção exige reflexão constante sobre os limites, as adaptações necessárias e os riscos de superficialização que o ambiente digital pode introduzir. A experiência da pandemia mostrou que é possível fazer análise pela tela; mostrou também que a presença física tem um valor que não deve ser descartado levianamente. O ideal não é escolher entre o presencial e o virtual, mas compreender o que cada modalidade oferece e o que cada uma exige — e fazer essa escolha com consciência, caso a caso, sujeito a sujeito.

Uma das contribuições mais importantes que este estudo espera oferecer é a de defender a psicanálise não como um conjunto de técnicas ultrapassadas que precisa se modernizar a qualquer custo, mas como uma posição ética diante do sofrimento humano — uma posição que é, ela mesma, uma forma de resistência a certas tendências desumanizadoras da contemporaneidade. Numa época em que a IA propõe substituir o analista, em que os aplicativos prometem bem-estar em dez minutos por dia, em que a eficiência se tornou o valor supremo, insistir na escuta singular, no tempo do sujeito, na complexidade irreduzível da experiência humana é um ato ao mesmo tempo clínico e político.

Como limitação, reconhece-se que este estudo, por seu caráter bibliográfico, não incluiu investigação empírica com analistas e pacien-

tes em exercício. Seria enriquecedor, em pesquisas futuras, incorporar relatos de experiência clínica, especialmente sobre atendimentos online, sobre o trabalho com sofrimentos contemporâneos como o burnout e a depressão, e sobre as formas concretas pelas quais analistas têm respondido às demandas de uma época em transformação. Pesquisas que dialoguem com a psicanálise institucional, com a saúde mental coletiva e com as práticas em contextos socioeconômicos diversificados também seriam contribuições valiosas para o aprofundamento das questões aqui levantadas.

Concluindo, o presente estudo reafirma que a psicanálise tem futuro — não apesar dos desafios contemporâneos, mas por causa deles. É precisamente quando o sujeito humano é mais ameaçado em sua singularidade, em sua profundidade, em seu tempo interno, que a psicanálise se torna mais necessária. O analista que sabe escutar o que não foi dito, que resiste à pressa diagnóstica, que acredita que cada sujeito é irreduzível a qualquer categoria — esse analista oferece ao mundo contemporâneo algo de inestimável valor: a convicção de que o humano importa, de que o sofrimento tem sentido, e de que existe algo que vale a pena escutar.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BIRMAN, Joel. Arquivos do mal-estar e da resistência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Fundamentos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.

KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

PEPSIC. Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em: 13 maio 2026.

SCIELO. Biblioteca Científica Eletrônica Online. Disponível em: <https://www.scielo.org>. Acesso em: 13 maio 2026.

A CLÍNICA PSICANALÍTICA CONTEMPORÂNEA DO AUTISMO: Fundamentos Teóricos, Abordagens do Corpo e a Construção do Sujeito

THE CONTEMPORARY PSYCHOANALYTIC CLINIC OF AUTISM: Theoretical Foundations, Approaches to the Body and the Construction of the Subject.

LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA CONTEMPORÁNEA DEL AUTISMO: Fundamentos Teóricos, Abordajes del Cuerpo y la Construcción del Sujeto.

Lázaro Santos Tavares

Psicanalista

Membro da Escola Freudiana – Seção Teresina (EFPT). Membro da Associação Brasileira de Bacharéis em Psicanálise – ABBP (em processo de alteração estatutária para Associação Brasileira de Bacharéis em Estudos Teóricos Psicanalíticos e Sociais – ABBETPS, em resposta à Portaria SE-RES/MEC nº 3/2026).

E-mail: lazarotavares.es@gmail.com
escolafreudianadeteresina@gmail.com

RESUMO

O presente artigo aborda a interface entre a psicanálise e o autismo na contemporaneidade. Partindo de uma revisão das concepções clássicas, o texto explora as contribuições de auto-

res pós-lacanianos e da escola inglesa para a compreensão do autismo como uma posição subjetiva singular, distinta da neurose e da psicose – uma verdadeira "quarta estrutura" ou posição pré-estrutural. São analisadas as especificidades da clínica psicanalítica com crianças autistas, com ênfase na função do corpo do analista, no manejo da transferência, na importância da narrativa como via de simbolização e nos cuidados técnicos na primeira sessão e nas sessões iniciais. O trabalho é ilustrado por quatro vinhetas clínicas que demonstram a aplicação prática dos conceitos discutidos, evidenciando a potência da escuta psicanalítica para a constituição psíquica e a abertura de possibilidades de laço com o outro. A discussão teórico-clínica sustenta que a psicanálise oferece contribuições fundamentais para além do paradigma do déficit, apostando na singularidade e na invenção de cada sujeito autista.

Palavras-chave: Psicanálise; Autismo; Estrutura Clínica; Técnica Psicanalítica; Casos Clínicos.

Abstract

This article addresses the interface between psychoanalysis and autism in contemporary times. Starting from a review of classical conceptions, the text explores the contributions of post-Lacanian authors and the English school to the understanding of autism as a singular subjective position, distinct from neurosis and psychosis – a veritable "fourth structure" or

pre-structural position. The specificities of the psychoanalytic clinic with autistic children are analyzed, with an emphasis on the function of the analyst's body, the handling of transference, the importance of narrative as a pathway to symbolization, and the technical care required in the first session and initial sessions. The work is illustrated by four clinical vignettes that demonstrate the practical application of the discussed concepts, highlighting the power of psychoanalytic listening for psychic constitution and the opening of possibilities for bonding with the other. The theoretical-clinical discussion argues that psychoanalysis offers fundamental contributions beyond the deficit paradigm, betting on the singularity and invention of each autistic subject.

Keywords: Psychoanalysis; Autism; Clinical Structure; Psychoanalytic Technique; Clinical Cases.

Resumen

El presente artículo aborda la interfaz entre el psicoanálisis y el autismo en la contemporaneidad. Partiendo de una revisión de las concepciones clásicas, el texto explora las contribuciones de autores poslacanianos y de la escuela inglesa para la comprensión del autismo como una posición subjetiva singular, distinta de la neurosis y de la psicosis – una verdadera "cuarta estructura" o posición pre-estructural. Se analizan las especificidades de la clínica psicoanalítica con niños autistas, con énfasis en la

función del cuerpo del analista, el manejo de la transferencia, la importancia de la narrativa como vía de simbolización y los cuidados técnicos en la primera sesión y en las sesiones iniciales. El trabajo se ilustra con cuatro viñetas clínicas que demuestran la aplicación práctica de los conceptos discutidos, evidenciando la potencia de la escucha psicoanalítica para la constitución psíquica y la apertura de posibilidades de vínculo con el otro. La discusión teórico-clínica sostiene que el psicoanálisis ofrece contribuciones fundamentales más allá del paradigma del déficit, apostando por la singularidad y la invención de cada sujeto autista.

Palabras clave: Psicoanálisis; Autismo; Estructura Clínica; Técnica Psicoanalítica; Casos Clínicos.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se constituído como uma das condições mais discutidas no campo da saúde mental e da educação. Dados epidemiológicos recentes apontam para um aumento significativo na prevalência de diagnósticos, o que convoca diferentes áreas do saber a se posicionarem frente a essa realidade (BARROSO, 2019). O autismo deixou de ser uma condição rara para se tornar uma questão central de saúde pública, desafiando profissionais, pesquisadores e formuladores de políticas a desenvolverem abordagens cada vez mais efica-

zes e respeitosas com a singularidade de cada sujeito.

Nesse contexto, a psicanálise tem ocupado um lugar peculiar e, por vezes, controverso. De um lado, críticos apontam para teorias ultrapassadas que culpabilizavam a família, especialmente a figura materna, pelo surgimento do autismo – como a infeliz noção de "mãe geladeira", há muito abandonada pela comunidade psicanalítica séria. De outro lado, a clínica contemporânea tem demonstrado que a escuta psicanalítica, quando devidamente atualizada e fundamentada em autores que se dedicaram ao tema, oferece contribuições inestimáveis para a compreensão e o tratamento de crianças autistas (LEIRAS; BATISTELLI, 2014).

Este artigo parte de algumas questões fundamentais: Qual a visão da psicanálise sobre o autismo? Como classificá-lo do ponto de vista da estrutura clínica? Ele se enquadra nas três estruturas clássicas – neurose, psicose, perversão – ou constitui uma quarta estrutura? Como se dá a escuta e a primeira sessão com uma criança autista? E, por fim, como a técnica psicanalítica se atualiza nesse campo? Para responder a essas perguntas, percorreremos um caminho que vai das formulações teóricas à apresentação de casos clínicos detalhados.

O objetivo deste artigo é precisamente este: apresentar as principais contribuições da psicanálise contemporânea para a clínica do autismo, dialogando com autores que, nas últi-

mas décadas, têm repensado conceitos fundamentais à luz da especificidade dessa estrutura clínica. Trata-se de um percurso que parte da teoria e se enraíza na prática, pois acreditamos que é no encontro clínico, no corpo a corpo com a criança autista, que os conceitos ganham vida e se mostram fecundos ou não.

Para tanto, organizamos o artigo em cinco seções, além desta introdução e das considerações finais. Na fundamentação teórica, percorreremos as contribuições de autores como Jean-Claude Maleval, Marie-Christine Laznik, Frances Tustin e Donald Winnicott, entre outros, buscando articular diferentes perspectivas que, longe de se excluírem, podem se complementar na compreensão da complexidade do autismo. Em seguida, apresentaremos quatro vinhetas clínicas que ilustram, cada uma a seu modo, aspectos fundamentais da técnica psicanalítica com crianças autistas: o manejo do corpo do analista, a construção de narrativas como via de simbolização, o delicado trabalho com as defesas autísticas e a evolução do tratamento sessão a sessão a partir do objeto autístico. Por fim, nas considerações finais, retomaremos os principais eixos da discussão, destacando a especificidade e a potência da abordagem psicanalítica.

Uma palavra inicial sobre a metodologia: este trabalho constitui-se como uma pesquisa teórico-clínica de natureza qualitativa. A construção do artigo baseia-se em revisão narrativa da literatura psicanalítica contemporânea, privilegi-

ando autores que têm produzido reflexões consistentes sobre o autismo, e na análise de material clínico publicado em periódicos científicos indexados, garantindo o rigor ético e acadêmico necessário a este tipo de produção.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: AUTORES CONTEMPORÂNEOS

A psicanálise, desde suas primeiras incursões no campo do autismo, passou por profundas transformações teóricas e clínicas. Se as concepções iniciais – marcadas pelas descrições de Kanner, pelas formulações kleinianas e pelas observações de Mahler e Tustin – abriram caminho para que o autismo fosse visto como um fenômeno de interesse psicanalítico, foi a partir das últimas décadas do século XX que uma verdadeira virada epistemológica se consolidou.

Autores de diferentes tradições, especialmente aqueles filiados à orientação lacaniana e à escola inglesa de psicanálise, passaram a questionar a aproximação automática entre autismo e psicose, propondo que o autismo constitui uma posição subjetiva singular, com mecanismos de defesa, modalidades de gozo e relações com o Outro que lhe são próprias. Essa mudança de perspectiva não apenas refinou a compreensão teórica, mas também – e sobretudo – transformou a clínica, exigindo dos analistas uma escuta e uma técnica radicalmente adaptadas à especificidade de cada sujeito autista.

Nas seções que seguem, percorreremos as principais contribuições da psicanálise contemporânea sobre o autismo. Iniciaremos com a chamada "virada lacaniana" e a proposição do autismo como uma estrutura clínica distinta, dialogando com autores como Rosine e Robert Lefort, Jean-Claude Maleval e Éric Laurent. Em seguida, abordaremos as contribuições de Marie-Christine Laznik sobre a constituição psíquica e os três tempos da pulsão, fundamentais para a compreensão dos impasses precoces no autismo. Por fim, retomaremos autores da escola inglesa – Frances Tustin, Donald Winnicott, Didier Anzieu e Wilfred Bion – cujos conceitos de objeto autístico, holding, eu-pele e função continente permanecem vivos e fecundos na clínica atual.

Trata-se, como se verá, de um campo teórico plural, no qual diferentes perspectivas não se excluem, mas se complementam na tentativa de dar conta da complexidade do autismo e de oferecer ao clínico instrumentos para uma escuta rigorosa e ao mesmo tempo sensível à singularidade de cada criança.

2.1 Concepções Clássicas: os Precursores e a Evolução do Conceito de Autismo na Psicanálise

Antes de adentrarmos nas contribuições contemporâneas que redefiniram o lugar do autismo na clínica psicanalítica, é fundamental recuperar as primeiras formulações teóricas que marcaram o pensamento sobre o tema. Essas

concepções, embora em grande parte revisadas ou superadas, forneceram as bases sobre as quais os autores atuais puderam construir suas críticas e avanços.

2.1.1 Leo Kanner e a Descrição Inaugural

Em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner publicou o artigo "Autistic Disturbances of Affective Contact", no qual descreveu onze crianças com um quadro até então não classificado. Kanner cunhou o termo "autismo infantil precoce" para designar uma síndrome caracterizada por extrema solidão, obsessividade, estereotípias e dificuldade de comunicação. Embora Kanner não fosse psicanalista, sua descrição influenciou profundamente a psicanálise, que passou a se debruçar sobre a etiologia e a dinâmica psíquica dessas crianças.

Inicialmente, Kanner acreditava que o autismo era inato, mas suas observações sobre o comportamento dos pais – que ele descreveu como intelectuais, frios e pouco afetivos – acabaram gerando a infeliz noção de "mãe geladeira". Essa ideia, posteriormente desmentida e abandonada, marcou uma primeira tentativa de compreensão psicogênica do autismo, mas também trouxe sofrimento e culpa para muitas famílias.

2.1.2 Melanie Klein e a Psicose Infantil

Melanie Klein, pioneira da psicanálise de crianças, não tratou especificamente do autismo, mas suas teorias sobre o mundo interno arcaico influenciaram a forma como analistas passa-

ram a escutar crianças com graves perturbações. Klein descreveu a posição esquizoparanoide e a posição depressiva como momentos fundamentais da constituição psíquica, nos quais a criança lida com a presença/ausência do objeto e com a agressividade inata. Embora Klein não tenha diferenciado claramente o autismo da psicose infantil, seus conceitos de identificação projetiva, cisão e objetos internos foram utilizados por muitos autores para pensar a dinâmica autística.

Autores pós-kleinianos, como Herbert Rosenfeld e Wilfred Bion, avançaram na compreensão de estados mentais primitivos, mas foi com Frances Tustin que o autismo ganhou um lugar mais específico na tradição inglesa.

2.1.3 Margaret Mahler e a Psicose Simbiótica

Margaret Mahler, psicanalista húngara radicada nos Estados Unidos, desenvolveu uma teoria do desenvolvimento infantil baseada na observação direta de bebês. Para Mahler, o autismo infantil seria uma falha na fase de separação-individuação, mais especificamente na subfase simbiótica. Ela descreveu o autismo como uma "psicose simbiótica", na qual a criança não conseguiria diferenciar-se da mãe, permanecendo encapsulada em uma fusão primitiva.

Embora a teoria de Mahler tenha sido criticada por sua ênfase na simbiose e por generalizar aspectos observacionais, ela influenciou gerações de clínicos e trouxe à tona a importância

das primeiras relações para a constituição do eu. Hoje, a noção de "simbiose" é vista com reservas, mas a obra de Mahler abriu caminho para que se pensasse o autismo como um distúrbio relacional precoce.

2.1.4 Frances Tustin: O Mergulho na Experiência Autística

Frances Tustin é, sem dúvida, uma das autoras mais importantes para a compreensão psicanalítica do autismo. Seu trabalho clínico com crianças autistas, iniciado na década de 1950 e estendido por várias décadas, resultou em descrições detalhadas e inovadoras sobre o mundo sensorial e emocional dessas crianças.

Tustin observou que as crianças autistas utilizam objetos e sensações corporais de forma peculiar, como defesa contra a percepção da separação e da alteridade. Ela cunhou os termos "objetos autísticos" e "formas autísticas". Os primeiros são objetos duros, concretos, manipulados de maneira repetitiva, que funcionam como uma extensão do corpo da criança, negando a falta e a separação. As formas autísticas, por sua vez, são sensações corporais – como a sensação de estar encapsulado em uma casca dura ou de se dissolver em substâncias moles – que também servem para evitar o contato com um mundo externo percebido como ameaçador.

Para Tustin, o autismo resultaria de um trauma precoce na relação com o seio materno, vivido como uma perda catastrófica. A criança, diante

da percepção da separação, construiria defesas para anular essa consciência, criando um "encapsulamento" que a protegeria do vazio. Essa visão, embora ainda centrada na relação mãe-bebê, deslocou o foco da culpa materna para a compreensão das defesas autísticas como tentativas de sobrevivência psíquica.

2.1.5 Donald Winnicott e o Ambiente Sustentador

Donald Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, não escreveu extensamente sobre autismo, mas seus conceitos de "holding" (sustentação), "handling" (manejo) e "apresentação de objeto" são fundamentais para pensar a clínica com crianças autistas. Winnicott enfatizava a importância de um ambiente suficientemente bom para que o bebê possa desenvolver um self verdadeiro. No autismo, haveria uma falha ambiental precoce, na qual o ambiente não conseguiu se adaptar às necessidades do bebê, apresentando o mundo de forma gradativa e tolerável.

A frase de Winnicott – "É uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado" – sintetiza o dilema da clínica do autismo: a criança se esconde em seu encapsulamento, mas precisa ser encontrada sem ser invadida. O trabalho do analista seria o de oferecer uma presença sustentadora que permita à criança, gradualmente, arriscar-se a sair de seu esconderijo.

2.1.6 A Crítica e a Superação das Concepções Clássicas

As concepções clássicas, embora tenham trazido contribuições valiosas, carregavam limitações: a ênfase excessiva na relação mãe-bebê, a aproximação do autismo com a psicose e a falta de uma diferenciação estrutural clara. A partir dos anos 1980, especialmente com os avanços da orientação lacaniana, o autismo passou a ser repensado como uma estrutura clínica distinta, com mecanismos próprios e uma relação singular com o Outro e a linguagem. Autores como Rosine e Robert Lefort, Jean-Claude Maleval e Éric Laurent inauguraram uma nova perspectiva, na qual o autismo deixa de ser visto como uma falha relacional para ser compreendido como uma posição subjetiva complexa, com defesas específicas e uma lógica própria.

A seção seguinte aprofundará essa virada lacaniana e suas implicações clínicas, mostrando como a psicanálise contemporânea dialoga com as contribuições anteriores ao mesmo tempo que as transcende.

2.2 A Virada Lacaniana e a Noção de Estrutura Autística

A psicanálise de orientação lacaniana passou por importantes transformações em sua compreensão do autismo ao longo das últimas décadas. Se inicialmente o autismo era aproximado da psicose, com a noção de forclusão do Nome-do-Pai sendo aplicada de maneira relativamente direta, os desenvolvimentos mais recentes apontam para uma direção diversa: a proposição de que o autismo constitui uma es-

trutura clínica distinta, com modalidades de defesa e relação com o Outro que lhe são próprias.

Para contextualizar essa virada, é necessário re-
cuar às primeiras formulações psicanalíticas sobre o autismo. Margaret Mahler (1975), por exemplo, descreveu o autismo como uma falha na fase de separação-individuação, uma "psicose simbiótica" – visão que, embora tenha sido amplamente revista, influenciou gerações de clínicos. Frances Tustin (1991), autora fundamental, avançou ao descrever o autismo como um não-envolvimento com o seio materno no início da vida, resultando na falha da construção de uma "casca psíquica" para distinguir o interno do externo. Para Tustin, o autista viveria em um mundo "encapsulado", com defesas para evitar o vazio.

Rosine e Robert Lefort foram pioneiros na aplicação da orientação lacaniana ao autismo. Em seu trabalho clínico com crianças autistas, especialmente no caso conhecido como "Nádia", os Lefort (1984) demonstraram que a dinâmica autística não se confunde com a psicótica. Enquanto esta última é marcada pela forclusão – a exclusão do significante Nome-do-Pai do campo simbólico, o que retorna no real sob a forma de fenômenos alucinatórios ou delirantes –, o autismo se caracterizaria por uma outra modalidade de defesa frente ao Outro.

Jean-Claude Maleval (2011) é, sem dúvida, um dos autores que mais consistentemente tem

desenvolvido essa perspectiva. Para ele, o autista não foraclui o Outro, mas sim se defende dele de maneira radical. O que está em jogo é uma tentativa de se proteger de um Outro vivido como invasivo, caótico, imprevisível. Mallevall propõe que o autista constrói o que chama de "duplo" – uma espécie de borda protetora que inclui objetos autísticos, interesses restritos e repetitivos, e até mesmo determinadas pessoas que são admitidas em seu círculo desde que não questionem suas defesas.

A questão da classificação estrutural é, de fato, o ponto mais debatido na literatura contemporânea: o autismo é uma psicose ou uma estrutura distinta? A maioria dos autores lacanianos mais recentes, seguindo as indicações de Lacan sobre a necessidade de distinguir o autismo da psicose infantil, argumenta que o autismo não se encaixa nas três estruturas clássicas (Neurose, Psicose e Perversão), mas sim como uma "quarta estrutura" ou, mais precisamente, uma posição subjetiva anterior às outras três. O argumento central é que, nas três estruturas, o sujeito está, de alguma forma, inscrito na ordem simbólica – ainda que de maneira foracluída (Psicose) ou recalcada (Neurose). No autismo, haveria um fracasso na própria inscrição inicial da criança na linguagem e no laço social. O autista não teria o "Grande Outro" (o tesouro do significante) plenamente constituído; ele viveria em um mundo de "pequenos outros" (objetos concretos, rotinas, fragmentos sensoriais) e não de "significantes" propriamente ditos.

Éric Laurent (2014) é um dos principais defensores dessa tese. Para ele, o autista constrói barreiras em vez de foracluir o Nome-do-Pai. Essas barreiras incluem o que Laurent chama de "ilha de excelência" (interesses restritos e altamente especializados) e o objeto autístico, que funcionam como proteção contra um Outro que seria invasivo e insuportável. Alfredo Jerusalinsky (2000), outro importante autor dessa corrente, complementa essa visão ao afirmar que o autismo é um "fracasso na constituição do laço social", que não pode ser reduzido nem à neurose nem à psicose, exigindo uma abordagem clínica específica.

Portanto, a classificação mais aceita hoje na vertente psicanalítica é que o autismo é uma estrutura *sui generis*, anterior ou à margem das três clássicas – uma verdadeira "quarta estrutura" que demanda do analista uma escuta e uma técnica radicalmente adaptadas.

2.3 A Constituição Psíquica e os Primeiros Tempos da Pulsão

Se os autores lacanianos nos oferecem uma compreensão estrutural do autismo, Marie-Christine Laznik (2004) nos convida a pensar o processo de constituição psíquica e os momentos iniciais em que algo pode falhar, abrindo caminho para o autismo. Sua contribuição é particularmente valiosa por articular uma leitura rigorosa de Freud e Lacan com a observação direta de bebês e a clínica precoce.

Laznik parte do conceito freudiano de pulsão e de sua releitura por Lacan para propor que o circuito pulsional se completa em três tempos. No primeiro tempo, o bebê busca o objeto – o seio, o olhar da mãe, a voz que o acalenta. É o momento da pura satisfação autoerótica, em que o bebê encontra prazer no contato com o corpo da mãe ou em suas próprias sensações. No segundo tempo, o bebê vira-se para o Outro e oferece essa satisfação. É o momento em que, tendo experimentado o prazer, a criança busca compartilhá-lo, dirigindo-se à mãe com um sorriso, um olhar, um balbúcio. No terceiro tempo, o mais crucial para Laznik, o bebê se oferece como objeto de satisfação para o Outro. Não se trata mais apenas de buscar ou compartilhar prazer, mas de se colocar na posição de quem dá prazer ao outro, de ser, ele próprio, a causa do desejo materno.

O que Laznik observa nos bebês que posteriormente desenvolvem autismo é uma falha precisamente nesse terceiro tempo. A criança não se oferece como objeto de prazer para a mãe. Isso se manifesta clinicamente de várias formas: ausência de antecipação no colo (a criança não se prepara para ser pega, não ajusta seu corpo ao corpo que a acolhe), falta de reciprocidade no olhar, indiferença à "voz manhês" – aquela entonação especial, aguda e musical, que as mães naturalmente utilizam com seus bebês.

"A mãe fala, fala, fala... e a criança não responde. Não é que ela não ouça, é que algo do cir-

cuito não se completa. O prazer da mãe não encontra eco, não retorna a ela sob a forma de um olhar, um sorriso, um movimento do corpo que diga: 'continue, estou gostando'" (LAZNIK, 2004, p. 89).

Essa perspectiva tem importantes implicações técnicas. Se há uma falha no terceiro tempo pulsional, o trabalho do analista – especialmente em intervenções precoces – pode ser o de, por assim dizer, "ocupar" esse lugar, oferecendo-se como parceiro na completude do circuito. Laznik descreve situações em que o analista, com seu corpo, sua voz, sua presença, tenta capturar a atenção da criança e, sobretudo, fazer com que ela experimente o prazer de ser causa do prazer do outro. Não se trata de uma técnica interpretativa clássica, mas de uma intervenção no campo pulsional, no nível mais arcaico da constituição subjetiva.

2.4 Contribuições da Escola Inglesa: O Corpo, o Ambiente e a Simbolização

Paralelamente aos desenvolvimentos lacanianos, a chamada Escola Inglesa de Psicanálise, com autores como Melanie Klein, Donald Winnicott, Esther Bick e Frances Tustin, produziu reflexões fundamentais para a compreensão do autismo. Se os lacanianos nos oferecem uma leitura estrutural e pulsional, os ingleses nos convidam a pensar as experiências corporais primitivas, a relação com o ambiente e os processos de simbolização.

Frances Tustin (1975) é, talvez, a autora que mais profundamente mergulhou na experiência subjetiva do autista. Seu trabalho clínico com crianças a levou a descrever o que chamou de "sensações autísticas" – experiências corporais primitivas que a criança utiliza para se proteger da percepção da separação e da alteridade. Tustin distingue entre objetos autísticos e formas autísticas. Os primeiros são objetos duros, concretos, que a criança manipula de maneira repetitiva e que funcionam como uma extensão de seu corpo, negando a falta. As formas autísticas, por sua vez, são sensações corporais – como a sensação de estar encapsulado em uma casca dura ou de se dissolver em substâncias moles e escorregadias – que também servem à função de negação da separação.

"Para a criança autista, a descoberta de que há um outro, separado, é vivida como uma catástrofe. As sensações autísticas são defesas contra essa catástrofe, tentativas de manter a ilusão de que não há separação, de que o corpo e o mundo são uma coisa só" (TUSTIN, 1975, p. 112).

A clínica com crianças autistas, para Tustin, exige que o analista esteja atento a essas experiências sensoriais. Não se trata de interpretar os objetos autísticos como símbolos (eles não o são, inicialmente), mas sim de reconhecer sua função defensiva e, a partir desse reconhecimento, gradualmente introduzir diferenciações. É um trabalho delicado, que envolve o corpo

do analista como superfície de contato e de contorno.

Donald Winnicott (1990) oferece outra perspectiva fundamental, centrada na noção de ambiente suficientemente bom. Para Winnicott, o bebê humano não existe isoladamente – o que existe é um "conjunto bebê-ambiente". O desenvolvimento emocional primitivo depende crucialmente da capacidade da mãe (ou de quem exerce a função materna) de se adaptar às necessidades do bebê, oferecendo *holding* (sustentação), *handling* (manejo) e apresentação de objeto.

No autismo, Winnicott sugere que pode ter havido uma falha ambiental precoce. O ambiente não conseguiu se adaptar suficientemente às necessidades do bebê, apresentando o mundo de forma gradativa e tolerável. Diante dessa falha, a criança se retira, construindo defesas que Winnicott descreve como um "falso self" autístico – uma organização defensiva que protege o verdadeiro self, mas ao preço de um encapsulamento.

Uma frase de Winnicott é particularmente iluminadora para a clínica do autismo: "É uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado". O retraimento autista pode ser compreendido como uma tentativa de se esconder de um mundo intrusivo. Mas, se ninguém o procura, se ninguém reconhece que há ali alguém escondido, isso é um desastre. O trabalho do analista é, então, o de procurar

sem invadir, de oferecer-se como presença que sustenta sem sufocar.

Essa perspectiva encontra eco nos conceitos de Didier Anzieu (1989) e Wilfred Bion (1962). Anzieu desenvolveu a noção de Eu-pele – uma representação psíquica da superfície corporal que serve como continente para as experiências sensoriais e afetivas. Bion, por sua vez, descreveu a função continente da mãe (réve-rie), que acolhe as angústias e sensações caóticas do bebê (elementos beta), transformando-as em elementos passíveis de serem pensados (elementos alfa). Para ambos, o corpo do analista, sua escuta e sua presença, podem funcionar como um eu-pele auxiliar, como um continente que oferece contorno e significado às vivências desorganizadas da criança autista.

3. METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se como uma pesquisa teórico-clínica de natureza qualitativa. A opção por essa metodologia justifica-se pela natureza do objeto de estudo: a clínica psicanalítica do autismo envolve dimensões subjetivas, relacionais e processuais que não podem ser adequadamente apreendidas por metodologias quantitativas ou experimentalistas.

A construção do artigo baseia-se em duas fontes principais. A primeira é uma revisão narrativa da literatura psicanalítica contemporânea sobre o autismo, privilegiando autores que, nas últimas décadas, têm produzido reflexões consistentes e baseadas na prática clínica. Foram

consultados livros, capítulos de livros e artigos publicados em periódicos científicos indexados, especialmente aqueles disponíveis em bases como PEPSIC (BVSALUD) e SciELO.

A segunda fonte é a análise de material clínico de terceiros, publicado em periódicos científicos e livros da área. A utilização de casos clínicos já publicados garante o rigor ético necessário, uma vez que tais materiais foram previamente submetidos à avaliação de comitês editoriais e preservam o anonimato dos pacientes. Além disso, permite que o leitor possa consultar as fontes originais para aprofundamento.

Os casos clínicos apresentados na seção seguinte foram adaptados a partir de publicações de Leiras e Batistelli (2014), Pokorski (2019), Tustin (1975) e de material clínico descrito na literatura especializada, com o objetivo de ilustrar diferentes aspectos da técnica psicanalítica. As adaptações visam tornar o material mais didático e articulado com a fundamentação teórica, sem, contudo, desfigurar a especificidade de cada situação clínica.

4. DISCUSSÃO CLÍNICA: QUATRO CASOS ILUSTRATIVOS

Nesta seção, apresentamos quatro vinhetas clínicas que ilustram, cada uma a seu modo, diferentes facetas da clínica psicanalítica contemporânea com crianças autistas. Não se trata de casos completos, mas de recortes que permitem visualizar a aplicação dos conceitos teóricos discutidos anteriormente e, sobretudo, a

especificidade da técnica psicanalítica nesse campo.

4.1 Caso 1 - O Corpo do Analista como Facilitador: Laurinha

Laurinha chegou ao consultório com três anos de idade, encaminhada por uma equipe de neuropediatria com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. As primeiras sessões foram marcadas por uma impressão de estranhamento: a menina circulava pela sala sem objetivo aparente, tocando levemente os objetos, mas sem se deter em nenhum. Não havia linguagem verbal, apenas alguns sons repetitivos, e o contato ocular era praticamente inexistente. Quando a analista tentava se aproximar, Laurinha se afastava sem olhar para trás, como se a presença do outro não fizesse qualquer diferença.

A maior dificuldade, no entanto, surgia nos momentos de transição. Quando a mãe anunciava que era hora de ir embora, ou quando a analista sinalizava o fim da sessão, Laurinha reagia com um desmoronamento: jogava-se no chão, gritava, esperneava, como se o fim da atividade representasse uma verdadeira catástrofe. Esses episódios sugeriam que, apesar da aparente indiferença, havia sim um investimento no espaço e na rotina – um investimento que, quando abruptamente interrompido, desorganizava completamente a menina.

A analista, inspirada pelas contribuições de Winnicott (1990) e Anzieu (1989), compre-

deu que seu primeiro trabalho seria o de oferecer um *holding*, uma sustentação que pudesse gradualmente contornar as experiências caóticas de Laurinha. Não se tratava de invadir seu espaço, mas de estar disponível, presente, nomeando suas ações e oferecendo palavras para o que parecia pura sensação.

Certa vez, Laurinha dirigiu-se ao pequeno banheiro do consultório e abriu a torneira. Começou a brincar com a água, deixando-a escorrer entre os dedos, batendo levemente na superfície. A analista aproximou-se, mas manteve uma distância respeitosa. Em vez de interromper ou dirigir a brincadeira, ela começou a nomear: "Água... a água está escorrendo... Laurinha está sentindo a água... está fria, está molhada...".

Gradualmente, a analista introduziu pequenas variações. Pegou uma toalha e mostrou como a água molhava o pano. Fez marcas com os pés molhados no chão seco. Laurinha observava, sem se engajar diretamente, mas também sem recuar. Em determinado momento, a menina olhou rapidamente para a analista – um olhar breve, quase imperceptível, mas que foi registrado como um acontecimento.

Nas sessões seguintes, algo começou a mudar. Laurinha passou a buscar o contato físico em momentos específicos. Não era um colo propriamente dito, mas um encostar-se, um apoiar as costas na perna da analista enquanto brincava no chão. Até que, um dia, algo notável

aconteceu: Laurinha aproximou-se, subiu no colo da analista e encostou o ouvido em seu peito, como se buscasse os batimentos cardíacos. Ficou ali por alguns minutos, imóvel, escutando.

Este caso ilustra de maneira exemplar o que Almeida, Pinto e Dias (2022) descrevem como a função do corpo do analista na clínica com crianças autistas. A analista não interpretou no sentido clássico – não disse nada sobre o que a água poderia simbolizar, não fez conexões com a história familiar. Em vez disso, ofereceu seu corpo como superfície de contorno, como ritmo, como presença. Ela fez as vezes de um eu-pele auxiliar, permitindo que Laurinha, gradualmente, pudesse experimentar a sensação de ser continente, de ter um dentro e um fora delimitados.

O episódio dos batimentos cardíacos é particularmente significativo. Ao buscar o peito da analista, Laurinha não estava apenas buscando conforto físico. Estava, podemos supor, buscando um ritmo, uma regularidade que pudesse organizar seu próprio corpo. O coração que bate é, ao mesmo tempo, o outro e uma extensão de si. É a possibilidade de uma sincronia, de um encontro no tempo e no espaço.

Tecnicamente, o que está em jogo aqui é o que Laznik (2004) descreve como a tentativa de completar o circuito pulsional. A analista, com sua voz, seu olhar, sua presença corporal, oferece-se como parceira. Ela não exige que Lau-

rinha corresponda, mas está lá, disponível, para quando a menina puder dar o próximo passo. O terceiro tempo – aquele em que a criança se oferece como causa do prazer do outro – ainda não se completou, mas já há indícios de que algo está se movendo nessa direção.

4.2 Caso 2 - A Narrativa como Caminho para a Simbolização: Pedro

Pedro chegou à análise com onze anos, diagnosticado com Síndrome de Asperger (atualmente classificado como TEA nível 1 de suporte). Diferentemente de Laurinha, Pedro tinha linguagem verbal desenvolvida e era extremamente inteligente, com interesses aprofundados em temas como dinossauros e geografia. A queixa que motivou a busca por análise, no entanto, era recorrente em famílias de crianças com esse perfil: dificuldades de socialização, interpretação literal da linguagem, sofrimento diante de situações sociais imprevistas e, sobretudo, solidão.

A analista descreve que Pedro passava as sessões falando extensamente sobre dinossauros, com riqueza de detalhes impressionante. Sabia nomes científicos, períodos geológicos, hábitos alimentares e teorias sobre a extinção. Quando a analista tentava introduzir outros temas, Pedro rapidamente retornava aos seus interesses, como se aquilo fosse um porto seguro em meio a um mundo social incompreensível.

A primeira intervenção da analista, alinhada com as contribuições de Maleval (2011), foi a

de respeitar esse interesse como uma defesa legítima e, mais do que isso, como uma possível via de acesso. Em vez de tentar desviar Pedro dos dinossauros, ela mergulhou com ele nesse universo. Perguntou, aprendeu, demonstrou interesse genuíno. Gradualmente, Pedro passou a confiar na analista como alguém que não o julgava e que, de certa forma, compartilhava de seu mundo.

Foi a partir dessa base de confiança que a analista pôde começar um trabalho mais propriamente simbólico, utilizando a narrativa como ferramenta privilegiada. Pokorski (2019), em seu estudo sobre a narrativa na clínica com autistas, destaca que a construção de histórias pode funcionar como um "terceiro tempo" que organiza a experiência e insere a criança no discurso.

Com Pedro, a analista propôs que eles escrevessem juntos uma história sobre um dinossauro. Não uma história científica, mas uma aventura. Pedro relutou no início – dinossauros não fazem aventuras, dinossauros simplesmente existem. Mas a analista insistiu delicadamente: "Vamos imaginar... e se este dinossauro tivesse um amigo? O que eles fariam juntos?".

A história foi sendo construída sessão após sessão. O dinossauro, batizado de "Tiranossauro Rex" por Pedro, enfrentava desafios: precisava encontrar comida, proteger seu território, lidar com outros dinossauros. A analista, a ca-

da página, introduzia perguntas que convocavam Pedro a pensar sobre sentimentos e relações: "Como será que ele se sentiu quando viu o outro dinossauro se aproximando? Ficou com medo? Com raiva? Curioso?".

Gradualmente, algo começou a mudar. Pedro passou a trazer para as sessões situações vividas na escola, mas sempre através da mediação dos dinossauros. "Hoje o Tiranossauro Rex viu uns dinossauros menores brincando e não sabia se podia chegar perto". A analista acolhia essas narrativas e ajudava Pedro a explorar as diferentes possibilidades, os sentimentos envolvidos, as consequências de cada escolha.

Este caso ilustra a passagem do que poderíamos chamar de simbolização primária para a simbolização secundária. Inicialmente, os dinossauros eram para Pedro objetos autísticos no sentido que Tustin (1975) descreve – interesses restritos que funcionavam como uma defesa contra o contato com o outro. Ao mergulhar nesse universo e, a partir dele, construir narrativas, a analista permitiu que esses interesses se transformassem em pontes, em metáforas que podiam falar da experiência subjetiva de Pedro.

A técnica aqui é fundamentalmente diferente da utilizada com Laurinha. Enquanto no primeiro caso o corpo do analista era o principal instrumento, com Pedro o trabalho se deu no campo da linguagem e da construção de sentido compartilhado. Mas há um elemento co-

mum: em ambos, o analista parte do que a criança traz, respeita suas defesas e, a partir delas, constrói possibilidades de expansão.

Pokorski (2019) destaca que a narrativa, na clínica com autistas, tem a função de nomear afetos, contextualizar situações sociais e, sobretudo, construir um lugar de enunciação para o sujeito. Ao contar a história do Tiranossauro Rex, Pedro não estava apenas falando de dinossauros – estava, sem saber, falando de si mesmo, de suas dificuldades, de seus medos e desejos. E, ao fazer isso na presença de uma analista que escutava, ele começava a construir a possibilidade de ser escutado também em outros contextos.

4.3 Caso 3 - A Dança da Transferência e o Respeito à Defesa Autística: João

João tinha quatro anos quando começou a análise. Seu comportamento nas primeiras sessões era desconcertante: passava longos períodos enroscado em uma manta que trazia de casa, emitindo sons repetitivos e balançando o corpo levemente. Qualquer tentativa de aproximação mais direta da analista era recebida com gritos agudos e recuo para um canto da sala. A mãe informou que a manta era "sagrada" – João não dormia sem ela, não saía de casa sem ela, e se a perdessem ou esquecessem, o dia estava perdido.

Diante desse quadro, a analista compreendeu que a primeira tarefa era construir uma relação que não fosse vivida como invasiva. Inspirada

por Tustin (1975) e Maleval (2011), ela decidiu que não interpretaria a manta como um símbolo de algo (como um objeto transicional, por exemplo), mas a respeitaria como uma extensão do corpo de João, uma "casca" protetora que tornava o mundo tolerável.

A estratégia adotada foi a de uma presença discreta, mas constante. A analista sentava-se a uma distância segura e, em vez de tentar chamar João para alguma atividade, simplesmente observava e, ocasionalmente, fazia comentários sobre o que via: "A manta é macia... João está balançando... tem um som que João faz...". Falava em tom baixo, quase para si mesma, sem dirigir-se diretamente a ele.

Gradualmente, João passou a tolerar essa presença. Os gritos quando a analista se aproximava foram se tornando menos frequentes. Em determinado momento, a analista arriscou um pequeno movimento: começou a imitar suavemente os sons que João emitia. Não exatamente iguais, mas próximos – como se estivesse criando uma espécie de dueto, uma conversa sonora. João parou por um instante, como se notasse a diferença, mas não recuou.

Tustin (1975) descreve situações semelhantes em seu trabalho clínico. A autora sugere que, no início do tratamento, o analista pode precisar "entrar" no mundo autístico da criança, aceitando suas regras e sua lógica, para só então, gradualmente, introduzir pequenas diferenças. É uma dança delicada, em que o analis-

ta se move no ritmo da criança, mas aos poucos vai propondo variações.

Com João, essa dança se estendeu por várias sessões. A analista continuava imitando seus sons, e ele, por sua vez, começou a variá-los, como se estivesse brincando com as possibilidades sonoras. Até que, um dia, algo novo aconteceu. João, ainda enroscado na manta, virou-se brevemente e olhou nos olhos da analista. Foi um olhar rápido, quase furtivo, mas inegavelmente um olhar.

A partir desse momento, pequenas aberturas foram se sucedendo. João passou a permitir que a analista tocasse levemente na manta, desde que ele estivesse segurando. Depois, começou a aceitar que ela colocasse a mão sobre a manta, sobre seu corpo. O contato físico, antes impensável, foi se tornando possível, desde que mediado pela "casca" protetora.

Este caso ilustra de maneira paradigmática o manejo da transferência na clínica do autismo. Diferentemente da neurose, em que a transferência se estabelece pela via do amor e da demanda, no autismo a transferência precisa ser construída em outras bases. Maleval (2011) fala em "transferência autística" – uma modalidade de relação em que o analista é admitido no círculo da criança desde que respeite suas defesas e não se apresente como um Outro invasivo.

A técnica aqui envolve o que poderíamos chamar de "contratransferência sensorial" – a capacidade do analista de se sintonizar com as

experiências corporais e sensoriais da criança, de sentir com ela o que é estar encapsulado, de perceber o momento exato em que uma aproximação é possível sem ser intrusiva. É um trabalho que exige paciência, disponibilidade e, sobretudo, respeito profundo pela singularidade de cada sujeito.

4.4 Caso 4 - O Objeto Autístico como Portal: O Caso "G" e a Construção do Laço Sessão a Sessão

Apresentamos agora um quarto caso clínico, que ilustra de maneira detalhada o manejo do objeto autístico e a evolução do tratamento nas primeiras sessões, a partir do momento em que um primeiro contato é estabelecido.

Contexto: G, 5 anos, diagnóstico de autismo. Passava as primeiras sessões rolando um carrinho com a roda virada para cima, sem olhar para o analista, concentrado apenas na repetição do movimento e no brilho da roda. A mãe informou que o carrinho era inseparável de G – onde ele ia, o carrinho ia junto.

Olhar do Analista (Análise Clínica): O analista percebe que o movimento da roda (o objeto autístico) é a única forma de estabilidade e limite que G conseguiu construir para si. A roda é um objeto concreto que ele controla (Real), ao contrário da imprevisibilidade da linguagem (Simbólico) e das emoções do Outro (Imaginário). Seguindo as orientações de Maleval (2011) e Tustin (1991), o analista compreende que não deve interpretar o objeto como

símbolo, mas sim respeitá-lo como uma "concha" protetora, uma extensão do corpo de G.

Atuação do Analista: Em vez de tentar verbalizar ou interromper o jogo, o analista senta-se ao lado de G e, após muitas sessões de apenas observação silenciosa, toca levemente outra roda de outro carrinho, sem tentar interagir com G. Ele está ali "junto" do objeto, não "no lugar do Outro invasor".

Resultado (Início da Análise): Depois de meses de repetição, G, pela primeira vez, vira a roda do seu carrinho para o analista, como se a "oferecesse" ou a "mostrasse". O analista, sem falar nada, estende a mão, e G toca o dedo do analista na roda. Este toque, mediado pelo objeto, é o início de um laço e o começo da possibilidade de que algo do simbólico possa se inscrever.

A partir desse momento, o analista pôde acompanhar uma evolução sutil, mas significativa, nas sessões seguintes. Descrevemos aqui as cinco sessões subsequentes, que ilustram o trabalho de "secretário do autista" (conceito de Laurent) e a construção de uma "zona de apoio" entre o corpo e o Outro (Tustin).

Sessão 2 (Pós-Toque): A Confirmação do Laço

O analista retoma a posição da sessão anterior, ao lado de G. Não força a repetição do toque, mas sustenta a mesma presença e o mesmo silêncio. Observa que G, ao entrar na sala, olha

brevemente para o analista antes de se dirigir ao carrinho. Esse olhar periférico é registrado como um sinal de que a presença do analista começou a ter algum valor. G retoma o jogo da roda, e o analista, discretamente, imita o som suave da roda com a boca. G não reage negativamente; parece tolerar a pequena variação sonora.

Sessão 3: O Início da Variação

O analista introduz uma pequena variação no ambiente: coloca um terceiro carrinho, de cor diferente, próximo ao local onde G costuma brincar. G fixa o olhar no novo objeto por alguns segundos, depois retorna ao seu carrinho habitual. O analista pontua: "Azul." – nomeando a cor do novo carrinho, sem dirigir-se diretamente a G. Essa nomeação, desprovida de entonação de chamado, funciona como uma tentativa de engancha um significante à experiência visual de G.

Sessões 4 e 5: A Ampliação do Campo

O analista começa a mediar a interação pelo objeto. Toca levemente no carrinho de G (não na roda) e o empurra alguns centímetros para o lado. G observa o movimento, mas não recua nem se irrita. Na sessão seguinte, o analista repete o gesto, e G, pela primeira vez, pega o carrinho e o coloca de volta na posição original, como se estivesse "conversando" com o analista através do objeto. O analista nomeia o gesto: "G colocou o carrinho de volta."

Sessão 6: A Avaliação da Transferência

Para testar se a presença do analista já se inscreveu como algo significativo, o analista, em um breve momento, afasta-se do campo visual de G, indo até a prateleira buscar um livro. G interrompe o movimento da roda por um instante e lança um rápido olhar para o lado onde o analista estava. Ao ver que ele retorna, G retoma o jogo. Essa pequena reação indica que o analista começou a ter um valor de presença para G – um princípio de transferência estava estabelecido.

Conceito-Chave: Este caso ilustra o que Éric Laurent (2012) chama de "o analista como secretário do autista" – alguém que auxilia na escrita e na construção de um suporte simbólico que não se estabeleceu espontaneamente. O trabalho se dá na borda do sujeito, respeitando suas defesas, para construir uma "zona de apoio" entre o corpo e o Outro, como descreveu Frances Tustin. A roda, objeto autístico, deixou gradualmente de ser apenas uma concha protetora para se tornar um mediador, um primeiro ponto de contato com o mundo simbólico.

5. A TÉCNICA PSICANALÍTICA NA CLÍNICA DO AUTISMO: UMA SÍNTESE A PARTIR DOS CASOS

A partir dos quatro casos apresentados, podemos extrair alguns elementos fundamentais da técnica psicanalítica na clínica contemporânea do autismo. Não se trata de um manual de

procedimentos – a psicanálise não opera com protocolos padronizados –, mas sim de princípios orientadores que podem guiar a prática clínica.

Primeiro: o respeito radical às defesas autísticas. Em todos os casos, os analistas partiram do princípio de que as manifestações autísticas (a manta de João, os dinossauros de Pedro, o isolamento de Laurinha, a roda de G) não são sintomas a serem eliminados, mas sim defesas construídas pela criança para lidar com um mundo vivido como ameaçador. Confrontar essas defesas, desmontá-las prematuramente, só aumentaria a angústia e o retraimento. O caminho é outro: acolher, respeitar e, a partir delas, construir pontes possíveis.

Segundo: o corpo do analista como instrumento fundamental. Especialmente nos casos de crianças com pouca ou nenhuma linguagem verbal, o corpo do analista assume uma função central. Não se trata apenas de um corpo que observa, mas de um corpo que se oferece como superfície de contorno, como ritmo, como presença. O *holding* winnicottiano, o eu-pele anzieuniano, a função continente bi-oniana – todos esses conceitos apontam para a mesma direção: o analista precisa estar corporalmente disponível para acolher as experiências sensoriais e afetivas da criança, dando-lhes forma e significado.

Terceiro: o manejo delicado da distância e da proximidade. A clínica do autismo exige

do analista uma sensibilidade apurada para dosar a distância e a proximidade. Muito perto, invade; muito longe, abandona. É preciso encontrar o ponto justo – que varia de criança para criança, e na mesma criança ao longo do tempo – em que a presença do analista é sentida como segura, não intrusiva, mas também não indiferente.

Quarto: a técnica na primeira sessão e nas sessões iniciais. A primeira sessão com uma criança autista é um momento crucial. O analista deve estar atento a alguns princípios:

O objeto autístico: o analista deve respeitar e se apoiar no objeto ou no ritual que a criança traz. Esse objeto funciona como uma "concha" que a protege do Outro invasivo. Qualquer tentativa de afastá-lo ou interpretá-lo simbolicamente de imediato pode romper a frágil possibilidade de contato.

O silêncio e o tempo: a escuta é marcada pela espera. O analista não apressa a fala e aceita a ausência de comunicação verbal direta, observando atentamente a comunicação não-verbal: os movimentos, os olhares periféricos, as reações ao ambiente.

A "platitude" da voz: o analista deve usar uma voz plana, sem muita modulação emocional ou entonação de "chamado". A entonação exagerada pode ser vivida como invasiva, pois a criança autista pode não processar adequadamente a carga emocional contida na voz.

O corpo e o espaço: o analista deve evitar a surpresa e a invasão do espaço corporal. O trabalho começa a partir da imitação sutil da criança ou da entrada discreta em seu campo sensorial, sem forçar a relação intersubjetiva.

Quinto: a aposta na simbolização. Seja através da narrativa, como no caso de Pedro, seja através da mediação corporal, como nos casos de Laurinha, João e G, o objetivo último do trabalho analítico é a abertura de possibilidades de simbolização. Não se trata de "ensinar" a criança a simbolizar, mas de criar condições para que ela própria possa, em seu tempo e a seu modo, construir representações para suas experiências.

Sexto: a transferência como construção. A transferência na clínica do autismo não é dada de antemão; ela precisa ser pacientemente construída, muitas vezes em bases não verbais. O analista funciona como um "secretário do autista" (Laurent), auxiliando na escrita de um suporte simbólico que não se estabeleceu espontaneamente. O analista se oferece como parceiro, como presença, como alguém que pode ser admitido no círculo da criança desde que respeite suas regras. É uma transferência que se estabelece mais pela via da confiança e da regularidade do que pela via do amor e da demanda.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, percorremos um caminho que nos levou das formulações teóricas da

psicanálise contemporânea sobre o autismo à sua expressão na clínica cotidiana, ilustrada por quatro casos que, cada um a seu modo, demonstram a potência e a especificidade dessa abordagem.

Retomemos os principais pontos. Vimos que autores como Maleval, Laznik, Tustin e Winnicott, entre outros, oferecem contribuições fundamentais para uma compreensão do autismo que vai além do paradigma do déficit. O autista não é simplesmente alguém que "falta" em determinadas habilidades, mas sim um sujeito que constrói defesas singulares para lidar com um mundo sentido como caótico e invasivo. Compreender essas defesas, respeitá-las e, a partir delas, construir pontes possíveis – eis a tarefa da clínica psicanalítica.

Vimos também que a técnica psicanalítica nesse campo se caracteriza por uma série de especificidades. O corpo do analista assume uma função central, oferecendo-se como superfície de contorno e continente para experiências sensoriais desorganizadas. A transferência precisa ser pacientemente construída, muitas vezes em bases não verbais, e o manejo da distância e da proximidade exige uma sensibilidade apurada. A narrativa, quando possível, abre caminhos para a simbolização secundária, permitindo que a criança nomeie afetos e construa sentidos para sua experiência. A primeira sessão e as sessões iniciais demandam cuidados específicos: respeito ao objeto autístico, acolhimento

do silêncio, uso de voz plana e atenção ao espaço corporal.

É importante ressaltar que a psicanálise não promete a "cura" do autismo no sentido de eliminação dos traços autísticos. O que ela oferece é outra coisa: a possibilidade de que cada sujeito autista possa construir uma vida com mais sentido, mais laço, menos sofrimento. Trata-se de uma aposta ética na singularidade, na invenção, na capacidade de cada um de, a seu modo, encontrar seu lugar no mundo.

Isso não significa, evidentemente, que a psicanálise deva prescindir do diálogo com outras áreas. A fonoaudiologia, a terapia ocupacional, a psicopedagogia, a neurociência – todas têm contribuições valiosas a oferecer. O trabalho multidisciplinar, quando bem articulado e centrado nas necessidades da criança, é certamente o caminho mais promissor.

Por fim, é preciso reconhecer os limites deste estudo. Trata-se de uma revisão narrativa, não exaustiva, e de casos clínicos publicados, analisados em recortes. Pesquisas futuras poderiam aprofundar a articulação entre as diferentes perspectivas teóricas, investigar sistematicamente os resultados das intervenções psicanalíticas e, sobretudo, dar mais voz aos próprios sujeitos autistas, cuja perspectiva é fundamental para qualquer compreensão que se pretenda respeitosa e verdadeira.

O que fica, ao final, é a convicção de que a psicanálise tem um lugar inegável na clínica do

autismo. Não como dona da verdade, mas como uma escuta que aposta no sujeito onde outros só veem déficit. Não como técnica milagrosa, mas como presença que sustenta e acolhe. Não como discurso fechado, mas como campo aberto à invenção e à diferença. É nesse espírito que esperamos ter contribuído.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. S. D. N.; PINTO, P. S.; DIAS, T. S. O corpo do analista na clínica psicanalítica com crianças autistas. **Psicologia e Saúde em Debate**, v. 8, n. 1, p. 380-396, 2022.
- ANZIEU, D. **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- BARROSO, S. F. O autismo para a psicanálise: da concepção clássica à contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1231-1247, set./dez. 2019.
- BION, W. R. **Aprendendo com a experiência**. Rio de Janeiro: Imago, 1962.
- JERUSALINSKY, A. Para uma clínica do autismo. In: **Escritos da Criança**. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2000.
- LAZNIK, M. C. **A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador: Ágalma, 2004.
- LAURENT, É. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- LEIRAS, E. P. L.; BATISTELLI, F. M. V. Reflexões psicanalíticas sobre um caso com transtorno do espectro autista (TEA). **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 277-293, ago. 2014.
- LEFORT, R.; LEFORT, R. **O nascimento do Outro**. Salvador: Fator, 1984.
- MAHLER, M. **O nascimento psicológico da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MALEVAL, J.-C. **O autista e a sua voz**. São Paulo: Blucher, 2011.
- POKORSKI, M. M. W. F. A narrativa como intervenção na clínica com autista. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 52, p. 155-164, jul./dez. 2019.
- TUSTIN, F. **Autismo e psicose infantil**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- TUSTIN, F. **Barreiras autísticas em pacientes neuróticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

ESCRITA DO SINTOMA NA HIPERCONECTIVIDADE: DO MAL-ESTAR COLETIVO À LETRA DO SUJEITO

Antonia Cristiana Soares Apolônio Andrade

Psicanalista. Especialização em Psicanálise (FAEPI). Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí(UFPI), Especialização em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Atenas Maranhense (FAMA), graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, 2002(UESPI). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura. É especialista em Administração, Supervisão e Orientação escolar, pelo Centro de ensino Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI). Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em Psicanálise — Faculdade de Educação do Piauí / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina.

RESUMO

O presente artigo analisa as reconfigurações do sofrimento psíquico na contemporaneidade a partir do fenômeno da hiperconectividade. Discute-se como a aceleração tecnológica e o imperativo de gozo das redes digitais atualizam o conceito freudiano de mal-estar na cultura. Frente à fragmentação dos laços sociais provocada pela virtualidade, investiga-se o estatuto do sintoma e a função da escrita como possibilidade de amarração e inscrição da letra do sujeito. A partir das contribuições de Freud, Lacan e das discussões sobre "Escrita e Psicanálise", conclui-se que o texto analítico opera como uma topologia capaz de contornar o vazio do real, permitindo que o sujeito desloque o circuito pulsional mortífero do algoritmo para a emergência de uma escrita singular e inventiva de si. A pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamenta-se em obras centrais da psicanálise freudiana-lacanian e em estudos contemporâneos sobre subjetividade e tecnologia, articulando

do teoria e clínica para evidenciar que a escrita singularizada representa um contraponto ético e subjetivo ao imperativo do gozo tecnológico.

Palavras-chave: Psicanálise. Hiperconectividade. Mal-Estar. Sintoma. Escrita.

ABSTRACT

This article analyzes the reconfigurations of psychic suffering in contemporary times based on the phenomenon of hyperconnectivity. It discusses how technological acceleration and the imperative of jouissance in digital networks update the Freudian concept of malaise in culture. Faced with the fragmentation of social bonds caused by virtuality, the status of the symptom and the function of writing as a possibility of anchoring and inscribing the subject's letter are investigated. Drawing on contributions from Freud, Lacan, and discussions on "Writing and Psychoanalysis," it is concluded that analytic writing operates as a topology capable of circumventing the void of the real, allowing the subject to displace the deadly drive circuit of the algorithm toward the emergence of a singular and inventive self-writing. The research, bibliographic in nature, is grounded in central works of Freudian-Lacanian psychoanalysis and contemporary studies on subjectivity and technology, articulating theory and clinical practice to demonstrate that singularized writing represents an ethical and subjective counterpoint to the imperative of technological jouissance.

Keywords: Psychoanalysis. Hyperconnectivity. Malaise. Symptom. Writing.

1 INTRODUÇÃO

Em "O Mal-Estar na Cultura" (1930), Sigmund Freud apontou de forma seminal que as exigências civilizatórias impõem uma renúncia pulsional intransigente, gerando um resíduo insolúvel de angústia. No cenário contemporâneo do século XXI, essa dinâmica se reconfigura de maneira drástica. A civilização já não opera predominantemente sob a égide da interdição e da repressão vitoriana; pelo contrário, o laço social atual é comandado pelo imperativo da performance, da transparência absoluta e do consumo digital ininterrupto. A hiperconectividade surge, assim, não apenas como uma facilidade técnica, mas como uma engrenagem que altera profundamente as coordenadas subjetivas do indivíduo contemporâneo.

A passagem do mal-estar clássico para o sofrimento hiperconectado expõe o sujeito a um fluxo incessante de estímulos que satura o campo do Outro. Diante do bombardeio de telas, curtidas e algoritmos que mimetizam demandas de reconhecimento, o psiquismo depara-se com o apagamento do tempo de compreender, restando-lhe apenas o instante do ver e o ato de consumir. O sintoma contemporâneo frequentemente se manifesta de forma difusa: ansiedades generalizadas, pânico silencioso, quadros de esgotamento (burnouts) e episódios de isolamento radical, como o fenômeno do retraimento social.

Frente a esse cenário de dispersão virtual, emerge a centralidade da clínica e do estatuto do registro escrito. A presente pesquisa propõe-se a investigar: como a psicanálise pode oferecer suporte clínico e teórico diante de sintomas capturados pela lógica da rede? A hipótese central aponta que a escrita, em sua dimensão de registro e de "letra" na acepção lacaniana, funciona como um contra-dispositivo à velocidade do algoritmo, permitindo que o sujeito dê contorno ao real não simbolizável de seu sofrimento.

A relevância deste estudo justifica-se pela crescente demanda clínica de sujeitos cujo sofrimento psíquico encontra-se profundamente entrelaçado com o uso compulsivo de tecnologias digitais. Compreender o estatuto do sintoma neste contexto é condição fundamental para que a prática psicanalítica possa oferecer uma escuta eficaz e eticamente orientada, capaz de fazer frente aos desafios impostos pela contemporaneidade hiperconectada.

2 METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, modalidade que consiste na análise crítica e aprofundada de publicações já existentes sobre determinado tema, com o objetivo de sistematizar, comparar e discutir o conhecimento produzido. A escolha por esta modalidade é coerente com a natureza da investigação psicanalítica.

tica, cujo método privilegia a articulação teórico-clínica a partir de conceitos fundamentais transmitidos por meio de obras e seminários.

O levantamento bibliográfico concentrou-se em obras centrais da psicanálise freudiano-lacaniana, com especial atenção às formulações de Sigmund Freud acerca do mal-estar na cultura e do conceito de pulsão de morte, e às elaborações de Jacques Lacan sobre o estatuto da letra, o conceito de gozo, o objeto "a" e o Sinthome. Foram também consultadas obras organizadas por pesquisadoras contemporâneas que articulam escrita e psicanálise, além de textos que abordam as transformações subjetivas decorrentes da sociedade digital.

As fontes primárias incluem: "O Mal-Estar na Cultura" (Freud, 1930/2010), "Além do Princípio do Prazer" (Freud, 1920/2016), "O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise" (Lacan, 1964/2008), "O Seminário, Livro 23: O Sinthoma" (Lacan, 1975-1976/2007) e "Lituraterra" (Lacan, 1971/2003). Como fonte secundária de referência fundamental, destaca-se a coletânea "Escrita e Psicanálise", organizada por Ana Costa e Doris Rinaldi (2011).

O procedimento metodológico adotado foi a leitura sistemática e comentada das fontes selecionadas, seguida da articulação dos conceitos psicanalíticos com a problemática clínica da hiperconectividade. A análise não tem pretensão de exaustividade empírica, mas de rigor

conceitual, buscando estabelecer nexos lógicos entre a teoria psicanalítica e os fenômenos de sofrimento contemporâneos a partir do referencial da clínica. O período de produção da pesquisa compreende os anos de 2024 e 2025.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O MAL-ESTAR NA ERA DO ALGORITMO: O IMPERATIVO DO GOZO TECNOLÓGICO

Para compreender o impacto da hiperconectividade, faz-se necessário retornar à tese freudiana de que a técnica e a ciência operam como próteses que tentam mitigar o desamparo estrutural humano. Em "O Mal-Estar na Cultura", Freud (1930/2010) advertia que o homem se transformou em uma espécie de "deus prótese", cujos membros artificiais lhe conferem poderes extraordinários, mas não lhe garantem a felicidade. A tecnologia digital amplifica essa condição de maneira exponencial, instaurando uma nova modalidade de mal-estar que não deriva mais da renúncia pulsional imposta pela civilização, mas, paradoxalmente, do próprio imperativo ao gozo irrestrito.

A conexão contínua gera a ilusão de uma completude narcísica e do esbatimento das distâncias geográficas e temporais. O sujeito contemporâneo experimenta a sensação de estar em toda parte ao mesmo tempo, alimentado por uma corrente ininterrupta de informações, estímulos e demandas de resposta. No entanto, o que se observa na clínica psicanalítica é o re-

verso dessa utopia tecnológica: uma pane na barreira de proteção contra estímulos, que Freud (1920/2016) denominava Reizschutz. O aparelho psíquico, concebido para processar e ligar energias de forma regulada, encontra-se sobrecarregado por um fluxo que não cessa.

Sob a ótica de Jacques Lacan, a contemporaneidade é marcada pelo declínio da função do Nome-do-Pai e pela consequente ascensão dos objetos de consumo à categoria de fetiches de gozo — os chamados objetos "a" produzidos pela ciência (LACAN, 2008). O smartphone opera como esse fragmento do objeto "a" portátil, que promete obturar a falta constitutiva do sujeito. Nas redes sociais, a lógica do mais-de-gozar é incessante. O sujeito é intimado a expor sua intimidade, transformando o eu em uma mercadoria a ser avaliada empiricamente pelo número de interações, curtidas e compartilhamentos.

Esse imperativo de visibilidade anula a dimensão do enigma e do segredo, cruciais para a constituição do inconsciente. O laço social virtual, paradoxalmente, promove um profundo isolamento monádico: os sujeitos conectam-se às telas, mas desconectam-se da alteridade radical do Outro, gerando formas de adoecimento marcadas pelo excesso e não pela falta. Ansiedade generalizada, síndrome de burnout, depressão e fenômenos de retraimento social como o hikikomori — isolamento voluntário extremo documentado inicialmente no Japão e hoje disseminado globalmente — constituem expressões clínicas desse novo mal-estar.

3.2 O ESTATUTO DA ESCRITA NA PSICANÁLISE E A INSCRIÇÃO DO SINTOMA

Se o ambiente digital empurra o sujeito para o imediatismo da imagem e da reação instantânea, a psicanálise convoca uma temporalidade distinta por meio da palavra e de seus efeitos de escrita. No livro "Escrita e Psicanálise", organizado por Ana Costa e Doris Rinaldi (2011), resgata-se o entendimento de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, mas cujos pontos de ancoragem dependem de marcas de inscrição indeléveis — traços que fixam e organizam o campo pulsional do sujeito. Lacan, em seu retorno a Freud, avança do conceito de significante para o conceito de letra. Enquanto o significante se define pela diferença e remete sempre a outro significante em uma cadeia infinita de sentido, a letra é o elemento material, o traço que resta quando o sentido se esgota. Como demonstra Lacan em "Lituraterra" (2003), a letra não é o significante, mas a sua borda, sua orla — aquilo que do significante se inscreve no real. A letra toca o real justamente porque não é da ordem do sentido, mas do traço.

Como afirmam Costa e Rinaldi (2011), a escrita na experiência analítica não se reduz ao ato gráfico de transcrever a fala, mas refere-se à produção de marcas que delimitam o gozo. A análise opera, portanto, em um nível que ultrapassa o da interpretação semântica: ela visa à inscrição de uma letra que contorne e circuns-

creva aquilo que do real do sujeito permanecia disperso e sem borda.

A letra não é o significante. Ela é o que, do significante, se deposita no real. O inconsciente não é a questão de um ser, mas de uma relação — relação do sujeito com o significante que o representa. Mas a letra é o que fixa essa relação, o que dela faz traço. (LACAN, 2003, p. 15).

O sintoma, em termos psicanalíticos, é uma escrita na carne ou no comportamento do sujeito — uma escrita enigmática que aguarda decifração. Na clínica contemporânea, contudo, os sintomas decorrentes da hiperconectividade chegam frequentemente desprovidos de uma dimensão metafórica. São sintomas "desenraizados" da cadeia associativa: o sujeito não sabe o que diz através de sua insônia ou de sua compulsão digital; ele apenas padece do circuito pulsional fechado.

A aposta da análise reside na possibilidade de fazer o sujeito passar do "sintoma-evento de corpo" para a produção de uma escrita singular. Ao falar de seu sofrimento na transferência, o analisando começa a bordar o vazio do real, recortando o excesso de ruído tecnológico para fixar, na letra, o que há de mais próprio em sua divisão subjetiva. Nesse processo, o sofrimento difuso e impessoal começa a adquirir contornos singulares — torna-se, enfim, a letra de um sujeito.

3.3 DA DISPERSÃO VIRTUAL À LETRA DO SUJEITO: CAMINHOS CLÍNICOS

Como operar clinicamente quando o Outro da cultura se apresenta como uma rede horizontalizada e algorítmica? O analista é convocado a sustentar a função de corte. Onde o ambiente digital oferece respostas prontas e fluxos infinitos — o interminável scrolling das redes —, o dispositivo analítico introduz a pausa, o silêncio e o equívoco significante. O tempo lógico que a análise propõe é radicalmente heterogêneo ao tempo do algoritmo.

A transformação do mal-estar coletivo na "letra do sujeito" supõe um trabalho de poetização e historização. A hiperconectividade aplanha a história individual sob a urgência de um presente perpétuo, apagando a dimensão do *après-coup* freudiano — a retroação pela qual os eventos do passado recebem seu sentido a partir do presente. Escrever o sintoma significa reinscrever a dimensão do tempo e do trauma no tecido da linguagem, restituindo ao sujeito a possibilidade de ser autor de sua própria história.

O quadro a seguir sintetiza o contraste entre as dinâmicas da lógica hiperconectada e as coordenadas da escrita analítica, evidenciando a natureza do trabalho que a clínica psicanalítica propõe frente ao imperativo tecnológico:

Dimensão Subjetiva	A Lógica da Hiperconectividade	A Lógica da Escrita Analítica
Tempo	Imediatismo, aceleração e feed contínuo	Tempo lógico, corte e après-coup (só-depois)
Objeto	Consumo do objeto tecnológico (mais-de-gozar)	Circunscrição da falta (objeto "a" como causa)
Sintoma	Atuação, descarga pulsional e diagnóstico genérico	Decifração, singularidade e amarração sintomática
Linguagem	Saturação de imagens e enunciados imperativos	Produção da letra, enigma e valorização do silêncio

Quadro 1 — Contraste entre a lógica da hiperconectividade e a lógica da escrita analítica.

A escrita produzida no espaço analítico desfaz a massificação dos diagnósticos contemporâneos. Quando o sujeito consegue extrair de seu sofrimento difuso uma formulação única, ele opera uma amarração semelhante à descrita por Lacan em seu estudo sobre James Joyce e o conceito de Sinthome (LACAN, 2007). O sinthome, conceito lacaniano que ultrapassa o sintoma no sentido clássico, designa o modo singular pelo qual um sujeito inventa uma solução para o não-todo da estrutura — uma solução que não é cura no sentido médico, mas invenção de um modo de ser no mundo.

Joyce, segundo Lacan, utilizou a escrita literária como o nó que amarrava os três registros — Real, Simbólico e Imaginário — suprimindo a forclusão do Nome-do-Pai. A escrita joyceana não comunica, não relata: ela instala uma letra, produz uma marca singular. Na clínica, o que se busca é algo análogo: não a eliminação do sintoma por protocolos de otimização humana, mas o reconhecimento do sintoma como a in-

venção singular com a qual o sujeito se sustenta no mundo.

3.4 PULSÃO DE MORTE, ALGORITMO E A REPETIÇÃO CONTEMPORÂNEA

Em "Além do Princípio do Prazer" (1920/2016), Freud introduz o conceito de pulsão de morte como compulsão à repetição — tendência do aparelho psíquico a retornar a estados anteriores, a refazer os traumas na tentativa de dominá-los, ainda que essa repetição implique sofrimento. A interface com o fenômeno da hiperconectividade é sugestiva: o sujeito contemporâneo repete compulsivamente o gesto de verificar as redes sociais, de rolar o feed, de buscar novas notificações, não porque encontre satisfação plena nessa ação, mas porque a repetição mesma é o modo pelo qual o circuito pulsional funciona.

O design das plataformas digitais, engenhado para maximizar o tempo de engajamento, capi-

taliza precisamente essa dimensão compulsiva da pulsão. Os algoritmos funcionam como uma maquinaria que alimenta o circuito repetitivo sem jamais permitir que ele encontre um ponto de fechamento satisfatório. Cada notificação é uma isca que promete a completude e entrega apenas mais um passo na cadeia da repetição.

Nesse sentido, o algoritmo das redes sociais pode ser compreendido como um Outro que não falta — uma caricatura perfeita do imperativo de gozo que Lacan identificava como característico do discurso capitalista. Esse Outro algorítmico não é barrado, não tem lacunas; ele oferece sempre mais, nunca dizendo não. A consequência clínica é a erosão da função do desejo: onde não há falta, não há desejo; onde não há desejo, o sujeito subsiste apenas como consumidor de estímulos.

A saída analítica passa, portanto, por reinstaurar a dimensão da falta como condição de desejo. Isso não equivale a uma apologética do sofrimento ou a uma recusa da tecnologia, mas ao reconhecimento de que o sujeito só emerge como tal quando se depara com os limites — com o impossível que o desejo circunscreve. A escuta psicanalítica, ao introduzir o silêncio, a pausa e a pergunta que não responde, inscreve uma falta que o algoritmo, por construção, não pode inscrever.

3.5 A ÉTICA PSICANALÍTICA FRENTE À CULTURA DIGITAL

A ética da psicanálise, tal como formulada por Lacan no Seminário 7 (1959-1960), não é a ética do bem-estar nem a da adaptação social, mas a ética do desejo: "não ceder quanto ao seu desejo". Essa máxima adquire uma pertinência renovada na era digital. O imperativo das redes — "goza!", "compartilha!", "seja visto!" — é exatamente o oposto: ele convida ao abandono do desejo em favor da satisfação imediata e do gozo padronizado.

A clínica psicanalítica contemporânea é, portanto, um espaço de resistência ética. Não se trata de uma resistência nostálgica ou reacionária, que nega as transformações culturais. Trata-se, ao contrário, de uma resistência subjetiva: a insistência em que cada sujeito é singular, que seu sofrimento não é redutível a uma categoria nosográfica ou a um protocolo de tratamento, que sua história e sua letra lhe pertencem.

Nesse sentido, a psicanálise oferece um contraponto ético fundamental não apenas no nível do consultório, mas no nível do laço social. Ao sustentar a dimensão do sujeito do inconsciente — sujeito que excede qualquer categoria, que surpreende a si mesmo, que porta um saber que não sabe —, a psicanálise afirma que o humano não se reduz a dados, a métricas de engajamento, a perfis algorítmicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hiperconectividade, enquanto imperativo sociocultural da modernidade tardia, gera um mal-estar caracterizado pela exaustão e pelo curto-circuito da subjetividade nas malhas da imagem e do consumo. O percurso teórico-clínico delineado neste artigo demonstra que a psicanálise mantém firme sua aposta na potência do sujeito do inconsciente, mesmo — e sobretudo — quando as condições culturais conspiram para sua diluição.

O retorno às formulações freudianas sobre o mal-estar na cultura permitiu evidenciar que a angústia contemporânea não deriva mais, primariamente, da repressão pulsional imposta pela civilização, mas do imperativo ao gozo irrestrito que o capitalismo digital instituiu. O sujeito hiperconectado não sofre de interdição, mas de saturação; não de proibição, mas de excesso. Essa inversão estrutural exige que a psicanálise renove suas ferramentas teóricas sem abandonar seus fundamentos.

A releitura lacaniana do conceito de letra demonstrou que a escrita não é mero instrumento de comunicação, mas topologia que contorna o real. Enquanto o algoritmo promete obter a falta com um fluxo infindável de objetos de gozo, a letra analítica opera na direção oposta: ela fixa, delimita, circunscreve. Ela transforma o ruído em traço, a descarga em inscrição, o sintoma mudo e massificado em uma escrita singular do sujeito.

Conclui-se, portanto, que longe de se isolar das transformações tecnológicas, a escuta psicanalítica propõe um contraponto ético fundamental. Diante da dispersão provocada pelo fluxo algorítmico, a clínica convida o sujeito a habitar sua falta e a produzir, a partir dos destroços do mal-estar contemporâneo, uma letra própria. Ao transformar o sintoma mudo e massificado em uma escrita singular, o sujeito desliga-se do circuito alienante da hipertela para inscrever-se, verdadeiramente, como autor de seu próprio desejo.

Como horizonte para futuras pesquisas, aponta-se a necessidade de estudos clínicos que documentem casos de sujeitos cujo sofrimento se manifesta predominantemente na interface com o digital, bem como investigações sobre as possibilidades e limitações da clínica analítica realizada por meios telemáticos — questão que a pandemia de COVID-19 trouxe à urgência e que a teoria psicanalítica ainda não respondeu de forma suficiente.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Ana; RINALDI, Doris (Orgs.). Escrita e psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LACAN, Jacques. Lituraterra. In: _____. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 23: o sintoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

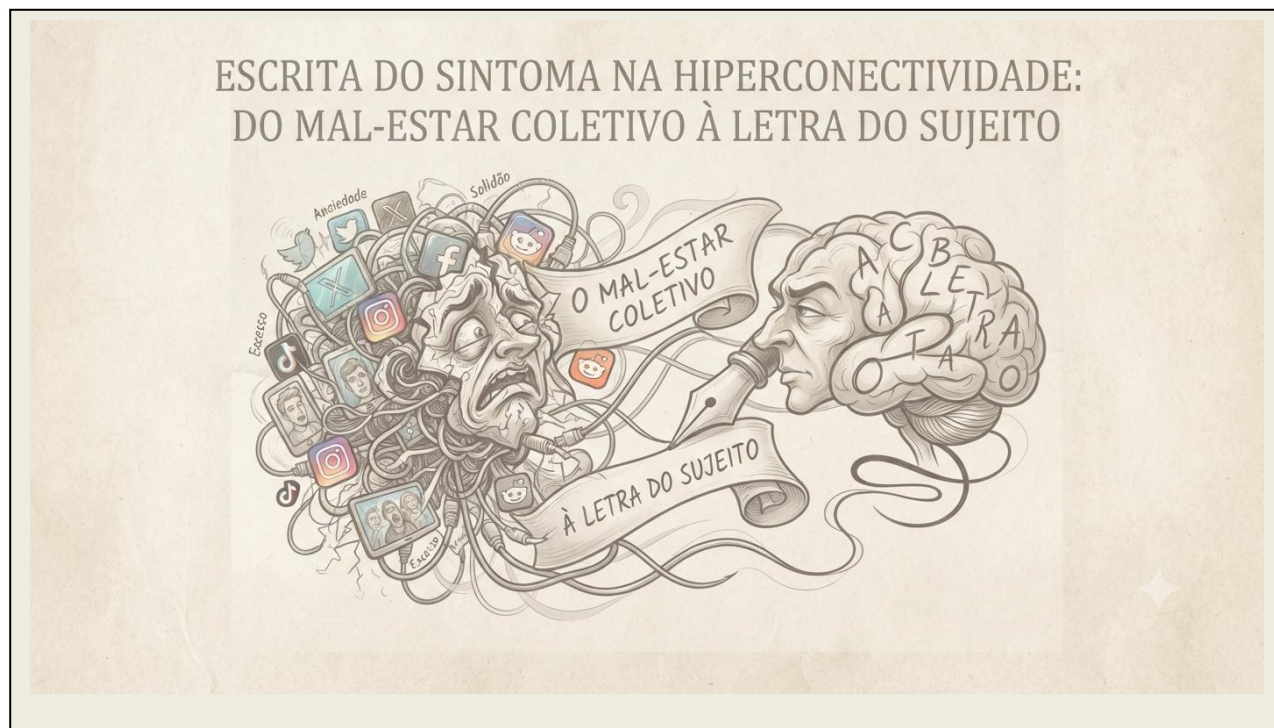


Imagem gerada por IA

O ARQUÉTIPO DA MÃE NA SÉRIE TELEVISIVA THE BIG BANG THEORY A PARTIR DE UMA VISÃO PSICANALÍTICA

WÊSLEY WILLIAM ALVES DE OLIVEIRA

Psicanalista. Mestre em Letras/Literatura (UESPI) na área de Literatura, memória e relações de gênero. Graduado em Licenciatura Plena Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Especialização em Literatura, Estudos Culturais e Outra Linguagens. Especialização em Psicanálise (FAEPI). Pesquisador nas áreas de Literatura queer, assim como Literatura, memória e identidade.

Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em Psicanálise – Faculdade de Educação do Piauí / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina

RESUMO

A série norte-americana *The big bang theory* ganhou notoriedade entre 2007 à 2019, no qual quatro amigos e sua vizinha viviam suas rotinas e dramas em Pasadena, Califórnia. O sitcom retrata como esses homens lidam com seus conflitos e relações com suas figuras maternas e paternas de maneira cômica e com reverberações psicanalíticas. As figuras maternas são centrais e ditam o comportamento dos protagonistas, no qual lidam com suas semelhanças a partir destas personagens femininas. Sheldon Co-oper, Howard Wolowitz, Leonard Hofstadter e Raje Koothrappali tornam-se produtos de suas relações com suas mães e buscam constantemente suas aprovações em seus movimentos e desenvolvimentos enquanto seres humanos/homens. O presente artigo objetiva analisar o arquétipo materno dentro da série norte-americana *The Big Bang Theory* frente a luz teórica da psicanálise de Carl Gustav Jung (2021), Erich Neumann (2021) e Donald Winnicott (1983). As figuras maternas presentes no trabalho foram Mrs. Wolowitz e Beverly Hofstadler e suas implicações arquetípicas maternas dentro da relação com seus filhos e como isto reverberou na narrativa televisiva e construção das personagens mãe/filho.

Palavras-chave: Arquétipo; Jung; psicanálise; materno.

ABSTRACT

The American television series *The Big Bang Theory* gained notoriety between 2007 and 2019, portraying the daily routines and dramas of four friends and their neighbor in Pasadena. The sitcom depicts how these men deal with their conflicts and relationships with their maternal and paternal figures in a comedic manner, with psychoanalytic reverberations. Maternal figures are central and shape the protagonists' behavior, as they confront their similarities through these female characters. Sheldon Cooper,

Howard Wolowitz, Leonard Hofstadter, and Raj Koothrappali become products of their relationships with their mothers and constantly seek their approval in their actions and development as human beings/men. This article aims to analyze the maternal archetype within the American series *The Big Bang Theory* in light of the psychoanalytic theories of Carl Gustav Jung (2021), Erich Neumann (2021), and Donald Winnicott (1983). The maternal figures examined in this study are Mrs. Wolowitz and Beverly Hofstadter, along with their archetypal maternal implications in their relationships with their sons and how these dynamics reverberate in the television narrative and in the construction of the mother/son characters.

Keywords: Archetype; Jung; psychoanalysis; maternal.

INTRODUÇÃO

A série norte-americana *The Big Bang Theory* alcançou ampla notoriedade entre os anos de 2007 e 2019, ao retratar a rotina, os conflitos e as relações interpessoais de quatro amigos cientistas e de sua vizinha, ambientados na cidade de Pasadena, Califórnia. Inserida no gênero comédia de situação (sitcom), a produção utiliza o humor como recurso narrativo para explorar a vida cotidiana dos personagens centrais — Sheldon Cooper, Howard Wolowitz, Leonard Hofstadter e Raj Koothrappali — tanto em seus contextos profissionais quanto em suas relações pessoais. Um dos elementos estruturantes da narrativa reside na influência de suas vivências pretéritas, especialmente no que se refere às figuras maternas, as quais se revelam determinantes na constituição de suas relações afetivas e de seus conflitos subjetivos.

Na sociedade contemporânea, a construção da figura materna é frequentemente atravessada por constructos sociais historicamente marcados pelo machismo e pela misoginia, os quais repercutem de maneira significativa na formação da subjetividade humana. A maternidade, nesse sentido, tornou-se objeto de análise em diferentes campos do saber, sobre-tudo nos estudos biológicos e psicanalíticos, ganhando destaque a partir das contribuições de teóricos como Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Melanie Klein.

O conceito de arquétipo, desenvolvido por Jung (2011), evidencia como imagens socialmente construídas reverberam na constituição do “eu” e no imaginário individual. Todavia, tais modelos, muitas vezes naturalizados como instintivos ou imutáveis, podem ser questionados e ressignificados por meio de representações controversas e subversivas, como aquelas apresentadas na série em análise.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira o arquétipo materno, com enfoque nas personagens Sra. Wolowitz e Beverly Hofstadter, interfere na construção da subjetividade de

seus respectivos filhos, à luz de referenciais psicanalíticos. A narrativa da série evidencia como essas figuras maternas exercem papel fundamental na formação psíquica dos personagens, contribuindo para a estruturação do ego a partir de arquétipos maternos contraditórios, porém decisivos.

Para tanto, o estudo propõe discutir os fundamentos teóricos do conceito de arquétipo, com base nos autores supracitados, bem como investigar de que modo essas representações maternas influenciam o desenvolvimento emocional e relacional de seus filhos. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, valendo-se de um estudo bibliográfico fundamentado na literatura psicanalítica clássica e contemporânea.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, com delineamento bibliográfico. O estudo fundamenta-se na análise teórica do arquétipo materno a partir da psicologia analítica e da psicanálise, articulando tais referenciais com a narrativa da série *The Big Bang Theory*. A abordagem qualitativa justifica-se por priorizar a interpretação de significados, símbolos e construções subjetivas presentes tanto nas obras teóricas quanto na produção audiovisual analisada.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa foi eminentemente bibliográfica, realizada a partir do levantamento, seleção e análise de livros, artigos científicos, teses e dissertações que abordam os conceitos de arquétipo, inconsciente coletivo, complexo materno e desenvolvimento psíquico. As principais bases teóricas utilizadas foram as contribuições de Carl Gustav Jung (2021), Erich Neumann (2021) e Donald Winnicott (1983), especialmente no que se refere à constituição da personalidade, às dinâmicas arquetípicas e às relações primárias entre mãe e filho. Também foram consultados estudos contemporâneos que dialogam com a interface entre psicanálise e produções culturais midiáticas.

A análise de conteúdo foi conduzida em três etapas: (1) pré-análise, com leitura flutuante do material teórico e observação inicial dos episódios selecionados; (2) exploração do material, com categorização temática baseada nos conceitos de arquétipo materno, mãe devorado-ra, mãe nutridora, complexo materno e dependência emocional; e (3) tratamento e interpretação dos resultados, articulando as categorias encontradas com os referenciais teóricos adotados. Esse processo possibilitou identificar correspondências simbólicas entre as formulações psicanalíticas e a representação ficcional das relações mãe/filho na série.

O período de realização da pesquisa compreendeu dezembro de 2025 a fevereiro de 2026. Em dezembro de 2025 ocorreu o levantamento e a seleção do referencial teórico; em janeiro de 2026 foi realizada a análise dos episódios e a organização das categorias temáticas; e, em fevereiro de 2026, procedeu-se à sistematização das interpretações e redação final do artigo.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Arte, mídia, subjetividade humana e construção simbólica no cotidiano

Desde muito tempo a arte vem ajudando na compreensão da subjetividade humana. Desde a literatura, música, filmes e pintura o ser humano é colocado dentro de seus sentimentos e comportamento. Com o advento da tecnologia e mídia, observar a construção da psique humana tornou-se mais visual, além do que auditiva.

As plataformas de streaming trouxeram uma nova forma de consumo audiovisual, no qual não apenas os filmes eram disponibilizados, mas uma nova forma de entretenimento, as séries. Elas retratavam uma história, no qual estaria dividida em capítulos, mas em menor tempo do que uma novela. As que ganharam maior notoriedade foram as classificadas como sitcom em que retratam de forma leve e com humor, o cotidiano de um grupo de pessoas. Entre as mais populares estão as estadunidenses *Friends*, *The big bang theory* e *How I met your mother*.

Apesar de ter como temas principal a vida rotineira de seus personagens centrais, em paralelo, elas traziam assuntos e abordagens de estudo de personalidade na construção de suas narrativas. As questões estereotipadas, como a loira burra, o filho judeu que não consegue sair de perto da mãe ou a masculinidade forte do sul dos EUA criam ideias preconcebidas e chistosas para trazer humor e construir um molde no qual o público se sinta familiarizado.

Essas figuras estereotipadas, no qual se formam através de molde sociais, foi objeto de estudo do psicanalista Carl Gustav Jung (2011). Para o estudioso, o coletivo forma ideias acerca de figuras construídas socialmente e dão a elas funções ao qual devem desempenhar. Essas ideias estão firmadas a séculos e, desde que nascemos, nos é repassado a função de cada indivíduo dentro de sua vida. Com o corroborar desses tópicos o coletivo criou imagens inconscientes dos personagens envolvidos em sua narrativa, como por exemplo: a mãe, o pai, o herói, o velho sábio entre outros. Para o psicanalista, a construção inconsciente coletiva desses personagens tem o nome de arquétipo:

Os arquétipos são formas ou imagens de natureza coletiva, que ocorrem praticamente em toda a Terra como constituintes de mitos e, ao mesmo tempo, como produtos autóctones de origem individual. Os arquétipos e o inconsciente coletivo correspondem a uma camada mais profunda da psique, que não deriva da experiência pessoal e não é adquirida individualmente, mas herdada (Jung, 2011, p.53).

De acordo com Jung (2011), a coletividade constrói personagens, no qual absorvemos e esperamos suas representações em nossas vidas. Isto não é algo pronto dentro da psique humano, mas internalizado de forma coletiva e construída há muito tempo pelo social.

Figuras como a mãe é um dos papéis mais discutidos dentre os estudiosos psicanalistas, pois é a personagem central na vida de todos os seres humanos, no qual perpassa pela gestação, o nascimento e a criação de seus descendentes. Elas estão amparadas em arquétipos de cuidado, afeto e proteção. Para as figuras femininas que gestam, o coletivo espera que características dentro de moldes religiosos. A mulher deve seguir e ser o que Ave Maria representou para a humanidade: pureza, presteza e zelo. Imposições a respeito de segurança e cuidado são colocadas às mães de forma coletiva no ocidente.

O arquétipo da mãe é uma figura que aparece sob as mais variadas formas na história dos costumes, da religião, da mitologia e da filosofia. É a Mãe Terra, a 'matéria' primordial de que somos feitos e à qual retornamos; é a mãe natureza, o mundo vegetal e animal; é o 'paraíso da infância', o estado de inocência e de felicidade anterior à consciência; é o inconsciente, pois é a matriz do consciente, o útero onde ele é gestado (Jung, 2011, p. 25).

A figura da mãe desenvolve diversos papéis, no qual se espera, de acordo com o imaginário coletivo, em especial o anima, que ela reproduza o que já vem sendo feito há muito tempo como o cuidado, nutrição e afeto.

O desenvolvimento do indivíduo com esta figura torna-se algo de grande valia em sua vida, pois é através dela que suas necessidades são sanadas. Ele(a) forma a imago materno, uma imagética de mãe no qual internaliza e aprofunda relações base, assim como desenvolvimentos complexos da subjetividade e construção inconsciente. É pelo amparo, afeto, nutrição, segurança e reconhecimento que esta relação se estabelece e constrói/ajuda uma estrutura psíquica.

3.2 The big bang thoery e o arquétipo da mãe

Na série norte-americana *The big bang theory*, a figura materna torna-se um tema trans-versal a trama, mas no qual é observado como importante ao passo que a vida das personagens se desenrola através de suas vivências em suas infâncias. Entre as figuras femininas, duas são destaque na série pelos seus comportamentos enquanto mãe, dentro do diálogo dos persona-gens e a construção imagética coletiva materna.

As figuras das mães Sra. Wolowitz e Beverly Hofstadter são controversas. Ambas possuem um estilo de compreender a materni-dade a sua maneira e vamos percebendo isto com o desenvolvimento dos personagens de seus filhos. Enquanto a primeira corrobora com um estereótipo de uma mãe judia, no qual não quer viver longe do filho, a outra personagem torna-se avessa ao filho, no qual o rejeita e o insulta constantemente. A polaridade dessas imagens também foi criada no imaginário (ins-conciente) coletivo, no qual pode ser observado como aquela que cria e destrói, nutre e abando-na e no qual podemos observar como constru-tor da psique de seus filhos. Para Jung (2011, p.78), a construção desse arquétipo polarizado é importante para a compreensão do indivíduo no qual o circunda.

No consciente coletivo há a predomi-nância da maternidade enquanto elemento de cuidado, mas não de destruição ou um cons-tructo de traumas. As personagens da série fi-guram essa imagética de proteção, mas que no decorrer da narrativa é observado uma destrui-ção de elementos centrais na construção de uma personalidade saudável: autonomia e autoestima.

3.2.1 Howard Wolowitz e Sra. Wolowitz

A Sra Wolowitz é narrada como uma mãe cuidadosa, viúva e que teve de lidar com o abandono de seu marido e a criação solitário do filho. A personagem não é mostrada na série, mas sua voz. O filho é transcorrido como um menino mimado e sem autonomia nas suas ações, logo dependendo das ações da mãe para funções simples: o corte da carne, arrotar após comer, a escolha de roupas e o preparo das refeições. O incentivo a infantilização causa prejuízos ao desenvolvimento social do filho ao qual não consegue ter autonomia em funções básicas, assim como suas relações conjugais. O personagem Howard criou uma relação de de-pendência emocional com a mãe em que a busca dentro de seus relacionamentos afeitvos e conjugais.

Na temporada 5, episódios 22, em uma conversa informal com os amigos, uma dúvida surge sobre qual animal eles seriam, Howard Wolowitz menciona que seria um canguru. Animal no qual vive dentro de

uma bolsa ex-terna ao corpo da mãe, uma espécie de útero. O retorno ao útero materno como uma forma de cessar o sofrimento do nascimento é um ponto de discussão entre os psicanalistas:

O complexo de Édipo representa, psicológica-mente, apenas a via de acesso, mais forte-mente acentuada sexu-almente, ao desejo primordial de retornar ao útero. A análise do complexo de Édipo conduz, em última ins-tância, à situação pri-mordial do nascimento, na qual o complexo tem sua base biológica (Rank, 1924, p. 19).

Para Rank (1924), o trauma do nasci-mento é o caminho central para a construção neurótica, pois é através dele que o sofrimento de viver acontece. O desejo de retorno ao útero é uma ideia de cessar do sofrimento da vida, onde apenas as necessidades básicas eram pri-mordiais. Viver longe do útero materno é sofrer, logo a vida torna-se sofrimento. O desejo de retorno ao ambiente de acolhimento, nutrição, serenidade e segurança torna-se contínuo na vida do personagem.

Para Howard, o retorno ao útero da mãe poderia ser uma porta para não viver o sofrimento que seria sua vida e seus traumas mencionados constantemente dentro da série: o abandono do pai enquanto criança e sua busca constante por um pai amoroso. O personagem vive uma relação conflituosa com a mãe, mas no qual se beneficia de sua infantilização pro-porcionada e incentivada por ela.

Para alguns estudiosos, como Neumann (2018), a relação mãe-filho é pautado em uma longa tentativa de conflitos, no qual o desvencilhar desse arquétipo torna-se uma desordem:

O arquétipo da Grande Mãe domina não ape-nas a fase simbiótica da relação mãe-filho, mas toda a vida psíquica do indivíduo e da humani-dade. Como o incons-ciente coletivo em si, ela é o fundamento a partir do qual a consci-ência do ego emerge e se separa, e para o qual pode retornar em dis-solução. A luta do he-rói contra o dragão, um dos mitos centrais da humanidade, é essenci-almente a luta do ego consci-ente para se li-bertar do poder abran-gente e, por vezes, su-focante do arquétipo materno (Neumann, 2021, p. 78).

A figura da mãe, torna-se presente na vida do filho não apenas enquanto bebê, mas durante toda sua jornada na vida adulta. Esse arquétipo materno não é um estágio superado, ele se prolonga nas buscas pela maternidade em diversas oportunidades, seja na religião, na natu-reza, nas relações que os acolhem, além da cria-tividade e das relações com as emoções. A cri-ança cria seu ego a partir de um momento de disso-lução e ruptura com a mãe, mas no qual o referenciar materno ainda se encontra presente. No entanto essa luta pela dissociação é constan-te e os conflitos podem emergir no processo da vida.

Howard Wolowitz não conseguiu rom-per com o cordão que o liga a sua mãe, no qual o seu desenvolvimento tornou-se prejudicial em sua formação e relação com suas emoções. O seu ego retornou ao seu inconsciente em um processo de fusão entre mãe-filho tornando esta relação patológica. O filho não desvincula seu consciente das vivências, dependência e experienciar de sua relação com a mãe.

O arquétipo da mãe vem da ideia de provimen-to do filho, assim como sua tentativa de treiná-lo para sobreviver no mundo que o aguarda. No entanto, às vezes, essas relações sofrem uma ruptura em sua função, pois as mães perpassam por caminhos de não reconhecimento de suas funções arquetípicas. Nesses momentos, os filhos tornam-se figuras dependentes de suas emoções e movimento quanto a vida.

Para o psicanalista britânico Donald Winnicott (1983) a mãe traz consigo o dever de levar o filho todo os elementos necessários para sua sobrevivência ao passo que tenta torná-lo independente em suas funções quando ocorrer a falha materna. Essa teoria contrapõe a ideia de que a mãe é detentora de todas as funcionalidades da criança em sua evolução, algo per-passado socialmente e absorvido em uma formação arquetípica.

É no processo de cisão da ideia de ilusão onipotente do bebê que ele se observa como um ser (corpo) a parte do ser-mãe. Neste momento é apontado a existência de um eu, no qual está cindindo daquele ser que fazia parte do seu todo. Neste momento, nasce o outro, a mãe. Esta ideia está integrada ao que Jacques Lacan (1998) chamou de o estágio do espelho: o bebê percebe que seu corpo está fundido do corpo materno, ou seja, ele vivia em um estado de alienação. O paralelo ao espelho vem de sua percepção corpórea ao qual a cisão de sua imagem a imagem da mãe acontece. A construção do eu vem de um processo de análise do outro, neste caso a mãe.

O conceito do holding, no qual foi trazi-do por Winnicott (1983), perpassa pela ideia arquetípica da Grande-mãe. Ao perceber que a figura materna está atrelada a ideia de subsistência, segurança, nutrição e afeto ao bebê, logo podemos conectar a construção de um espaço pelo qual o desenvolvimento da criança se faça suficiente e a mãe desempenha sua função. O conceito do holding está atrelado a construção de um espaço psíquico e físico importante e saudável ao desenvolvimento da criança em que três premissas importantes se constroem: previsibilidade, adaptação sensível as necessidades e proteção contra instruções excessivas. Para o ocorrer o desenvolvimento e o processo de amadurecimento espontâneo (construção do self), o ambiente tem de estar favorável a experiências espontâneas. O holding excessivo impede o momento de cisão da criança para com a mãe o que ocasiona a imaturidade de seu aparelho psíquico.

A personagem de Mrs Wollowitz ainda mante a relação com o filho dentro do ambiente de sua casa, local ao qual o filho cresceu e permanece até a fase adulta. O ambiente físico é espaço de reminiscência e construção do seu eu, no qual faz com que o personagem não consiga se des-vincular daquele local mesmo com a morte da mãe. Ela, neste caso, não provoca a cisão entre o filho, o que ocasiona a dependência dele para funções básicas de sua vida: a forma de se vestir (infantil e colorida), não conseguindo construir vinculas com nenhuma mulher, atividades básicas de sua rotina (alimentação e locomoção) ainda sendo realizadas pela mãe.

No entanto, na temporada 7 (episódio 11), o personagem do filho demonstra o desejo pela morte da mãe como forma de alívio pela constante intromissão dela em sua vida. Este momento exibido expõe à vontade no qual ele busca a liberdade e a cisão entre a Grande-mãe e seu filho em que ele encontraria paz e a si mesmo. A mãe falha pelo excesso de mediação na vida do filho e que ocasiona em uma sucessão de fracassos dele frente as adversidades exigidas pela vida adulta.

O arquétipo criado da mãe enquanto figura de segurança e nutrição perpassado pelo imaginário coletivo e reforçado as mulheres constantemente. No entanto, o desejo do matricídio de Howard pode estar associado a interrupção do suporte materno a sua prole, o que levaria ao extermínio da mãe pela perda de suas funções. Outra ideia, seria o amor e a destruição do objeto-mãe como incorporação dele para seu eu, assim como afirmou Freud (1905, p. 25): “Incorporar o objeto é, ao mesmo tempo, destruí-lo.” Em outras palavras, a cisão entre o filho e a mãe é um momento de desejo fantasiado pela criança.

Outro fator importante a ser observado é a conjectura da figura materna como objeto do personagem mesmo em sua fase adulta. Na temporada 8 (episódio 01), ele demonstra receio da perda da figura da mãe para o personagem Stuart, no qual a mãe desperta uma possível relação amorosa. A criança, em seus primeiros momentos de vida não observa a mãe um objeto, mas ao realizá-lo constrói, dentro de sua relação filho-mãe, a percepção de objeto-total. Mais tarde, com a cisão completa de seu objeto de desejo e manutenção de suas necessidades básicas é demonstrado a construção do complexo de Édipo. O ódio pelo pai e o amor pela mãe e constituído neste momento em que seu objeto sexual é colocado em perigo. Esse é o primeiro momento para a construção das neuroses e formação do sujeito. No entanto, quando esse corte não ocorre há a fixação ao objeto amado: “quando o complexo de Édipo não é suficientemente superado, cada uma das exigências pulsionais que dele procedem permanece ativa e pode dar origem a perturbações posteriores” (Freud, 2011, p. 201).

Como consequência da não cisão e dá não quebra da relação incestuosa criada pela criança vem a obsessão pelo objeto. Esse referencial é percebido dentro da relação de Howard com sua mãe. A figura paterna abandona o lar ao passo que a mãe é intitulada como a única figura de amor e modelo. A entrada do personagem Stuart na narrativa da família implicaria na imposição do complexo tardio ao personagem e a dor de perder o objeto desejado.

3.2.1 Leonard e Beverly Hofstadler

No que tange o relacionamento e a criação da imagética materna de Beverly Hofstadler, o arquétipo da mãe ganha um aspecto ambivalente. A mãe pode adquirir a função de nutrição e segurança, ao passo que pode falhar quanto ao cuidado afetivo. De acordo com Jung (2014, p. 87), “a mãe, como arquétipo, possui uma multiplicidade quase infinita de aspectos”, no qual ela desperta diversas imagens e construções arquetípicas no imaginário coletivo.

A personagem desta mãe coloca seu filho dentro de uma relação de frieza e pragmatismo, em muitas vezes, o utilizando como experimento científico. Não havendo tentativas de demonstração de afeto, logo criando uma mãe que não disponibiliza todas as ferramentas para o desenvolvimento emocional do filho, anulando a subjetividade e o amparo afetivo. Esse comportamento a coloca como a mãe devoradora e castradora, no qual “não quer o crescimento, a autonomia ou a diferenciação do filho”, como afirmou (Jung, 2013, p. 102).

Esse desenrolar criou um filho persistente em buscar aprovação, assim como sentimentos de rejeição e insegurança. A constante criação de um cenário de jogos, frieza e ausências de sentimentos fraternos e acolhedores justifica-se pela escolha da mãe de um ambiente pautado no logos, em detrimentos do eros. Por consequência, criando uma mãe que falha na criação imaginária emocional.

Na construção de seus complexos (funções pautas no imaginário coletivo e construção de experiências) a maternidade ganha panorama central na construção do ser. Para com isso, assim como elementos que constroem ambientes de segurança e autonomia subjetiva, o complexo materno negativo pode trazer instabilidade ao ego tornando-o frágil e em busca de aprovações externas. O personagem do filho (Leonard) está em constante desamparo, culpa e submissão aos que o cerca, assim sendo, buscando em figuras femininas a aprovação de si, assim como a figura da mãe em uma tentativa de redenção e afeto.

Na temporada 8 (capítulo 15 e 23) o filho busca na mãe tentativas de receber afeto, no entanto a mãe não retribui. Em muitas vezes ela abstém dessa obrigação colocando a responsabilidade afetiva do filho nele mesmo, observando que ele deveria galgar o amor dela. A mãe imputa características perversas ao

demonstra constante interesse em pessoas próximas ao filho, no entanto, o desprezando constantemente.

A mãe com uma dinâmica perversa traz consequências significativas para a formação da criança. Ela não se afasta do arquétipo da “grande mãe” ou mãe terrível”, mas personaliza essa nova figura dentro do arquétipo construído no coletivo. Ela pode ser formada através de alguns aspectos: falha no holding, no reconhecimento do outro e perversão nos vínculos. Esse arquétipo materno se divide em dois polos: positivo e negativo:

O arquétipo da Grande Mãe é, como todos os arquétipos, bipolar; isto é, abrange tanto um polo positivo, bom, quanto um polo negativo, mau. O polo bom significa crescimento, fertilidade, nutrição, proteção, calor; o polo mau significa perigo, medo, sufocação, encantamento, morte (Neumann, 2021, p. 55).

O polo positivo é colocado como o da vida, nutrição e segurança, enquanto o polo negativo está atrelado a morte, destruição, falta de afeitos e insegurança. A mãe perversa está dentro da ideia negativa do arquétipo, no qual ela o pessoaliza. O arquétipo é impessoal, mas a mãe má pessoaliza a ideia perversa de sua relação com seu filho.

Dentro da série, Leonard está em busca da aprovação de sua mãe, assim como tentando fazê-la demonstrar algum afeto. No entanto, a mãe não o coloca em um polo positivo, mas dentro da negatividade. Na temporada 11 (epi-sódio 4), o personagem liga para a mãe buscando e perguntando de forma direta se a mãe sente orgulho dele e ao receber um reforço positivo ele chora. A mãe não demonstra afeição para com ele.

O arquétipo da figura materna está atrelado a polaridade das máximas da vida, o bem e o mal, no qual ela é imputada a está sempre propensa as necessidades do filho. No entanto, a polaridade negativa faz parte do desenvolvimento e construção do ser. A mãe irá adquirir ambas as formas buscando um equilíbrio dentro de suas funções. Contudo, o imaginário coletivo não observa ambas da mesma forma. A mãe deve estar pronta para prover filho de forma indubitável e sem questionamentos, dentro de um espectro puro e intocado. A mulher que busca o oposto disto estaria fadada ao espectro da mãe ruim, pois o filho não obtém o que deseja e necessita.

Dentro da série, as figuras femininas que dedicaram toda sua vida a família e religião estão imputadas como boas mães, enquanto Beverly, uma mulher que buscou uma vida fora dos parâmetros do lar está

atrelada a frieza e maldade ao filho. A série reforça um estereótipo, no qual a mãe boa é aquela do lar e dos filhos. Enquanto aquela que busca algo fora disto estaria atrelada a perversão e a não afetividade.

As personagens da Sra. Wolowitz e Mary Cooper entram dentro do paradigma da boa mãe – católica, judia e do lar. Na série elas são demonstradas dentro do aspecto do afeto, cuidado e segurança (A Grande Mãe), mas Be-verly Hofstadler – ateia, psiquiatra e do mundo do trabalho – está atrelada a frieza e descuido (A Mãe Terrível). O reforço dessas ideias é algo presente dentro do imaginário coletivo, no qual a submissão da mãe é um dos requisitos para a grandeza dela. A mulher, no qual não se coloca dentro desses patamares, fica dentro do polo oposto ou negativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte torna-se uma representação do social e de como ela é expressa em comunidade. Desde pinturas até filmes, ela prova que a humanidade é feita de inventividades e subjetividades. Ela busca na fantasia humana uma forma de expressão em sua primazia e amago. Reconhecida pelo pai da psicanálise, Sigmund Freud (2021, p,21), ela foi vista como aquela que “oferece satisfações substitutivas para as mais anti-gas e ainda mais profundamente sentidas renúncias culturais.”

Os filmes, assim como as séries, tornaram-se formas de expressão artística e a psicanálise como objeto de estudo através delas. O tema do arquétipo materno torna-se tema de análise, no qual vai desde Psico-se, de Alfred Hitchcock (1960), passando por Tudo sobre minha mãe, de Pedro Almodóvar (1999), até chegarmos em The Big Bang Theory, no qual é objeto de estudo deste artigo.

Foi observado que a construção das personagens centrais (Leonard, Sheldon e Howard) foram embasados em relações maternas com constructo psicanalítico e passivo de estudos mais profundos, no qual foi perpassado um recorte dentro dos personagens maternos Be-verly Hofstadler e Mrs Wolowitz, mães de Leonard e Howard, respectivamente.

As relações construídas com essas mães, dentro da narrativa da série, corroboram com o estudo de Carl August Jung (2011) acerca do arquétipo da mãe, sua construção e implicância na vida dos filhos. A visão formada acerca da boa mãe e a mãe ruim são perpassadas dentro das personagens de Beverly e Mrs. Wolowitz, no qual demonstra implicações claras na construção da subjetividade dos filhos, em especial a maturidade não construída por eles.

A série releva personagens dentro de um exagero em suas expressões enquanto mães. Mrs Wollowitz com o estereótipo da mãe judia superprotetora e Beverly enquanto a mãe cien-tista, no qual faz do filho seu objeto de estudo. As colocações feitas pelos filhos são de depen-dência emocional, mesmo que criados em lares e formações diferentes. A mãe boa (Mrs Wol-lowitz) e a mãe má (Beverly Hofstadler), arquétipo materno Jungiano, são colocados dentro do enredo como figuras que amam e desprezam os filhos a sua maneira, seja em suas atitudes de proteção e cuidado, até atitudes de rejeição.

No entanto, a série reforça a ideia concebida socialmente, no qual a mãe reconhecida como boa seria aquela que vive dentro do lar, cuidando do filho e esperando o marido retornar. Logo, a mãe má estaria fora do lar, trabalhando, longe dos filhos, assim como os colocando em posições de abandono. A personagem da Mrs. Wolowitz ganhou o contorno da boa maternidade, pois abdicou de sua vida para a criação de seu filho, enquanto Beverly ganhou o contorno da má maternidade quando decidiu se dedicar a carreira e não a vida de mãe.

A construção de arquétipos (construções sociais de um imaginário coletivo) é reforçada dentro da série com as personagens em estudo. No entanto, é notório que os personagens dos filhos se tornaram figuras próximas em suas personalidades mesmo com mães diferentes em suas criações. Howard e Leonard demonstram traços imaturos, carentes e em busca de aprovação constantes de suas companheiras na tentativa de igualar o amor materno (presente em demasia ou ausente).

A série demonstrou, dentro do estudo, que as figuras maternas Mrs Wollowitz e Beverly Hofstadler são o retrato de um arquétipo da mulher-mãe. Elas ambientaram espaços de mulheres no qual perpassou pela subjetividade coletiva e reforçaram estereótipos sociais acerca da mulher que gera. As figuras femininas na série foram colocadas como personagens que antagonizam mães e filhos, mas no qual o resultado são o reforço da fantasia da mãe boa e má.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud (1901-1905) — Obras completas, v. 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma história (“O caso Dora”) e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. O ego e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923–1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. Porto Alegre: L&PM Editores, 2020.

Freud, Sigmund. O mal-estar na civilização. 1. ed. Porto Alegre: Martin Claret, 2021.

JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o in-consciente coletivo. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

NEUMANN, Erich. *A Grande Mãe: uma fenomenologia das configurações femininas do inconsciente*. Tradução de César Eduardo Alves. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

RANK, Otto. O Trauma do Nascimento. São Paulo: Cienbook, 2016.

THE BIG BANG THEORY. Direção: Mark Cendrowski. Roteiro: Chuck Lorre, Bill Prady; Esados Unidos: Warner Bros Television, 2007 – 2019.

WINNICOTT, Donald W. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed, 1983.

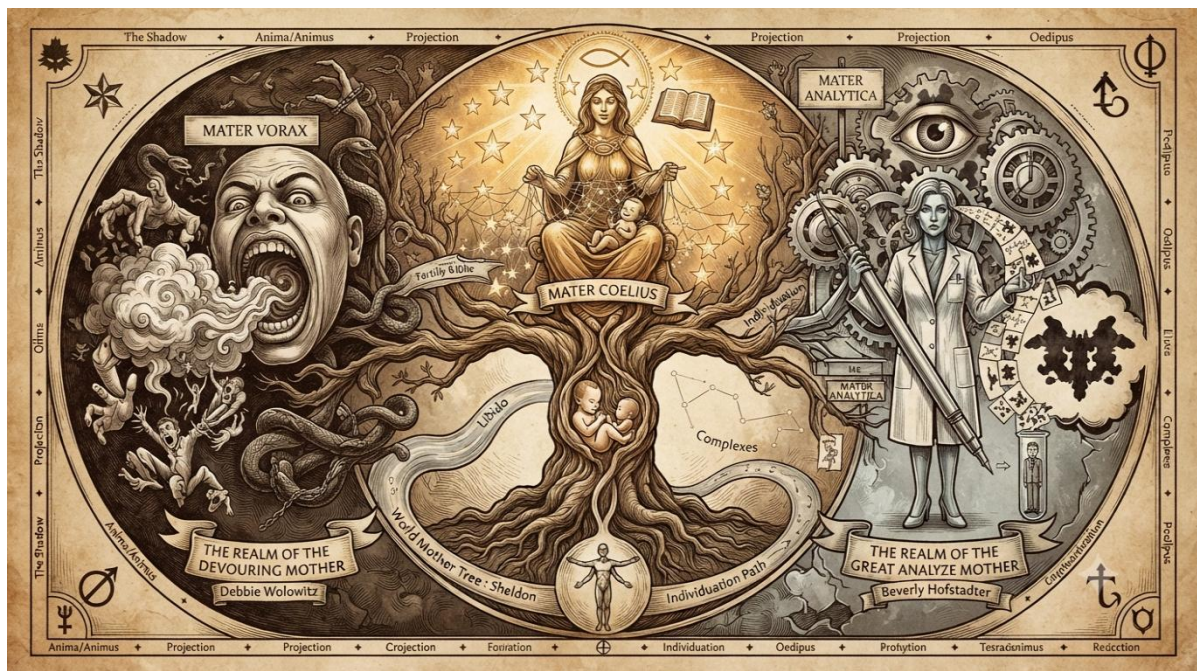


Imagem gerada por IA

OS FEMINISMOS NA PSICANÁLISE: UMA ALIANÇA NECESSARIAMENTE TENSA CONTRA A LÓGICA PATRIARCAL

Lázaro Santos Tavares

Psicanalista

Membro da Escola Freudiana – Seção Teresina (EFPT)

Membro da Associação Brasileira de Bacharéis em Psicanálise – ABBP

(em processo de alteração estatutária para Associação Brasileira de Bacharéis em Estudos Teóricos Psicanalíticos e Sociais – ABBETPS, em resposta à Portaria SERES/MEC nº 3/2026)

E-mail: lazarotavares.es@gmail.com | escolafreudianadeteresina@gmail.com

RESUMO

Este artigo defende que a relação entre os feminismos e a psicanálise constitui uma aliança paradoxal mas indispensável para uma crítica estrutural ao patriarcado. A partir da ambiguidade fundante em Freud e da formalização lacaniana do falo como significante e das fórmulas da sexuação, argumenta-se que a psicanálise oferece, através de sua teorização sobre a falta e o desejo, os instrumentos para sua própria desconstrução. O texto percorre as correções internas feitas por psicanalistas mulheres pioneiras, os diálogos contemporâneos com os feminismos interseccionais e queer, e os desdobramentos na clínica das novas configurações familiares. Sustenta-se, por fim, que a posição feminina tal como formalizada por Lacan – uma posição não-toda submetida à lógica fálica – configura uma ética singular, capaz de inspirar formas de vida que escapam aos ideais patriarcais de posse e completude. A experiência clínica e a reflexão literária, com exemplos aqui articulados, corroboram essa tese.

Palavras-chave: Psicanálise. Feminismos. Patriarcado. Jacques Lacan. Clínica Contemporânea.

1. INTRODUÇÃO: UM DIÁLOGO CONSTITUTIVAMENTE TENSO

Nos parece crucial começar afirmando: a psicanálise nasceu machista. Nasceu em um século XIX impregnado pelas estruturas patriarcais que normatizavam corpos, desejos e lugares sociais. Freud, um homem de seu tempo, não escapou a isso. No entanto, e aqui reside o ponto nodal de nossa argumentação, a psicanálise também gerou, a partir de seus próprios conceitos fundamentais – o inconsciente, a sexualidade infantil polimorfa, a primazia do desejo –, uma ferramenta de desmontagem dessas mesmas estruturas. Esta é a ambiguidade radical que funda o diálogo, sempre conflituoso e sempre renovado, com os feminismos. Não se trata, portanto, de uma simples aplicação de teorias feministas à psicanálise, nem de uma defesa acrítica da tradição psicanalítica. Trata-se de reconhecer, como bem apontou Vladimir Safatle (2018) em suas organizações sobre o tema, que o encontro se dá num campo minado de tensões produtivas, onde a crítica feminista força a psicanálise a rever seus pontos cegos, e a clínica psicanalítica, por sua vez, lembra a irredutibilidade do desejo singular.

A temática desarticula o clichê de uma harmonia apaziguadora entre feminismos e psicanálise ao sustentar a tensão como o único terreno possível para um encontro ético. Esta articulação rejeita o universalismo abstrato e evidencia os traços falocêntricos que historicamente permeiam o campo analítico, compelindo a teoria a

abandonar sua 'torre de marfim' para se confrontar com as contingências políticas e sociais. Nesse sentido, o trabalho problematiza a lógica patriarcal, tratando-a não meramente como um sistema social externo, mas como uma engrenagem de funcionamento que opera na organização do desejo, do poder e do saber. Ao desvelar os mecanismos que tentam reduzir a pluralidade do feminino ao 'Um' ou à categoria do 'falho', o texto rompe com o binarismo tradicional e subverte a lógica de dominação, reafirmando a clínica como um espaço de resistência e de escuta do múltiplo.

2. FREUD E LACAN: DO ENIGMA À FORMALIZAÇÃO DA FALTA

É incontornável partir de Freud. Em textos como *A Feminilidade* (1933), ele cristalizou leituras que hoje soam como estereótipos de época: a mulher como “continente obscuro”, a inveja do pênis como pedra angular da feminilidade (FREUD, 1933/1996). Contudo, numa operação teórica genial, o mesmo Freud que biologizou em certos momentos, inaugurou a desnaturalização do gênero. Ao demonstrar que a identidade sexual se constrói via complexo de Édipo e castração, e ao postular a bissexualidade psíquica, ele transferiu a questão do plano do ser (homem/mulher) para o plano do desejar. A identidade tornou-se uma identificação, portanto, algo precário, não um destino anatômico.

Lacan levará essa lógica ao seu paroxismo. Se em Freud ainda há resíduos de biologismo, Lacan opera uma formalização simbólica da diferença. Em *A Significação do Falo* (1958), o falo

deixa de ser um órgão para tornar-se o significante privilegiado da falta, aquilo que ninguém “tem” mas a que todos estão referidos (LACAN, 1958/1998). A revolução lacaniana, porém, atinge seu ápice com as fórmulas da sexualização, apresentadas no Seminário 20, Mais, ainda (LACAN, 1972-73/1985). Lacan propõe ali duas posições lógicas (não biológicas) diante do significante fálico: uma masculina, que se estrutura pela totalização (todos são submetidos à função fálica, havendo uma exceção que a funda); e uma feminina, que é não-toda submetida a essa função, abrindo-se a um gozo suplementar. A célebre fórmula “La femme n’existe pas” (“A mulher não existe”) é a consequência radical desse raciocínio: não há uma essência universal “Mulher”, há apenas mulheres, no plural, cada uma inventando sua solução singular. A psicanálise, assim, fornece a arma teórica mais potente para criticar o patriarcado, mostrando-o como uma estrutura lógica falha, incapaz de totalizar a experiência do desejo.

3. CORREÇÕES E EXPANSÕES: AS PIONEIRAS E A FORÇA DA EXPERIÊNCIA

Antes mesmo do diálogo teórico institucionalizado, a prática clínica de analistas mulheres forçou revisões. Karen Horney (1926/2009) contestou frontalmente a inveja do pênis, sugerindo uma “inveja masculina da maternidade”. Melanie Klein deslocou o foco do falo para a relação ambivalente e poderosa com o seio materno. Joan Riviere (1929/2009), num artigo visionário, descreveu a “feminilidade como máscara”,

uma performance para circunscrever a angústia causada por desejos e ambições socialmente ligados como masculinos. Essas mulheres não buscavam apenas corrigir a teoria; elas a expandiam a partir do encontro com o real da experiência. É o caso emblemático de Sabina Spielrein, que em *A Destruição como Causa do Devir* (1912) teorizou, a partir de seu próprio sofrimento e cura, a pulsão de morte como componente intrínseco da transformação criativa (SPIELREIN, 1912/1994).

Nossa experiência clínica confirma a atualidade dessas intervenções. Atendo uma jovem profissional extremamente bem-sucedida que, no auge da carreira, foi tomada por uma crise de pânico e “falta de desejo”. O discurso social (e uma certa psicanálise normativa) interpretaria isso como uma recusa feminina à competição fálica. A escuta analítica, contudo, revelou outra coisa: seu sofrimento era o sintoma de um gozo suplementar que insistia e que não cabia no roteiro triunfante do “ter” (cargo, status, sucesso). O trabalho consistiu, justamente, em ajudá-la a não confundir esse gozo singular com uma falha, mas a inventar uma nova relação com ele. Outro caso, de um homem que sofria por não corresponder ao ideal de “provedor forte”, ilustra o sofrimento gerado pela prisão à lógica masculina da exceção. Ele não se via como a “exceção” (o Pai primordial), mas como uma fraude. A análise o levou a questionar essa identificação total com a função fálica, abrindo espaço para um desejo menos rigidamente ancorado nesse ideal.

4. DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS: DOS FEMINISMOS FRANCESES À INTERSECCIONALIDADE

O diálogo explícito com os movimentos feministas ganhou novos contornos a partir dos anos 1970. Os chamados “feminismos franceses” buscaram uma linguagem para o feminino fora da economia fálica. Luce Irigaray, em *Speculum* (1974/2018), denunciou o “falocentrismo” da psicanálise e da filosofia. Julia Kristeva (1980/2019) pensou uma força disruptiva no “semiótico”, ligado ao ritmo e à voz materna pré-linguagem. Já o encontro com a teoria queer, notadamente com Judith Butler, gerou um dos debates mais fecundos da atualidade. Butler (1990/2018) critica a psicanálise por supostamente instituir uma “matriz heterossexual” obrigatória, mas se apropria de conceitos psicanalíticos, como a identificação e a melancolia de gênero, para forjar sua teoria da performatividade. A psicanálise responde, como faz Colette Soler (2005), que a categoria lacaniana do Real – aquilo que não para de não se escrever, o gozo – escapa a qualquer performatividade e constitui um limite à plasticidade infinita das identidades.

Um debate atualíssimo, que ecoa nos congressos de psicanálise e estudos de gênero, é o desafio lançado pelos feminismos interseccionais e decoloniais. Eles questionam: a quem serve esse sujeito universal do inconsciente? Não seria ele, também, um sujeito abstrato, branco, europeu e burguês? O grande desafio teórico-clínico do momento é pensar como as marcas de raça,

classe e colonialidade estruturam e são estruturadas pelo inconsciente, um campo onde a psicanálise tradicional ainda tem muito a avançar.

5. A ESCRITA COMO ATO: O CASO LISPECTOR

A literatura oferece um testemunho privilegiado dessas tensões. Tome-se o caso de Clarice Lispector, escritora frequentemente abordada pela crítica psicanalítica. Sua escrita não representa o feminino; ela o performar como um gozo que rasga a linguagem. Em *A Paixão segundo G.H.* (1964), a protagonista, ao se deparar com uma barata, experiencia um êxtase repugnante que a desfaz de todas as identidades sociais – a mulher elegante, a artista – e a lança num encontro abjeto e real com o vivo. Não há falo que organize essa experiência. É um gozo feminino, no sentido lacaniano, que destrói significações e exige uma nova linguagem, cheia de hesitações, silêncios e cortes. Lispector encarna, na letra, a tese lacaniana de que há um gozo que não é fálico, um gozo do corpo que escapa ao significante. Sua obra é um laboratório clínico onde se testam os limites da teorização.

6. CONCLUSÃO: PARA UMA ÉTICA DO ‘NÃO-TODO’

Ao final deste percurso, fica claro que a psicanálise não é uma teoria sobre as mulheres, mas uma teoria que, ao formular a lógica do desejo e da falta, desaloja qualquer fundamento natural para a dominação patriarcal. Ela mostra que

“homem” e “mulher” são posições no discurso, identificações sempre frágeis em torno de uma falta central. A grande contribuição do diálogo com os feminismos foi forçar a psicanálise a ler em si mesma tanto o veneno patriarcal quanto o antídoto.

A posição feminina, tal como formalizada por Lacan, longe de ser uma desvantagem, aponta para uma ética. É a ética do não-todo, que não busca a completude imaginária, não almeja ser a exceção que tudo governa, e pode, portanto, inventar formas de vida e laços sociais menos pautados pela posse e pelo poder. Na clínica, isso se traduz em não reforçar ideais normativos. A tarefa do analista é escutar a singularidade do gozo que insiste para além dos mandatos de gênero, ajudando o sujeito a separar seu desejo mais próprio do discurso patriarcal que o capturou.

A aliança, portanto, é paradoxal, mas necessária. A psicanálise precisa da crítica externa e vigorosa dos feminismos para não se dogmatizar. Os feminismos podem se enriquecer com a sofisticação teórica psicanalítica sobre a constituição do desejo, evitando cair em um positivismo do gênero. Juntos, no atrito constante entre a desconstrução política e a escuta do inconsciente, podem forjar ferramentas mais afiadas. A lógica patriarcal é poderosa, mas a psicanálise, em sua melhor tradição, nos ensina que ela é, antes de tudo, uma fantasia. E o destino de toda análise é, justamente, atravessar as fantasias que nos governam.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 11. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- FREUD, Sigmund. A feminilidade. In: _____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933). Edição Standard Brasileira. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 105-125.
- HORNEY, Karen. A inveja do útero. In: KEHL, Maria Rita (Org.). Psicologia das mulheres: novas leituras psicanalíticas. São Paulo: Escuta, 2009. p. 21-33.
- IRIGARAY, Luce. Speculum: espelho do outro mulher. Tradução de Maria Lúcia B. N. de Oliveira e Maria Stela G. L. Gonçalves. São Paulo: Editora 34, 2018.
- KRISTEVA, Julia. Poderes da horror. Tradução de Maria Carlota R. de Carvalho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2019.
- LACAN, Jacques. A significação do falo. In: _____. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703.
- LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: Mais, ainda. 2. ed. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- RIVIERE, Joan. A feminilidade como máscara. In: KEHL, Maria Rita (Org.). Psicologia das mulheres: novas leituras psicanalíticas. São Paulo: Escuta, 2009. p. 35-46.
- SAFATLE, Vladimir (Org.). Feminismos e psicanálise. São Paulo: Blucher, 2018.
- SOLER, Colette. O que Lacan dizia das mulheres: estudo sobre a diferença sexual na psicanálise. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- SPIELREIN, Sabina. A destruição como causa do devir. *Jornal de Psicologia Analítica*, v. 39, p. 155-186, 1994.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS

A Revista LIANÇAS, órgão oficial de difusão científica da Associação Piauiense de Psicanálise (APP) e da Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina, tem como objetivo publicar trabalhos originais que contribuam para o avanço do conhecimento psicanalítico em suas interfaces com a clínica, a cultura, a sociedade e as demais áreas do saber.

A revista aceita contribuições de psicanalistas, pesquisadores, profissionais da saúde mental e áreas afins, priorizando a qualidade teórica, o rigor metodológico e a relevância clínica e social dos trabalhos.

2. TIPOS DE TRABALHO ACEITOS

Artigos originais: Pesquisas teóricas ou clínicas, com até 30 laudas (formato A4, fonte 12, espaço 1,5).

Ensaio: Reflexões teóricas consistentes, com até 20 laudas.

Relatos de experiência clínica: Apresentação e discussão de casos, com até 15 laudas, garantindo o anonimato dos pacientes.

Resenhas: De obras recentes (últimos 3 anos), com até 5 laudas.

Traduções: De textos inéditos em português relevantes para a psicanálise, com autorização do detentor dos direitos.

Entrevistas: Com personalidades do campo psicanalítico.

3. AVALIAÇÃO POR PARES (PEER REVIEW)

Todo trabalho submetido à LIANÇAS passa por uma avaliação preliminar do Conselho Editorial quanto à pertinência temática e adequação às normas. Os trabalhos aprovados nesta etapa são encaminhados para avaliação cega por pares (double-blind review), com no mínimo dois pareceristas ad hoc, especialistas na área. O anonimato é garantido durante todo o processo.

Os critérios de avaliação incluem: originalidade, relevância teórica e/ou clínica, rigor metodológico, clareza e coerência argumentativa, e contribuição para o campo psicanalítico.

4. ÉTICA E CONFLITO DE INTERESSES

A LIANÇAS segue os princípios éticos estabelecidos pela Declaração de Helsinque e pelas diretrizes da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

Relatos de casos clínicos devem preservar rigorosamente o anonimato dos pacientes, utilizando pseudônimos e omitindo informações identificadoras. Os autores devem declarar eventuais conflitos de interesses.

5. FORMATAÇÃO DOS TRABALHOS

- Formato: Microsoft Word (.doc ou .docx) ou OpenOffice. Fonte: Times New Roman ou Arial, tamanho 12.
- Espaçamento: 1,5 entre linhas.
- Margens: superior e esquerda 3 cm; inferior e direita 2 cm. Extensão máxima: 30 laudas para artigos originais.
- Idiomas aceitos: português, espanhol, inglês, francês.
- Os trabalhos em idiomas estrangeiros devem vir acompanhados de versão em português ou resumo ampliado em português.

6. ESTRUTURA DO TRABALHO

Os artigos devem conter obrigatoriamente:

Título (em português e inglês);

Nome(s) do(s) autor(es) com filiação institucional e e-mail; Resumo (até 250 palavras) e palavras-chave (3 a 5);

Abstract (até 250 palavras) e keywords (3 a 5);

Texto principal (com introdução, desenvolvimento e considerações finais); Referências bibliográficas em norma ABNT NBR 6023:2018.

7. DIREITOS AUTORAIS E PUBLICAÇÃO

A submissão do trabalho implica a cessão dos direitos autorais para publicação na LIANÇAS, bem como a declaração de que o trabalho é original e não está sendo avaliado simultaneamente por outro periódico. Os autores mantêm os direitos sobre o trabalho e podem republicá-lo posteriormente, desde que citada a publicação original na LIANÇAS.

A revista não paga direitos autorais nem cobra taxas de submissão ou publicação (APC).

8. PERIODICIDADE E SUBMISSÃO

A LIANÇAS tem periodicidade semestral, com publicação em junho e dezembro. Os trabalhos podem ser submetidos continuamente pelo e-mail: revistaliancas@gmail.com

Para mais informações, consulte o site: <https://www.escolafreudianadeteresina.com.br/liancas>

9. EXEMPLO DE REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA (ABNT NBR 6023:2018)

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 700 p.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. 277 p.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015. 416 p.

10. CONTATO

Associação Piauiense de Psicanálise (APP)

Rua Lisandro Nogueira, 1625, Edifício Susana Center, Sala 18, Centro, Teresina, PI. CEP: 64.000-200

E-mail: escolafreudianadeteresina@gmail.com

Conselho Editorial:

Aurenice Pinheiro Tavares

Lizanete Caedoso Santos

Maria Helena Barbosa Chiappetta

Nathecio Nathanael dos Santos

Quizênior de Oliveira Andrade

LIANÇAS

Revista da Associação Piauiense de Psicanálise

Nota Editorial

O percurso aqui delineado, das tópicas freudianas à precisão dos mecanismos de defesa, não encerra o estudo, mas abre a escuta. Mais do do que cartografar o funcionamento do aparelho psíquico, o que se pretende nesta edição é a reafirmação de um compromisso: o de que a psicanálise, em sua prática e teoria, serve como ferramenta inabalável para que o sujeito possa sustentar o seu desejo para além das lacunas que a consciência insiste em preencher.

Ao longo destas páginas, revisitamos a transição do modelo topográfico para o estrutural, reconhecendo que o inconsciente não é um lugar remoto, mas um campo de manifestações constantes que exigem do analista uma posição técnica rigorosa. Compreender as defesas do Ego não é apenas um exercício de classificação; é, fundamentalmente, reconhecer as trilhas que o sujeito traça para tentar preservar sua subjetividade diante da angústia.

Que as reflexões contidas nesta edição sejam, portanto, um convite ao rigor da prática clínica e ao exercício permanente da leitura dos impasses da contemporaneidade. O trabalho com o inconsciente é um um processo que se renova a cada sessão, a cada estudo e a cada escrita. Seguimos, assim, sustentando a ética da psicanálise em sua potência de transformar o sintoma em invenção.

Lázaro Tavares
Editor-Chefe

LIANÇAS
Revista da Associação Piauiense de Psicanálise
Volume 1 | Número 1 | 2026

ISSN- 3086-688X

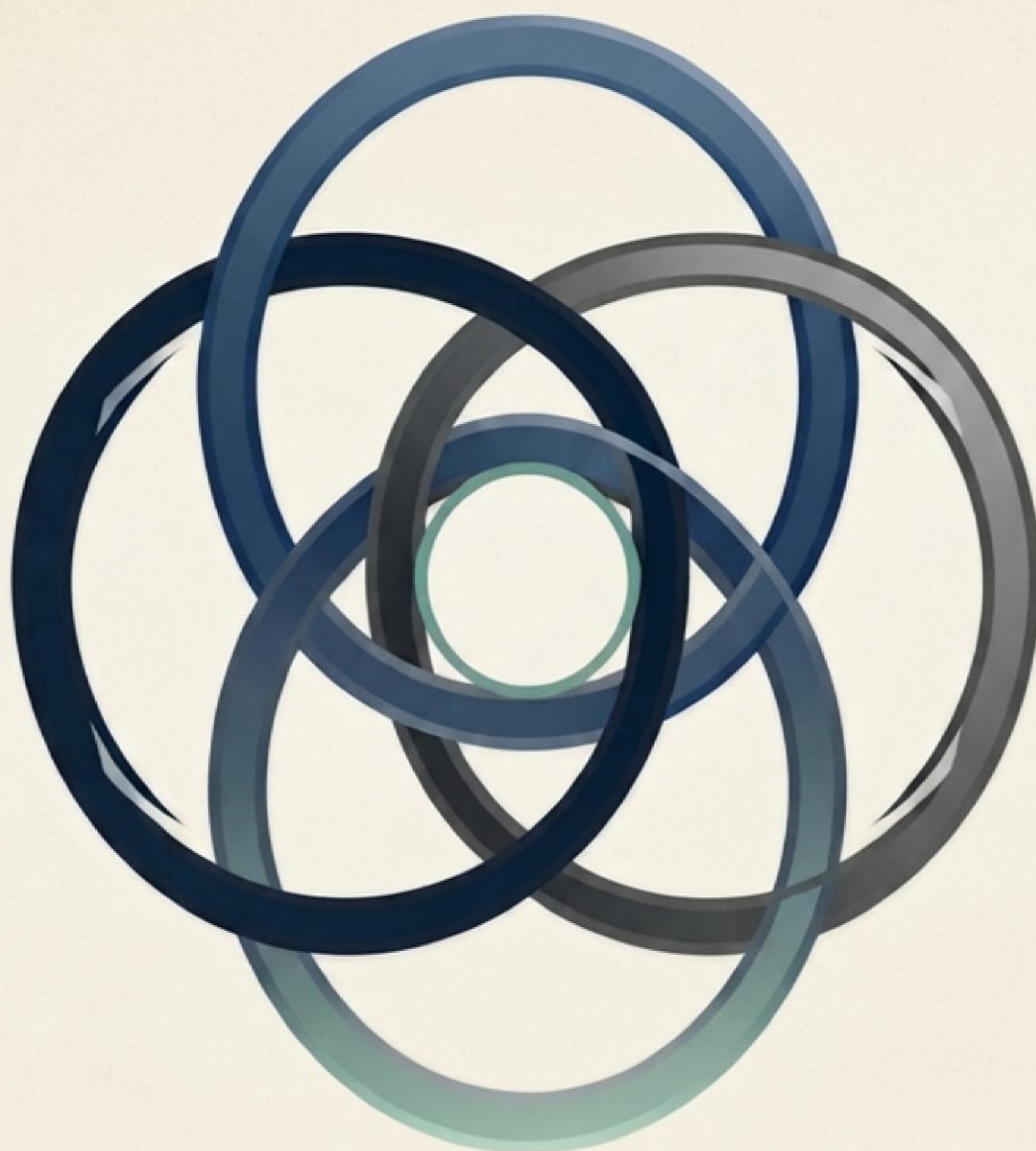
Editoração: Lázaro Tavares

Local: Teresina, Piauí

Data: Jan/Jun. 2026

Tipografia: Garamond)

Instituição: Associação Piauiense de Psicanálise.



LIANÇAS

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE PSICANÁLISE

